REALIDADE

Há Liberdade no Brasil?

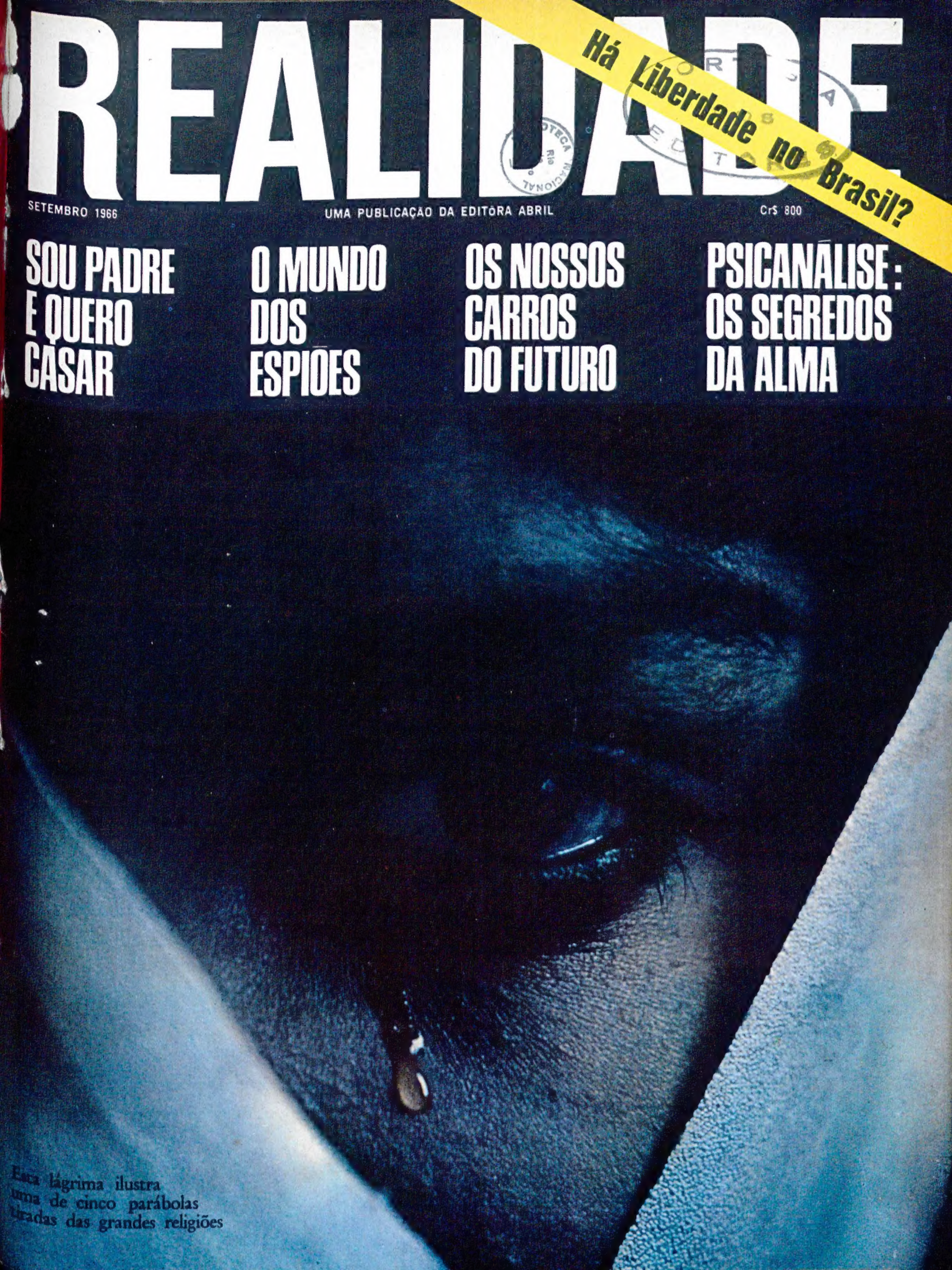
SETEMBRO 1966 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL Cr$ 800

SOU PADRE E QUERO CASAR

O MUNDO DOS ESPIÕES

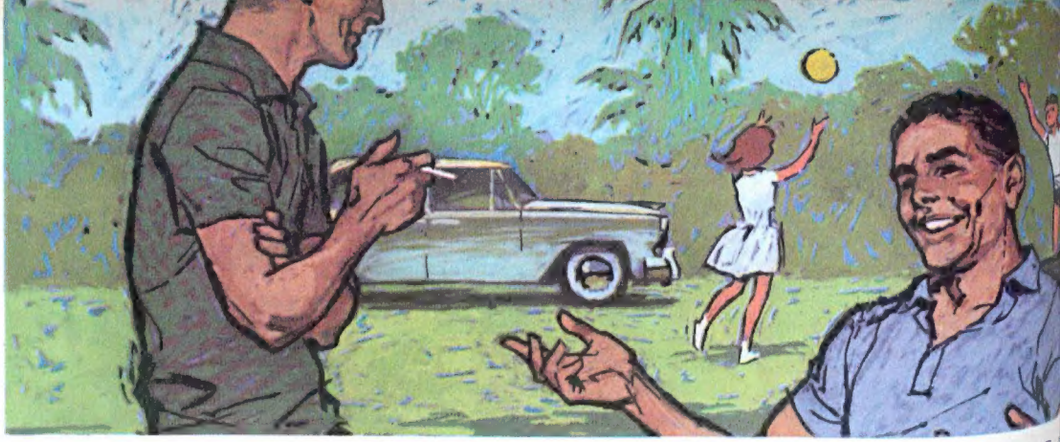
OS NOSSOS CARROS DO FUTURO

PSICANÁLISE: OS SEGREDOS DA ALMA

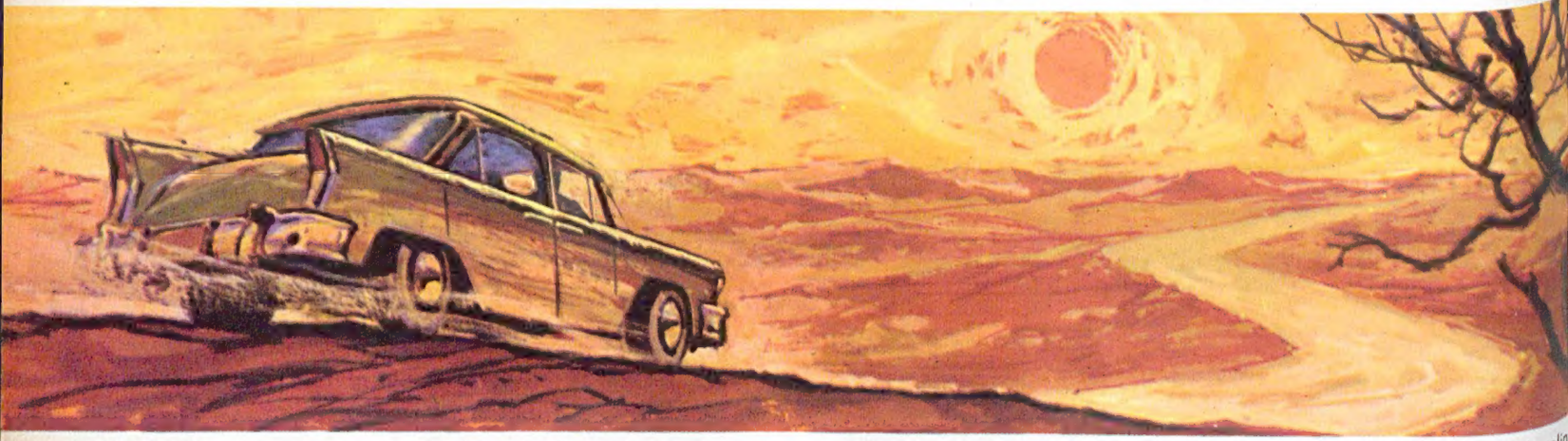


Esta lágrima ilustra uma de cinco parábolas tiradas das grandes religiões

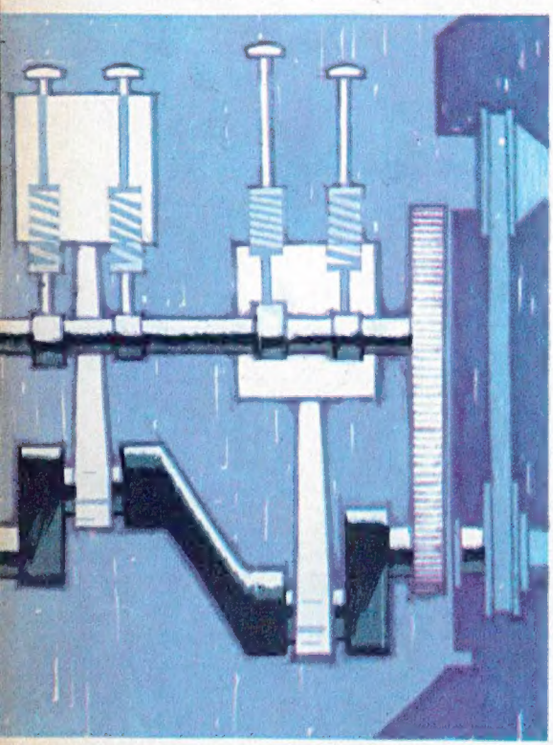
Quanto tempo sem ir à oficina?



É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar sómente HAVOLINE HAVOLINE ALL TEMP, acabou-se aquela história de passar fim de semana na ofici



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o que é importante - Havolin Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruída a passagem de óleo pelos condutos internos de lubrificação do mot



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor:
Havoline e **Havoline All Temp** para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificações API: ML, MM, MS, DG e DM. Para sua comodidade, **Havoline All Temperature Motor Oil 20W-4** atende simultâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S. A.

TEXACO

o melhor amig do seu carro

IA - 28.139

A JUVENTUDE DIANTE DO SEXO

Neste número, REALIDADE, ia concluir a publicação da grande pesquisa focalizando o que os jovens pensam, fazem e falam a respeito de sexo. Poucos dias antes da impressão da segunda parte de "A juventude diante do sexo", entretanto, recebemos uma advertência do Exmo. Sr. Alberto Cavalcanti de Gusmão, Juiz de Menores da Guanabara, comunicando-nos que apreenderia a edição, caso publicássemos a conclusão da pesquisa. Na opinião do Juiz, o artigo era "obsceno e chocante".

Ao nosso ver, não pode haver obscenidade num artigo que é apenas o retrato fiel do comportamento e das atitudes de uma parte representativa da juventude brasileira. Não inventamos êste retrato. Também não o aprovamos, nem condenamos. Isso cabe aos nossos leitores. Mas estamos serenos por tê-lo divulgado, prestando aos pais, educadores e, sobretudo, aos jovens um serviço que julgamos inestimável — e imprescindível.

Não querendo, mesmo assim, entrar em choque com o Juizado de Menores da Guanabara, resolvemos suspender temporàriamente a publicação da parte final do trabalho, até que os Tribunais Superiores se pronunciem a respeito.

REALIDADE parte do princípio de que seus leitores são adultos, inteligentes e interessados em saber a verdade. E continuará fiel ao seu compromisso de informar. Com imparcialidade, com serenidade. E com a coragem de enfrentar os fatos.

© Willys-Overland - 66.1147-RG

–Me explica essa histôria de 40 HP de emoção?

No trânsito da cidade, quantas vêzes
você precisa dar uma arrancada rápida ou acelerar
de repente para sair de um engarrafamento
ou livrar-se de uma situação difícil?
Na estrada, quando você ultrapassa outro veículo,
precisa contar com aceleração e fôrça no seu carro, não é?
O motor Renault do Gordini tem 40 HP que num instante
levam o carro a 80 km/h. Se puxar, vai até 135 km/h.
Há quem use os 40 HP para dar ao Gordini
o sensacional desempenho de um carro
que vive ganhando corridas.
Há quem use os 40 HP para aumentar
ainda mais a segurança do Gordini.
Questão de gôsto.

RENAULT GORDINI

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 6 — SETEMBRO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL I 0000022792 DL
2,058,01,02
Et. 87-8923 B. 213659

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, Roberto Freire José Hamilton Ribeiro
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprin, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrella
Sucursal, Rio: Alessandro Porro Milton Coelho, Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci

Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 800. Assinatura semestral Cr$ 4.800. Assinatura anual Cr$ 9.600. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Capa — A lágrima de uma mulher que perdeu seu filho ilustra, nesta foto do jornalista Art Kane, uma velha e magnífica lenda budista, cheia de sabedoria.

Política 22 — **Há liberdade no Brasil?** — Uns dizem que há pouca, outros que existe até demais. Mas todos, dos políticos aos homens do povo, pensam nela.

Documento 28 — **O Brasil que eu amo** — Ensaio fotográfico de um jornalista norte-americano que um dia veio para cá, se apaixonou pelo povo e resolveu ficar.

Religião 40 — **Histórias cheias de fé** — Cinco parábolas que contêm tôda a sábia essência do budismo, judaísmo, confucionismo, islamismo e cristianismo.

Ciência 48 — **A longa viagem de um sanduíche** — O que acontece a um inocente sanduíche quando o homem resolve transformá-lo em energia para o seu corpo.

Teatro 62 — **Êste é um homem de teatro** — Sempre foi e sempre será. Seu nome é Paulo Autran e êle é parte importante da história do teatro brasileiro.

Espionagem 72 — **Altamente secreto** — Nunca o mundo andou tão cheio de espiões. Como são êsses homens que as novelas transformam em românticos aventureiros?

Gente 82 — **Cassius Clay, aliás Mohammed Ali** — Para muitos um palhaço. Para si mesmo, um lindo e invencível campeão que quer ser chefe de Estado.

Medicina 92 — **Psicanálise** — O que é um tratamento psicanalítico. Como, com a ajuda do analista, o neurótico pode descobrir e resolver suas angústias.

Pesquisa 108 — **Vamos tomar um cafèzinho?** — Ninguém escapa do convite. Assim, no fim do ano verifica-se que consumimos 2 bilhões e meio de litros de café.

Depoimento 118 — **Sou padre e quero casar** — O dramático apêlo de um sacerdote norte-americano que acha não ser possível o amor a Deus sem o amor a uma mulher.

Problema 123 — **O que você pensa sôbre o divórcio?** — O padre Charboneau diz que não resolve; o deputado Nélson Carneiro acredita que sim. É o debate.

Economia 128 — **Automóvel brasileiro tem futuro** — Chegará o dia em que todos teremos nosso carro? E como será êle? Presente e futuro da nossa maior indústria.

COMUNICAÇÃO RÁPIDA COM AS FILIAIS É DINHEIRO EM CAIXA MAIS DEPRESSA

nestas horas, é bom contar com a

SERVENCIN

Reclam

o melhor e mais rápido sistema de entrega de correspondência agrupada em malotes, para 62 cidades do país.

SERVENCIN

DESPACHOS GERAIS S. A.

São Paulo (matriz): Rua Gen. Jardim, 699 - Tel. 37-0694 e 34-8711
("DISQUE" 62-3171 - ASSINANTE 705)
Rio de Janeiro: Av. Franklin Roosevelt, 84 - Conj. 503 - Tel. 42-3103

os malotes da SERVENCIN são os únicos cobertos por companhias de seguro

AL: Maceió / AM: Manaus / BA: Ilhéus, Itabuna, Salvador, Paulo Afonso / DF: Brasília / CE: Crato, Fortaleza, Juazeiro do Norte / ES: Vitória / GO: Goiânia / GB: Rio de Janeiro / MA: São Luiz / MT: Campo Grande / MG: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberlândia / PA: Belém / PB: Campina Grande / PR: Curitiba, Londrina, Maringá / PE: Recife / PI: Parnaíba, Terezina / RJ: Resende / RN: Natal / RS: Pôrto Alegre / SC: Blumenau, Florianópolis, Itajaí, Joinville / SP: Aparecida do Norte, Araçatuba, Araraquara, Bauru, Botucatu, Bragança Paulista, Campinas, Caçapava, Cruzeiro, Cubatão, Guaratinguetá, Jacareí, Jundiaí, Lins, Lorena, Marília, Pindamonhangaba, Piracicaba, Presidente Prudente, Ourinhos, Ribeirão Prêto, Santos, São Carlos, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São Paulo, Sorocaba e Taubaté / SE: Aracajú.

cartas

Como é um repórter

Sr. Diretor: Parabéns pelo carinho da confecção, pela segurança da técnica com que faz REALIDADE. Pude notar, nos poucos dias de convivência com o repórter Luiz Fernando Mercadante — que colhia dados sôbre o Govêrno do Paraná — que os homens da Editôra Abril corporificam, com fidalguia, a constante preocupação de servir à Democracia, à liberdade e ao bem-estar do povo brasileiro, incentivando-lhe a informação e a formação.

Paulo Pimentel
Governador do Paraná

A juventude diante do sexo

Sr. Diretor: Sua revista vem pregando a dissolução da família brasileira com seus artigos amorais. Porém o número de agôsto, com o artigo sôbre a juventude, é o pior: não deveria circular, pois é caso de polícia.

H. Barroto
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: A reportagem sôbre os jovens de São Paulo e Rio foi simplesmente fabulosa. Estou aguardando ansiosamente a continuação.

Colmara N. R. Rios
Ribeirão Prêto — SP

Sr. Diretor: Ótimo o número de agôsto, supervalorizado pela pesquisa "A juventude diante do sexo" e pela composição fotográfica de "Poemas Para Rezar". Como professor, faço votos de que a revista continue progredindo, como notável fator educativo de nosso povo.

Antônio L. Gomes
São Paulo — SP

Sr. Diretor: A pesquisa feita por REALIDADE me entusiasmou sbremaneira, pois é sempre interessante sabermos o que pensa a mocidade do nosso País sôbre um assunto tão sério e tão importante. Entretanto, desejaria saber, na opinião dos sociólogos e dos psicólogos, qual a maneira de pensar e de agir que deveria orientar o procedimento da mocidade, em uma questão tão delicada.

Washington Garbin
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Sugiro fazer uma campanha em favor de cursos sôbre educação sexual com os mesmos questionários da revista REALIDADE, em escolas, colégios, ginásios e cursos noturnos de todo o País.

A. Carlos Terrell
Jundiaí — SP

Sr. Diretor: Apóio sua linha de conduta, ao encarar com coragem assuntos como sexo e divórcio.

Walter Fernandes Lima
Rio — GB

Sr. Diretor: Em nome de centenas de jovens de São Bernardo, agradeço ao livro-revista REALIDADE, pela reportagem "A juventude diante do sexo".

Jorge Maranesi Júnior
São Bernardo do Campo — SP

Sr. Diretor: Aguardo com grande interêsse a segunda parte da reportagem sôbre juventude e sexo.

Hélio Munhoz Carrenho
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Lamento que a pesquisa sôbre a juventude tenha excluído Belo Horizonte, Recife e Pôrto Alegre, dando margem a que se pense ser o trabalho orientado tendenciosamente, o que gostaria de crer não fôsse verdade.

Mário Lúcio Ourivio
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: Felicito-o pela pesquisa feita entre os jovens abordando o assunto problemático que é o sexo, pois são muitos os jovens mal orientados sôbre uma questão tão importante.

Virgínia F. Stefanini
Rio — GB

Fizemos Manjar Royal com ameixas, e batemos a foto. Então, comemos o Manjar... e as ameixas. Como estava delicioso...

Em seguida, combinamos Manjar Royal com Pudim Royal, de chocolate. Batemos a foto. E comemos a dupla. Estava excelente...

Ficamos imaginando o que não seria êste trio Royal: Pudim Royal de caramelo Pudim Royal de chocolate e Manjar Royal.

Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal

7.017

cartas

Sr. Diretor: Os preconceitos que imperam em algumas pessoas com grau de formação inferior nos prejudicam, a nós jovens, e mais ainda quando se trata de problemas sexuais. Precisamos de orientação.

Maria Carmem
Lavras — MG

Sr. Diretor: Considero "A juventude diante do sexo" a reportagem mais importante do momento.

Raimundo Martins Guerreiro
Brasília — DF

A voz responde

Sr. Diretor: Segundo a nota que venho contestar, "A Voz do Brasil" entraria no ar às 7h30 da noite (19h30). Na verdade, começa às 19 h em ponto. A afirmação que se faz, em seguida, é a de que milhões de brasileiros só esperam ouvir os acordes de "O Guarani", prefixo da cadeia comandada pela Agência Nacional, para desligar seus aparelhos de rádio, a fim de não ouvir "A Voz do Brasil". Não é verdade. Segundo pesquisas que foram feitas recentemente, "A Voz do Brasil" é o programa mais ouvido em todo o interior do País, onde se localiza a maior parcela da população brasileira. Tendo também grande público nas capitais de Estados mais afastados da região centro-sul, seu índice de audiência nacional é 17, enquanto os programas que o seguem na preferência do público não alcançam o índice 5.
V. Sa. critica o fato de o programa divulgar que o sr. Presidente da República recebeu Prefeitos, sancionou e vetou leis, baixou decretos, assinou nomeações. Mas, meu caro senhor, de que outro programa e de que outro horário o Govêrno poderia dispor para dizer tais coisas? As populações do interior não sòmente querem como precisam saber que o Presidente recebeu seus Prefeitos, que o foram procurar para tratar dos assuntos de suas comunas; querem e precisam saber quais as leis sancionadas ou vetadas; querem e precisam saber quais foram as nomeações assinadas pelo Chefe do Poder Executivo. "A Voz do Brasil" não "fala sòzinha". É o programa radiofônio que conta com maior público em todo o País.

Arnaldo Lacombe
Diretor da Agência Nacional

O jarro esquecido

Sr. Diretor: Cabe-me reclamar ter sido publicada uma foto de uma de minhas obras atualmente exposta na Galeria G4, no Rio ilustrando reportagem que não me diz respeito e sim a outrem. Refiro-me à foto de abertura da reportagem, "Esta é a arte do nosso tempo", na qual essa obra aparece em primeiro plano. Não há nenhuma referência ao meu nome nem na legenda, nem na reportagem. Sou considerado pelo próprio Mário Pedrosa como uma parte importante na vanguarda atual do Brasil.

Hélio Oiticica
Rio de Janeiro — GB

Brasil ou Argentina?

Sr. Diretor: Na reportagem "Os governos caem, a Argentina continua", parece até que houve a intenção de menosprezar o Brasil, com as comparações que REALIDADE faz entre os dois países, sempre favoráveis à nação vizinha.

Gilcéa Bozza
Curitiba — PR

Menosprezar o Brasil seria deformar a verdade dos números.

*

Cartas para REALIDADE: R. João Adolfo, 118, São Paulo — SP.

O gôsto pela leitura começa muito antes de a criança aprender a ler.

A Você, que acha importante despertar no seu filho o gôsto pelos bons livros, vamos falar sôbre "O Mundo da Criança".

"O MUNDO DA CRIANÇA", é um plano de Orientação Educacional completo, que a Editôra Delta preparou para o seu filho. São 15 volumes, fartamente ilustrados a côres. Ao abrir cada um déles, seu filho ingressa num mundo diferente: o das Fadas, o da Natureza, o dos Grandes Homens... "O MUNDO DA CRIANÇA" prepara o seu filho para o lar, para a escola e para a vida.

O oitavo volume ensina-o a brincar e a fazer brinquedos. O décimo e o décimo-primeiro põem Arte e Música ao seu alcance.

Os quatro últimos se destinam a orientar pais e professôres. Mas "O MUNDO DA CRIANÇA" vai além dos seus quinze volumes!... Veja como!...

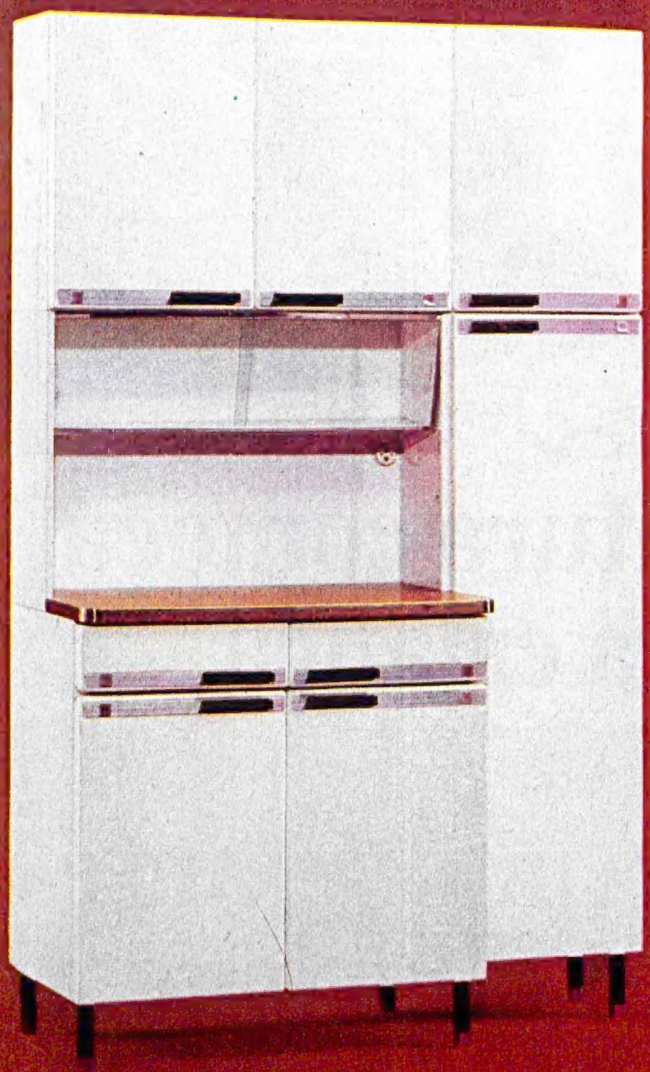
Ao adquiri-lo, você recebe um CERTIFICADO que lhe permite consultar durante cinco anos o Departamento de Orientação e Educação da Editôra Delta, no que se refere a qualquer problema do seu filho. A resposta e a solução serão dadas gratuitamente, por pediatras, psicólogos e nutricionistas infantis.

CASA QUE TEM CRIANÇA
DEVE TER
"O MUNDO DA CRIANÇA"

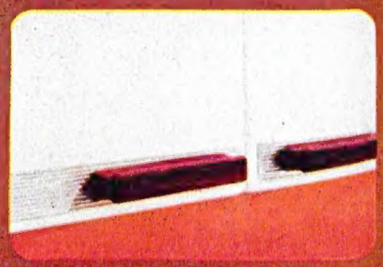
mais uma edição
DELTA

EDITÔRA CORRENTE S.A. • RIO: 22-9955 • S. PAULO: 36-1744 • LIVRARIA EDITÔRA PILAR S.A. • FORTALEZA: 1-1656 • RECIFE: 4-2216 • CURITIBA: 4-0392 • B. HORIZONTE: 4-0787 • P. ALEGRE: 7784

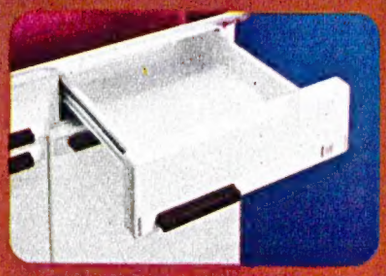
Observe os detalhes...



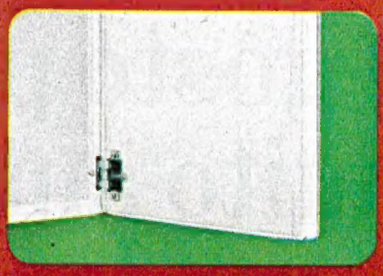
mod. 062



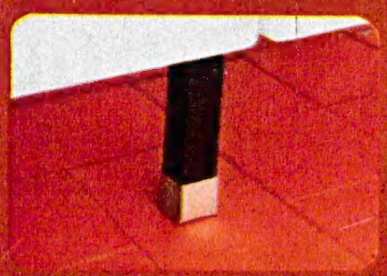
• Puxadores de jacarandá da Bahia e frizos de cromo-aluminio.



• Gavetas de cantos arredondados e plano de fórmica.



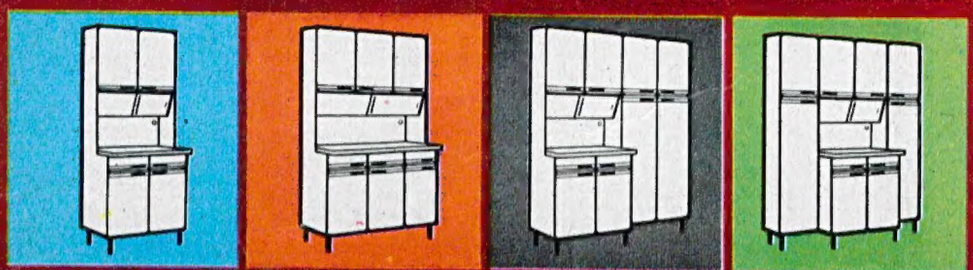
• Portas forradas e dotadas de amortecedores de dupla ação.



• Pés de aço reguláveis protegidos por sapatas inoxidáveis.

...e a beleza do conjunto

Tudo foi planejado para oferecer a você um móvel prático, resistente, para durar anos e anos com a mesma perfeição e beleza do primeiro dia de uso. E que fosse, ao mesmo tempo, um móvel estèticamente incomparável.



mod. 042 mod. 072 mod. 082 mod. 0122

SECURIT

conjuntos para copa e cozinha

À venda, em todo o país, nos revendedores Securit autorizados

impassáveis

camisas Rhodianyl

Bem... se você quiser passar a ferro as Camisas Rhodianyl, conseguirá. Mas isso é absolutamente desnecessário. As Camisas Rhodianyl podem ser lavadas à noite — e usadas na manhã seguinte. Sem passar a ferro. Impassáveis... e impecáveis. Procure pela etiquêta Rhodianyl. Ela se encontra nas melhores marcas de camisa. É a sua garantia!

RHODIANYL

Compre com tôda confiança!

música

Uma viola de Ouro

A Itália tem um só e é o mais famoso do mundo: o Festival de San Remo, que seleciona as melhores canções do País. O Brasil já tem três festivais anuais de música popular e só começou a valorizar nossos compositores no ano passado. O primeiro fêz vitoriosos Edu Lôbo e Vinícius de Morais, com **Arrastão,** cantado por Ellis Regina. Tinha defeitos e injustiças, porém revelava a possibilidade de estimular o compositor nôvo e homenagear os antigos de valor, com prêmios realmente importantes. Os problemas maiores eram a organização do Festival e o regulamento para o funcionamento do júri. Por exemplo: **Sonho de um Carnaval,** de Chico Buarque de Hollanda, foi desclassificada, e **Rio Quatrocentão** foi até as finais, só porque a capital do Estado da Guanabara comemorava 400 anos. O fato é que deu certo para autores, para cantores (Ellis Regina estourou naquela época), para patrocinadores e TV.

Então, em 1966 surgem mais dois festivais, além dêsse da Televisão Excelsior: o da Record e o da Secretaria de Turismo da Guanabara. O da Excelsior já foi realizado. Ninguém gostou, fora os compositores premiados, é claro. Repetiu erros e falhas do ano anterior e não dispunha, como da outra vez, de executantes de renome ou de igual qualidade. Sobretudo, a maioria das músicas não possuía nível de Festival. Bom é que Geraldo Vandré e Fernando Loma, compositores de valor, receberam prêmio merecido. Tanto êles quanto todos os grandes de nossa música nem em dez anos recebem igual quantia em direitos autorais.

Agora, em setembro, surge o festival da Televisão Record, oferecendo a **Viola de Ouro,** recheada com 40 milhões de cruzeiros, para serem assim divididos: 20 milhões para o primeiro colocado; 10 milhões para o segundo; 5 milhões para o terceiro; 3 milhões para o quarto; 2 milhões para o quinto. E mais um prêmio especial para a melhor letra, oferecido pelo jornal **O Globo.** Tudo sob a responsabilidade do produtor Solano Ribeiro, que produziu o do ano passado na Excelsior. Sua intenção é corrigir neste os defeitos daquele.

Vinícius de Morais

Além da Record, o Festival é patrocinado pela Televisão Globo e pela revista **Intervalo.** As apresentações serão em São Paulo, mas transmitidas em cadeia das duas tevês para outros Estados. No dia 2 de outubro, essas 12 músicas serão cantadas no Rio. As finais serão em São Paulo, sede do Festival. Entre 10 e 15 de outubro, os vencedores poderão ir buscar a **Viola de Ouro** e seus milhões.

Algumas modificações feitas na organização do Festival eram esperadas. Primeiro, acabar com o segrêdo de Polichinelo de esconder o nome dos compositores das músicas até o final. Era engraçado ver, nos outros Festivais, o locutor fingir desconhecer o nome do compositor que todo mundo sabia. Outra medida é a formação do júri, que agora inclui compositores famosos e um cantor, juntamente com músicos, poetas, intelectuais e jornalistas especializados. Para o júri prévio (serão selecionadas inicialmente cêrca de 2 mil músicas) e o das finalistas, estão sendo sugeridos os nomes de Mário Lago, Adoniram Barbosa e Ataulfo Alves. Esperava-se isso também, pois quem faz boa música e canta bem sabe o que é bom.

A seleção prévia obedecerá a um critério nôvo de justiça menos relativa: executadas ao piano e cantadas por membros do júri nessa primeira fase, as músicas serão orquestradas por maestros indicados pelos compositores e interpretadas por artistas de sua escolha. Como cada cantor não poderá defender mais de três músicas, haverá sorteio no caso das indicações ultrapassarem êsse limite.

É sempre ingrata a função de qualquer júri, principalmente quando se trata de arte. É impossível impedir fatôres subjetivos. Além disso, a música popular brasileira atravessa uma fase em que se debatem as tendências, em radicalismo evidente. Do debate não escapam nem os apreciadores nem os especialistas. Uni-las pelo denominador comum da qualidade, como valor absoluto, já é tarefa pesada; classificá-las, segundo gôsto pessoal, também não é nada fácil. Entretanto, se forem dadas aos membros do júri boas e tranqüilas condições de trabalho, é sempre possível — se tudo correr bem — chegar-se a um resultado mais justo.

Se tudo correr bem significa não haver interferência, insinuações ou pressões por parte dos patrocinadores (ainda que bem intencionados), dos próprios amigos dos compositores ou de gravadoras. Um certo isolamento entre os jurados sempre seria aconselhável, para que êles possam ouvir as músicas apenas com os próprios ouvidos e diretamente do cantor.

Fitas com as músicas selecionadas e gravadores para uso de cada membro do júri, no caso de necessidade de novas audições e comparações, seriam também de grande utilidade.

Os maiores compositores brasileiros estarão concorrendo à **Viola de Ouro** com os futuros Vinícius de Morais, na certeza de que, além da glória que já possuem, venham a ser recompensados financeiramente — ao menos em prêmios — pelo que não recebem em direitos autorais. Só isso vale um festival.

teatro

Prêmio ou esmola?

Sempre foi muito má a situação financeira das companhias profissionais de teatro. Através do relatório publicado pela Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, é possível diagnosticar as razões dêsses desequilíbrios. Segundo o documento, as verbas destinadas à classe teatral foram elevadas de 34 para 835 milhões, em três anos. Dêsse total, as companhias profissionais receberão, em 1966, 100 milhões de cruzeiros. O restante das verbas está sendo aplicado na construção de nove teatros no interior de São Paulo, criação de grupos teatrais universitários, ajuda ao teatro infantil e amador, publicação de livros. Tôda a classe teatral paulista está satisfeita com o trabalho de Nagib Elchmer na presidência da Comissão Estadual de Teatro. Menos as companhias profissionais.

Essa insatisfação está explicada no próprio relatório da CET. O plano para a aplicação das verbas — anteriormente aprovado pelas emprêsas profissionais — foi assim definido em 1964: "Nesta regulamentação pretendeu-se fugir da fórmula que anteriormente vinha sendo usada, isto é, a distribuição equitativa das verbas — solução paternalista, inócua e injusta. Adotou-se então uma fórmula que pudesse colocar o poder público como um elemento de financiamento do prejuízo que por ventura pudessem vir a ter as emprêsas na encenação de textos de **real valor cultural".**

Embora a verba disponível naquele ano — 16 milhões de cruzeiros — não fôsse suficiente, verificou-se coisa muito importante: as verbas foram um prêmio, não esmola. Surpreendentemente, porém, no ano seguinte, as companhias profissionais resolveram obter junto à Secretaria do Govêrno, novamente, a distribuição do dinheiro em partes iguais. Revivia-se a solução paternalista, inócua e injusta que a CET procurara eliminar. Agora, com 100 milhões para dividir, todos os grupos desejam retroceder aos velhos tempos. O êrro dêsses grupos está em aceitar um nivelamento por baixo entre as companhias, pois a distribuição equitativa das verbas prejudica os melhores e beneficia apenas os menos interessados na função cultural do teatro.

Repare: quem precisa chegar a lugares difíceis escolhe a Rural

Os jornais, por exemplo.

Uma notícia não escolhe lugar para acontecer. Nem hora. Nem tempo. E o jornalista tem de chegar até ela. De qualquer maneira. Por isso, vai de Rural. E chega.

Para vencer qualquer dificuldade, em qualquer terreno, com qualquer tempo, a Rural tem tração nas quatro rodas: dá o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de eficiência — o dôbro de confiança.

A Rural é o carro brasileiro para todo serviço. Tem resistência "Jeep". Alternador, no lugar do dinamo, para carregar a bateria mesmo em marcha lenta. Suspensão aprimorada para rodar mais macio. E marchas totalmente sincronizadas.

RURAL '66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

Willys - Overland - 66.1151 - RJ

Elegancia sempre presente

confecções

Camelo

Atualização Permanente em Roupas

TERGAL

teatro

Segunda-feira agora é gorda

Segunda-feira sempre foi um dia morto na vida noturna carioca. Teatros e buates aproveitavam-na para dar folga aos artistas, porque o carioca parecia disposto a aproveitá-la para o repouso e a vida familiar. De repente, tudo mudou. Segunda passou a ser grande noite. Dois teatros — o Santa Rosa e o Arena — conseguem nas noites de segunda o público que não conseguem (nem qualquer outro teatro) nas outras noites. E êsse movimento tem duas origens: a fome de aprender de tôdas as classes sociais e o interêsse cada vez maior pela música legìtimamente popular.

No Arena, em ambiente de **cave** parisiense, desfilam uma vez por semana alguns dos mais prestigiados nomes do samba de morro, que até bem pouco tempo atrás, eram pràticamente desconhecidos do público. A história começou na enchente de janeiro último, quando desabou o barraco de um compositor da Mangueira — o **Padeirinho** — autor do samba-enrêdo **Getúlio Vargas,** um dos melhores até hoje apresentados no carnaval. Coordenados pelo crítico de música popular Sérgio Cabral, sambistas de várias escolas decidiram realizar um espetáculo, cuja renda reverteria em favor da reconstrução da casa de **Padeirinho.**

A experiência surpreendeu Sérgio Cabral e os componentes do Grupo Opinião. Numa ocasião em que tôdas as companhias teatrais se queixavam da ausência de público, o espetáculo exigiu a mobilização de todos os banquinhos e cadeiras sobressalentes do Arena e, mesmo assim, mais de 50 pessoas tiveram de assistir ao **show** de pé. O **Bar, doce bar**, que vinha ocupando O Arena às segunda-feiras, mudou então de orientação: ao invés de apresentar artistas já conhecidos (e que obtinham sucesso apenas razoável), passou a apresentar uma grande escola de samba. Quando o estoque de grandes escolas acabou (Portela, Mangueira, Salgueiro e Império Serrano), estabeleceu-se um elenco mais ou menos permanente de compositores, passistas e ritmistas de tôdas as escolas. Jaburu, Silas, Balalaika, Tijolo, Jorginho do Pandeiro, **seu** João da Gente e outros nomes famosos dos morros cariocas passaram a ser também conhecidos na Zona Sul, atraindo um público surpreendente. A ala **Sente o Drama,** da Império Serrano, e a passista Cacilda, da Portela, graças a suas apresentações no Arena, já conquistaram um lugar na próxima excursão à Europa do conjunto **Brasiliana.** A ala **Sente o Drama** é composta por 25 rapazes de Madureira, mas apenas sete saem cedo do trabalho e podem chegar a tempo para o espetáculo. Cacilda, com 19 anos, é considerada a passista-revelação do ano. Filha de dois veteranos componentes da Portela, há dois anos sai na escola campeã de 1966. Mas foi o **Bar, doce bar,** do Arena, que deu a Cacilda a grande chance de ser vista e apreciada pelo empresário Miécio Scavani, do **Brasiliana.**

Samba no teatro

A organização do show é suigeneris. Há o maior cuidado em preservar a "pureza" do espetáculo: apresentador, acompanhamento musical, cantores, todos pertencem às escolas de samba. Há apenas um artista convidado em cada semana, sempre vinculado também às correntes mais puras da música popular: Araci de Almeida, Dilermando Pinheiro, Moreira da Silva. Quanto à renda — os ingressos custam 4.000, 2.500 ou 1.000 cruzeiros — reverte inteiramente em favor dos artistas, retirando-se apenas 10 mil cruzeiros para os encarregados do som e da iluminação. Cada um dos participantes tem uma porcentagem e Jaburu, por exemplo, que sempre fizera samba apenas por amor, recebe agora tôdas as semanas cêrca de 40 mil cruzeiros para apresentar o **show** e ajudar no recrutamento de artistas. Sérgio Cabral e Teresa Aragão, uma das diretoras do Grupo Opinião, percorrem os morros e organizam o **show** sem nada ganhar. Seu objetivo é apenas o de estimular uma experiência que, segundo êles, poderá levar ao aparecimento de uma **ópera carioca.**

No Teatro Santa Rosa, pràticamente no mesmo horário do Arena, acontece um tipo diferente de **espetáculo.** Sob orientação da Livraria Civilização Brasileira, os **Encontros com a Civilização** compreendem sempre o lançamento de um livro e um debate sôbre um tema prèviamente anunciado. Concebidos inicialmente apenas para sair da rotina das noites de autógrafos, os **encontros** transformaram-se em acontecimento da noite carioca, com tal sucesso que Maria Della Costa pensa fazer o mesmo em seu teatro paulista. A princípio, havia apenas uma conferência seguida de pequeno debate. Depois, a Civilização passou a levar um pequeno grupo de autores, que falavam sôbre o assunto, ao invés de um só conferencista. Agora, os autores não mais fazem palestras: limitam-se a responder às perguntas da platéia, que compreendem desde a mais ingênua confissão de completa ignorância do assunto debatido, até a mais veemente crítica à posição dos debatedores ou à forma de condução dos trabalhos. Ninguém paga ingresso e, em compensação, todos também trabalham por honra da firma. A Civilização paga um aluguel de 40 mil cruzeiros pelo teatro, mas sente-se plenamente compensada pela maior venda de seus livros.

cinema

Pato pode ganhar o Nobel?

O navio **Al Kuwait** afundou no Gôlfo Pérsico em 1964. Como levasse preciosa carga, foram tentados todos os meios conhecidos para içá-lo. Mas nenhum funcionou. Até que um dia, um cidadão dinamarquês de nome Karl Kroyer, se apresentou aos donos do navio afirmando estar em condições de recuperá-lo. Kroyer dizia ter inventado um sistema original e barato. Embora a sugestão fôsse estranha acabou aceita e bem paga.

E o navio veio à tona, a carga foi recuperada e Kroyer encaminhou os papéis para registrar a patente de sua invenção. Passado algum tempo, Kroyer recebeu do departamento de registro de patentes uma notícia surpreendente:

— A invenção não é sua. Sentimos muito, mas não podemos patenteá-la.

Kroyer quis saber quem ousava roubar-lhe a patente. Quando lhe disseram o nome do verdadeiro dono da idéia, êle primeiro levou um susto, depois pensou tratar-se de brincadeira de mau gôsto:

— O Pato Donald?!

Mas não era brincadeira. A invenção era mesmo do pato. Mostraram-lhe as provas e êle desistiu de tudo. Apaixonado leitor de histórias em quadrinhos, Kroyer havia sido auxiliado por uma historinha do pato, depois traído pelo subconsciente. Releu, com saudade e raiva, a historinha tôda. Ela terminava assim:

"Os patos deram um duro danado acima e dentro d'água.

— Mais bolas, crianças! Enfiem-nas na mangueira!

— É o que estamos fazendo, tio Donald. Só que não dá mais para correr tanto, estamos ficando muito cansados.

O trabalho de louco parecia obter êxito.

— Êle está se mexendo! O casco está se elevando da lama!

— Ei-lo!

Donald, em 1945 — portanto 15 anos antes de Kroyer — tinha salvado o iate do pato mais rico do mundo de maneira simples: por meio de uma longa mangueira, enchera-o de bolas de pingue-pongue. E as bolinhas trouxeram-no lentamente à superfície.

Para salvar o **Al Kuwait,** o inventor substituiu as bolas de pingue-pongue por bolinhas de plástico **(stiropor)** que eram levadas para o interior do navio. SEGUE

Se você gosta de música popular, escolha esta coleção.

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

Nestas duas coleções foram selecionadas músicas dos melhores autores, gravadas com impecável qualidade de som pelos mais famosos intérpretes e orquestras.

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR-6 LPS.

① **MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA**
Nanã - Primavera - Reza - Chegança - Ela é Carioca A Minha Namorada e outros seis sucessos. Intérpretes: Tamba Trio - Sérgio Mendes Walter Wanderley e outros.

② **MÚSICA DA VELHA GUARDA**
Se Você Jurar - Luar do Sertão - Chão de Estrêlas- Gavião Calçudo - De Papo Pro Ar - Atire a Primeira Pedra e outros seis sucessos - Intérpretes: Lamartine Babo- Ataulfo Alves - Almirante - Aurora Miranda e outros.

③ **MÚSICA DA JUVENTUDE**
Quero Que Vá Tudo Pro Inferno - Se Piangi Se Ridi- lo Che Non Vivo (Senza Te) - Ma Vie - Canto De Ossanha Escândalo em Família e outros seis sucessos. Intérpretes: Mina - Bob Smart - Cocky Mazzetti - Os Balanceiros e outros.

④ **DISCOTECA DANÇANTE**
Around The World-Love Is A Many Splendored Thing- Tornerai Suzie Wong - The Green Leaves Of Summer - Tender Is The Night/Exodus e outros onze sucessos. Intérpretes: Sandoval Dias - Sexteto Plaza - Gerson-Plinckas e outros.

⑤ **MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS**
Al Di La - Gigi - I Hear A Rhapsody - Stella By Starlight Tonight e outros sete sucessos. Intérprete: Caesar Giovanini.

⑥ **RITMOS E ROMANCE**
My Yiddische Mamme - Clair de Lune - Toselli Serenade- Parlez-Moi D'Amour- With A Little Bit Of Luck e outros sete sucessos. Intérpretes: Jankowsky Sua Orquestra e Côro.

ABRIL CULTURAL

Se prefere clássicos, esta.
Se exige boa música, fique com as duas.

Você pode comprar apenas uma ou ambas coleções.
Os discos serão entregues em sua própria casa,
com preços e condições de pagamento excepcionais.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS-10 LPS.

① Vivaldi, AS QUATRO ESTAÇÕES. Intérpretes: I Musici.

② Rimsky-Korsakov, SCHEHERAZADE: Orquestra Sinfônica de Minneapolis. Borodin, DANÇAS POLOVETZIANAS: Orquestra Sinfônica de Londres e Côro.

③ W. A. Mozart, SINFONIA JUPITER.
Beethoven, Aberturas de: EGMONT, ZUR NAMENSFEIER e CORIOLANO: Orquestra de Concertgebouw de Amsterdã.

④ Tchaikowsky, CONCÊRTO PARA PIANO N.o 1: Orquestra Filarmônica de Haya. Liszt, CONCÊRTO PARA PIANO N.o 1: Orquestra Filarmônica da Rádio de Hilversum.

⑤ Dvorak, SINFONIA DO NÔVO MUNDO.
Smetana, O MOLDAU: Orquestra Sinfônica de Viena.

⑥ Haydn, CONCÊRTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA DE CORDAS N.o 1. W. A. Mozart, DIVERTIMENTOS K 137 e K 138. T. Giordani, CONCÊRTO PARA CRAVO E ORQUESTRA DE CORDAS. Intérpretes: I. Musici.

⑦ CONCÊRTO DE SEIS NAÇÕES. Autores: A. Vivaldi, J. P. Sweelinck, George Philipp Telemann, A. E. M. Grétry, Henry Purcell e François Francoeur: Orquestra de Cordas. Solistas: Maurice André e Jean-Pierre Rampal.

⑧ Rossini, ABERTURAS das Óperas: "O Barbeiro de Sevilha", "A Escada de Sêda" e "Guilherme Tell."
Paganini, CONCÊRTO PARA VIOLINO N.o 4.
Orquestra dos Concertos Lamoureux.

⑨ F. CHOPIN, AS 14 VALSAS: Alexander Uninsky, piano.

⑩ FAMOSAS ÁRIAS DE ÓPERAS: VERDI, Caro Nome Se Quel Guerrier Io Fossi - Celeste Aida - La Donna É Mobile. PONCHIELLI, Cielo e Mar. ROSSINI, Una Voce Poco Fa - Largo Al Factotum - Bel Raggio Lusinghier. DONIZETTI, Regnava Nel Silenzio - Una Furtiva Lacrima. Intérpretes: Gianna D'Angelo, soprano; Renato Capecchi, barítono; Gianni Poggi, tenor; Maria Morales, soprano; Richard Tucker, tenor, e outros.

veja na página seguinte como adquirir êstes extraordinários lançamentos

Se o CARTÃO DE RESPOSTA COMERCIAL que acompanha êste anúncio já tiver sido utilizado, recorte e envie hoje mesmo êste cupom.

À Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 2372
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as Coleções abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**
☐ À VISTA = Cr$ 42.000 ou ☐ Cr$ 20.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**
☐ À VISTA = Cr$ 26.000 ou ☐ Cr$ 12.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**
☐ À VISTA – Cr$ 64.000 ou ☐ Cr$ 30.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

Nome.....
Endereço.....
Fone..... **Bairro**.....
Cidade..... **Estado**.....

ENVIE ÊSTE CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL SEM QUALQUER DESPESA DE SÊLO.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. SÒMENTE QUANDO RECEBER OS DISCOS EM CASA É QUE VOCÊ FARÁ O PAGAMENTO À VISTA OU O DA PRIMEIRA PRESTAÇÃO.

Enriqueça sua discoteca com os maiores sucessos de hoje e de sempre na música erudita e popular.
Êste é o sistema mais econômico: menos de Cr$ 4.500 por Lp. Escolha a Coleção de sua preferência e espere para pagar quando receber os discos em sua casa.
E, se quiser fazer um negócio ainda melhor, compre as duas Coleções. Nós lhe daremos um DESCONTO ADICIONAL correspondente ao valor de um Lp.

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

6 LPS - PREÇO NORMAL: **Cr$ 45.000**

NOSSA OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO:

Cr$ 26.000

À VISTA OU Cr$ 12.000 INICIAIS E DUAS MENSALIDADES DE Cr$ 9.000.

Os grandes sucessos populares, do momento e de outros tempos. Os ritmos vibrantes e a música romântica do Brasil e de todo o mundo.
Uma sucessão de cantores e instrumentistas de maior êxito nos "hit parades".
Som perfeito, rigorosa seleção de melodias e magníficas interpretações.
EXTRAORDINÁRIA OPORTUNIDADE!

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

10 LPS - PREÇO NORMAL: **Cr$ 75.000**

NOSSA OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO:

Cr$ 42.000

À VISTA OU Cr$ 20.000 INICIAIS E TRÊS MENSALIDADES DE Cr$ 10.000

A música dos mestres, executada pelos seus mais consagrados intérpretes.
47 belíssimas peças que valorizam e completam a sua discoteca.
Dez Lps. gravados segundo a mais apurada técnica de som. Acondicionamento em belíssimo estôjo, contendo libreto com gravuras e biografias dos autores.
LANÇAMENTO EXCEPCIONAL!

▶ corte aqui

À Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 2372
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**

☐ À VISTA = Cr$ 42.000 ou ☐ Cr$ 20.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**

☐ À VISTA = Cr$ 26.000 ou ☐ Cr$ 12.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**

☐ À VISTA = Cr$ 64.000 ou ☐ Cr$ 30.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

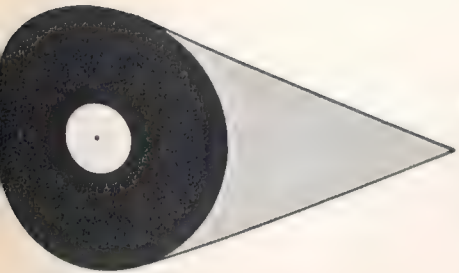
Nome.....

Endereço.....

Fone:..... Bairro.....

Cidade..... Estado.....

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!



Cartão Resposta
Autorização N.o 727
Portaria N.o 75
De 21 de Junho de 1966
SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE CARTÃO

O SÊLO SERÁ PAGO POR

ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 2372
SÃO PAULO - SP.

As bolinhas eram conduzidas por grossas mangueiras e acionadas por bombas especiais. O processo era, pois, o mesmo.

E a patente ficou com o Pato Donald. Todo mundo o conhecia como herói de aventuras em filmes e nas revistas. Mas na vida real êle também faz suas proezas — algumas fantásticas, como a de salvador de navios de verdade.

O Pato Donald, além de onipotente, é também onipresente: vive, ao mesmo tempo, em 28 países e fala 18 línguas. Suas aventuras, narradas nas revistas de histórias em quadrinhos, atingem, mensalmente, 14 milhões de exemplares. Nos jornais, saem pequenos trechos de sua vida, num total de 96 milhões de exemplares cada 30 dias.

Para um pato, é velhíssimo: tem hoje 32 anos completos. Já nasceu adulto, e em lugar de grasnar, falou. Sua primeira frase foi: "Quem — eu? Oh, não! Estou com dor de barriga."

Walt Disney conheceu Donald por acaso. Primeiro descobriu-lhe a voz. No rádio. Era um programa de calouros. Um cidadão de nome Clarence Nash imitava patos. Disney gostou e ofereceu-lhe contrato para que grasnasse só para êle. "Mas o que é que vou fazer com essa voz de pato?" — peguntava-se Disney. Um dia surgiu a oportunidade para usar a voz do homem num desenho animado: **A franguinha sabida.** Tratava-se de um pato que se negava a ajudar a galinha em sua plantação de milho. Achava tudo ruim, inventava dor de barriga, mas acabava colaborando. Estava caracterizado de marinheiro e Disney explicava a razão: quem gosta de água são os marujos, então vai andar de blusa e de chapéu da marinha americana. Só foi batizado mais tarde — e Disney nem sabe porque o chamou Donald — quando já contracenava com o famoso Mickey, criando complicações com seu terrível mau gênio.

Hoje é o mais famoso, mais rico e mais querido dos personagens criados por Walt Disney. Mas êste que tome cuidado. Noticia-se que seu nome já foi indicado para concorrer ao Prêmio Nobel no ano que vem. Se ganhar, pode correr o mesmo risco do dinamarquês Kroyer. O Pato Donald vai provar que o gênio é dêle, embora mau. E o Prêmio Nobel também.

fábula

A lesma, o porco e a coragem

— Que casa tão grande e bonita para um bichão tão feio — disse o porco.

— Isto não é casa. É uma abóbora — respondeu a lesma.

— Ah! então vou comê-la, e já.

— Só se você me comer junto — acrescentou a lesma.

O porco fêz uma careta de nojo e foi dando o fora.

Moral: Contra o perigo, vale a coragem de enfrentá-lo.

Gerda

É impossível economizar...

assim!

O jeito certo é:

letra de câmbio

HÉRCULES

DINHEIRO DEPOSITADO, É COMO ÁGUA EM TANQUE FURADO.

LUCRO SEGURO, TRANQÜILO E ANTECIPADO.

Guarde bem sua letra de câmbio Hércules!
Ela é uma ordem de pagamento ao portador!

HÉRCULES S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos.
C. Pat. 205 - Capital e Reservas 894.719.547

B. Horizonte: R. Espírito Santo, 495 - 13.º andar
Fones: 2:5843 e 2:2604.

São Paulo: Rua 15 de Novembro, 184 - 9.º andar
S/ 903 - Fones: 35:8798 e 36:7800

Curitiba: R. Marechal Floriano, 96

Guanabara: Av. Rio Branco, 114 - grupo 83
Fones: 42:3929 e 22:5883

Av. N. Senhora de Copacabana, 897 - grupo 201
Fone: 57:5878

Juiz de Fora: Gal. Belfort Arantes, loja 14

Operação Cruzeiro do Sul põe estrêlas em nossas estradas

Em 40 dias de viagem, as quatro Caravanas da Operação Cruzeiro do Sul percorrerão milhares de quilômetros de nossas estradas e conhecerão mais de 250 municípios brasileiros.

ALFA — ida — São Paulo, Curitiba, Rio Negro, Mafra, Curitibanos, Lajes, Vacaria, Caxias do Sul, São Leopoldo, Pôrto Alegre, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande, Vitória do Palmar e Xuí.

volta — mesmo roteiro até Pôrto Alegre, daí para Osório, Tôrres, Araranguá, Criciúma, Tubarão, Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinvile, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

BETA — ida — São Paulo, Barra Mansa, Leopoldina, Muriaé, Governador Valadares, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Tucano, Canudos, Salgueiro, Parnamirim, Picos, Teresina, Piripiri, Sobral, Fortaleza.

volta — Fortaleza, Russas, Mossoró, Açu, Lajes, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Penedos, Aracaju, Salvador, Feira de Santana, Realeza, Manhuaçu, Vitória, Campos, Niterói, Rio de Janeiro.

GAMA — ida — São Paulo, Campinas, Ribeirão Prêto, Uberaba, Uberlândia, Goiânia, Ceres, Porangatu, Miracema, Pôrto Franco, Imperatriz, Guamá, Belém.

volta — a mesma rota, até Ceres, depois para Anápolis, Brasília, Cristalina, Três Marias, Sete Lagoas, Belo Horizonte e Rio.

DELTA — ida — São Paulo, Araraquara, Barretos, Frutal, Jataí, Alto Araguaia, Alto Garças, Rondonópolis, Cuiabá, Diamantino, Vilhena, Rondônia, Ariquemes, Pôrto Velho, Abunã e Rio Branco.

volta — a mesma rota, até Jataí, depois para Rio Verde, Goiânia, Anápolis, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Neste instante, quatro caravanas de caminhões e ônibus estão levando a estrêla Mercedes Benz aos quatro cantos mais distantes do Brasil, numa viagem de milhares de quilômetros, do Xuí a Fortaleza, de Belém a Rio Branco: é a Operação Cruzeiro do Sul, que a Mercedes Benz do Brasil organizou para comemorar seu 10.º aniversário, o 10.º aniversário da implantação da indústria automobilística brasileira.

As quatro caravanas, com 32 veículos e cêrca de 80 pessoas, vão devassar tôdas as nossas estradas, repetindo as históricas incursões dos bandeirantes no século 17, dos tropeiros no século 18 e dos carros de boi no século 19. Depois de 40 dias de viagem, as caravanas se encontrarão, dia 28 de setembro, no quilômetro zero da via Dutra, onde será inaugurado o Monumento ao Motorista.

O CRUZEIRO DA OPERAÇÃO

Não é a primeira vez: a Mercedes Benz já participou exemplarmente da Caravana de Integração Nacional, percorrendo a Belém-Brasília quando a estrada não era senão uma vasta fita de terra rasgada no meio das matas.

O roteiro desta Operação se orienta pelas cinco estrêlas do Cruzeiro do Sul. Nossa mais bonita constelação foi aplicada sôbre o mapa do Brasil, e suas estrêlas coincidiram com os pontos que a Caravana vai atingir: Alfa é o Xuí, Beta é Fortaleza, Gama é Belém, e Delta é Rio Branco. A estrelinha Épsilon, que fica bem no centro do Cruzeiro, é o ponto de encontro, o marco zero da via Dutra, no trevo da Parada de Lucas, Guanabara.

As quatro viagens começaram em São Bernardo do Campo. Dia 15 de agôsto partiu a primeira caravana, 11 veículos e 15 funcionários da emprêsa. Era a Delta, que ia para o Acre. Uma semana depois, partiu a Caravana Gama, levando a Belém do Pará 7 veículos e 11 funcionários. A Beta seguiu para Fortaleza com mais 11 funcionários e 7 veículos. E a última, a Caravana Alfa, foi para o Xuí com outros 11 funcionários e 7 veículos. Em tôdas, além dos funcionários da Mercedes, viajam também jornalistas e outros convidados.

PROTEÇÃO DE ALFA A DELTA

A Mercedes forneceu aos participantes nada menos que 144 camisas brancas, 48 jaquetas, 48 pares de botas, 96 calças, 26 máscaras contra mosquitos, 26 cantis, 26 cinturões, 26 facas de mato, 15 cobertores, 48 capas para chuva. Cada Caravana tem seu médico, seu cozinheiro e seu restaurante. Êles não estarão sós na longa viagem: um equipamento de rádio os ligará aos vários pontos de contato. Nem temerão qualquer obstáculo: estão levando machados, enxadas, enxadões, picaretas, lanternas de mão, pranchas de madeira, correntes para rodas, encerados, cabos de aço, cordas, arames, pregos grandes, lâmpadas para ligar na bateria, alavancas, extintores de incêndio, macacos, calços de madeira, lampiões.

Êste conjunto de equipamentos e providências basta para provar com que minúcia a Mercedes Benz preparou a Operação Cruzeiro do Sul.

Porém há mais: na rota do Acre, vai um ônibus-escola, com instrutores e técnicos que ensinarão mecânica nas mais distantes regiões amazônicas, para aumentar a durabilidade e eficiência dos veículos nacionais que operam por lá. Os veículos pesados levam cargas de medicamentos e material assistencial para os hospitais ao longo da área percorrida.

SÃO CRISTÓVÃO DOS MOTORISTAS

No dia 28 de setembro, data em que há 10 anos a Mercedes Benz do Brasil começou a produzir caminhões de 5 a 6 toneladas, a Operação Cruzeiro do Sul termina. Os 32 veículos com seus caravanistas se encontrarão todos na estrelinha Épsilon, o quilômetro zero da via Dutra, onde a Mercedes homenageará os motoristas brasileiros. Altas autoridades do país e do mundo automobilístico estarão presentes para inaugurar o Monumento ao Motorista: uma imagem de São Cristóvão em bronze, três metros de altura, dentro de uma capela, sôbre quatro lâminas de concreto com a base em ogivas.

Na frente, a dedicatória: "Ao motorista que transporta o progresso nacional, homenagem da Mercedes Benz do Brasil".

Operação Cruzeiro do Sul, Caravana Gama: a estrêla Mercedes Benz já conhece a Belém-Brasília desde quando a enorme estrada não passava de uma faixa de terra no meio das matas.

Por piores que sejam os caminhos dos longínquos sertões brasileiros, o veículo nacional nunca deixa de chegar ao destino.

OPERAÇÃO CRUZEIRO DO SUL
MERCEDES-BENZ DO BRASIL S/A

HÁ LIBERDADE NO BRASIL?

Texto de Luiz Fernando Mercadante

— A letra da Constituição brasileira diz que a liberdade é inviolável. A música é que é um pouco diferente.

Quem diz isto, com um sorriso branco, é o compositor e letrista negro José Flôres de Jesus, mais conhecido pelo apelido: Zé Keti.

Há quem concorde com o sambista; há quem discorde; e há até quem lhe responda, quase a sério:

— Uma das provas de que existe liberdade é o Zé Keti poder dizer o contrário impunemente.

Afinal, há ou não liberdade democrática no Brasil? Ou então, como vai a liberdade? Ou ainda, até onde vai a liberdade?

Estas três perguntas têm diferentes respostas. De vinte pessoas abordadas numa rua de São Paulo, 17 recusaram-se a respondê-las, uma garantiu que existe a mais absoluta liberdade, outra assegurou que não há mais liberdade nenhuma e a terceira ficou no "mais ou menos".

No Rio, o resultado não foi melhor: ao ouvir as perguntas, um motorista de praça pôs o pé no freio, acendeu a luz e pediu ao repórter que mudasse de assunto. Só depois continuou a corrida, e sempre de luz acesa; um ascensorista parou o elevador entre dois andares e sussurrou que "com liberdade, ou sem" terá que continuar subindo e descendo; e um proprietário de bar alegou a sua nacionalidade portuguêsa para se eximir de resposta:

— A liberdade — disse — não é o nosso forte. Ainda que seja uma das mais belas avenidas de Lisboa.

Mas se o homem do povo, em geral, é reticente quanto ao assunto, já os representantes do Govêrno e da Oposição, os intelectuais e os jornalistas, os políticos e os militares falam sôbre a liberdade e a democracia sem nenhum constrangimento. Há poucas semanas, por exemplo, o presidente da República, em discurso pronunciado em Maceió, afirmava:

— Pode a Nação estar confiante de que, apesar das pausas e voltas a que fomos por vêzes obrigados, não deixaremos de alcançar aquêles supremos objetivos da Revolução de Março de 1964, e que consistiram em salvar o Brasil para a democracia e assegurar ao País uma administração moralizadora.

As concordâncias e as discordâncias cabem tôdas dentro desta frase do Marechal Castelo Branco. E residem nas "pausas e voltas" de que fala o Marechal. Há os que — como o advogado Sobral Pinto — julgam que há apenas pausas e voltas, e os que — como o deputado Adauto Lúcio Cardoso — acham que as pausas e voltas são eventuais. Sobral denuncia a véspera de uma ditadura. Adauto prenuncia o renascimento da liberdade.

Os dois amigos

Sobral Pinto e Adauto Lúcio Cardoso são amigos de muitos anos e muitas brigas, sôbre as quais a velha amizade paira incólume.

Atrás da sua banca de advogado, na rua Debret, no Rio, está hoje, como há cinqüenta anos, debruçado sôbre pilhas de processos, o advogado Sobral Pinto. Êle é um veterano defensor de processados por crimes políticos, experimentado nos tribunais do Estado Nôvo e em IPMs de mais de um Govêrno e, desde abril de 1964, patrono de mais de 300 réus de processos políticos.

— Professor Sobral Pinto, no Brasil há liberdade?

O velho advogado recebe a pergunta com uma explosão:

— Essa pergunta é imbecil. O Brasil está escravizado. Não há liberdade, não há tribunais, não há qualquer garantia. Só admitem que se movimentem as pessoas que não podem prejudicar os governantes nem tirá-los do poder. Permitem aos advogados requerer e protestar porque êles não têm armas. Na hora em que o exercício da profissão se tornar perigoso para a estabilidade do poder dos militares, também o impedirão.

Depois do desabafo, Sobral faz questão de colocar um parêntese:

— Sempre tive muito zêlo em não confundir o povo; o povo que só vê os fatos. Tenho receio de que um artigo como êsse que vocês estão preparando possa provocar confusão. Eu digo que o País está escravizado, mas o Adauto Lúcio Cardoso dirá que há plena liberdade. Por que o povo irá acreditar mais em Sobral Pinto que em Adauto Lúcio Cardoso?

Apesar do antigo conhecimento, o professor Sobral Pinto não adivinhou o pensamento do seu amigo Adauto. Ouvido em seu gabinete de presidente da Câmara dos Deputados, em Brasília, o deputado Adauto Lúcio Cardoso, figura de prestígio do Govêrno, não disse que há plena liberdade, mas sim que "o Brasil está sob um regime de autoridade, em que a autoridade é superior à liberdade".

Adauto explica:

—Hoje, a carga de autoridade é mais forte que a de liber-

dade. Mas a tendência é que a primeira se atenue em benefício da segunda. Vivemos num regime de transição, em que as instituições democráticas sobreviveram mantendo o que para isso é essência: a liberdade de opinião, de transmissão de pensamento e a temporariedade dos mandatos.

Os dois adversários

O deputado Pedro Aleixo, ex-líder do Govêrno, ex-ministro da Educação e atual candidato único a vice-presidente da República, atende o repórter no plenário deserto após a sessão noturna de uma sexta-feira. Antes, estivera conversando em um grupo com a deputada Ivete Vargas. As relações entre Govêrno e Oposição, em muitos casos, são mais amenas do que sugerem as manchetes dos jornais. O terno do deputado está, como sempre, amassado. Não é à toa que seu apelido em Minas é "Pedro Desleixo". Mas suas idéias estão, como sempre, em ordem. E êle as desfia com frieza e exatidão matemáticas:

— Há dispositivos constitucionais que permitem suspender tôdas, ou quase tôdas as franquias individuais. É o caso do estado de sítio. Fica, então, o executor com poderes para, independentemente de qualquer consulta, censurar a imprensa, prender sem dar os motivos, remover presos, proibir reuniões, invadir domicílios etc. Cabe até lembrar que essa medida, isto é, o sítio, foi pedida pelo senhor João Goulart em outubro de 1963 e a êle negada. Confrontem os poderes excepcionais do estado de sítio, com o regime de plena liberdade que hoje está sendo assegurado em todo o País e vejam com quem fica a liberdade. E, notem, quando falamos em redemocratização é em relação ao período anterior a abril de 1964.

Meia hora depois, em um corredor do Senado, o presidente do MDB, General Oscar Passos, senador pelo Acre, nega o otimismo do sr. Pedro Aleixo:

— Não temos liberdade. E o MDB, como partido político, não tem a liberdade a que deveríamos aspirar, nem aquela de que todos os partidos desfrutaram. Temos, hoje, apenas, a liberdade de não ter direito a coisa alguma e de não poder nem mesmo aspirar à vitória, porque o próprio Presidente da República já declarou que a Oposição tem de se contentar em não ser vitoriosa nunca. Isso quer dizer que a vitória está dada antecipadamente a uma das facções, àquela de que o presidente da República é o chefe. Isso significa, também, que o povo não tem liberdade de escolher. Não é essa a liberdade que desejamos para o nosso partido, mas aquela que decorra da liberdade de o povo poder escolher livremente seus representantes.

Pensa de outro modo o deputado mineiro Rondon Pacheco, secretário geral da Arena, para quem "a Oposição nunca estêve tão forte". Rondon considera que "há plena liberdade partidária e que a Oposição tem todos os seus direitos assegurados". Falando sôbre liberdade partidária faz questão de frisàr que "a crise política foi a responsável pelo Ato 2, que fixou duas organizações com funções de partidos logo após a aprovação do Estatuto dos Partidos (julho de 1965) que limitava o número de agremiações em seis". E ressalta:

— A experiência bipartidária realizada — na perspectiva do tempo — aprova plenamente. Além de dar equilíbrio às fôrças do Govêrno, ela fortalece sobremaneira a Oposição.

O deputado cearense Martins Rodrigues, do MDB, discorda porém do seu colega mineiro:

— O bipartidarismo estabelecido da cúpula para as bases e impôsto ditatorialmente não é um sistema livre. No Brasil são necessários pelo menos seis partidos. Quanto ao fortalecimento da Oposição, êle é numérico. Estamos unidos contra uma ditadura, mas não temos unidade ideológica. Somos mais fortes apenas aparentemente. Acontece, entretanto, que realmente nunca houve Govêrno tão forte.

O presidente do Senado, senador Auro Moura Andrade, o mesmo que tempos atrás afirmou que "japona não é toga", manifestou recentemente grande preocupação diante dos Atos Institucionais e Complementares:

— Vão engarrafar definitivamente o trânsito das leis e dos direitos conferidos a cada um.

Nessa ocasião, o senador manifestava seu repúdio à possibilidade de o Govêrno dar, como se propala, prazo de trinta dias para que o Parlamento aprecie a nova Constituição, projeto que exigiu seis meses de trabalho de uma comissão de juristas.

Tese do senador:

— O Congresso não pode se transformar num órgão homologador de textos. Deve dispor de tempo para estudar e colaborar na feitura da nova Carta. Deve ter liberdade para tratar com seriedade assunto tão sério.

O presidente da Câmara, deputado Adauto Lúcio Cardoso, não se esquiva:

— Do ponto de vista político, a Câmara é tão livre como as do passado. Só temem fantasmas e bruxas aquêles cujo temperamento a isso os inclina. Houve alterações fundamentais sim, mas no processo de elaboração legislativa. Estas restrições e condicionamento contidos nos Atos 1 e 2, e no Ato Complementar n.º 18, não constituem uma singularidade para o direito parlamentar brasileiro. A limitação de prazos para a tramitação de projetos do Govêrno, o cerceamento da iniciativa da criação de despesas e na elaboração orçamentária são coisas comuns nos regimentos das Casas Legislativas de nações mais maduras que o Brasil. O Executivo se defende contra a obstrução e a inércia por meios que ninguém pode considerar ilegítimos, já que não tira do Congresso aquilo que é fundamental: a faculdade de aceitar ou de recusar. A Casa que eu presido é uma instituição de homens livres.

Um dêsses homens livres, o deputado Amaral Neto, da Guanabara, foi o autor do pedido da reunião da bancada do seu partido, o MDB, visando atender à recomendação da Convenção Nacional: obstrução total aos trabalhos legislativos, com o que se pretende a revogação dos artigos 14 e 15 do Ato 2, aquêles que outorgaram ao Presidente poderes para cassar mandatos, suspender direitos políticos e intervir no Poder Judiciário.

Para Amaral Neto, "o Brasil vive num regime de exceção considerando-se que a regra é a Democracia. E é o primeiro regime de exceção, no Brasil, que utiliza o Congresso como Câmara homologatória e biombo para esconder a ditadura e disfarçá-la aos olhos do povo.

Amaral é um dos poucos parlamentares que usa habitualmente, nos seus discursos em plenário, a palavra ditador antes do nome do Marechal Castelo Branco.

— Se o Lacerda estivesse aqui também chamaria o Castelo de ditador — observou um contínuo da Câmara.

Outro contínuo, mais velho e mais experiente, sentenciou:

— Se o Lacerda fôsse deputado o Amaral é que **também** chamaria o Castelo de ditador.

Imprensa livre?

Entre dois telefonemas e diante de sua mesa de diretor da sucursal de um jornal de São Paulo, no Rio, o jornalista Prudente de Morais Neto, velho cronista político com passado liberal, declara quase solenemente:

— A imprensa jamais gozou de liberdade mais completa no Brasil.

E analisa:

— Vivemos evidentemente num regime de exceção, embora de exceção que não quer se reconhecer como tal. Entretanto, o Govêrno tem timbrado em não comprometer a liberdade de expressão. O gôzo da liberdade tem sido do modo geral assegurado quase completamente. Isto decorre da vontade do Govêrno, que teria como fazê-la cessar se quisesse. E êste Govêrno distingue-se das ditaduras por suas motivações e suas intenções: veio para corrigir o que estava errado e pretende ser transitório. Até o momento, tudo demonstra que é assim.

SEGUE

Oposição denuncia ditadura disfarçada

Não pensam assim os diretores de um semanário do Rio, cuja redação foi invadida há um mês por um pelotão da Marinha de Guerra comandado por um capitão. Ali, na ocasião, foram apreendidas fotografias e pastas de recortes. Razão para a ocupação: um editorial publicado em outubro do ano passado.

Com sua experiência de muitos anos, o jornalista Carlos Castelo Branco, que serviu o Govêrno Jânio Quadros como chefe do Serviço de Imprensa, e que dirige a sucursal de um jornal carioca, em Brasília, fala sôbre a liberdade de expressão com a sabedoria que aprendeu nos seus 16 anos de cronista parlamentar:

— Para assegurar sua liberdade de expressão, o comentarista político, nesta quadra de democracia consentida, necessita de afinar alguns dons do estilo, os que, por exemplo, propiciam a sutileza e os que travestem o mais cru realismo. Não resta dúvida de que há nisso um incentivo literário. O mêdo torna-se, se possível, um fator de bom gôsto. Com essas cautelas, não tem sido impossível o exercício da análise e do comentário político, embora tantas vêzes a gente tenha a impressão de estar se tornando temerário. Dificilmente numa profissão se perceberá, tanto quanto na nossa, a presença da liberdade. No entanto, por egoísmo profissional, não se deve reivindicar para a imprensa o privilégio da liberdade.

Flávio Tavares, redator da sucursal de um vespertino do Rio, em Brasília, prefere citar Graciliano Ramos:

— Liberdade completa ninguém desfruta. Começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social.

O jovem jornalista Almyr Gajardoni, repórter político da sucursal de outro jornal paulista, em Brasília, examina o problema em outra área:

— A pequena imprensa, aquela que não se realiza em níveis industriais, parece totalmente sufocada no Brasil. Onde estão os pequenos jornais e revistas de sindicatos, associações estudantis, grupos políticos e intelectuais que conhecemos em grande número poucos anos atrás? Esta ausência caracteriza bem a pouca liberdade de opinião de que goza a maioria esmagadora da população, pois uma opinião que não dispõe de meios para chegar ao interlocutor evidentemente não pode ser considerada livre.

Seu companheiro, do mesmo jornal, o jornalista D'Alembert Jaccoud, assim se expressa:

— A liberdade de imprensa, já reduzida, tende ao estreitamento específico, pois é fatal que o Poder investido do arbítrio procure quebrar tôdas as resistências a sua expansão. Os jornais têm assinalado sua preocupação e o seu protesto contra o anunciado propósito do Govêrno de promover a revisão da Lei de Imprensa.

O bancário Carlos Alberto Mendonça, de São Paulo, leitor habitual de dois jornais, perguntado se sente nos jornais um cerceamento da liberdade respondeu:

— Sinto apenas que em São Paulo não existe nenhum jornal de Oposição.

O jornalista Arnaldo Ramos, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Brasília, revela que já existem diversos apelos de entidades representativas da classe para que "não se reforme a Lei de Imprensa, nem se atente contra a liberdade profissional".

Cultura livre?

O professor Gustavo Corção, intelectual católico faz uma profissão de fé na liberdade cultural brasileira: "O Brasil de hoje tem liberdade cultural, com tendências à licenciosidade, porque as autoridades são tímidas e se deixam impressionar por **slogans.** Há escritores que clamam contra o terrorismo cultural, provando dêste modo que êle não existe. Êsses escritores, de boa ou má fé, pensam que a licenciosidade é um ideal democrático e, assim, trabalham, de boa ou má fé, para o assassinato das liberdades e para a instalação no Brasil de um regime parecido com o presídio soviético que êsse tipo de intelectual admira. Falta liberdade cultural nos países em que as opiniões e obras de arte, além de censuradas, são positivamente orientadas pelo Estado. Êsse dirigismo estatal é acompanhado de perfeito terrorismo cultural. Atualmente, é no mundo comunista que se encontra o modêlo perfeito da falta de liberdade cultural. Nos países normais, a opinião é livre e a cultura espontânea, podendo acidentalmente ser proibida pelos poderes públicos, no caso de ofensa aos costumes ou perturbação da ordem. Não há, nem deve haver — em nenhum país do mundo — a liberdade absoluta, que só existirá no céu".

General lembra fatos

Mas, enquanto não se chega ao céu, o General e escritor cassado Nélson Werneck Sodré, não podendo prestar declarações, lembra fatos: a **História Nova do Brasil,** obra que escreveu com outros cinco autores, foi apreendida. Objeto de vários inquéritos, os autores foram presos e o Procurador Geral da Justiça Militar pediu para êles penas que podem chegar a trinta anos de prisão; seus livros foram apreendidos várias vêzes; professor, foi despojado da cátedra e submetido a inquérito — o do ISEB — que abrange cêrca de trinta volumes e está na fase processual; está impedido de escrever sôbre assuntos políticos e de votar.

Dias Gomes, autor de **O Pagador de Promessas,** que viu proibida no Brasil a sua peça **O Berço do Herói,** assegura que só existe uma liberdade:

— A de se falar em liberdade. E, aliás, é bom que se diga que quando num país se começa a falar muito em liberdade é sinal de que ela não existe ou está para desaparecer.

Oduvaldo Viana Filho, autor e diretor teatral, garante que "a liberdade não é abstrata". E vai além: "Tôda a classe teatral brasileira tem hoje plena consciência de que a liberdade de criação é condição indispensável para seu desenvolvimento, tanto cultural quanto econômico. E é essa consciência que a tem mantido em quase permanente mobilização nos últimos dois anos, pois qualquer peça que discuta temas atuais sempre exige uma batalha para sua liberação. O curioso é que a censura tem uma tradição liberal no Brasil e as proibições sempre partem de outras autoridades."

Viana dá um exemplo:

— No Espírito Santo, há poucos meses, um grupo teatral universitário foi impedido de encenar uma peça sôbre Tiradentes. O despacho do chefe de Polícia mencionava expressamente que a decisão fôra tomada "após consulta à douta opinião do comandante naval".

— A televisão e o rádio estão sob pressão do Conselho Nacional de Telecomunicações, CONTEL, que tem mão forte para reprimir o que chama de "abusos" — diz o deputado José Carlos Guerra, da Arena pernambucana.

Outro tipo de pressão, êste na televisão, é relatado pelo jornalista Hermano Nobre Alves.

— Fui convidado para ser redator de notícias na televisão Excelsior do Rio e, após a visita de um Coronel do SNI à emissora, não só fui desconvidado pela Excelsior como nunca mais recebi convites de nenhuma outra estação.

Hermano assina artigos contra o Govêrno no jornal onde trabalha. Não faz um mês, denunciou torturas físicas praticadas contra estudantes pela polícia. E até hoje sua denúncia não encontrou eco no Govêrno.

Para o sr. Pedro Aleixo, ex-ministro da Educação, a chamada **Lei Suplicy,** que extinguiu a autonomia dos centros acadêmicos, não é mais que "uma medida destinada a barrar a subversão que, conforme provas, grassava no meio estudantil". Pedro Aleixo é, em tese, favorável a essa autonomia, e conta com a possibilidade de ainda se manifestar por ela.

— Mas, oportunamente — esclarece.

Hoje, no Brasil, não é fácil encontrar um universitário sequer que se manifeste a favor da política do Govêrno em relação aos estudantes. Até os que foram simpatizantes da Revolução se manifestam contra. É o caso do universitário Antônio Gomes de Amorim, presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Brasil:

— A pretexto de combater a subversão e as infiltrações estranhas, o Govêrno pràticamente liquidou com as possibilidades de livre manifestação estudantil, em têrmos de classe. Nós democratas, que antes da Revolução de Março denunciávamos o inexorável desvirtuamento da participação dos estudantes na vida nacional — pela ação nefasta das conhecidas minorias extremistas que em nosso nome agiam — hoje nos sentimos perplexos e frustrados com as medidas adotadas. A curar o doente, preferiram matar o doente. Não confiaram na índole democrática e liberal da imensa maioria dos estudantes brasileiros e aí está: uma legislação opressora, de cunho nìtidamente intervencionista que só vem favorecer à pregação dos mesmos referidos extremistas, atualmente transformados em apóstolos da democracia e da liberdade.

O deputado gaúcho Matheus Schmidt, autor de projeto que devolve a autonomia aos estudantes, diz que "a **Lei Suplicy** tirou do estudante a liberdade de se organizar pela maneira que melhor entendesse, e gerir, também, os negócios de suas entidades":

— Ela bitolou as organizações estudantis para oferecer ao Govêrno uma estrutura propícia a ser manobrada pelo Ministério da Educação.

A emenda do deputado Matheus Schmidt recebeu parecer contrário do relator, deputado monsenhor Arruda Câmara, e só não morreu porque o deputado Noronha Filho pediu vistas.

O jovem professor José Xavier Cardoso, da Universidade de Brasília, afirma:

— Com a cassação de professôres universitários, a demissão de alguns e o afastamento de outros — só na Universidade de Brasília mais de duzentos pediram demissão na crise do ano passado — a liberdade de cátedra passou de fato a mero conceito.

E denuncia:

— Há áreas de ensino no Brasil, especialmente restringidas no exercício de sua liberdade: a da economia, a da sociologia e a da política.

Entretanto, o professor Gama e Silva, Reitor da Universidade de São Paulo, assegura que "há plena liberdade de cátedra e a única restrição é à subversão".

Como interferência na área do ensino e fora da Universidade a Oposição aponta: o Jardim da Infância Pequeno Príncipe, de Curitiba, foi fechado pela Polícia e pelo Exército. Acusação: subversão. Pouco depois, em Pernambuco, os alunos do Grupo Escolar Trajano Mendonça — mil crianças de seis a onze anos — receberam, armados de pedra e cantando o Hino Nacional, o forte contingente da Polícia Militar chamado para conter a revolta das crianças diante da substituição da diretora. Acusação contra a diretora: subversão.

Religiões livres?

O bispo tinha os olhos presos à sua cruz. Falou mansamente, sem erguer a cabeça:

— Simpatizo com a Revolução, gosto muito do Presidente e acho que nem tudo está perdido. Acho mesmo que até a liberdade está salva e que a carência dela é para garanti-la, robustecida, amanhã. Mas a esta altura não quero e não posso me pronunciar sôbre liberdade. E dúvido que algum bispo ou padre queira e possa abençoar a liberdade de hoje, quando dom Hélder é vítima de injustiças no Recife.

O professor Alceu Amoroso Lima quer e pode se pronunciar, com a autoridade dos seus muitos anos de apostolado leigo e a lucidez que o tempo parece aumentar:

— Vivemos numa ditadura mitigada. E o meu receio é que ela se transforme numa ditadura de fato. Acho até que ela não é causa, mas efeito. E efeito da situação anterior a abril de 1964. O que me choca profundamente é ver que ela se volta no Nordeste contra dom Hélder, um homem que prega e que vive o cristianismo, um bispo cuja mensagem não é de esquerda, nem de direita, nem revolucionária, nem anti-revolucionária, mas simplesmente cristã. Quase cem anos depois da prisão de dom Vital, o Estado reabre a questão religiosa.

Mas será possível que a Igreja neste momento sofra restrições na sua liberdade de pregação?

É Frei Francisco Araújo, prior do Convento dos Dominicanos em São Paulo, quem responde:

— São os fatos que revelam a situação da Igreja. Há militantes cristãos perseguidos, sacerdotes exilados, bispos caluniados, e declarações do episcopado desacatadas pùblicamente. Há um silêncio cúmplice e constrangedor de muitos setores da Igreja diante das violências, das torturas, dos atentados à dignidade humana e às liberdades que só se explica, em parte, pelo mêdo da repressão. Existe no Brasil uma Igreja do silêncio. Êsse silêncio é o subproduto do mêdo da violência e das terríveis campanhas da propaganda dirigida por interêsses bem definidos. Quem duvidar disso experimente fazer valer a doutrina social da Igreja para ver o que acontece! A liberdade da Igreja é apenas aparente e será tolerada sòmente enquanto não ameaçar de fato uma mudança nas estruturas desumanas.

Trabalhadores livres?

Os oito portuários cariocas receberam a pergunta com espanto:

— É isso mesmo que estou perguntando. Se vocês acham que há liberdade no Brasil.

Um dêles resmungou baixinho:

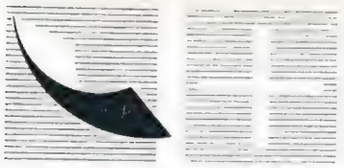
— Êsse cara tem todo o jeito de tira.

Foi preciso a intervenção de um amigo comum:

— Êle está perguntando. Vocês respondem o que quiserem. Êle prometeu não dar o nome de ninguém, a menos que a gente permita.

SEGUE

Carbexplus



Inaugure
uma nova fase

em seu escritório:
passe a usar sòmente
fita de nylon para
máquina: Carbexplus.
É muito + durável
que as fitas comuns.
Conserva a
nitidez até o fim.
Numa palavra:
é de nylon, 100%

dúzia de 13
-vantagem extra aos consumidores
Ao adquirir uma dúzia, V. recebe
uma fita de bonificação!
Apresente êste sêlo ao balconista

Marcus Pereira Publicidade

Govêrno diz que a redemocratização vem vindo

O guindasteiro olhou firme e falou:

— Essa pergunta parece brincadeira, meu chapa. Aqui no pôrto êles botaram a lei do cão. Diminuíram salários, tiraram a insalubridade e mudaram o horário de trabalho como bem entenderam e a gente não pode dizer nada. Se disser, já sabe: cana. Até a diretoria da União dos Portuários, que era gente tôda dêles, não agüentou e resolveu fazer uma carta aberta ao Presidente. Foram todos presos no dia seguinte de manhã, a sede foi invadida e tudo.

Já em São Paulo, na indústria automobilística, a maioria responderá com o torneiro Marco Bataglia, de 28 anos, pai de quatro filhos:

— A liberdade está por aí. Ando é preocupado com a gaita que anda cada vez mais curta.

O sr. Olavo Previatti, secretário-geral da Confederação dos Trabalhadores da Indústria, coça a cabeça, dá um sorriso e responde:

— Enquanto o Castelo estiver por aí, é difícil responder.

O Deputado Harry Normaton, líder trabalhista da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, acha que "os sindicatos foram reduzidos a entidades beneficentes, tantas as restrições que lhes foram impostas".

Num corredor da Federação das Indústrias, em São Paulo, um industrial revela descontentamento:

— Está bem. Não há mais greves. Mas também não há mais crédito.

Um colega rebate:

— Antes assim. Com o problema social à margem, agora a questão é só trabalhar.

Dois militares

Os oficiais da linha dura querem as coisas mais duras; os brandos, mais brandas; e os moles, mais moles. Dois militares, ambos chefes da Revolução, um ministro do Superior Tribunal Militar, o outro candidato a presidente, Mourão Filho e Costa e Silva, falam com empenho em liberdade.

Mourão, mastigando seu cachimbo, jura que "o regime atual não tem nada de democrático e pouco tem de liberdade. Foram supressos os direitos à liberdade e à representação".

— Vivemos todos de favor — diz o General. Nossa situação depende exclusivamente das qualidades pessoais do Presidente e isto não basta, porque êle pode falhar, pode faltar e ser substituído por outro atrabiliário. O sistema é indispensável. A segurança de um povo não pode repousar exclusivamente nas boas qualidades de um homem. O Brasil regrediu à ignomínia de 1937.

Para o Marechal Costa e Silva, entretanto, a situação é bem diferente. O candidato à Presidência vem falando em redemocratizar.

— Por que redemocratizar, Marechal?

— Porque estamos num regime de transição.

— E quando o senhor assumir, Marechal, o senhor encaminhará o País para a redemocratização?

— Eu espero já encontrar o País em ordem, em plena democracia e liberdade.

— Mas se não encontrar tudo em ordem, Marechal?

— Então eu arrumo.

FIM

Ursula Andress
– a mulher mais bela do mundo –
adora a espuma cosmética de Lux!

Foi êste o nosso pensamento: "Se Ursula é considerada a mulher mais bela do mundo, deve ser interessante ouvi-la falar sôbre beleza..." Então fomos procurá-la em sua pequena fazenda — um lugar sossegado, à beira do mar, nas proximidades de uma cidadezinha pacata. É ali que ela costuma descansar — fazendo companhia à mãe — nos intervalos entre uma e outra filmagem. O vento, o sol e a água do mar (ela adora nadar...) representam uma constante ameaça de ressequimento à pele de Ursula. Mas ela sabe como proteger sua beleza. "Tôdas as manhãs" — disse-nos ela, enquanto chupava uvas de seu parreiral — "dou a meu rosto a espuma cosmética do sabonete Lux. Que delicioso momento! Lux é tão suave, tão puro, tão delicadamente perfumado! Lux é espuma que embeleza a gente!" Passeando pelos campos (até saturar-se de sol) ou indo à cidadezinha vender as flôres do

jardim de sua chácara, Ursula não pode estar se preocupando com etiquêtas, com trajes finos, com um demasiado cuidado pela aparência. Mas por outro lado, não pode desapontar aquêles que a consideram a mulher mais bela do mundo. "É claro que eu tenho recursos para custear tratamentos de beleza caros. Mas por que me preocupar, se Lux basta para garantir minha aparência suave, feminina, que os outros dizem ser encantadora?"

Lux protege a beleza.

Perfume marcante — Nova e delicada forma
Em 4 maravilhosas côres

PREFERIDO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DO CINEMA

David Zingg, um dos mais conhecidos fotógrafos norte-americanos, veio pela primeira vez ao Brasil há nove anos. Depois, sempre a serviço das maiores revistas do mundo, estêve entre nós várias outras vêzes. Na última, resolveu ficar. E êste ensaio fotográfico ajuda-o a contar por quê.

O BRASIL QUE EU AMO

Texto e fotos de David Zingg

Não sei como aconteceu, mas de repente o Brasil se transformou para mim no país mais cheio de vida que conheci. Não era o pitoresco exagerado do folheto turístico. Não era o superverdadeiro e superglorioso aspecto físico: Corcovado e as praias, Iguaçu e o Amazonas. Não eram os cinematográficos desfiles de Carnaval. Não era Brasília, não era São Paulo, não era todo o poder industrial das fábricas de automóveis; ou a televisão, a Kibon, Nycron, Peg-Pag. Era o efeito arrebatador de cada profundo e emocionante contato com um brasileiro, depois outro, depois dez e depois centenas. Era a experiência de ser tratado como um ser humano por outros sêres humanos — o mais aberto e complicado, sereno e perturbado, alegre e triste grupo de sêres humanos com que já convivi. Seja qual fôr a minha impressão a respeito do brasileiro, êle me parecerá, em primeiro lugar, aberto. E eu tenho sido ajudado, odiado, apoiado, enganado, admirado, detestado e amado. Mas nunca em minha vida, com nenhum outro povo — inclusive o meu — tenho sido amado ou detestado com tanta intensidade como no Brasil.

SEGUE

Um povo que sabe sentir a vida

Para mim, os brasileiros falam dois idiomas básicos: o português e uma língua especial, cheia de sensibilidade. Nunca, como no Brasil, encontrei pessoas que estivessem tão conscientes de si mesmas e de suas relações com os outros. Quando se aponta uma máquina fotográfica para um brasileiro, êle sorri, cumprimenta e parece dizer: "Ah, você é muito hábil — viu a qualidade que **eu** tenho." Nos países onde andei, a maioria das pessoas se afastaria, aparentemente escondendo da máquina fotográfica alguma escuridão que tenha dentro de si. Jamais vi um povo que tão humanamente conhecesse todos os mistérios da vida, ou soubesse tão bem que do lugar escuro pode nascer uma flor. No carnaval, um homem pintado parece compreender bem a sensualidade vibrante da festa tôda; e o escultor da Bahia **sabe** que êle será julgado não apenas pelo quem compra suas obras, mas também pelo pescador seu vizinho, que tem ôlho crítico. E o trovador do Nordeste, quando canta que "o dia mais feliz da minha vida/ foi o dia em que minha mãe morreu", fala não apenas de uma vida libertada da dor, mas de sua própria vida libertada da preocupação.

Neste lugar há muito por fazer

Odeio o trabalho. E não acredito que ne
sàriamente dignifique o homem — em espe
quando êle não pode escolher o seu trabá
nem as recompensas que receberá. Mas a
dito também que se alguém está prêso a
trabalho porque gosta, ou porque não ex
outra saída, há uma espécie de prazer perv
e obstinado em ganhar o jôgo, dentro
próprias regras do jôgo. Tenho viajado m
pelo Brasil. Tive a sorte de estar em Bra
durante sua construção. Estive no Par
vendo fazendas serem esculpidas na flor
Vi imigrantes japonêses chegando ao cora
da Amazônia para atacar a selva virgem. Je
estado nas fábricas barulhentas de São Pa
e nas fumacentas siderúrgicas de Minas Ge
Observei pescadores puxando pesadas rêde
Nordeste e fotografei as mulheres que lim
os escritórios nas grandes cidades, enqu
muitos de nós nos divertimos. Parece-me h
um determinado tipo de fôrça que emp
êste País à grandeza: a extraordinária en
que os brasileiros aplicam no trabalho.
pouca gente no mundo que encara uma ta
com menos inibição que os brasileiros.
poucos lugares onde há mais por fazer.

Carinho faz a alma cantar

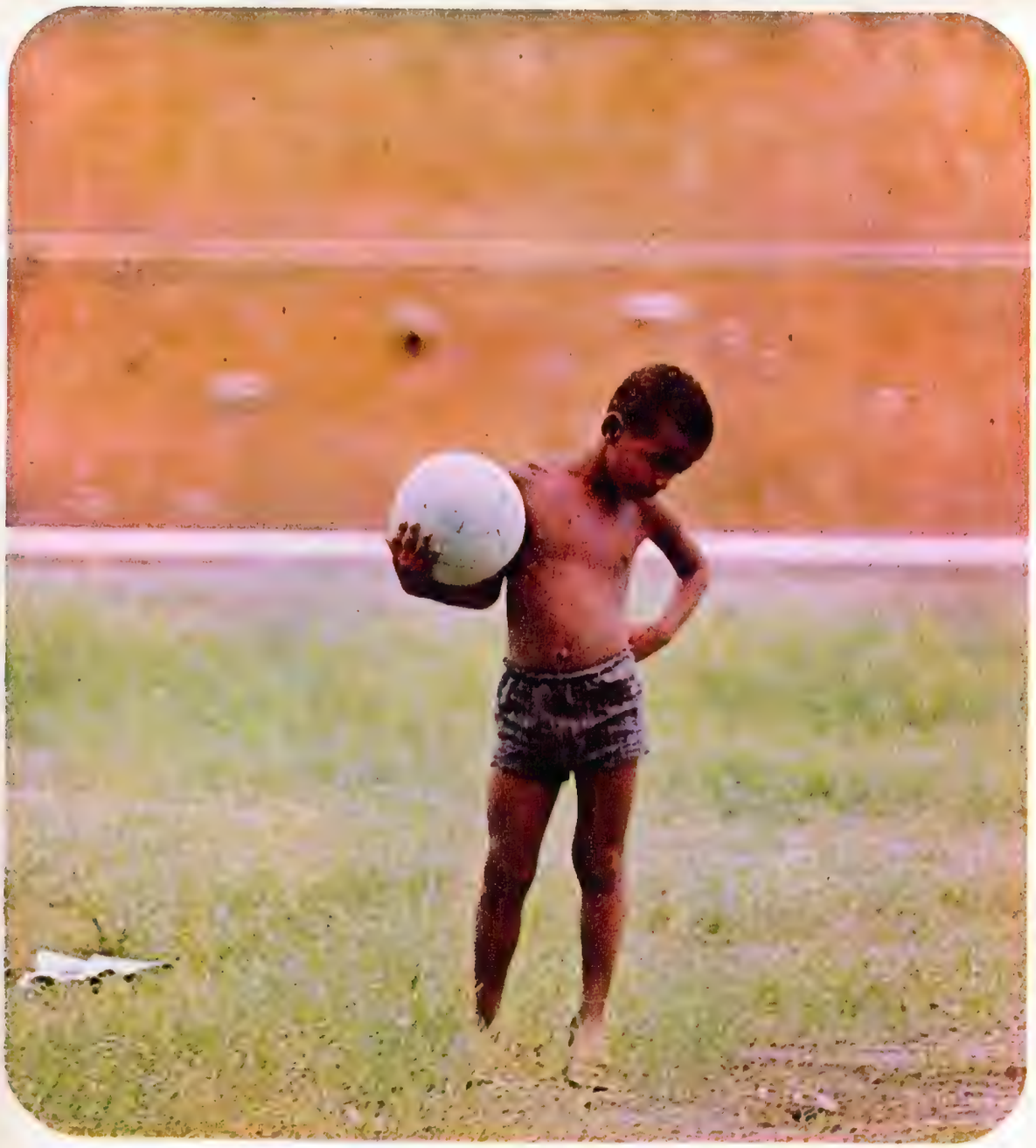
Na Argentina, o beijo em público é proibido por lei, e na dura e metálica Nova Iorque pode-se procurar em vão por alguém que cante nas ruas. Um amigo disse-me uma vez que onde o povo pode cantar, o poeta pode viver. E vale a pena dizer o inverso: onde o poeta pode cantar, o povo pode viver. Cheguei à conclusão de que existe algo simples, mas muito forte — um tipo de cola humana indestrutível — que junta numa idéia só êste grande País. Ao olhar para um brasileiro, sinto que êle tem a certeza absoluta de que é. E acredito que essa certeza vem do fato de êle ter sido muito amado, desde muito cedo e durante muito tempo. Para mim o Brasil é um país habitado por um grande número de pessoas que têm sido muito amadas e que têm capacidade de transmitir êsse amor. Aqui se encontra o amor à vida que impede o derramamento de sangue, que mantém as pessoas vivas, no verdadeiro sentido da palavra. Como estrangeiro, vejo sempre o carinho enchendo as ruas. Às vêzes é um menino e uma menina, ou dois meninos, ou uma môça e uma velha, ou um homem e uma mulher. Mas seja quem fôr, há muitos, o suficiente para fazer a alma cantar.

SEGUE

Elas têm muito amor para dar

O que pode o visitante dizer a respeito da mulher brasileira, que Vinícius de Morais já não tenha dito com mais amor e maior profundidade? Que observações pode fazer o forasteiro a respeito dos olhos profundos da morena carioca, que inúmeros homens já não tenham feito? Como pode um estrangeiro descrever melhor suas qualidades, que uma canção de Tom Jobim? A mulher brasileira tem lugar especial na geografia feminina do mundo. Sua beleza física, para um fotógrafo, é muito simples de ser descrita. Seu andar, seu gôsto intuitivo para se vestir, seus olhos, seus cabelos — tôdas essas coisas a colocam entre as mais belas. Mas suas qualidades interiores — sua maneira de se dar completamente e sem reservas quando ama — é que são as coisas mais difíceis de medir e descrever. Como explicar que uma prostituta brasileira seja tão **carinhosa**? Como transmitir o sentimento indescritível de ver a alma de alguém através de seus olhos? Como medir a profundidade, a amarga profundidade, do amor por uma mulher brasileira que perdemos?

SEGUE



Futuro aqui é maior

Tenho visitado o Brasil várias vêzes durante os últimos nove anos. É apenas um instante na profunda e complicada história desta Nação. Sei que conheço apenas algumas superficialidades da vida dêste enorme e fascinante luar. Mas sinto mais futuro aqui que na maioria dos lugares que conheço. Há no Brasil um profundo respeito pelo homem, que poderá ter enorme importância na história do mundo. O menino que aparece nesta página poderá ser o Pelé de 1982, ou um poeta, ou um político, ou um homem de negócios. James Baldwin, um poeta negro americano, disse algo que a meu ver deveria ter sido dito por um brasileiro: "A maré sobe, a luz falha, os amantes se agarram e as crianças nos agarram. No momento em que nós deixarmos de nos segurar, no momento em que deixarmos de ser fiéis um ao outro, o mar nos engolfará e a luz se apagará. É necessário, na escuridão, saber que há uma luz em algum lugar; saber que dentro de si, esperando ser encontrada, há uma luz. O que a luz revela é o perigo e o que ela exige é a fé."

FIM

cuidado!

Não se contente com
"é a mesma coisa."
A sua garantia é
a etiquêta numerada
nas confecções e...
a ourela inconfundível
nos tecidos a metro.

NYCRON

um tecido SUDAMTEX

NYCRON — SUDAMTEX — INDÚSTRIA BRASILEIRA

Histórias Cheias de Fé

Fotos de Art Kane

A sabedoria dos tempos tem sido preservada de muitos modos, mas nenhum com mais apêlo do que as simples alegorias chamadas parábolas. Estas cinco histórias se apresentam tão atuais hoje como no dia em que foram contadas pela primeira vez. Elas captam a essência de cinco religiões: budismo, judaísmo, confucionismo, islamismo e cristianismo.

BUDISMO

O Grão de Mostarda

Uma jovem mulher, tendo perdido seu primeiro filho, estava tão desolada e aflita que perambulava pelas ruas, implorando algum remédio mágico que restituísse a vida do menino. Alguns se afastavam com piedade; outros riam e a consideravam louca; ninguém tinha palavras para consolá-la. Até que um velho sábio, notando seu desespêro, disse: "Existe apenas um homem em todo o mundo que pode fazer êsse milagre. Êle é o Ser Perfeito, e reside no alto da montanha. Vai até êle, e pede".

A jovem mulher subiu a montanha e, de pé diante do Ser Perfeito, suplicou: "Ó Buda, devolvei a vida de meu filho". E o Buda disse: "Volta para a cidade, vai de casa em casa, e traze-me um grão de mostarda de uma casa onde ninguém tenha jamais morrido".

O coração da jovem mulher estava cheio de esperança quando ela desceu a montanha às pressas e correu para a cidade. Na primeira casa em que bateu, disse: "O Buda me mandou conseguir um grão de mostarda de uma casa que nunca tenha conhecido a morte".

— Nesta casa muitos já morreram — disseram-lhe.

Assim ela seguiu para a próxima casa, e perguntou de nôvo.

— Impossível contar o número dos que já morreram aqui — foi a resposta.

Ela foi à terceira casa, e à quarta, e à quinta, e mais e mais, através da cidade, e não pôde encontrar uma só casa que a morte já não tivesse visitado.

Assim, a jovem mulher voltou ao tôpo da montanha.

— Trouxeste o grão de mostarda? — perguntou o Buda.

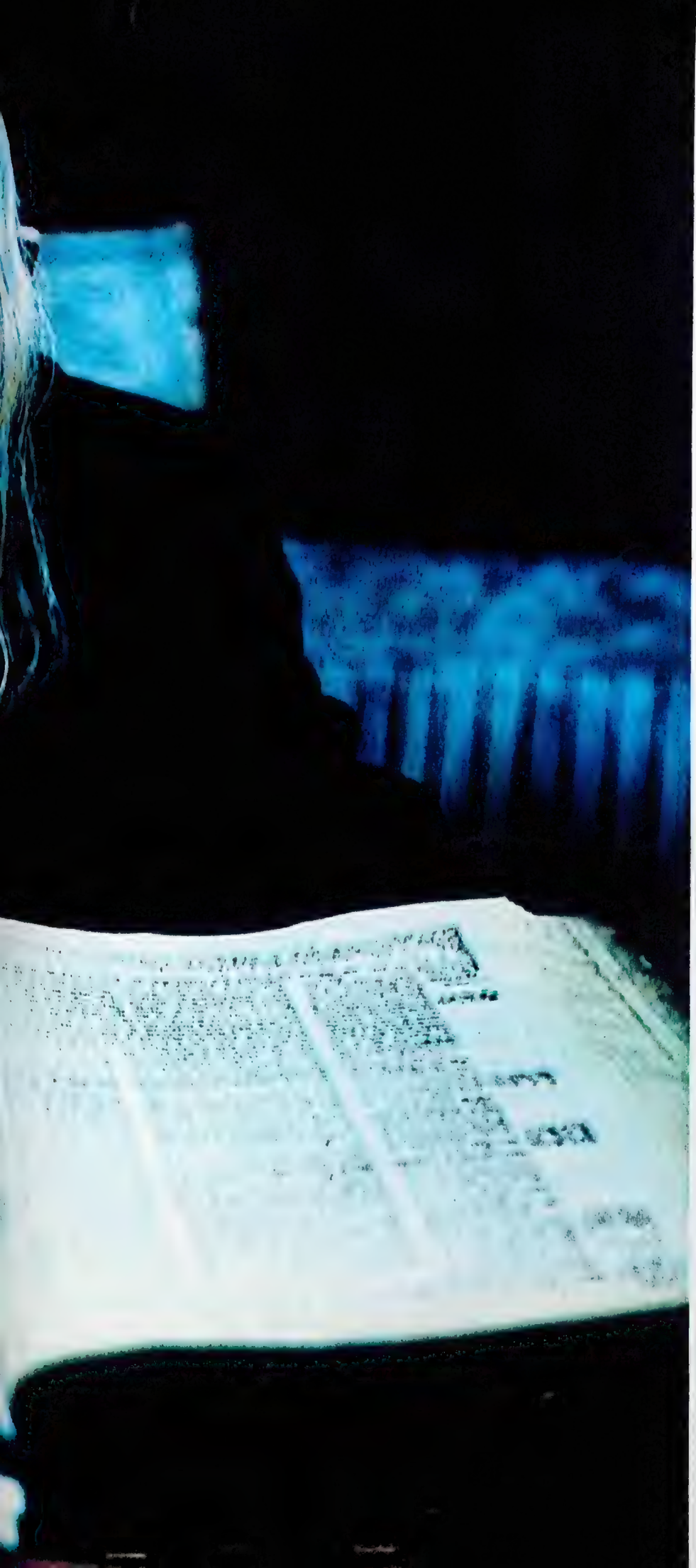
— Não — disse ela — nem procurarei mais. A dor e o desespêro me tornaram cega; pensava que sòmente eu tinha sofrido nas mãos da morte.

— Então por que voltaste? — insistiu o Ser Perfeito.

— Para pedir-vos que me ensineis a verdade — respondeu a mulher.

E foi isto que o Buda lhe disse: "No mundo do homem e no mundo dos deuses, a Lei é uma só: tôdas as coisas são passageiras".

SEGUE



A Parábola e a Verdade

JUDAÍSMO

Uma vez, os discípulos de um rabino, famoso por sua erudição e finura, perguntaram-lhe porque costumava esclarecer a verdade contando uma história.

— Isto eu posso explicar melhor — disse êle — contando uma história — uma parábola sôbre a própria Parábola:

"Um dia, a Verdade andava visitando os homens, sem roupas e sem adornos, tão nua como seu nome. E todos que a viam viravam-lhe as costas, de mêdo ou de vergonha, e ninguém lhe dava as boas vindas.

"Assim, a Verdade percorria os confins da Terra, rejeitada e desprezada.

"Uma tarde, muito desconsolada e triste, encontrou a Parábola, que passeava alegremente, num traje belo e muito colorido.

— Verdade, por que estás tão abatida? — perguntou a Parábola.

— Porque sou tão velha e feia que os homens me evitam — replicou a Verdade.

— Que disparate — riu a Parábola. — Não é por isso que os homens te evitam. Toma, veste algumas das minhas roupas e vê o que acontece.

"Então a Verdade pôs algumas das lindas vestes da Parábola e, de repente, por tôda parte onde passava, era bem-vinda.

O rabino sorriu:

— Pois a verdade é que os homens não gostam de encarar a Verdade nua; êles a preferem disfarçada.

SEGUE

O Diplomata e o Rei

CONFUCIONISMO

Quando Yentze, astuto diplomata do Estado de Ch'i, foi nomeado embaixador no reino de Ch'u, o rei de Ch'u, sabendo que Yentze era tão vaidoso de espírito quanto pequeno de estatura, decidiu humilhá-lo um pouco. Mandou cavar uma pequena abertura nos muros da cidade — perto do grande portão de entrada — e disse ao capitão da guarda para obrigar Yentze a rastejar através do **portão dos cães** quando êle aparecesse para apresentar suas credenciais.

Quando Yentze chegou às muralhas da cidade, o capitão da guarda disse:

— Meu rei vos ordena entrar pelo portão dos cães.

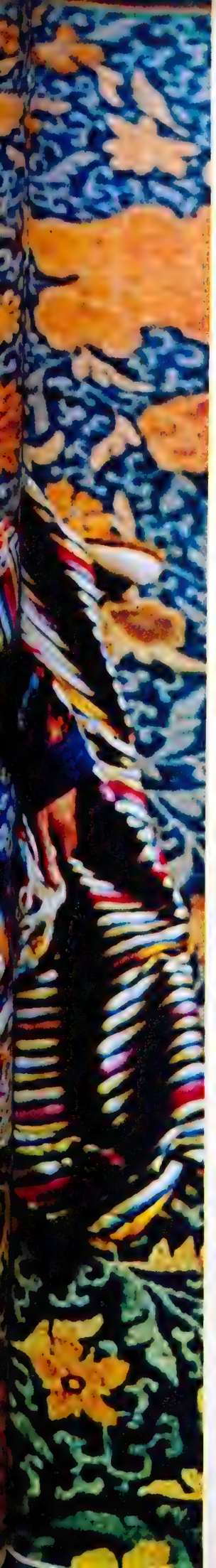
Yentze curvou-se numa longa reverência:

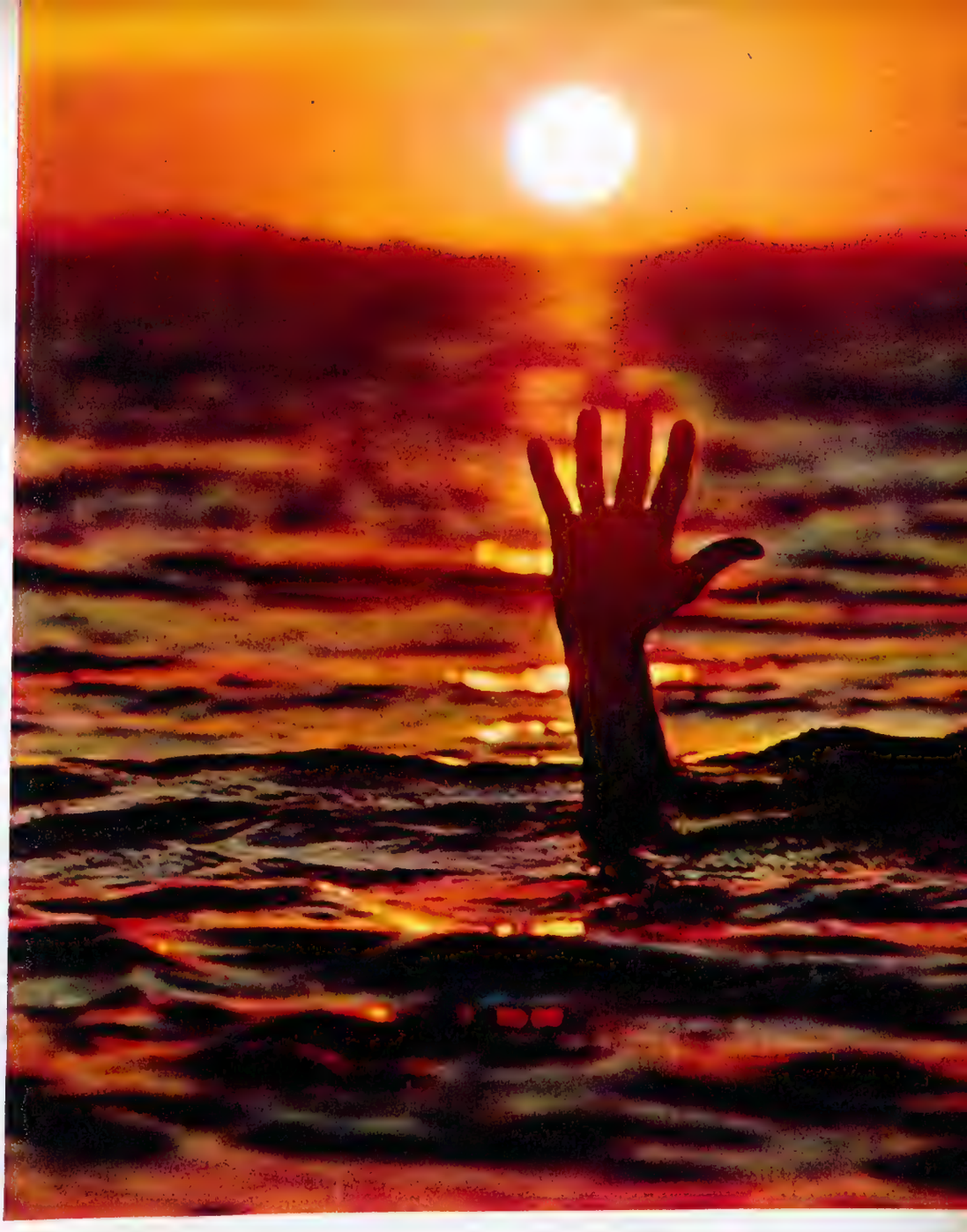
— Só se usa um portão de cachorro num país de cachorros. Não posso insultar a grande terra de Ch'u entrando por outro caminho que não o grande, magnífico portão apropriado para vosso rei.

Quando o rei foi informado do que se passava, deu ordens para que Yentze fôsse trazido à sua presença imediatamente. Examinou o diplomata com frieza e, tentando embaraçá-lo mais uma vez, disse:

— O reino de Ch'i deve ser tão escasso em população quanto seu povo é pequeno no corpo, já que êles foram obrigados a enviar-vos para aqui.

— Não, Majestade, meu país é muito populoso — sorriu Yentze — e seu povo é célebre pelo esplendor de corpo e de espírito. Mas, em Ch'i, escolhemos nossos embaixadores segundo o valor do país para que são designados. E eu, como Vossa Majestade tão ràpidamente percebeu, sou o homem menor e menos inteligente de Ch'i.





ISLAMISMO

O Escravo e o Filósofo

Estava um paxá cruzando o oceano num leve navio, quando desabou uma terrível tempestade. Um de seus escravos persas, que nunca antes estivera no mar, começou a chorar e gemer, gritando com tanto terror que ninguém conseguia consolá-lo.

Por fim o paxá berrou irritado:

— Não existe ninguém a bordo que possa acalmar êste covarde?

Um filósofo, que por acaso se encontrava no navio, disse:

— Com vossa licença, senhor, penso que poderia acalmar êste homem.

— Pois tenta — disse o paxá.

O filósofo observou o trêmulo escravo e convocou alguns marinheiros:

— Atirai-o na água.

Jogaram o escravo no mar. E êle começou a se afogar, e se debatia desesperadamente, e seus gritos eram terríveis.

— Agora içai-o para bordo — disse o filósofo.

Os marinheiros puxaram o escravo de volta para o navio. Êle se agarrou ao convés, ofegante e assustado, mas silencioso. O paxá, impressionado e surprêso, perguntou ao filósofo:

— Como explicas isto?

Ao que o sábio respondeu:

— Antes de ter uma mostra de afogamento, êle não poderia apreciar a abençoada segurança de um navio.

Para os anjos do Paraíso, o Purgatório é Inferno; mas para os condenados do Inferno, o Purgatório é Paraíso.

CRISTIANISMO

A Mensagem de João

Quando João, o apóstolo amado, estava bem velho, seus discípulos sentavam-se em volta dêle tôdas as manhãs e ouviam um sermão sôbre a vida e os ensinamentos de Cristo. Depois, lançavam-se à aventura de pregar o Evangelho.

Cada dia, os jovens discípulos retiravam das palavras de João algum pensamento central; e, cada dia, partiam em busca de adeptos, e construíam sua mensagem sôbre o pensamento que haviam recebido de João. Ano após ano, espalhavam-se pelo mundo e viam o povo fiel multiplicar-se.

Um dia, um grupo de discípulos novos e impacientes veio até João e perguntou:

— Que verdade nos dareis agora para levar ao povo?

João ficou calado algum tempo, enquanto os jovens aguardavam. Depois disse:

— Dizei ao povo isto: Filhos, amai-vos uns aos outros.

O desapontamento apareceu nas faces dos jovens discípulos e êles olhavam uns para os outros desiludidos e infelizes.

— Por que pareceis desapontados? — perguntou João.

— Isto nós já dissemos antes ao povo — observou um dêles.

— Já pregamos o amor uma e muitas vêzes — acrescentou outro.

— Não podeis oferecer-nos alguma coisa nova? — pediu um terceiro.

João sacudiu a cabeça:

— Não, agora e sempre — porque ela envelhecerá sem deixar de ser nova — deveis transmitir aos homens a verdadeira mensagem de nosso Salvador: Filhos, **amai**-vos uns aos outros. FIM

é o bom...é o bo

e agora, mora! a onda máxima é

mais um sucesso MONARK!

Monareta 67

É brasa nos States, na Suécia, na Inglaterra... no mundo inteiro! Agora no Brasil também, o bom é esnobar com a Monareta. É o bom p'ra passear com a turma, p'ra botar uma banca legal, p'ra deixar os brotos gamados. É a onda máxima, mora!

VOCE MESMO REGULA O TAMANHO DA MONARETA, MORA! Monareta é diferente: um tamanho só para gente de todos os tamanhos. O selim e o guidão V. levanta e abaixa como quiser. Genial!

MONARETA É CHEIA DE BOSSA! Veja que linhas, que côres: um estouro! Nas bôlsas cabem discos, livros, roupas. O bagageiro é p'ra dar carona e p'ra levar a vitrolinha. Uma lenha!

ATENTE PARA O DETALHE: MONARETA TEM MINI-RODAS! As mini-rodas são o máximo. Correm quanto V. quiser... rodando na maciota... naquela base!

ATENÇÃO, PAPAI! ATENÇÃO, MAMÃE! Tem um modêlo especial para meninos e meninas dos 3 aos 7 anos. Monareta ajuda a crescer e cresce com êles. É economia legal, mora!

uma brasa lançada pela

Monark — a bicicleta do Rei Pelé

Reclam

A LONGA VIAGEM DE UM SANDUÍCHE

Com desenhos de Arthur Lidov, aqui se conta como os alimentos são transformados em combustível para o corpo humano

O corpo humano, como qualquer outro sistema energético, funciona à base de combustível. Para o motor de combustão interna do homem, o combustível é comida. Nestas figuras segue-se o trajeto de um pouco de combustível humano — um sanduíche — através do corpo de um adolescente, desde o momento em que é devorado até quando é entregue às células. Em sua viagem, o sanduíche passa por um sistema fluvial, sofre um tratamento bioquímico fantástico, e acaba transformado em combustível, que as células utilizam em seu funcionamento e para consertar e produzir novos tecidos.

Enquanto um adolescente sadio e inquieto consome cêrca de 4.000 calorias por dia (a caloria é a unidade termoquímica com que se mede a utilização da energia contida nos alimentos), o homem médio, de vida razoàvelmente sedentária, de 30 anos, necessita apenas de 2.500 a 3.000 calorias por dia. A qualidade é tão importante quanto a quantidade dos alimentos ingeridos. O corpo precisa receber uma quantidade equilibrada de alimentos. O corpo usa também grandes quantidades de água, pois êle próprio se compõe de 70% de água, e, como boa parte dela é eliminada diàriamente, a comida e a bebida devem fornecer dois litros cada 24 horas, para compensar a perda.

A capacidade de ingerir substâncias de origem externa e depois transformá-las, internamente, em moléculas que as células podem utilizar, é uma característica comum a todos os animais — desde a humilde ameba até o homem. Êsse processo de transformação se chama digestão. O sistema digestivo — apesar dos nomes diferentes dados a suas partes e protuberâncias e a suas intrincadas voltas e convulsões — é essencialmente um único tubo, que desce sem interrupção da bôca até o ânus. É o Grande Canal do corpo por onde são transportadas as cargas empurradas pelas próprias paredes do canal. Sòmente depois que essa carga foi desintegrada e convertida em líquido na refinaria *digestiva é que sairá do Grande Canal para os pequenos rios do sistema circulatório. Essa transferência é chamada absorção.*

A produção do combustível envolve, portanto, não sòmente a mastigação e a digestão, mas também absorção e a circulação. Implica ainda a respiração, e o fornecimento de oxigênio, sem o qual é impossível qualquer combustão.

Ninguém jamais viu a bôca humana de um lugar como êste, por trás da língua, enquanto seu dono mastiga um sanduíche. A metade esquerda da figura corresponde mais ou menos à realidade, enquanto a metade direita é uma representação das diversas partes da bôca. Uma vez na bôca, o sanduíche é triturado por ferramentas especiais: os dentes. Da frente do maxilar superior para trás, os dentes incluem dois incisivos, que cortam como faca e formão; o canino, que prende o sanduíche como um alicate, rasgando-o à medida que é puxado para fora; os cinco molares amassam e moem, como pilão. A musculosa língua age como um jôgo de roletes, amassando a comida de encontro ao duro céu da bôca.

No centro da figura, em cima e embaixo, há dois alçapões parecidos com ostras cheias de pérolas azuis. As pérolas representam o oxigênio aspirado. O alçapão de cima — em forma de porta que abre e fecha no fundo da bôca — é o véu palatino, que impede a entrada da comida na traquéia. A musculosa laringe que se fecha contra a cartilagem epiglote é o alçapão de baixo. Os três pares de glândulas salivares — dois são visíveis bem à esquerda, o outro está oculto debaixo da língua — são representados à direita como frascos de laboratório. Produzem de meio a quatro litros de saliva diàriamente. À medida em que a comida mastigada entra na faringe ou garganta, os músculos do esôfago (embaixo) se contraem e a empurram para baixo, como uma dona de casa enchendo uma sacola.

SEGUE

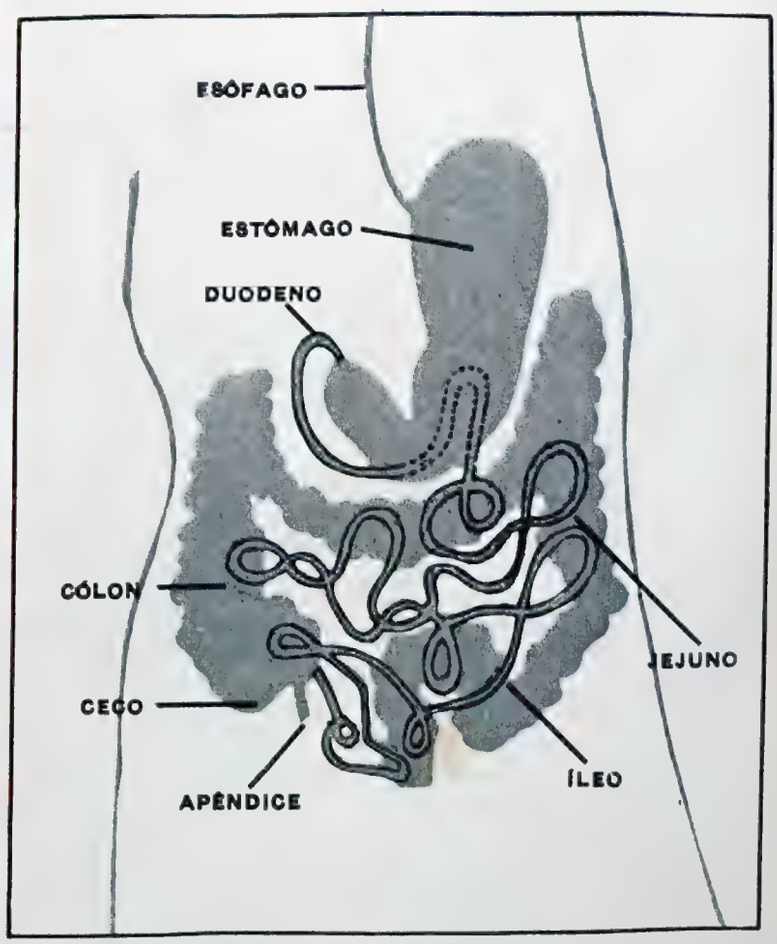
Começo: o grande canal

Êste retrato surrealista de um adolescente, deitado de costas como um gigante, é uma representação do abdome humano, concebido como um extenso vale. Ao seu longo serpenteiam os dez metros do canal digestivo — cuja geografia é mostrada na figura abaixo.

Os alimentos (representados pelos símbolos coloridos descritos na página anterior) escorregam pelo caminho estreito do esôfago e se dirigem ao estômago, a grande bacia superior do rio. Aqui os ácidos os transformam numa pasta aquosa denominada quimo, desprendendo borbulhas de gás durante o processo. As duas primeiras comportas do canal — estreitas passagens musculosas chamadas esfíncteres — ficam nas duas extremidades do estômago. Uma, na entrada, se fecha para impedir o ingresso dos alimentos muito volumosos ou corrosivos, dando ao esôfago a oportunidade de vomitá-los. O outro esfíncter, na saída do estômago, regula a passagem do quimo para dentro do intestino delgado (que se compõe de três partes — o duodeno, o jejuno e o íleo) que ocupa quase todo o resto do vale. O intestino delgado digere a maior parte do quimo sólido e absorve parte da água. Um terceiro esfíncter controla a passagem dos resíduos aquosos do intestino delgado para o intestino grosso ou cólon, que absorve o resto da água. (Dêste, na figura, só aparece o grande orifício de entrada, o ceco, à esquerda, embaixo; pendurado, vê-se o apêndice.) No fim do cólon, há um último esfíncter que controla a excreção anal.

Um movimento constante dos tubos que constituem a aparelho digestivo — a peristalse — mantém o trânsito de sentido único, ao mesmo tempo em que amassa e mistura o quimo. O turbulento canal é agitado ainda mais pelas secreções de dois grandes órgãos: o fígado (vermelho-escuro, à esquerda em cima, virado para mostrar, esverdeada, a visícula biliar) e o pâncreas, a glândula amarelada que passa sob o estômago.

Incluindo tudo, a viagem do sanduíche dura de quatro a dez horas. Em três etapas. SEGUE



O nome agora é molécula

Sejam quais forem as características que o sanduíche possa ainda manter após os maus tratos que recebeu na bôca, as transformações que sofre no estômago (à esquerda), no duodeno (à direita) e no jejuno (último desenho à direita) deixam-no completamente irreconhecível. O pão, o queijo e o presunto do sanduíche — depois de passarem por êsses três órgãos, sofrendo transformações químicas — ficam reduzidos ao tamanho de moléculas, fàcilmente transportáveis pela corrente sanguínea.

Nas ilustrações dos três centros de trabalho mais importantes do sistema gastrintestinal, pode-se ver como isso acontece. Em cada ilustração, o primeiro plano mostra detalhes sòmente visíveis através de microscópio.

Basta o cheiro de comida para que o estômago se prepare. Da côr rosada que êle tem em estado de descanso, passa para um vermelho vivo, porque dilata seus pequenos vasos sanguíneos para que deixem passar um fluxo maior de sangue. Um dêsses pequenos vasos é visto à esquerda, no plano intermediário — um filamento vermelho curvando-se suavemente para cima. As faixas, com pontos azuis, são glândulas gástricas. Uma delas, muito aumentada, é vista em corte no primeiro plano; 35 milhões dessas glândulas forram a parede estomacal e banham-na de suco gástrico. As células azuladas segregam ácido clorídrico (mostrado com jatos azuis borbulhando de diversas glândulas e escorrendo em poças ao redor dos símbolos que representam os alimentos). Finalmente, as células rosadas segregam dois sucos antiproteínicos chamados pepsina e gastricsina (manchas marrom-amareladas que sobem pelo gargalo da glândula).

A pepsina e a gastricsina só podem começar a desintegrar as proteínas (grandes rôscas vermelhas) quando postas em ação pelo ácido clorídrico. Muito concentrado, êste ácido pode queimar e furar a parede do estômago. Para impedir que isso aconteça, as células mucosas estendem uma espessa camada protetora de gelatina, dura e transparente.

É no duodeno, conduto que se vê na ilustração central, que o fígado e o pâncreas depositam suas secreções. Êstes fluxos são representados pelas aberturas à direita, em cima, como fontes fazendo fluir suas secreções alcalinas coloridas para dentro do canal vermelho. A bílis (fluxo verde) fabricada pelo fígado age como detergente. Os sais biliares (pequenas esferas verde-escuras) desintegram as gorduras em pequenas gôtas que flutuam na água e podem fàcilmente ser atacadas por outros sucos. A secreção do pâncreas (jatos amarelos e alaranjados) contém um poderoso quarteto de agentes químicos digestivos que atacam os amidos e proteínas e reduzem as gorduras. As protuberâncias no primeiro plano, chamadas vilosidades intestinais, empurram os alimentos delicadamente para a frente. Enquanto isto ocorre, êles são banhados por substâncias do intestino, uma das quais completa a transformação dos amidos em açúcares simples, como a glicose (pirâmides azul-esverdeadas), ao mesmo tempo que outras separam as proteínas em seus componentes aminoácidos (prismas vermelhos).

Tôda esta dissecação química tem apenas uma finalidade: reduzir o quimo do estômago a moléculas que possam desaparecer, por absorção, nas veias e vasos linfáticos que formam parte das finas vilosidades. Esta absorção ocorre principalmente no jejuno (terceira ilustração, à direita), composto essencialmente de vilosidades, com glândulas digestivas nos vãos intermediários. Nesta região, as vilosidades (em cima) se parecem com grossos dedos vermelhos amontoados (fundo). Seu movimento de vaivém agita alimentos já parcialmente digeridos, enquanto são banhados por novas quantidades de substâncias mucosas. No corte aumentado (primeiro plano) vê-se muco escorrendo lentamente das células amareladas.

Dos interstícios glandulares entre as vilosidades surgem outros sucos gástricos (coloridos, no corte do primeiro plano — à direita, embaixo) vindos de células especiais (alaranjadas) situadas na base das glândulas.

Por algum processo ainda desconhecido, as moléculas do alimento digerido passam em seguida pelas células esverdeadas das paredes das vilosidades. Uma vez dentro destas a maioria das gorduras entra nos vasos linfáticos (rede amarela) enquanto os açúcares simples e aminoácidos são absorvidos pelos vasos sanguíneos menores (capilares) junto com os sais minerais (parecidos com o cristal transparente na veia azul à esquerda) e as vitaminas (pequenos glóbulos prêtos cercados de esferas alaranjadas).

SEGUE

O objetivo final é alimentar as células

Talvez pareça estranho comparar com uma rêde de rios o aparelho circulatório. No entanto, a rêde fluvial circulatória do corpo tem mais de 160 mil quilômetros. Para comprimir tamanha extensão dentro da armação humana, a maior parte dêsses vasos tem de ser realmente minúscula. De fato, há capilares tão finos que seria necessário colocar lado a lado 25.000 dêles para cobrir um centímetro. Em compensação, há outros vasos — especialmente em tôrno do coração — de dimensões impressionantes; a robusta aorta, a principal artéria cardíaca, pode ter um diâmetro de até quase quatro centímetros.

Esta incrível rêde circulatória se compõe na verdade de dois sistemas fluviais separados: os vasos sanguíneos e as vias linfáticas. Para alcançar cada célula, os rios de sangue e linfa percorrem e invadem o corpo tão completamente que se a carne e ossos fôssem removidos, deixando intactos apenas os vasos, o corpo inteiro ficaria ainda claramente delineado. É o que aparece na figura ao lado — o corpo sem carnes, sem ossos, transparente — deixando à vista um bordado tridimensional de artérias vermelhas, veias azuis e roxas e vasos linfáticos amarelos. A finalidade essencial do sistema fluvial é levar às células oxigênio e elementos nutritivos e delas remover os detritos.

O tráfego do coração à célula se verifica através da rêde arterial (das artérias para as arteríolas e daí aos capilares) e nela o sangue, carregado de oxigênio, tem uma côr vermelha viva. O caminho de volta se faz pela rêde venosa (dos capilares às vênulas e daí às veias), na qual o sangue tem uma côr azulada, porque a maior parte do oxigênio foi consumida e foram acrescentados os detritos das células. Os capilares funcionam como a ponte entre os dois sistemas.

As moléculas dos alimentos que acabam de ser digeridos saem dos intestinos (enrolados no centro e parte inferior do abdome) e entram na corrente sanguínea, viajando pelas veias até o fígado (a rêde grande sob o coração) daí até o coração (mostrado em corte, no desenho) e os pulmões (dos quais um aparece em azul e vermelho, ao lado do coração). Depois de fazer o sangue circular pelos pulmões para oxigená-lo, o coração o bombeia pela aorta (o arco vemelho sôbre o coração), da qual saem ramos até a cabeça, os braços, todos os órgãos, a parte posterior do abdome e as pernas. As ramificações das artérias e arteríolas levam os elementos nutritivos aos capilares, de onde êles passam à céculas.

As arteríolas têm em suas paredes internas pequenas válvulas que regulam o fluxo sanguíneo; normalmente deixam passar apenas um têrço do fluxo máximo. Porém, quando se torne necessário, estão prontas a prover maiores quantidades de sangue. Após uma refeição, por exemplo, aumenta o fluxo de sangue para o sistema digestivo; também por ocasião de exercícios intensos, uma quantidade maior de sangue é enviada aos músculos.

Ligações especiais dos vasos sanguíneos em certos tecidos permitem a êstes receber um fornecimento extra de sangue. E essas ligações, juntamente com as normais, são mostradas em forma de vasos aumentados que saem do coral no fundo do mar. Por baixo do tornozelo do nadador se vêem as ligações normais, presentes em todos os tecidos, nas quais as vermelhas arteríolas e as vênulas azuis se interligam por meio de rêdes capilares rosadas e roxas. Alguns tecidos, no entanto, pos-

suem uma rêde de reserva como a que aparece por baixo da coxa do nadador, na qual as arteríolas se ligam diretamente às vênulas.

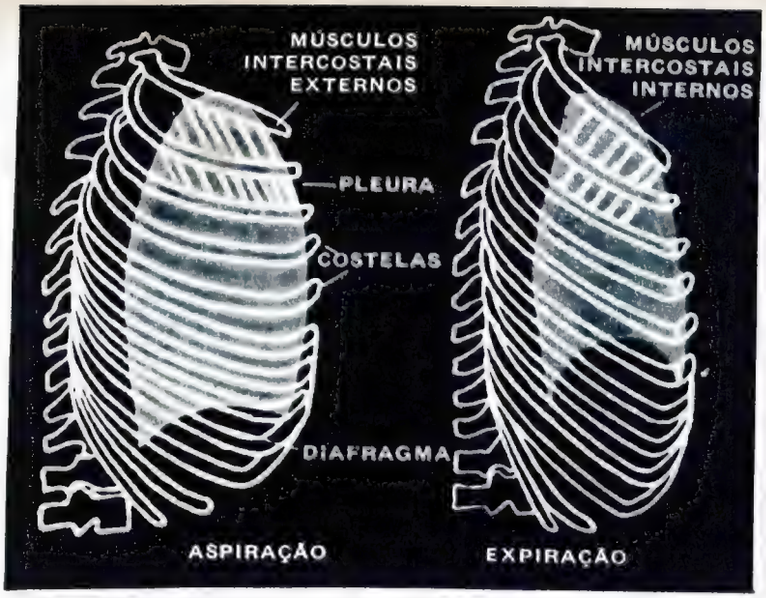
Os capilares nunca entram em contato direto com as células individuais. Parte de seu líquido nutritivo vaza para dentro dos espaços intercelulares, rodeando e banhando as células. Freqüentemente, flui dos capilares um líquido adicional com proteínas e moléculas de gordura. É aí que intervem a rêde linfática.

Os vasos linfáticos recolhem êste líquido adicional e com isso prestam dois serviços: 1) evitam a acumulação excessiva do líquido, que incharia os tecidos; e 2) recuperam as moléculas nutritivas extraviadas e as devolvem à corrente sanguínea. Também transportam substâncias gordurosas que apanham nos intestinos. Descarregam a linfa amarela na corrente sanguínea em duas veias, que ficam embaixo do pescoço, o único ponto onde os dois sistemas se interligam. Os dois litros de linfa que enchem os vasos linfáticos não vêm diretamente do sangue, mas sim do vazamento contínuo dos tecidos. O líquido que banha as células — a parte líquida do sangue e da linfa — é ligeiramente salgado e lembra a água do mar de que se nutriam os antigos sêres marítimos dos quais evoluiu o homem.

O líquido de que o corpo não precisa e que não tiver sido eliminado por transpiração ou exalação, é eliminado finalmente pelos rins, pequenos órgãos em forma de favas situados na parte central e mais vazia do abdome. Os rins retêm ou excretam o líquido, dependendo das necessidades do organismo, e assim desempenham um papel importante na regulação da quantidade de sais minerais do sangue.

A parte líquida do sangue — o plasma — representa apenas metade dos cinco litros de sangue que há nos vasos. A outra metade consiste em moléculas alimentícias, substâncias coagulantes e anticoagulantes, células especiais para combater as infecções, e outras partículas, especialmente os 25 bilhões de glóbulos vermelhos, portadores de oxigênio, fabricados pela medula dos ossos.

SEGUE



É assim que respira o ser humano, para oxigenar o sangue. Ao aspirar, os músculos intercostais externos, dispostos entre cada duas costelas, se esticam, contraindo o diafragma e obrigando os pulmões, órgãos elásticos, a crescer. Ao expirar, os músculos intercostais internos se contraem e o diafragma volta a uma posição não contraída. Simultâneamente, os pulmões se contraem também, expulsando o ar. Os pulmões estão cobertos por duas membranas, as pleuras, mas seguem o movimento das costelas, em função do líquido que existe entre essas membranas.

No caminho, três grandes colaboradores

O sanduíche de presunto já percorreu um longo trecho de sua tortuosa viagem. Mas simplesmente despejá-lo no sistema fluvial do corpo, ainda que depois de todo o processamento no canal digestivo, seria tão útil quanto jogá-lo no rio Amazonas. Êle só começa sua tarefa de sustentação da vida com o trabalho de equipe de três órgãos-chave: o fígado, os pulmões e o coração.

O coração mantém o sangue em circulação e os pulmões o purificam, oxigenando-o. Mas, enquanto êles desempenham apenas algumas funções essenciais, o robusto fígado (um quilo e meio) tem centenas delas. É ao mesmo tempo uma inacreditável fábrica química, um vasto armazém e um importante centro de contrôle de substâncias tóxicas.

A ilustração do flautista mostra o que acontece depois de o sangue deixar o fígado. Em corte, vêem-se o coração e os pulmões do adolescente, depois que comeu seu sanduíche e resolveu tocar flauta. A tarefa do coração é fazer com que o sangue, carregado de elementos nutritivos, vá aos pulmões, onde recebe o oxigênio. Em seguida, o coração bombeia a mistura assim enriquecida até cada célula. Nenhuma célula poderia transformar a maior parte de seu combustível em energia sem o oxigênio. E logo se sufocariam se não se livrassem dos resíduos gasosos — dióxido de carbono, isto é, gás carbônico — que se acumulam; para elas, portanto, o fluxo de sangue tem dupla finalidade: trazer oxigênio e remover o carbono.

O coração, centro de todo o sistema de transporte, funciona como uma grande mão, que abre e fecha. O fechamento dessa mão, chamado sístole, expele o sangue pelo sistema circulatório. A abertura, que recebe o nome de diástole, permite que o sangue entre no coração para enchê-lo de nôvo; o fechamento e abertura juntos constituem uma batida do coração. Na ilustração, que mostra o influxo e refluxo do sangue, o coração do flautista contém uma variedade de moléculas que consistem principalmente de: 1) alimentos já elaborados, trazidos do fígado; 2) moléculas de oxigênio (esferas azuis) trazidas dos pulmões; 3) moléculas de dióxido de carbono (esferas pretas, junto com um par de azuis), que chegam do resto do organismo.

O coração bombeia o sangue pobre em oxigênio (mas carregado de dióxido de carbono) até os pulmões através do vaso roxo ramificado, que sobe ao centro. Os pulmões removem o dióxido, depositam oxigênio nôvo no sangue e o devolvem diretamente ao coração através dos vasos vermelhos menores. O sucesso dessa manobra precisa se deve à estruturação do coração: duas metades separadas em duas câmaras, como dois prédios vizinhos de dois andares. Um sistema bem sincronizado de válvulas controla a passagem do sangue de uma câmara para outra e daí aos pulmões e ao resto do corpo.

Nos pulmões, o sangue apanha sua carga de oxigênio, vinda do ar. O flautista aspira uns 2.000 centímetros cúbicos de oxigênio por minuto, embora só 240 cm^3 sejam absorvidos. Entrando pelas narinas ou pela bôca, o ar desce pela traquéia (em azul claro, debaixo do queixo) e, depois, pelas vias menores, chega aos pulmões (atrás do coração) onde é depositado em pequenas cavidades chamadas alvéolos.

Como se dá a troca de dióxido de carbono por oxigênio nos pulmões é o que se mostra no corte ampliado de um pulmão — representado pela enorme protuberância azul e vermelha que ocupa

quase todo o primeiro plano da ilustração. As rêdes vermelhas são de capilares — alguns dêles mostrados em corte para que se possa ver seus corpúsculos vermelhos, em forma de discos. Cercados pelos capilares estão os alvéolos pulmonares, transparentes incolores que aqui são mostrados em cortes de diferentes ângulos. Através de paredes incrìvelmente finas, as moléculas de oxigênio passam dos alvéolos para os capilares e daí para as células do sangue, enquanto as moléculas de dióxido de carbono passam, na direção oposta, para dentro dos pulmões a fim de ser eliminadas. As moléculas de oxigênio se decompõem em átomos que penetram nos glóbulos vermelhos do sangue, onde são captados por um pigmento proteínico, portador de ferro e sedento de oxigênio, a hemoglobina, que é a balsa em que êles navegam ao longo dos rios do organismo.

Desta maneira, o coração joga fora o que o corpo não precisa e fornece o que lhe é necessário, numa espécie de comércio livre com os pulmões.

SEGUE

Con noi vi sentite giá in Italia

"Conosco é como se estivessem já na Italia"... é o que acontece estando num avião da Alitalia. É aquela sensação de prazer, de comodidade... de gôsto de viver. Ao deixar o nosso DC-8-Jet o passageiro já tem idéia das satisfações que o aguardam na Italia. Viajar Alitalia, no mundo inteiro, é uma questão de preferência, algo que vale a pena experimentar. Três milhões de passageiros fizeram esta experiência em 1965. Gostaram

ALITALIA

Fígado, um órgão que sabe fazer milagres

Nos labirintos do fígado, até os anatomistas se perdem. Mas o desenho esquemático abaixo dá uma idéia simplificada da estrutura que lhe permite executar suas múltiplas tarefas. A figura se divide verticalmente em três partes, cada uma em escala diferente. A parte pontiaguda, à direita, mostra o fígado como aparece o ôlho nu; a parte central, a mais escura, mostra-o em corte, com um aumento de cêrca de 150 vêzes; a faixa esquerda está aumentada umas mil vêzes.

O fígado parece um gigantesco pântano cheio de ilhas, no meio dos rios do corpo. A parte central da ilustração mostra como as unidades do fígado — de forma mais ou menos hexagonal — se fundem numa massa esponjosa; cada unidade tem em seu centro uma veia. Dêsse centro irradiam-se faixas de células hepáticas (regiões marrom-avermelhadas claras) e canais parecendo túneis (linhas escuras) que as atravessam.

O sangue jorra para o fígado de dois afluentes principais, com ramificações que o levam às sinusóides: 1) a veia porta (em roxo), que vem da rêde de veias intestinais (embaixo à direita); 2) a artéria hepática (vermelha) que traz do coração o sangue oxigenado.

O sangue trazido para o fígado passa lentamente ao longo dos túneis, banhando as margens absorventes das ilhas de células. Quando chega à veia central de cada unidade, já sofreu uma transformação nas ilhas celulares. Daí segue para veias maiores — como a veia roxa que forma um arco sôbre a parte central da ilustração — e finalmente vai até a veia maior, que sai pela parte superior (em cima) e se dirige ao coração.

Como se vê, dois vasos levam o sangue ao fígado e um o retira. Há outros condutos de saída, porém: os finos e amarelados vasos linfáticos e o verde conduto biliar. Fabricada pelas células hepáticas, a bílis é segregada para dentro dos espaços intercelulares e daí drenada para o conduto biliar, seguindo para a vesícula (a bôlsa verde aninhada embaixo da ponta do fígado) onde é armazenada. A bílis é apenas um dos produtos vitais fabricados ùnicamente pelo fígado, o qual realiza, ainda, como rotina, verdadeiros milagres. Outros produtos de sua fabricação exclusiva são as proteínas do sangue, como as que permitem a coagulação, ou as que ajudam a reter uma quantidade apropriada de líquido nos vasos sanguíneos para que os tecidos não sejam inundados.

Terminado o proceso de transformação, o fígado envia os produtos finais diretamente ao sangue, ou armazena-os para uso posterior, ou os elimina como resíduos imprestáveis. Os produtos que envia ao sangue são elementos nutritivos, tais como gorduras, proteínas e açúcares — ou combinações — dos quais todo o corpo necessita.

O que sobra é armazenado, para ser usado quando o organismo solicitar. As principais substâncias estocadas são açúcares, gorduras, vitaminas e ferro. Em seu papel de almoxarife, o fígado realiza pelo menos um verdadeiro milagre: as células do corpo precisam de fornecimento constante de glicose. Para armazenar a glicose, o fígado a transforma em glicogênio, amido animal muito diferente do amido vegetal ingerido pelo organismo. Assim que se tornar necessário mais glicose, o fígado imediatamente transforma o glicogênio de volta em glicose e o entrega à corrente sanguínea.

A tarefa de eliminação de resíduos pelo fígado é também de importância vital.

DOENÇAS QUE ATACAM NOSSO CORPO

O corpo humano funciona à base de alimento e oxigênio, como um automóvel à base de gasolina e oxigênio. Porém aí termina o paralelismo. Para que o motor do automóvel não falhe ou se afogue, precisa receber, no momento exato, a quantidade exata do combustível de que necessita. O sistema nutritivo do organismo, porém, é forçado a aturar caprichos e apetites de seu dono. Sem falar em doses imprevistas de cachaça, fumo ou pimenta malagueta...

Ainda assim, o sistema cumpre seu papel muito bem. Sem importunar seu proprietário, fornece os meios para substituir passagens interrompidas e consertar regiões danificadas. Geralmente, não sofre graves desarranjos por 70 anos ou mais. Porém quando isso ocorre é quase sempre fatal. E as doenças geralmente matam destruindo o sistema de fabricação e transporte de combustível. As doenças mais mortíferas do mundo ocidental, hoje, são as que atacam a bomba do combustível: o coração.

Naturalmente, o organismo pode sofrer graves conseqüências se é sobrecarregado. Se nosso adolescente não reduzir seu regime de 4.000 calorias diárias quando se tornar adulto e passar a uma vida mais sedentária, logo fará parte das fileiras dos que pesam demais. As estatísticas das companhias de seguro indicam que as pessoas com um excesso de 20% ou mais de pêso morrem mais cedo que seus irmãos mais magros. Se o jovem fôr indulgente demais para com sua comida predileta — bife com fritas e pão com manteiga — talvez descubra tarde demais que certas gorduras contidas nesses alimentos ajudaram a endurecer suas artérias coronárias, a causa mais comum de ataques cardíacos. Se permitir que seus dentes fiquem cariados, ou se mais tarde usar dentaduras mal ajustadas, o ato de mastigar poderá se tornar tão penoso que êle não comerá os alimentos de que necessita e se tornará subnutrido.

Aparelho digestivo

Das perturbações digestivas nada se pode dizer com absoluta certeza. O que dá azia em um, pode provocar cólicas em outro. E o que às vêzes parece uma indigestão pode ser o aviso de uma doença mais séria em outra parte do organismo.

INDIGESTÃO: É um dos problemas mais comuns do sistema digestivo e conhecido de quase todos. No entanto, a não ser que se engula algo literalmente indigesto, como um prego ou pedaço de vidro, a palavra não tem significado específico do ponto de vista médico. Para o leigo, é o mal-estar provocado por alimentos ingeridos — inchação, azia, náuseas, cólicas, e dores. A culpa é geralmente atribuída a comidas **pesadas,** ou à sensibilidade do estômago. Na verdade, a maioria das sensações pelas quais o estômago leva a culpa tem origem nos intestinos.

Se se comer algum alimento estragado ou venenoso ou se as bactérias e vírus começarem a infeccionar os intestinos, o processo digestivo pode parar por completo. Aí, os intestinos, sensíveis a perigos que o estômago geralmente não percebe, provocam o vômito mediante um reflexo automático. Os músculos abdominais e o diafragma contraem e apertam o estômago, o esfíncter superior se abre e o alimento é expelido pela bôca para livrar o organismo das substâncias nocivas.

A culpa principal do estômago naquilo que se chama indigestão é que se esvazia e segrega depressa ou devagar demais. A sensação de inchação ocorre quando o estômago está trabalhando muito devagar. Isso pode acontecer por estar cheio de alimento forte ou gorduroso, que é mais difícil de digerir que as proteínas ou carboidratos. Porém a mesma coisa pode ocorrer quando o mêdo ou a depressão mental bloqueiam os circuitos nervosos que regulam os movimentos peristálticos do estômago.

Quando trabalha lentamente, o estômago fica mole e disforme, e muitas vêzes fica inchado com gases e ar acumulado. Se se tiver paciência, a sensação de inchação passa à medida que o estômago recomeça a peristalse. Poderosos estimulantes dos nervos, como a neostigmina, podem forçá-lo a trabalhar, porém mesmo leite quente ou chá com mel produzem alívio. Geralmente se atribui a inchação ao acumulo de gases, mas isto na realidade é devido ao ar engolido com a comida. Geralmente, parte dêste ar é absorvido pelo sangue e o resto passa pelos intestinos juntamente com os gases criados normalmente, formados nêles por ação bacteriana. Se a digestão fôr lenta, o ar fica retido no estômago. Os remédios, como o bicarbonato de sódio, tomados para diminuir os gases, na realidade os aumentam. Êsse excesso de gás borbulha como água carbonatada. A pessoa arrota e se sente melhor.

Quando o estômago trabalha com muita rapidez, podem produzir-se cólicas dolorosas. Isto costuma acontecer quando se come depressa demais ou se está ansioso ou preocupado. O estômago pode contrair-se até o ponto de causar cãimbras; ou pode segregar seus sucos e esvaziar-se depressa demais, fazendo com que o excesso de ácido irrite os intestinos, provocando dores.

AZIA: Às vêzes, um estômago excessivamente ativo esguicha um pouco de suco gástrico de volta pelo esfíncter superior até o esôfago. O ácido queima as paredes internas e provoca a dor chamada azia.

ÚLCERA: Se a secreção do estômago fôr excessiva, o ácido poderá corroer suas paredes ou as do intestino, provocando uma úlcera.

Aproximadamente uma pessoa em cada dez tem ou terá uma úlcera em alguma época de sua vida; na maioria, homens. Muitos têm parentes próximos que também já sofreram de úlceras; entre êles, o tipo de sangue **O** é mais comum do que qualquer outro. E todos têm a **personalidade de ulceroso,** isto é, são tensos, nervosos, sempre preocupados com o trabalho e comem muito depressa. O regime alimentício e o repouso constituem a terapia mais indicada para as úlceras. Antigamente, recomendava-se aos doentes que comessem alimentos leves, como o leite, para não irritar a úlcera. Hoje, ainda que se comece com êste tipo de dieta, a classe de alimento não é tão importante quanto a freqüência com que o enfêrmo come. Comer pouco, porém várias vêzes, proporciona às secreções ácidas dos estômagos excessivamente ativos algo em que trabalhar, evitando que suas paredes ou as dos intestinos sejam atacadas.

APENDICITE: Se o pequeno tubo sem saída, ligado ao ceco, chamado apêndice, se inflama e incha, sobrevém a apendicite. Esta inflamação poderá ser provocada pelo crescimento de bactérias em detritos ou porções de alimento não-digeridas que lá ficaram prêsas. Se a inflamação é grave e o apêndice estoura, produz-se a peritonite, ou infecção da cavidade abdominal. Os sintomas característicos da apendicite são dor e sensibilidade excessiva na região central do abdome, às vêzes acompanhados de náuseas, vômitos e febre, e seguidos de dor no lado direito das costas.

PRISÃO DE VENTRE: A dificuldade mais comum no intestino grosso é a prisão de ventre. Ocorre quando os resíduos no cólon secam e se endurecem, dificultando a eliminação. Neste caso, ou o cólon está inativo, ou está retirando um execesso de águas das matérias que passam por êle. Muitas pessoas acham que sofrem de prisão de ventre se não conseguem a **regularidade diária.** Na verdade, a regularidade varia com o indivíduo. Algumas pessoas eliminam duas ou três vêzes por dia; outras, cada dois ou três dias.

DIARRÉIA: Acontece o contrário na diarréia. As fezes são sôltas tas e semilíquidas, ou porque uma ação propulsiva demasiadamente rápida impulsiona os detritos através do cólon, ou porque o cólon não absorve suficiente quantidade de água.

Fígado

O fígado é um órgão extremamente resistente; é capaz de regenerar células atacadas e reconstituir tecido perdido. Mesmo com 80 por cento de suas células prejudicadas o fígado ainda funciona. Mas o abuso constante representado por má nutrição, venenos, drogas e mais as infecções poderão finalmente esgotá-lo. Duas das doenças hepáticas mais comuns são a cirrose e a hepatite.

CIRROSE: A forma costumeira de cirrose — endurecimento e atrofia do fígado — está associada ao alcoolismo, embora esta doença se encontre também entre os nativos do Ceilão, Java e India, onde o álcool é proibido por motivos religiosos. Na cirrose, as células hepáticas se atrofiam e são substituídas por tecido fibroso. Freqüentemente isso é resultado da má nutrição e o papel do álcool é indireto. Não obstante, em algumas pessoas, o álcool poderá ter um efeito tóxico direto. A maioria dos alcoólatras não se alimenta suficientemente bem e a bebida em excesso pode ocasionar uma irritação que perturba o processo digestivo. O fígado cirrótico já está gravemente atingido, quando produz sintomas perceptíveis. Os mais evidentes são manchas avermelhadas no rosto e no nariz, estômago e tornozelos inchados e as palmas das mãos avermelhadas.

HEPATITE: A hepatite é uma inflamação do fígado. Pode resultar de uma reação a venenos químicos — como o tetracloreto de carbono ou arsênico — ou de susceptibilidade a drogas. Sua causa pode ser também um vírus, como no caso de hepatite infecciosa, ou por outros micro-organismos. Os primeiros sintomas — fadiga, perda de apetite, mal-estar geral — poderiam indicar quase qualquer doença. Mas, em seguida, começam a surgir sintomas mais específicos como a icterícia: amarelamento da pele e do branco dos olhos. SEGUE

Os pulmões se protegem muito bem

A icterícia é uma doença que aparece quando o fígado não funciona bem e o sangue recebe um excesso de pigmento biliar amarelo. A urina escurece e a pele começa a coçar. Freqüentemente, um gôsto metálico aparece na bôca. E se o doente fôr muito ativo, poderá sentir dor em seu lado direito.

CÁLCULOS NA VESÍCULA: As dificuldades mais comuns da vesícula biliar são a inflamação e a irritação, que podem provocar a formação de pedrinhas, conhecidas como cálculos e compostas de colesterol e sais biliares, um pouco de cálcio e pigmentos. Dão uma sensação de fartura e mal-estar na bôca do estômago depois de se comer alimento gorduroso.

Os cálculos costumam sair através do sistema, mas, às vêzes, quando entram no canal comum da vesícula, podem interromper o fluxo da bílis, retardando a digestão das gorduras, causando icterícia e provocando dores agudíssimas.

Pulmões

Embora possam parecer, à primeira vista, menos fortes que o tubo digestivo, na verdade os pulmões se encontram bem protegidos. Uma camada mucosa filtra muitos agentes patogênicos ou irritantes antes que provoquem danos; e minúsculos cílios varrem a mucosidade até a bôca.

PNEUMONIA: A pneumonia é uma inflamação nos pulmões e pode ser causada por bactérias, vírus, fungos ou agentes químicos. A causa mais comum são as bactérias. Embora sempre haja bactérias nas fossas nasais e na garganta, geralmente elas não são nocivas, a não ser que a proteção natural do corpo se debilite e elas consigam entrar nos pulmões. Na broncopneumonia, a infecção se propaga em focos disseminados irregularmente pelos pulmões. Na pneumonia de forma lobular, se restringe a uma das áreas chamadas lóbulos. Os sintomas mais comuns são dores no peito, febre e tosse.

TUBERCULOSE: De origem bacteriana, esta doença geralmente começa atacando os pulmões, mas pode alastrar-se a qualquer outra parte do corpo. Os sintomas da tuberculose pulmonar incluem tosse, perda de pêso, escarro de sangue e febre.

PLEURISIA: Uma complicação freqüente nas doenças pulmonares é a inflamação da pleura, membrana parecida com celofane que envolve os pulmões e reveste a cavidade torácica. Se as superfícies da pleura roçarem uma na outra, o doente sente intensas dores; ou se um excesso de líquido se acumular nos interstícios da pleura, os pulmões são comprimidos, provocando falta de ar.

BRONQUITE E ENFISEMA: A bronquite é a inflamação provocada por uma irritação constante dos brônquios — o fumo pode causá-la — o que, por sua vez, provoca a produção de uma quantidade excessiva de mucosidade protetora. Esta mucosidade, se acumulada, é expelida por meio da tosse, sob a forma de escarro. Esta expulsão alivia temporàriamente a congestão, mas a mucosa revestidora dos pulmões se enfraquece e os brônquios se tornam alvos fáceis e indefesos para as infecções.

A bronquite pode conduzir ao enfisema, ou seja, a distensão permanente e irreversível dos elásticos pulmões. Normalmente, os brônquios se dilatam e contraem à medida que se inspira ou expira. Porém, se as paredes internas estiverem inchadas por causa de uma infecção, o ar inspirado pode ficar retido nos alvéolos. (Coisa parecida ocorre na asma, mas a constrição é produzida por uma reação alérgica ou por contração nervosa dos brônquios). Eventualmente, os pulmões podem perder sua elasticidade natural; incham e tornam-se flácidos, enchendo inteiramente a cavidade torácica e forçando o diafragma. Os músculos que regulam a respiração ficam distendidos e a respiração se torna trabalhosa. Ao mesmo tempo, os pequenos alvéolos crescem por coalescência, formando bôlsas maiores; a circulação através dos pulmões se perturba, podendo alterar-se o equilíbrio entre oxigênio e dióxido de carbono. Tudo isto pode conduzir à fadiga crônica, a falhas no funcionamento do coração, fígado e rins, danos no sistema nervoso e, em casos extremos, à própria morte.

Coração e vasos

ARTERIOSCLEROSE: Quase tôdas as pessoas têm em maior ou menor grau um endurecimento das artérias ou arteriosclerose. Geralmente começa na infância e, embora seja um mal característico da meia-idade e da velhice, pode às vêzes manifestar-se na mocidade. O revestimento interno das artérias engrossa e endurece, de modo semelhante a um cano d'água depois de muitos anos de uso. Isto pode acontecer a qualquer artéria, mas onde é mais perigoso é nas artérias coronárias que alimentam o coração e nas que levam sangue aos tecidos vitais do cérebro e dos rins. Quando as artérias entupidas interrompem a circulação sanguínea para o cérebro, sobrevém o derrame. Na arteriosclerose, o tipo mais comum de endurecimento das artérias, forma-se um pequeno depósito de material gorduroso debaixo do revestimento interno dos vasos. O depósito cresce lentamente, o canal se estreita e às vêzes a passagem do sangue se torna tão difícil que só circula um fiozinho.

Com freqüência se forma tecido cicatrizante que se endurece e se transforma em placas duras e fibrosas. Um coágulo, ou trombo, pode surgir no lugar da cicatriz, e os glóbulos vermelhos ficam presos numa substância coagulante, denominada fibrina. Ou a estreita passagem pode ser fechada por um embôlo, ou coágulo, surgido em outro lugar do organismo e para aí transportado pela corrente sanguínea. A embolia é pouco comum nas artérias coronárias, porém se dá com relativa freqüência nas artérias das pernas, pulmões e rins.

Se o entupimento é gradual, as artérias vizinhas costumam assumir parte da tarefa da artéria afetada. Se, no entanto, o fluxo de um dos grandes vasos fôr interrompido repentinamente, os tecidos afetados morrem. E, quando isso acontece nas coronárias, o resultado é um ataque cardíaco.

ATAQUES DO CORAÇÃO: Muita gente acha que os ataques do coração são conseqüência de um esfôrço físico repentino e excessivo, e que na maioria dos casos são fatais. Nem uma nem outra dessas idéias é necessàriamente ou geralmente verdadeira. A causa básica do ataque — o processo de endurecimento e obstrução — vai se acumulando através dos anos, e êle pode surgir quando a pessoa está em seu escritório ou à mesa de jantar, e não necessàriamente quando está jogando futebol ou carregando um pêso. O sinal do ataque é uma dor constante e intensa no centro do torax. A dor aparece porque o músculo do coração está sendo privado de sangue. A vítima tem uma ótima chance de sobreviver ao primeiro ataque — as estatísticas indicam que cêrca de 70% dos atingidos o conseguem. Se os danos forem leves, a bomba cardíaca reinicia sua atividade e a vítima pode levar uma vida relativamente normal.

INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: Se os danos provocados por um ataque forem sérios, o coração não consegue bombar com eficiência e pode ir-se enfraquecendo, até parar. A circulação torna-se difícil, muito mais lenta, o fígado incha e os pulmões se inundam. Além disso, desarranja-se a função reguladora dos rins sôbre o sal e a água do organismo, ocasionando um acúmulo de líquidos nos tecidos e a inchação dos tornozelos, pernas e abdome.

A insuficiência cardíaca pode ser fatal, mas se não fôr grave a vítima pode viver muitos anos, evitando grandes emoções ou esforços excessivos e tomando digitalina, uma droga que estimula os músculos cardíacos.

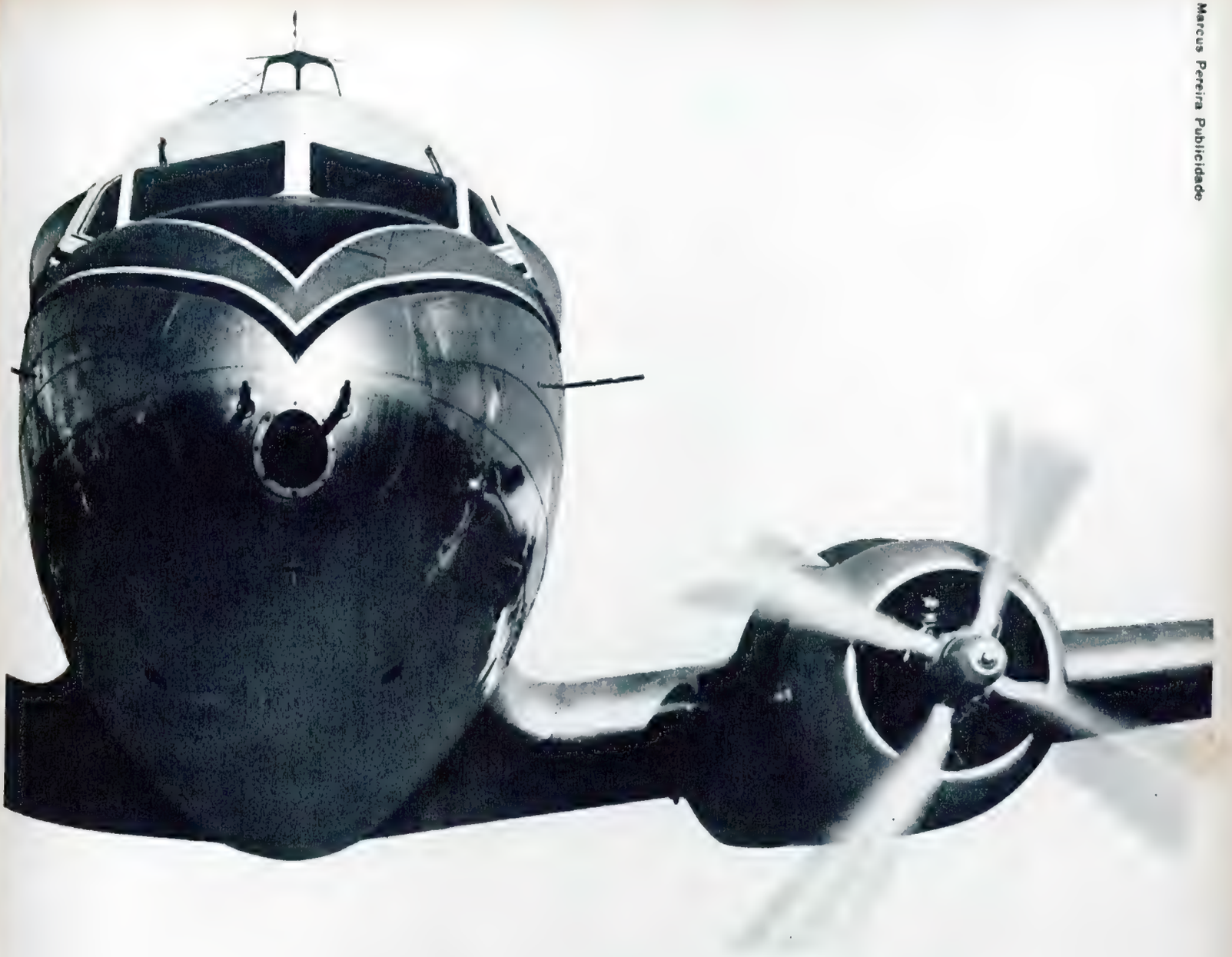
ANGINA PECTORIS: Angina pectoris significa dor no peito. É um sintoma de que o músculo do coração não está recebendo sangue suficiente naquele momento. Geralmente se manifesta como uma pressão no meio do tórax ou como uma congestão e ardor no peito. Pode sobrevir quando se está subindo escadas ou levantando um objeto pesado e sua causa mais comum é a arteriosclerose das coronárias. A dor aparece quando o exercício ou atividade exige um aumento no fornecimento de sangue necessário para o músculo cardíaco, ou quando há uma obstrução dos vasos que suprem o coração.

VARIZES: Embora os maiores problemas circulatórios costumem surgir nas artérias, as veias também dão trabalho e preocupações. Como as varizes, que incham e formam nódulos nas veias. Aumenta a pressão nas veias das pernas e suas paredes, e as válvulas se enfraquecem. A gravidez geralmente aumenta essa pressão. O sangue se acumula nas veias dos tornozelos e pernas, que incham, e os músculos se cansam e ficam sujeitos a cãimbras. Ficar de pé piora os sintomas e há alívio quando a pessoa se senta e coloca as pernas para cima.

FLEBITE: A flebite é uma inflamação das veias — comumente das pernas — que atrasa a circulação e pode provocar a formação de coágulos. Se os coágulos são grandes e se desprendem, podem ir bloquear uma artéria (embolia). A formação de coágulos é um perigo para pacientes presos ao leito, se suas pernas não forem mantidas ativas e constantemente massageadas.

Embora as doenças e desordens do processo de fornecimento de combustível possam ser analisadas separadamente, é raro que ocorram de maneira isolada. Por ser o sistema tão complexo e interdependente em seu funcionamento normal, quando uma de suas partes sofre danos ou é vítima de doença, quase invariàvelmente outras são afetadas.

Marcus Pereira Publicidade



um só julgamento nas duas américas:

pistões METAL LEVE, perfeitos

Os pistões Metal Leve para motores de aeronaves, que vêm sendo utilizados no Brasil e exportados para os países componentes da ALALC (Associação Latino-Americana de Livre Comércio) passarão a ser vendidos na América do Norte, após a homologação recentemente obtida da FAA (Federal Aviation Agency) o órgão oficial aeronáutico dos Estados Unidos, encarregado de zelar pela segurança da aviação.
Êsse fato, somado à homologação concedida pelo nosso Ministério da Aeronáutica, vem comprovar o grau de qualidade dos pistões Metal Leve para aeronaves e reforçar o alto conceito técnico que desfruta a sua linha de peças para automóveis, ônibus, caminhões, tratores, locomotivas, navios e motores estacionários.

METAL LEVE
S.A. Indústria e Comércio

Rua Brasílio Luz, 535 (Santo Amaro)
Tels.: 61-2150 - 61-2199 - 61-0774 - 61-0784 - C.P. 6567 - São Paulo
Escritório na Guanabara:
Av. Rio Branco, 50 - 5.º - Tel.: 23-5327
Escritório em Recife:
Trav. Marquês do Herval, 150 - 2.º sala 204 - Edif. Rainha
Escritório em Pôrto Alegre:
Rua São Pedro, 1348 - Tel.: 2-4166

ÊSTE É UM HOMEM DE TEATRO

Reportagem de Luiz Fernando Mercadante

Os jornais de 1933 noticiaram: Procópio Ferreira festeja com champanha francês e rosas vermelhas a centésima representação da peça **Deus lhe pague,** de Joracy Camargo; Jaime Costa se esmera na temporada oficial de comédia do Municipal carioca, aberta com **Mona Lisa,** de Renato Viana; Raul Roulien volta de Hollywood consagrado galã cômico de cinema e tem recepção de herói, com povo aplaudindo na Praça Mauá e nas calçadas da Avenida Rio Branco; Jardel Jércolis e Lódia Silva levam, pela primeira vez, uma companhia brasileira à Europa e marcam êxito para o teatro musicado nacional com os sucessos obtidos em Lisboa, Pôrto, Madri e Barcelona; nas vésperas de estrear a temporada de opereta nacional, no João Caetano, Rio, o empresário N. Viggiani convida a imprensa para um vinho do Pôrto e apresenta os integrantes de sua companhia; após três meses, o mesmo empresário N. Viggiani revela que, apesar do êxito artístico, acaba de perder mais de 200 **contos de réis** com a sua companhia; e, enquanto isso, Luiz Iglésias e Manoel Pinto ganham rios de dinheiro — mais de 500 **contos de réis** — com o musical **A canção brasileira,** estrelado pela atriz-cantora Gilda de Abreu.

Os jornais de 1933 não noticiaram: num palco improvisado em um barracão de fundo de quintal, no bairro do Jardim América, São Paulo, um menino de dez anos de idade inicia vitoriosa carreira teatral, como protagonista da peça em um ato, **O tio da roça,** de Eustórgio Wanderley, da revista "O Tico-Tico". Preços dos ingressos: adultos, 500 réis; crianças, 200 réis. Nome do menino: Paulo Autran.

O personagem
Paulo Autran

Em 1956, 23 anos depois, quando Autran fazia o **Otelo** de Shakespeare, o crítico Décio de Almeida Prado escrevia sôbre êle: "Paulo Autran é certamente o ator mais seguro de nosso teatro, bom na comédia e no drama, na peça antiga e na moderna; tem fôrça e delicadeza, sensibilidade e inteligência".

Forte e delicado, sensível e inteligente, Paulo Autran tem a alma dos velhos gregos num corpo de romano antigo. É um homem maduro, de cabelos grisalhos com entradas cada vez mais pronunciadas, de olheiras profundas contornando os olhos de combinação estranha — o esquerdo é verde, o direito castanho — o nariz e o queixo angulosos e agressivos, a testa alta, os lábios finos mordendo sempre um sorriso irônico e as mãos bem tratadas ajudando as frases com gestos naturais. Faz 44 anos e continua convictamente solteiro neste mês de setembro, dia 7. Nasceu, pois, em 1922, no dia do centenário da Independência, sob o troar festivo das salvas dos canhões e com as bandas militares marcando a cadência do desfile comemorativo. O médico da família anunciou ao seu pai:

— Temos aí um bravo general.

Não era verdade. O menino que acabava de nascer no Rio de Janeiro em festa não seria nunca um general. Mas, simplesmente, um homem capaz de repetir sempre esta bonita profissão de fé:

— Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei apenas um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar tôda a sua vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, êsse é um homem de teatro.

Tivesse prosseguido na advocacia, carreira que iniciou com sucesso, e talvez fôsse neste instante mais um homem de gravata, preocupado com pastas, procurações, processos, papéis e mais papéis. Nosso homem de teatro não carrega papéis. Interpreta-os.

O ator
Paulo Autran

Em 15 minutos as cortinas estarão abertas. Em 15 minutos os refletores o perseguirão. Em 15 minutos os olhos do público o devorarão. Êle tem 15 minutos e o vazio do palco às escuras. Vai apresentar o seu recital de poesia, prosa e textos dramáticos. Então, percorre muitas vêzes o tablado deserto de lado a lado, com a mesma minúcia do goleiro sob as traves antes da partida. Dizem que os goleiros rezam. Paulo Autran recorda o **I Juca Pirama,** de Gonçalves Dias, poema longo como um rosário, primeiro ato de sua apresentação. E enquanto vai dizendo, entre os dentes, verso por verso do poema, seu exercício de memorização parece — mais do que nunca — uma reza. Essa reza só termina quando avisam que faltam três minutos para o espetáculo começar. Aí êle se descontrai e toma serenamente o seu lugar no centro do palco. É ainda um goleiro. Muito elástico e pouco tenso. Em forma.

O ator Paulo Autran não freqüentou escolas de teatro nem cursos de arte dramática. Quando iniciou sua carreira êles não existiam no Brasil. Seu aprendizado começou nos grupos amadores, em 1947; a sala de aulas foi o palco; e os mestres, os próprios diretores, entre êles Adolfo Celi e Ziembinski. A combinação de uma imensa vontade com um grande talento foi a fórmula que forjou o ator, um ator que se prenunciava desde a **estréia** aos dez anos de idade, e que se fêz **autor** aos onze quando escreveu uma pecinha chamada **As onças da Jamaica,** jamais representada. Ela conta a história de **uma velha mulher de trinta anos de idade** cuja distração é criar bichos numa fazenda do interior de São Paulo. Um dia fogem seus animais mais raros e preciosos, um casal de onças da Jamaica. A **velha** mulher já está em desespêro quando surge um aviãozinho em pane e faz uma aterrissagem forçada na fazenda. Então, vê sua linda sobrinha correr ao encontro do jovem pilôto e percebe irromper entre os dois moços **um amor à primeira vista.** Despedindo-se da sua recém-amada com um beijo, o pilôto embrenha-se nas matas, de onde retorna vitorioso, isto é, com as onças da Jamaica. O casal de onças volta para o cativeiro; o casal de jovens **se une em matrimônio;** e a velha senhora, **de trinta anos de idade,** fica muito, mas muito feliz, com as onças e com os sobrinhos.

Paulo Autran acha que se tivesse que escolher um papel nesta peça, ficaria em dúvida entre o de onça ou o de avião. É o ator Autran desdenhando o autor Autran.

Neste instante, o ator Autran está em cena. Num velho palco de Pôrto Alegre, num cinema de Florianópolis, no grande Teatro Guaíra de Curitiba, num teatro do Rio ou São Paulo ou num palco de Belo Horizonte, Brasília, Salvador ou Recife. Êle está apresentando **Liberdade, Liberdade,** de Flávio Rangel e Millor Fernandes, peça que permanece em cartaz há mais de um ano no Brasil. Neste instante, o ator Autran está dizendo a **Canção de Outono,** poema do francês Paul Verlaine, senha dos aliados para a invasão da Normândia:

— Les sanglots longs
Des violons
de l'automne...

Êle não diz, simplesmente, o poema. Êle o interpreta e vive, em tom de epopéia, em ritmo guerreiro, marcando um compasso heróico com a mão direita crispada. Êle criou essa interpretação. Êle deu vida a cada verso. Êle se funde com o texto e com o tema. Êle invade a Normândia. Êle é um ator.

O homem
Paulo Autran

Os pássaros engaiolados no jardim de inverno do apartamento em que mora na Avenida Nove de Julho, São Paulo, já estão cansados de cantar quando Paulo Autran se levanta, quase sempre depois das dez horas. Bach, Mozart, Chopin e Vivaldi, em alta fidelidade, se derramam pelo **duplex** e se alternam com Nara Leão, Sílvio Caldas, Chico Buarque de Holanda e Elizete Cardoso. A opção café ou almôço é decidida pela hora. Geralmente é almôço quando êle desce. E, entre a escada e a mesa, atende a telefonemas de amigos e passa os olhos pelos jornais. À mesa, sua disciplina limita o cardápio. Um homem que já chegou aos 80 quilos e não quer ir além tem que se conter. De tarde, êle receberá visitas, lerá uma peça, responderá cartas e passará talvez num banco. É uma tarde como as outras e quando chega a noite, depois de um chocolate e um sanduíche, êle segue para o teatro. No caminho já vai se transformando: um acento de preocupação dá gravidade ao seu ar alegre. Êle vai trabalhar. É depois do espetáculo — e após os cumprimentos que parte do público vai levar aos bastidores —

Paulo Autran conduz o espetáculo: Liberdade, Liberdade, há mais de um ano em cartaz

que êle sai para jantar. Com os colegas de **Liberdade, Liberdade** — Jairo Arco e Flecha, Luiza Maranhão e Tereza Rachel — ou a convite de algum amigo. Êsses jantares, que começam à meia-noite, raramente terminam antes das três, prolongados em intermináveis bate-papos.

Nos papos, Autran costuma contar boas histórias. Agora está contando uma ocorrida há dois meses, em Curitiba, quando se apresentou com seu recital na Hípica para um auditório de jovens. Êle estava no tablado esperando que os moços, nas mesas, fizessem silêncio para poder abrir o espetáculo quando, de uma mesa próxima, um rapaz de uns 20 anos gracejou a meia-voz:

— Pauliiiinho! Pauliiiinho!

Autran voltou-se sério para a mesa e se dirigiu ao rapaz com voz firme, mas delicado:

— Meu nome não é Paulinho. Meu nome é Paulo. Paulo Autran. E o seu?

O provocador não se perturbou e respondeu maliciosamente:

— Joaquinzinho!

E Paulo, em cima:

— Está na cara, meu filho.

Depois da apresentação, muito aplaudida, Joaquim foi o primeiro a cumprimentar Paulo:

— Nunca vi coisa tão bonita na vida. Estou muito contente em ter vindo. E gostaria de vê-lo outras vêzes no palco, **Paulo.**

— Muito obrigado, **Joaquim.**

Num dia comum, como êste que vai terminando, êle tomou três bons uísques, fumou um maço de cigarros com filtro, provou ternos no seu alfaiate, mandou emoldurar uma tela que recebeu de presente e, por duas vêzes, expressou em voz alta uma idéia que o seguia:

— Preciso fazer ginástica. Estou engordando muito.

Na manhã seguinte e nas próximas êle cumprirá êsse pensamento, até que um dia muito frio ou uma noite mal dormida se ajustem como pretexto para interromper os exercícios.

Mas, dêste dia que termina, Paulo Autran guarda especialmente as horas passadas no palco, desatando aplausos, e as que passou conversando com universitários mineiros. Com os estudantes, falou uma hora sôbre teatro e outra sôbre o Brasil.

SEGUE

"Um Deus dormiu lá em casa", 1949. *Com Tônia Carrero.*

"Antígone, de Anouhil", 1951. *Com Cacilda Becker.*

As cinco mulheres de Paulo

"My fair lady", 1962. Com Bibi Ferreira.

Hoje, Paulo Autran não separa o Brasil de sua arte.

Durante 28 dias do mês de junho dêste ano, quando apresentou **Liberdade, Liberdade** em Pôrto Alegre, Autran fêz 26 palestras para estudantes e professôres. Nessas conferências, sôbre teatro e cultura, o Brasil entra como o grande palco onde teatro e cultura continuam fazendo papéis secundários e o povo não consegue passar de figurante. A mensagem que transmite é, antes de tudo, um apêlo: procura chamar cada um dos que o escutam às suas responsabilidades diante do interêsse coletivo, sejam estudantes ou professôres, bancários ou banqueiros, comerciários ou comerciantes, operários ou industriais, muito pobres ou demasiadamente ricos, muito jovens ou menos jovens.

As idéias que defende vêm de uma recolocação do seu pensamento político: têm conteúdo nacionalista progressista e democrático.

Às vêzes, êle não é compreendido. Em Pôrto Alegre, por exemplo, o diretor da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica proibiu sua entrada na escola onde, a convite dos estudantes, deveria fazer uma palestra. No dia seguinte, porém, os estudantes levaram-no para os salões da Associação Rio-grandense de Imprensa, e lá Autran falou para mais de mil ouvintes. Ao final, o próprio reitor da Pontifícia Universidade Católica o convidou para um coquetel, dentro da Universidade, onde lhe entregou o título de "membro honorário" do Centro Universitário de Teatro.

O que fêz Paulo Autran transbordar do palco para a tribuna foi seu grande amor pelo teatro e sua redescoberta do Brasil. Vem dêsse amor e dêsse reencontro com o Brasil a fôrça que o leva a falar ao povo, como tem feito e como fêz há pouco em Curitiba, onde pronunciou várias conferências, uma delas para os membros da Igreja Presbiteriana Independente, em plena manhã de domingo, durante a reunião religiosa que os protestantes chamam de escola dominical.

SEGUE

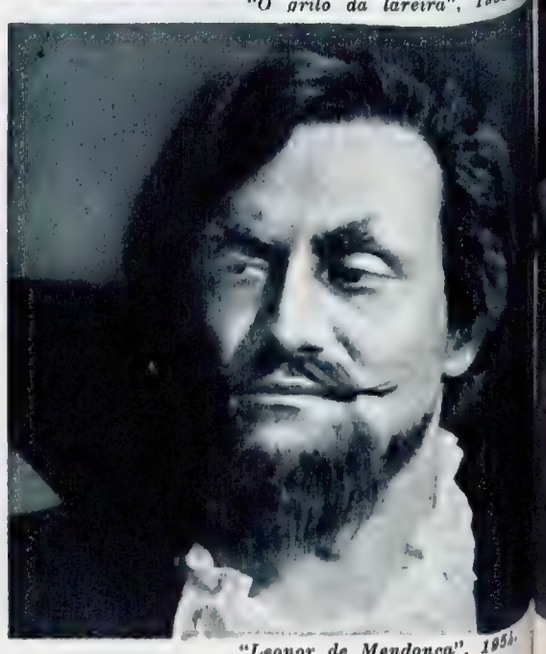
"Depois da queda", 1964. Com Maria Della Costa.

"Treze a mesa", 1953. Com Cleyde Iaconis

"Otelo", 1956.

"Arsenico e Alfazema", 1954.

"O grito da fareira", 1951.



"Leonor de Mendonça", 1951.

"Antígone, de Sófocles, 1951.

"Helena fechou a porta", 1950.

As seis faces de um homem

Foi a primeira vez que Paulo Autran falou dentro de uma igreja. E a primeira vez que, em lugar de palmas, ouviu uma oração. Era o pastor Roberto Lessa:

— Senhor Deus. Agradecemos a alegria de receber em nosso meio êste teu filho querido, Paulo Autran, que Tu fizeste ator entre os primeiros e homem de idéias corajosas e verdadeiras. Senhor Deus. Pedimos que o conserves assim íntegro, assim forte e assim capaz para que com igual brilho e maior proveito possa continuar a sua luta. Senhor Deus. Abençoe êsse rosto expressivo, essa voz maravilhosa e essas mãos que falam. Senhor Deus. Proteje e guarda teu filho Paulo Autran, sua vida, seu trabalho e sua carreira.

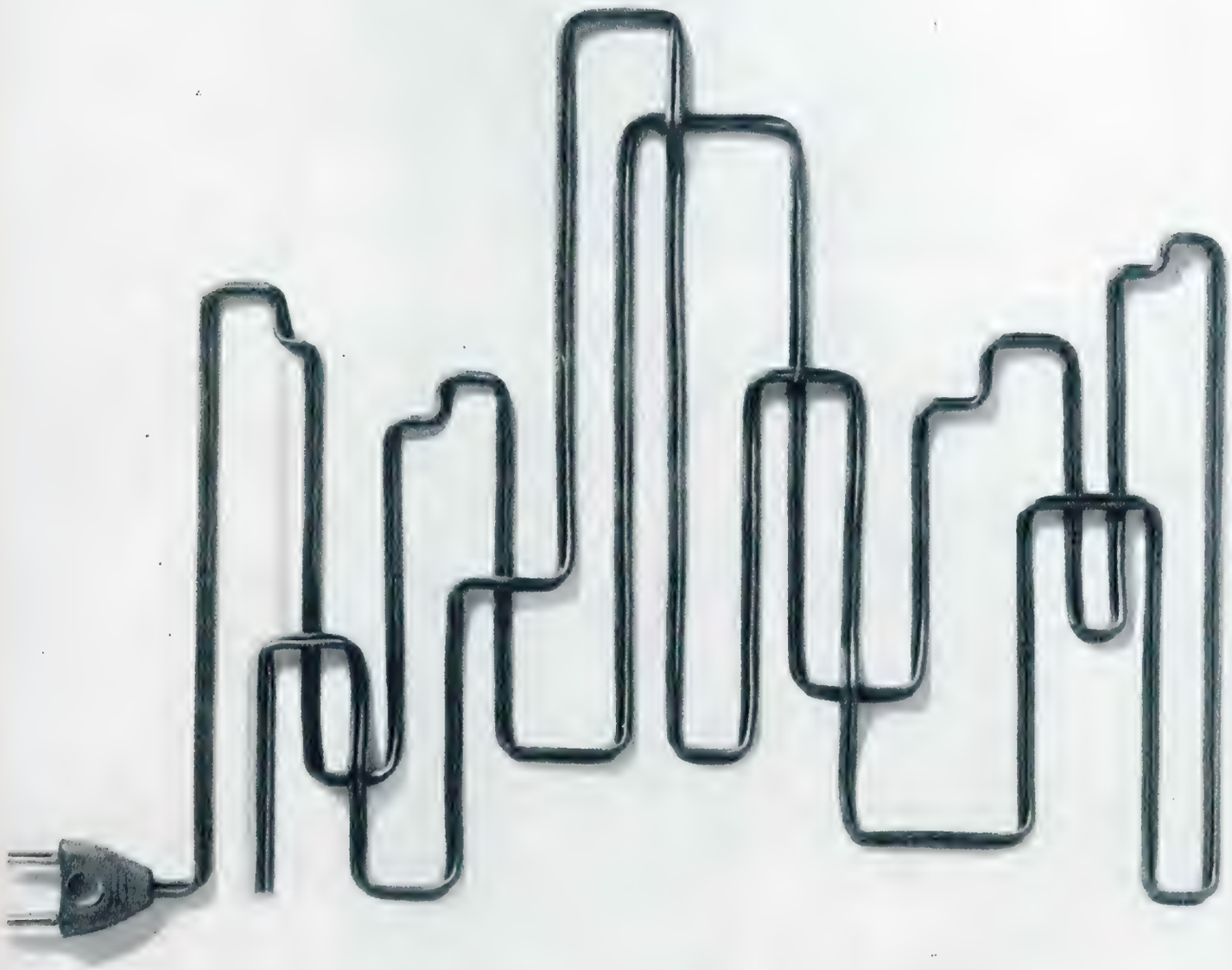
A carreira de Paulo Autran

Sua carreira nasceu e se fundiu com a trajetória do nôvo **teatro brasileiro,** ou do **bom teatro contemporâneo no Brasil,** como o crítico Sábato Magaldi classifica o período que começou no Rio, em 1938, com o Teatro do Estudante, de Paschoal Carlos Magno — um diplomata que se entregou à arte — e se projetou na formação do grupo carioca **Os Comediantes.** Ao mesmo tempo, em São Paulo, duas iniciativas de amadores — **O Grupo de Teatro Experimental,** de Alfredo Mesquita e Abílio Pereira de Almeida e **Grupo Universitário de Teatro,** de Décio de Almeida Prado — tentavam a renovação.

Dez anos depois, em São Paulo, Franco Zamperi criou o Teatro Brasileiro de Comédia, ponto de partida para a profissionalização do nôvo teatro brasileiro. Paulo Autran é filho dessa explosão paulista.

A vocação de ator, acompanhou Autran nos seus anos de estudante: mesmo não participando dos espetáculos escolares no Colégio Arquidiocesano de São Paulo e na Faculdade de Direito não deixava de representar na vila, "mais ou menos igual a tôda gente", como costuma dizer SEGUE

energia que constrói cidades



60% da indústria de construção civil urbana do Brasil estão na região Rio-São Paulo

As duas maiores cidades brasileiras são o Rio e São Paulo, ambas servidas de energia elétrica pela LIGHT. Nas vizinhanças das duas e ao longo do eixo que as une, estão também localizados os núcleos urbanos que mais crescem no país, assim como 60 % da indústria de construção civil e 62 % da indústria de materiais de construção, que criaram e impulsionaram, em aliança com a indústria de energia elétrica, o principal centro de desenvolvimento econômico da América Latina.

A LIGHT — que se orgulha de ter colaborado na consolidação da indústria da construção civil no país — está ampliando ainda mais sua contribuição ao desenvolvimento urbano em tôda a sua zona de concessão: desde 1965 e até 1970, ela está investindo 11,5 milhões de cruzeiros por hora (meio trilhão em cinco anos), na expansão de seu sistema de transmissão, transformação e distribuição de energia.

LIGHT

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

"Deus" de Tônia dormia na praia de Ipanema

Assim, quando expulso da aula por um professor mais severo o menino Autran representava até acabar perdoado.

Já na Faculdade de Direito o môço Autran representava nos exames orais, quando sua maneira de tratar com os professôres, o modo de expôr a matéria estudada e as reações que combinava com as dos examinadores se constituíam num exercício de bom teatro.

Funcionário do IAPI e depois advogado, Paulo Autran escapou de uma vida comum ao escrever e representar, com Inezita Barroso, a peça infantil **Pedro o esperto.** Pouco depois, em 1947 aceitou o convite de Madalena Nicol — uma cantora de música de câmera que fazia teatro amador em língua inglêsa — para ingressar no grupo **Os Artistas Amadores** e estreou no Teatro Municipal de São Paulo, com a peça **A Esquina Perigosa,** de Priesbley. A crítica classificou seu aparecimento como **promissor.** E êle tinha a certeza de ter encontrado um **hobby** muito agradável que ficou ainda mais atraente um ano depois.

Foi quando **Os Artistas Amadores** entraram no esquema do TBC que surgia reunindo os mais importantes grupos amadores de São Paulo. Então, o TBC dava 15 dias para cada grupo amador e, assim, **A Esquina Perigosa** foi representada por duas semanas, desta vez no palco do próprio TBC. Com a dissolução do grupo **Os Artistas Amadores,** Paulo Autran organizou o seu grupo, que estreou em 1949, ainda no TBC, com **A noite de 16 de janeiro,** de Ayn Rand.

Em **A noite de 16 de janeiro** pisaram o palco pela primeira vez o ator Renato Consorte, o escritor Nélson Coelho, o poeta e jornalista Reynaldo Jardim, e o médico Júlio Gouveia — que mais tarde se dedicaria ao teatro infantil. Célia Biar teve, então, seu primeiro grande papel. Assim como Coelho Neto, que depois dirigiu muitos espetáculos amadores em São Paulo.

A peça mostra um júri norte-americano, com os jurados recrutados na platéia, entre os espectadores que se apresentem. Por isso, ela pode ter dois finais, dependentes do julgamento dos espectadores: um para a absolvição, outra para a condenação. Uma noite, **seu** Manuel, o português dono do botequim em frente ao teatro, fêz parte do júri e foi escolhido para proclamar o veredicto isto é, para dizer simplesmente "a ré é inocente" ou "a ré é culpada". Ao final da peça, após a reunião dos jurados, **seu** Manuel entrou em cena e declarou com muita solenidade e muito sotaque:

— Senhor Juiz: a culpada é inocente.

Naquela noite, ninguém conseguiu dizer mais nada. Nem **seu** Manuel que foi muito cumprimentado.

Ainda em 1949, Abílio Pereira de Almeida convidou o jovem advogado Paulo Autran para integrar o **Grupo de Teatro Experimental** que se preparava para inaugurar o Teatro Copacabana, no Rio. Nesse instante, sem pressentir o que estava fazendo, mas também sem nenhum remorso posterior, o ator traiu o advogado: Paulo Autran passou procuração a dois colegas e a êles entregou a sua banca, sem saber que com êsse simples gesto encerrava uma carreira e iniciava outra. O que lhe parecia simples férias no Rio — com pequenos papéis em **A mulher do Próximo** e **Pif-Paf,** de Abílio e como protagonista de **À margem da vida,** de Tennessee Williams — se transformou no seu trabalho para tôda a vida.

O profissional Paulo Autran

No final de 1949, Tônia Carrero, de volta de um curso de teatro em Paris, chegou disposta a fazer teatro profissional e organizou sua companhia. Começou procurando um protagonista para a peça de estréia, **Um Deus dormiu lá em casa,** de Guilherme Figueiredo, com direção de Silveira Sampaio e cenário de Carlos Thiré. O **Deus** de Tônia foi encontrado dormindo, numa barraca da praia de Ipanema, num domingo de muito sol. Encontraram-no Tônia, Abílio e Sampaio. E seu nome era Paulo Autram. Convidado para o papel, aceitou depois de um mês de hesitação e, ainda assim, a título de experiência. A experiência dura até hoje.

A peça estreou a 13 de dezembro de 1949 e ganhou todos os prêmios do ano: melhor peça, melhor diretor, revelação de atriz, revelação de cenógrafo e revelação de ator. Foi o primeiro prêmio. Ganhava então Cr$ 11 mil por mês, o maior ordenado de teatro na época.

Na segunda peça encenada pela companhia de Tônia — **Amanhã, se não Chover,** de Henrique Pongetti — Autran encontrou-se com Balabanof, um russo maduro, com uma grande barriga, anarquista de opereta e muito divertido. Balabanof era o personagem que tinha de interpretar na peça, o que lhe custou muito esfôrço e deu muito trabalho a Ziembinski, o diretor. Mas Autran conseguiu fazer uma Balabanof perfeito. Tão perfeito que êle levou um ano para se livrar dos tiques do personagem. Durante êsse tempo, em todos os papéis que representasse, havia uma frase certeira para alguém que quisesse atingi-lo:

— Faz lembrar o Balabanof.

Depois de apresentar mais duas peças nacionais, tôdas com sucesso de crítica e de bilheteria, e após repetir a temporada em São Paulo, no Teatro de Cultura Artística e uma curta estada em Santos, num salão improvisado no Hotel Atlântico, a companhia de Tônia se dissolveu: ela fôra contratada pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz e Paulo Autran pelo Teatro Brasileiro de Comédia, de cujo elenco já faziam parte Sérgio Cardoso e Ziembinski.

De 1951 a 1954, o TBC reformulou o teatro profissional brasileiro que até então vivera de grandes nomes em pequenas montagens. Criou-se, então, o primeiro teatro profissional de verdade, com uma equipe de diretores, cenógrafos e atôres e com grandes e cuidadosas montagens. Começavam a ser pagos bons salários. Surgia uma mentalidade de organização e trabalho por trás dos bastidores. Paulo Autran, nesses anos, participou de 17 peças no TBC, na maior parte como protagonista. Para fazer a sua revolução, o TBC importou diretores europeus de alto gabarito como Adolfo Celi, Luciano Salce, Flamínio Bollini e Ruggero Jacobbi. Autran foi dirigido por todos êles. Mas o TBC não ficou só nos diretores: foi buscar, também, cenógrafos que ajudaram o Brasil a encontrar a qualidade das montagens européias. E vieram Aldo Calvo, Bassano Vaccarini, Túlio Costa, Mauro Francini e Gianni Ratto.

A um só tempo, o TBC reuniu, num elenco permanente, nomes como os de Cacilda Becker, Tônia Carrero, Sérgio Brito, Nydia Lícia, Sérgio Cardoso e Paulo Autran. O repertório variava entre peças comerciais e peças artísticas. Comentário de Paulo Autran:

— Muito antes de ser encampado pelo Govêrno, o equilíbrio financeiro foi uma preocupação do teatro.

Em agôsto de 1954, tentando resolver seus problemas econômicos, o TBC dividiu seu elenco e passou a trabalhar permanentemente também no Rio. Paradoxalmente, êsse desdobramento foi fruto do êxito, pois, no princípio as peças não agüentavam mais de dois meses em cartaz e havia dois grupos: um encenando, outro ensaiando. Quando as casas começaram a se manter por seis meses, com uma só peça e metade do elenco parada, havia sempre uma grande fôlha de pagamento, metade mais ou menos inútil, ao lado de muita insatisfação entre os que se encontravam parados. O desdobramento foi bom, para o TBC e para Autran que, naquele ano, no Rio, levantou todos os prêmios de teatro. E o sucesso continuou até 1956, quando o TBC já ia se desintegrando e os seus atôres formaram suas companhias próprias. A verdade é que, como diz o crítico Sábato Magaldi, "o TBC proporcionou a muitos intérpretes um público, e deu cidadania artística a vários nomes, que ali se fizeram adultos".

SEGUE

Agora volta ao cinema como político corrupto

Mas vai além: êsses intérpretes eram tantos e tão bons que cresceram demais para um teatro só. Então, surgiram vários grupos profissionais, nascidos dos quadros do TBC: Cia. Nydia Lícia-Sérgio Cardoso, Cia. Tônia-Celi-Autran, Teatro Cacilda Becker e Teatro dos Sete. Maria Della Costa, que também passou pelo TBC, organizava, em seguida, seu teatro com o empresário Sandro Polônio.

O empresário Paulo Autran

Quando chegou a empresário, junto com Tônia Carrero e Adolfo Celi, Paulo Autran já era um ator consagrado. Em 1952, ganhara o primeiro prêmio Saci de teatro pelo desempenho nas duas **Antígones,** a de Sófocles e a de Anouhil. Cacilda, como atriz, e Celi, como diretor, conquistaram também os seus Sacis.

Numa dessas apresentações, durante um diálogo duro entre Cacilda e um guarda que dizia coisas vulgares e grosseiras o público riu, sem parar, nas falas do soldado. Ao final, quando terminaram os aplausos, Autran teve um arroubo e disse:

— Quero avisar a alguns dos espectadores que o que acabaram de assistir é uma tragédia.

O público aplaudiu ainda mais.

No ano seguinte, criado o Prêmio Governador do Estado, Autran recebeu o prêmio de melhor ator pela sua atuação em **Na terra como no céu,** de Fritz Hochwalder, e em **Assim é se lhe parece...** de Pirandello, a primeira dirigida por Salce, e Pirandello sob a direção de Celi. Em **Na terra como no céu,** Ziembinski era o protagonista. Autran, no segundo papel, foi muito elogiado pela crítica.

Depois de receber todos os prêmios de teatro no Rio, em 1954, passou o ano de 1955 pràticamente em cena com **Santa Marta Fabril S.A.,** de Abílio Pereira de Almeida, com direção de Celi e ao lado de Tônia. Esta peça ficou em cartaz oito meses.

Em março do ano seguinte, estreou a Companhia Tônia-Celi-Autran com **Otelo** de Shakespeare, numa estréia memorável à qual não faltou nem mesmo o presidente da República: Juscelino Kubitschek. Paulo Autran revelou-se um Otelo magnífico que conseguia chegar ao desvario sem arrastar consigo o ator. "Passaram-se mais de cem anos — diz Décio de Almeida Prado, em uma das crônicas do seu livro **Teatro em Progresso** — desde o nascer do nosso teatro, quando João Caetano representou o **Hamlet** e o **Otelo** e nenhum ator brasileiro ousou ou foi capaz de associar o seu nome de forma definitiva ao de Shakespeare, emprêsa agora realizada quase simultâneamente por dois atôres jovens: Sérgio Cardoso, com **Hamlet,** e Paulo Autran com **Otelo.** Esta é a perspectiva histórica que ninguém, por excesso de escrúpulo crítico, pode deixar de perceber, negando uma das mais preciosas conquistas do nosso teatro atual."

Depois de **Otelo** vieram muitos sucessos, alguns fracassos, temporadas em São Paulo, excursões pelo interior, programas de rádio, duas direções, discos gravados, concursos de peças promovidos pela sua Companhia, muitos prêmios e o ano de 1959 começou em Nova Iorque. Prosseguiu em Londres, depois Paris e por fim Roma. Nos Estados Unidos e na Europa, Tônia, Celi e Autran foram ver teatro.

— Esta viagem — conta Paulo Autran — foi muito útil. Trouxe-me maior maturidade no encarar o teatro como arte e profissão e, principalmente, me revelou que o teatro, apesar da constante e eterna crise em que vive e a despeito da televisão e do cinema, não tem nem terá substituto.

De volta ao Brasil e a mais um ano de êxito, a Companhia Tônia-Celi-Autran suspende, no ano seguinte, uma temporada vitoriosa, para fazer uma excursão a Buenos Aires e Montevidéu, onde há 30 anos não ia um grupo profissional de teatro brasileiro. A Argentina e o Uruguai vibraram com **Seis personagens à procura de um autor,** de Pirandello, o **Hamlet, Um Deus dormiu lá em casa,** e **Entre quatro paredes,** de Sartre. Em Buenos Aires, Paulo Autran ganhou o prêmio de melhor ator estrangeiro, concorrendo com Jean Villar e sua companhia e com o Picolo Teatro di Genova.

Em 1962 veio a dissolução da companhia, mas bafejada pelos bons ventos de **Tiro e Queda,** de Marchel Achard, que com seu enorme sucesso permitiu pagar tôdas as indenizações e cobrir tôdas as despesas.

Foi então que Autran organizou uma tele-escola na TV-Rio, destinada a alfabetizar crianças e adultos e a lhes dar as aulas correspondentes ao curso primário. Assim que o curso da tele-escola ficou definitivamente organizado, a TV-Rio o despediu. Até hoje ela continua vendendo o programa a patrocinadores, tendo ganho, inclusive, um prêmio da Unesco em Paris, onde o trabalho de Autran foi exibido.

Paulo Autran hoje

Nos últimos cinco anos, a carreira de Paulo Autran excedeu o público limitado de teatro. Seu nome cresceu e se popularizou ainda mais e todo mundo sabe que êle foi o professor Higgins no **My Fair Lady** com Bibi Ferreira e Jaime Costa, um sucesso sem precedentes na história do teatro brasileiro e o primeiro grande musical montado com todos os requintes no Brasil. O espetáculo era americano, a montagem era americana, a direção era americana e se seguiram todos os detalhes da versão da Broadway. A tradução, assinada por Henrique Pongetti não foi feita por Henrique Pongetti na íntegra, uma vez que o trabalho do cronista carioca baseou-se numa tradução argentina por si só já bastante ruim. Em **My Fair Lady** quem traduziu a parte de Paulo Autran foi Paulo Autran, assim como grande parte do papel de Bibi Ferreira e de Jaime Costa, enquanto Sérgio Viotti traduziu a sua parte. Até hoje, Autran fica muito contente com os elogios à tradução.

Nesse tempo as mocinhas cumprimentavam-no, na rua:

— Boa tarde professor Higgins.

E muito circunspecto êle respondia:

— Boa tarde, minhas filhas.

Autran estêve sete meses afastado do papel por causa de um desastre com seu Volks na Via Dutra. Edson França o substituiu enquanto reconstruíam seu fêmur, soldavam três costelas e a clavícula partidas. Autran fôra atirado a 50 metros do seu carro desgovernado. Encontrado uma hora depois, gemeu tristemente:

— Agora já sei como se voa sem ajuda de avião.

My Fair Lady saiu de cartaz depois de dois anos de vitória e encerrou sua carreira com lágrimas do elenco e da platéia.

Liberdade, Liberdade nasce de um show

A seguir, veio **Depois da Queda,** a discutida peça de Arthur Miller que, sob a direção de Flávio Rangel, e com Paulo Autran e Maria Della Costa, conseguiu no Brasil o que não ocorreu em nenhum lugar do mundo: êxito de crítica e de público.

Quando deixou a pele de Mr. Quentin, o personagem de Miller, Autran aceitou fazer um **show** de buate em São Paulo: **Paulo Autran de uma às duas,** dirigido por Flávio Rangel. Do **show,** que foi um sucesso, nasceu a idéia de criar **Liberdade, Liberdade.**

Agora, Autran vai interromper a peça por alguns dias e filmar **Terra em Transe,** com Glauber Rocha. Já fêz, em outras épocas, outros filmes. Êste, entretanto, deverá ser o primeiro realmente importante. Assim diz o seu entusiasmo. Entusiasmado, êle está sempre com tôdas as coisas importantes da vida. É um entusiasmo que aprendeu com Tônia Carrero, a quem chama carinhosamente de Mariinha e de quem diz ter recebido marcas importantes em sua carreira. Uma carreira sem tropeços mas exigente. Tão exigente que lhe exige tôdas as horas do seu dia, pois "um verdadeiro ator está sempre se aprimorando". E enquanto se aprimora Paulo Autran sonha com o dia em que o teatro possa chegar até o povo.

— E não sonho apenas. Trabalho para que isto aconteça. FIM

Saméllo não criou coisas novas neste sapato social por uma razão: êle deixaria de ser um sapato social.

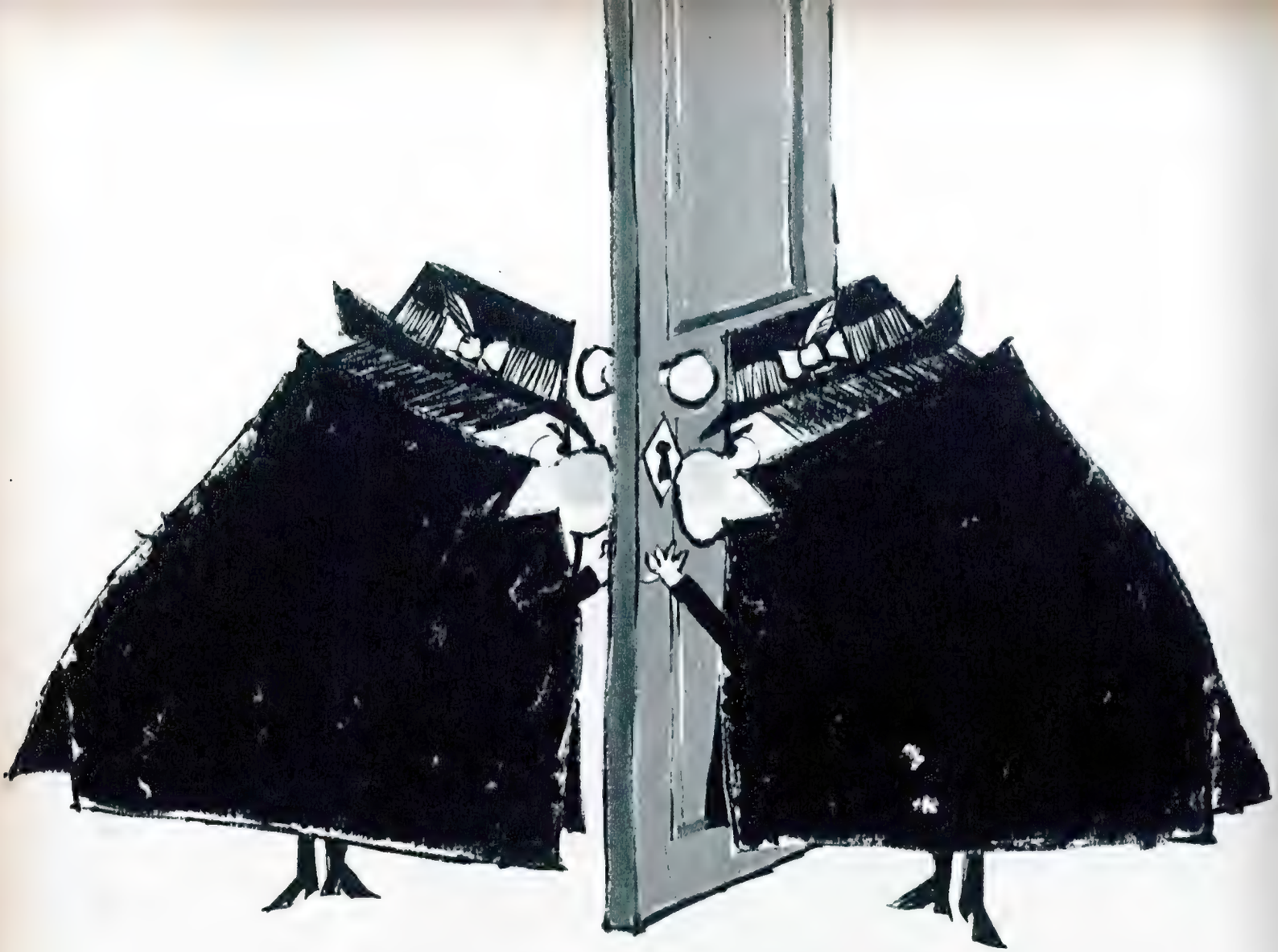
Sapato social é para se usar com gravata, terno sério e smoking.

E como essas coisas ainda não deixaram de existir, Saméllo continua a fazer sapato social como se deve: tradicionalmente (a única coisa que se acrescentou foi a qualidade Saméllo).

Quem lê anúncios e, principalmente, usa bons calçados, sabe que Saméllo vive criando novas formas em seus sapatos esportivos — é sola mole, é pala alta, é côr arrojada etc.

Mas em modêlo social Saméllo insiste em ser muito sério.

Saméllo



Nunca, como agora, a espionagem estêve em tamanha evidência. Americanos, russos, chineses, inglêses, quase todo mundo — até o velho e feio marido daquela linda jovem — tem algo a esconder ou a descobrir. Algo, sempre,

ALTAMENTE SECRETO

Texto de Alessandro Porro Desenhos de Quimdoro

Num colégio da Guanabara, 40% dos alunos — entre 12 e 14 anos — à pergunta: "O que você quer fazer quando acabar de estudar?", responderam surpreendentemente: "Agente secreto". À pergunta: "Por quê?", sete responderam: "Porque é algo emocionante". Os outros deram justificações diferentes. Um disse: "Ganha-se muito dinheiro". E outro: "Porque se viaja de avião, e eu nunca voei". E um terceiro, finalmente: "Para defender o Brasil dos inimigos".

É tempo de espiões. Nunca se falou tanto nêles, nunca a profissão de agente secreto foi tão enobrecida. Recentemente, Philip Blanchet — subchefe da central de informações francesa — foi condecorado com uma medalha de ouro no dia em que se aposentou, pelos grandes serviços prestados ao país. Algo mudou na velha França: em 1805, Napoleão declarava ter ganho a batalha de Austerlitz contra os russos e os austríacos, graças às informações de um agente secreto. Mas quando propuseram premiar êsse agente, Napoleão respondeu: "Eu pago os espiões, não os condecoro".

Até alguns anos atrás, ainda existia um profundo sentimento de desprêzo pela profissão de espião. Era considerado um trabalho sujo e muitos atribuem a êsse conceito o enfraquecimento do sistema de informações do mundo ocidental, em comparação com o serviço de espionagem oriental. Pois êste, ao contrário, sempre considerou seus agentes como soldados de primeira linha. Allen Dulles, ex-Diretor da CIA (Central Intelligence Agency), a Agência de Informações dos Estados Unidos, disse numa conferência: "A União Soviética fêz da espionagem uma verdadeira ciência, uma obra-

prima de organização: antes de combater o GRU (o serviço militar soviético), devemos também respeitá-lo e invejar sua perfeita estrutura".

Hoje em dia, espião não é mais um nome feio. Talvez porque ninguém mais use êste têrmo. Hoje se diz **agente secreto,** e todo mundo pensa em James Bond, o herói de Ian Fleming; ou em Hubert Bonisseur de la Bath, outro bonitão, a serviço da CIA, inventado pelo escritor Jean Bruce.

De qualquer maneira, **os técnicos em informações** (assim são chamados os responsáveis pelos serviços internacionais de espionagem) admitem que as aventuras de agentes como James Bond não são completamente inventadas. Não é verdade que cada agente vive em hotéis de luxo, no meio de mulheres maravilhosas, com bolsos cheios de dinheiro, fumando cigarros fabricados especialmente para êle, e bebendo de meia em meia hora uma boa dose de uísque. Mas, ao mesmo tempo, quase todos os sistemas descritos por Ian Fleming em seus romances podem ser verdadeiros: um carro com as portas de ouro — como o de **Golfinger** — foi apreendido em maio de 1961 de um cidadão inglês, Tibor Markus, que pretendia levar o ouro de Budapeste até Viena, para criar uma central de refugiados anticomunistas. Também a maleta de James Bond, cheia de truques e de armadilhas, não chega a espantar os **técnicos.** Basta lembrar do aparelhamento encontrado nos bolsos de Gary Powers, o pilôto do U2 que os russos fizeram prisioneiro. Tinha de tudo: ampola de curare, mapas geográficos escondidos em um baralho, combustível químico, pistola equipada para lançar raios de sinalização, gravador de fita do tamanho de um relógio de pulso, revólver com silenciador, moedas de ouro nos saltos dos sapatos, para comprar informações.

Espião francês sabe física

Falando-se em **agentes secretos,** é normal pensar na necessidade de um país saber o que está acontecendo num outro, ou na preocupação de ser informado sôbre a preparação militar de um eventual inimigo. É, por exemplo, o que acontece entre a CIA e o GRU: americanos e russos espionam-se recìprocamente, para evitar surprêsas. Mas esta necessidade de obter informações não se aplica sòmente a dois países cujas relações estejam em crise, mas também a nações aliadas. Assim, a CIA controla a Inglaterra, e o M15 (o serviço de espionagem inglês) muitas vêzes já conseguiu bons resultados através de seus agentes nos Estados Unidos. Por sua vez, a central francesa (DST) é considerada uma das organizações mais perfeitas em informações nucleares. Tendo começado depois dos russos e dos americanos a criar sua defesa atômica, a França logo precisou estar a par dos resultados já conseguidos pelos dois países. E criou o SIN, com núcleo de 30 superagentes especializados (cada um dêles tem um diploma universitário em física nuclear) chefiados por Monsieur Marcel Bobinet, uma das personagens mais misteriosas do mundo da espionagem internacional. Bobinet, de quem poucas pessoas conhecem a fisionomia, está diretamente subordinado ao General De Gaulle, tanto pela organização como pelos resultados obtidos. Dizem que êle dispõe de um fundo secreto de despesas igual ao orçamento de um ministério. De qualquer maneira, não é dinheiro jogado fora: os **professôres** (como no ambiente da espionagem francesa são chamados os agentes do SIN) obtiveram em menos de cinco anos — **trabalhando** especialmente nas centrais atômicas dos Estados Unidos — um êxito tão completo que hoje a França dispõe de uma **reserva de informações** tão rica e atualizada como a dos americanos ou russos. Sòmente em 1963, cinco agentes franceses foram descobertos pelo FBI (a seção federal de investigações dos EUA que age em território nacional, deixando à CIA a responsabilidade das operações no exterior). Para se ter uma prova da importância dos arquivos do SIN, basta pensar que os chineses de Pequim — também com o mesmo problema de atraso em relação à Russia ou aos Estados Unidos no campo da pesquisa atômica — preferem enviar seus agentes a Paris ao invés de Moscou ou Washington. A organização chinesa dificilmente se serve de pessoal nacional, por òbvios motivos: um agente chinês não teria muita chance de se confundir entre a multidão, ou de entrar despercebido num elevador do Ministério da Defesa francesa. Assim, Pequim tem a seu serviço centenas de agentes albaneses ou sul-americanos, que mais fàcilmente podem passar por europeus.

Sôbre a necessidade de **saber o que se está fazendo,** mesmo um país tradicionalmente neutro como a Suécia mostra que a espionagem é uma arma indispensável para manter a paz. Geogràficamente, a situação da Suécia é bastante delicada: sua vizinhança com a União Soviética faz de Estocolmo uma das capitais da espionagem mundial; e, do país inteiro, um dos pontos mais controlados pelos agentes norte-americanos. Em caso de guerra, a Suécia seria um dos primeiros países do mundo ocidental a ser ameaçado por um eventual avanço russo. É por isto que em Estocolmo, no prédio do Estado-Maior do Exército, no número 87 da Oestermalmasgatan, existe uma das mais eficientes organizações de contra-espionagem do mundo. Seu chefe é Bo Westin, que, ao contrário de muitos seus colegas, faz questão de não parecer misterioso e de não esconder suas funções. Em seu cartão de visitas está escrito: **Chefe do serviço de informações militares** e, na porta do seu escritório, a menção está repetida em letra de fôrma. Diz Bo Westin: "Entre espiões, êsse negócio de não dizer nomes e de esconder-se, quando se ocupa um cargo como o meu, é bobagem. Tenho certeza de que nos arquivos secretos de todo o mundo minha biografia e minhas fotografias ocupam uma pasta inteira. Por que, então, brincar de esconder? Passou o tempo do agente de bigodes postiços. Hoje somos profissionais, como os advogados ou os médicos". Bo Westin dificilmente sai de Estocolmo e provàvelmente nunca foi protagonista de uma missão perigosa: mas é conhecido no meio da espionagem internacional como um dos mestres.

Assim como um bom técnico recebe ofertas para trabalhar em outra firma, também Westin recebeu, em 1963, uma proposta supervantajosa dos Estados Unidos para trabalhar na CIA. O então diretor da agência norte-americana, Allen Dulles, não queria que êle traísse seu país: queria simples e oficialmente contratar os serviços de Westin, em virtude de sua **técnica.**

SEGUE

O Dominante Telefunken é para poucos e raros

Para os que exigem em casa a pureza de som das salas de concêrto. Essa pureza que você sente ao ouvi-lo, e que é resultado de uma experiência técnica de 65 anos. De um cuidado que transforma a perfeição em prazer, recompensa, paz com a vida. Veja, ouça o estereofono Dominante

TELEFUNKEN VOCÊ SENTE É OUTRA CATEGORIA

A sueca tinha marido feliz

Westin chegou também a discutir o assunto com o Rei Gustavo (a quem responde por sua atividade), mas depois preferiu ficar em Estocolmo. Na época em que Dulles quis contratá-lo, Bo Westin acabava de dar o maior golpe de sua carreira: depois de um longo e delicado período de investigações, mandara prender o Conselheiro Militar do Ministério das Relações Exteriores da Suécia, Coronel Stig Wennerstrom. Descobriu-se que Wennerstrom tinha fornecido ao GRU todos os segredos militares da Suécia e de outros países amigos. E mais, que possuía a patente de General do Exército Vermelho.

A águia, quatro medalhas por ano

Stig, considerado mais traidor que espião, perdeu-se por sua mania de grandeza. Vítima de um complexo de inferioridade, não lhe faltava pràticamente nada. Depois de ser nomeado Coronel da Aeronáutica, tinha sido enviado a Moscou como adido militar. Um bom cargo, mas Wennerstrom achava pouco. Os russos descobriram seu ponto fraco com grande satisfação. E Ivan Lemenov (atual chefe do GRU) tomou conta do caso pessoalmente. Fêz do adido militar sueco **seu grande amigo.** Começou por abrir-lhe uma conta num banco suíço, mas Wennerstrom não pareceu muito impressionado. No entanto ficou empolgado quando Lemenov mandou nomeá-lo General do Exército Vermelho, em troca de informações sôbre os sistemas defensivos da costa sueca. De Moscou, o Coronel-General foi para Washington: e lá continuou trabalhando pela sua segunda pátria, recebendo em média duas medalhas de ouro por semestre, e escolhendo um nome de batalha: **A águia.** Finalmente, Wennerstrom voltou para Estocolmo, como Conselheiro Militar do Ministério das Relações Exteriores. Depois de algumas semanas de inatividade recomeçou seu trabalho, em favor dos russos. Em 1963, seu jôgo foi descoberto por Bo Westin. Êle mesmo tinha pedido a Wennerstrom que fornecesse, na base das amizades que havia feito em Moscou, alguns relatórios confidenciais sôbre o armamento soviético. Quase no mesmo período, os americanos também pediram ao Conselheiro sueco algumas informações sôbre a União Soviética e sôbre a própria Suécia. Wennerstrom aceitou logo as duas tarefas, e passou a ser assim um **agente triplo,** isto é, trabalhava para três países: Suécia, Estados Unidos e União Soviética. "Nunca vi meu marido tão feliz como nessa época", dizia a senhora Ulla Greta Wennerstrom no depoimento que prestou mais tarde diante do Tribunal de Estocolmo, confessando, entre lágrimas, sempre ter ignorado a atividade do Conselheiro.

Wennerstrom havia voltado para Moscou e revelado ao GRU sua qualidade de espião sueco-americano. Recebeu mais medalhas, a promessa de ser nomeado Marechal do Exército, e um caderno cheio de informações:

— Pode revelar — disse-lhe Lemenov — tôdas as notícias contidas neste documento: fará uma boa impressão.

Não eram notícias falsas, mas informações de primeira mão que os russos resolveram queimar para deixar os agentes ocidentais certos de haver encontrado em Wennerstrom um homem de primeira qualidade.

Foram estas informações que empolgaram Bo Westin. Num memorando ao Rei Gustavo (que foi anexado aos autos do processo contra Wennerstrom), o Chefe da contra-espionagem sueca escreveu: "Um relatório assim preciso só pode ter sido escrito por um homem a quem os próprios russos tenham fornecido as notícias, para aumentar sua fama".

Dois meses depois, por meio de uma agente feminina — a falsa empregada Karin Roosen, de 48 anos — Bo Westin conseguiu vasculhar o arquivo pessoal do Coronel. Foram encontrados microfilmes, documentos, rádio-receptores, as medalhas soviéticas, o diploma de General.

Nesse mesmo dia, três homens aproximaram-se do carro de Wennerstrom quando êle estava para ligar o motor:

— Coronel, temos uma ordem de prisão.

— Estava esperando por isso — respondeu o espião com um suspiro de alívio. Vocês não sabem o que significa ter uma existência secreta, e não poder falar nem com a própria espôsa.

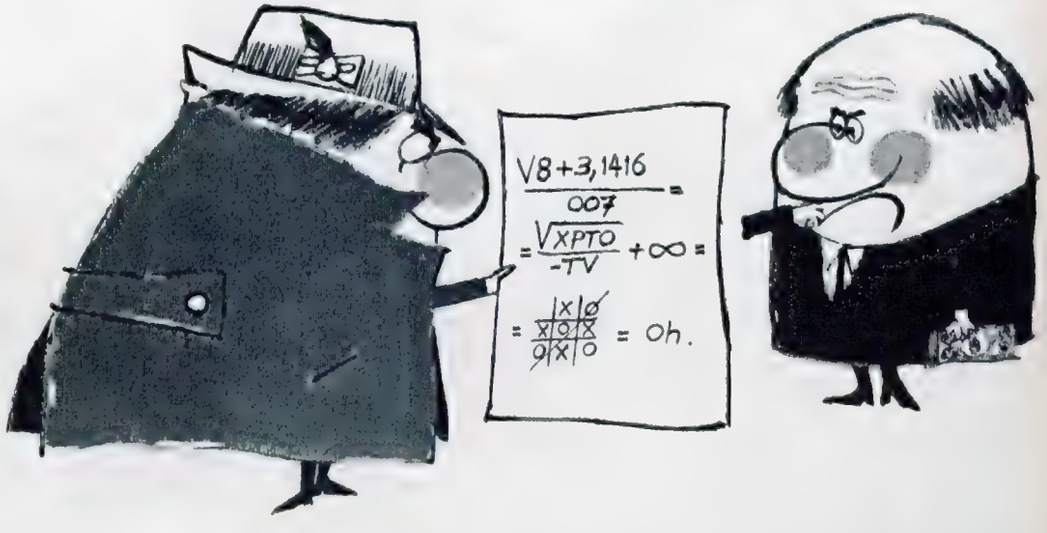
Durante os interrogatórios, Wennerstrom confessou tudo, nos mínimos pormenores. Poucos dias antes do julgamento, porém, foi encontrado morto. Descobriu-se que seu chá estava envenenado. Mas como o veneno foi parar na chaleira é um mistério que nem Bo Westin sabe.

Importante é saber o que o outro sabe

Espionagem em tempo de guerra é para saber coisas a curto prazo. Dez minutos de atraso podem comprometer o êxito de uma batalha. Espionagem, em tempo de paz, é diferente. Apesar do Vietnã, apesar de Berlim, apesar de Cuba, os **técnicos em informações** consideram êste período como sendo de paz. Os agentes podem agir com mais calma, podem evitar erros, podem viver tranqüilamente aguardando por anos uma chamada, um sinal de ação. Neste período, dizem os **técnicos,** o importante é saber **o quê** os adversários sabem de nós. Parece extravagância, mas é a filosofia da espionagem: é menos importante obter notícias de outro país, do que fazer com que **o outro** não saiba que estas notícias são conhecidas. Um exemplo disso foi o episódio da troca de espiões entre Rússia e Estados Unidos, sendo protagonistas o pilôto Gary Powers e o chefe da espionagem russa nos EUA, Rudolf Abel.

Quando os russos abateram o U2 de Gary Powers, disseram tê-lo atingido com um foguete, a 23 mil metros de altura. A NSA (National Security Agency, a segunda organização de contra-espionagem americana, que tem sua base em Fort George Meade, Virgínia) afirmou, ao contrário, que o U2 tinha descido até 12 mil metros por motivos técnicos, sendo alcançado por um tiro de canhão antiaéreo. Aliás, os agentes da NSA — que possuem a maior estação de escuta do mundo — acrescentaram ter ouvido a voz do oficial soviético dando ordem de abrir fogo contra o U2. Uma terceira versão afirmava que o U2 tinha caído em virtude da repentina explosão de uma bomba-relógio, que teria sido encaixada na parte inferior do avião durante sua parada em Peshawar (Paquistão), último aeroporto **amigo** onde Powers desceu antes de sobrevoar a União Soviética. A bomba poderia também ter sido colocada no aeroporto de Adana, na Turquia, onde se encontra a base principal dos U2.

SEGUE



TRAJE CRIADO E EXECUTADO POR LINO ANDREOLLA — PÔRTO ALEGRE

não estranhe se, de repente, alguém estiver mais interessado em V. que na própria arte... – seu traje em Tergal-lã Guahyba tem muito que ver com isso!

Porque é o melhor Tergal Brasileiro: combinação exata da fibra Poliester com a lã mais selecionada do Rio Grande do Sul. Padrões evoluidos dão presença a quem veste uma roupa em Tergal-Lã Guahyba, em qualquer ambiente.

Mais um tecido da

CIA. INDUSTRIAL RIO GUAHYBA

Rua México, 175
Pôrto Alegre

Quem dá pilôto ganha espião

No primeiro caso, a sabotagem teria sido obra de um comunista paquistanês; no segundo, de um comunista turco.

Mas sòmente os russos conheciam a verdade: os russos e Powers, que tinha caído em suas mãos e que — sem ter a precaução de romper com os dentes a ampola de curare, que fazia parte de sua **bagagem** — tinha falado bastante, como afirmavam os soviéticos. O importante era receber de volta Gary Powers para apurar os seguintes pontos: 1) saber até que ponto Powers tinha falado; 2) saber como o aparelho tinha sido abatido. Se se tratasse de sabotagem ou disparos de artilharia antiaérea, então os russos não possuíam foguetes de pequeno calibre, capazes de chegar aos 23 mil metros de altura. Neste caso, a produção bélica soviética estava empenhada em outros tipos de armamentos, e teria sido bom investigar em quê.

Por êsses motivos, os americanos ofereceram em troca de Powers a devolução do Coronel Rudolf Abel, que durante nove anos tinha dirigido as operações de espionagem soviética nos EUA. Abel tinha sido prêso dois anos antes do **caso U2,** e continuava sendo considerado o n.º 1 da GRU. Apesar de sua prisão, os russos tinham-no promovido a General.

Quando da troca de espiões realizada em Berlim, um jornal de Nova Iorque escreveu: "Cedemos um mestre da espionagem para obter a libertação de um pilôto estúpido que, durante o processo, nem sequer soube manter a bôca fechada". Na verdade, a troca foi vantajosa para a CIA. O Coronel Abel, embora sendo um **mestre,** talvez o mais inteligente espião que tenha agido durante a guerra fria, tinha sido **queimado.** O GRU não poderia mais aproveitá-lo no exterior, depois do processo nos EUA. Suas impressões digitais, sua imagem, sua voz gravada, seu tipo de sangue, seus sinais particulares fazem parte hoje de qualquer arquivo de contra-espionagem.

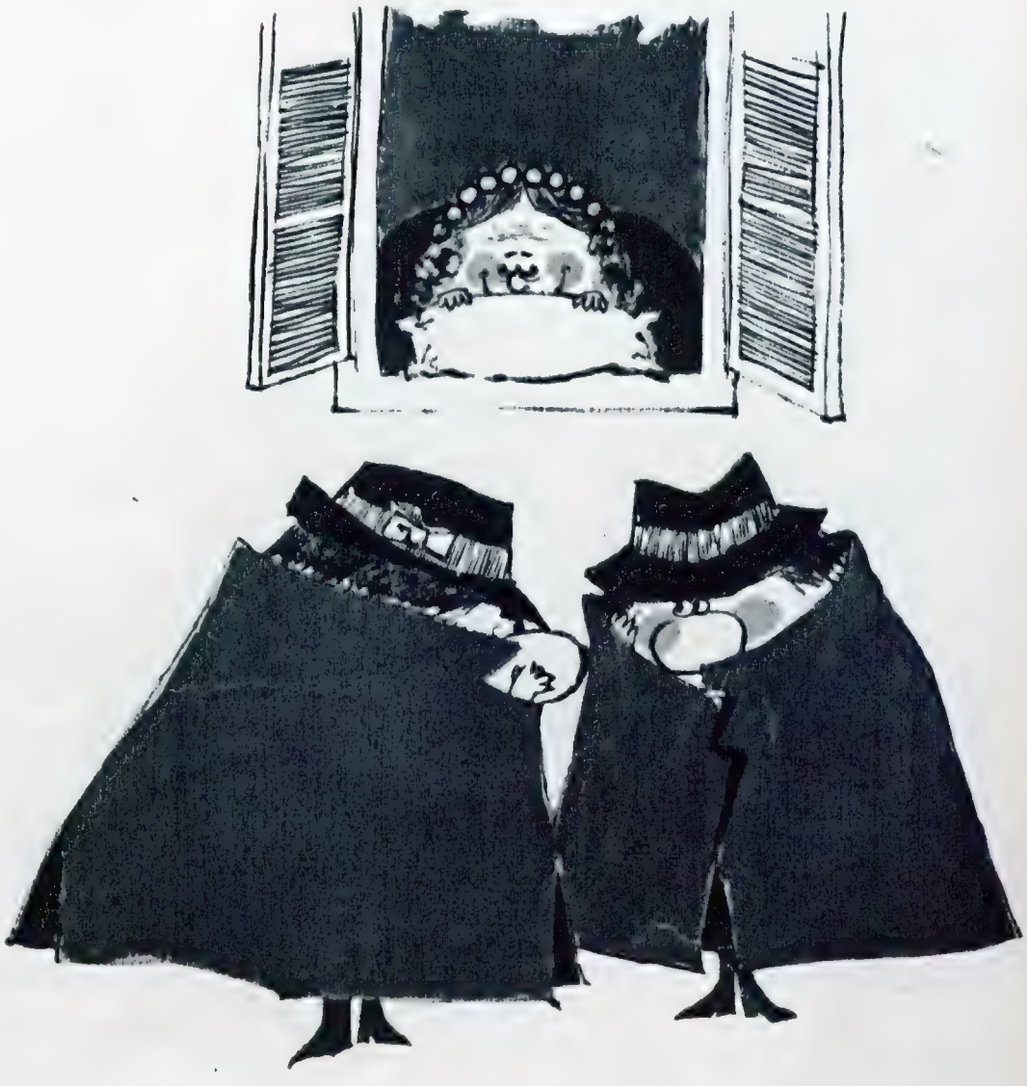
Powers, ao contrário, ainda podia responder a perguntas. Agora era tarefa do GRU descobrir se os americanos tinham descoberto a verdade. Mais tarde, a CIA teria que saber se os russos sabiam o que êles sabiam...

Esta é a espionagem em tempo de paz. Trabalham para ela, sòmente nos Estados Unidos, mais de 25 mil pessoas. Na União Soviética, segundo os cálculos dos **técnicos,** se chega a mais de 50 mil, dos quais pelo menos cinco mil são agentes espalhados em todo o mundo. Na Inglaterra, o M15 e o M16 dirigem um pequeno exército de mais de 10 mil homens. Na Itália (SIFAR), França (DST e SIN) e alguns outros países pertencentes ao mundo ocidental, existem cêrca de outros 10 mil elementos entre agentes e funcionários de repartições **especiais.** Isto, sem calcular os efetivos dos serviços de informações das duas Alemanhas: a Ocidental, com seu **Verfassungsschutz** (Seção de contra-espionagem, dirigida por Hans Brodmann) que tem às suas ordens mais de três mil agentes. A seção especial de Colônia (III Setor, especializado na luta contra as atividades comunistas) mantém outros 2.500 agentes, na maior parte refugiados de além-cortina. Na Alemanha Oriental existe a central de informações do MFS (Ministério da Segurança Nacional), com cêrca de 800 elementos que dependem diretamente do Presidente Walter Ulbricht. Trata-se de uma fôrça modesta. Mas é preciso considerar que, na Alemanha Oriental, têm seus escritórios as mais potentes filiais no estrangeiro do KGB (as iniciais russas para distinguir o **Comitê de Segurança Nacional,** isto é, a polícia política soviética, que até os tempos de Stalin chamava-se GPU) e do GRU, o serviço de informações do Exército Vermelho. Cêrca de 3.000 funcionários da KGB estão em Berlim Ocidental, no ex-Hospital de Sant'Antônio, no bairro de Wunzdorf. Os homens do GRU — mais de oito mil, segundo os cálculos dos técnicos ocidentais — não têm sede própria, mas estão espalhados nas principais cidades da Alemanha comunista. Cada país de além-cortina tem um **serviço** próprio, que colabora estreitamente com as centrais russas, exceto a Albânia, cujos agentes — calculados em cêrca de 600 — estão sob a dependência do **Escritório Popular de Informações** da China de Pequim.

Na Ásia, o Japão parece manter o primeiro lugar em matéria de espionagem, com uma rêde de cêrca de 7.500 homens da Divisão Imperial de Informações, dirigidos por Tatsuo Ferruja, que foi chefe da espionagem nipônica em Shangai durante a segunda guerra.

Quantos agentes têm atualmente os Estados Unidos, a França, a Rússia, a China Vermelha e o Japão no Vietnã do Norte e do Sul é difícil calcular. Mas são muitos, e todos com a qualificação de **firemen — bombeiros,** como se classificam na gíria internacional da espionagem os elementos que estão em contato com assuntos que **queimam.** Outros **bombeiros** estão entre Israel e o Egito. A seção de Israel é uma das mais bem organizadas do mundo, e mantém também uma **academia** com cursos que duram de dois a quatro anos.

SEGUE



sonhos que embalam o alvorecer de uma nova vida

"Homem ou mulher? Terá os olhos azuis como os do pai?" Nas horas de interrogações, uma grande certeza: êle terá tranqüilidade para sempre. Essa confiança é privilégio dos associados do MFM.

MONTEPIO da Família Militar MFM

(PARA MILITARES E RESERVISTAS DE TÔDAS AS CATEGORIAS)

MPM

Cidadão tranqüilo também vai espiar

Esta Academia está perto de Paris, num terreno que o govêrno de Israel comprou — através de particulares. O Egito, por seu lado, tem poucos agentes nacionais, servindo-se de pessoal alemão ou inglês.

E na América Latina, existe espionagem? É difícil responder: se se fala de espionagem militar, a resposta pode ser quase negativa. A não ser na Argentina (onde existe um bom serviço de informações do Exército, com escritório em Corrientes, a rua mais freqüentada de Buenos Aires). Ou no Panamá, na Zona do Canal, cujo pessoal depende diretamente da CIA. Os outros países do hemisfério têm apenas **núcleos** de contra-espionagem: mas o trabalho é inexpressivo, sendo bem conhecidos os armamentos de cada nação — quase todo de importação norte-americana — e os efetivos das fôrças armadas. Alguns dêstes países, no entanto, possuem perfeitos serviços de **informação** política, especialmente empenhados na luta contra a subversão. Temos, no Brasil, o SNI (Serviço Nacional de Informações) cujos agentes somam, segundo dados não confirmados, cêrca de dois mil. Não se trata de um grande número, para um país de mais de 80 milhões de habitantes. Basta lembrar dos nove mil agentes do secretíssimo **Bureau** do Paraguai, sob as ordens diretas do ditador Stroessner, e que tomam conta de dois milhões de habitantes. Ou — outro exemplo de exagêro — nos 20 mil homens do **Exército Secreto** do ditador Duvalier, do Haiti, que mantêm guarda a uma população de pouco mais de quatro milhões e meio. Outro serviço bastante organizado está na Venezuela, e é um dos responsáveis — junto com a Polícia Secreta do Exército — pelo fim das guerrilhas.

Em Cuba, o G-2 — serviço de contra-espionagem militar — tem obtido vários êxitos na caça a agentes da CIA, enquanto esta examina minuciosamente os refugiados cubanos que chegam a Miami, para evitar que entre êles se infiltrem agentes do G-2. Mas não existe em Cuba um serviço **oficial** de informações políticas. Disse recentemente Fidel Castro: "Cada cidadão tem o direito e o dever de informar aos seus chefes de partido ou sindicato sôbre a atividade dos inimigos do regime". Em 1938, na Itália, o ditador Benito Mussolini disse a mesma coisa, incitando assim a população à delação autorizada. Enquanto isso, os refugiados cubanos afirmam haver um agente do govêrno, em cada prédio de Havana, assim como em cada fábrica e em cada usina de açúcar.

James Bond acaba na cadeia

Diz o Coronel inglês James Davidson, um dos dirigentes do M16: "Os agentes não são bichos estranhos, nada os diferencia de nós. Têm o mesmo aspecto de nosso vizinho de casa, ou dêste senhor que está viajando conosco no ônibus. Não se vestem de maneira especial, dificilmente levam uma Colt 45 embaixo do paletó, e não escrevem suas mensagens na mesa de um restaurante a preço fixo. Podem também morar numa favela, mas não deixam microfilmes numa caixinha de pílulas contra a tosse, sobre o balcão de um boteco, e não passam suas noites na cama de bailarinas, perguntando-lhes ao ouvido: "Querida, onde estão os foguetes?". A advertência do Coronel Davidson foi feita em função anti-Bond. O dirigente do M16 acrescenta: "Se tivesse existido um só agente como James Bond, teria acabado na cadeia depois de um dia de trabalho".

O govêrno inglês muito provàvelmente inspirou esta declaração de Davidson; hoje em dia, com efeito, não há rapaz entre 14 e 17 anos que não aspire ser Agente de Sua Majestade. Não é raro encontrar-se no saguão do Ministério da Defesa, em Londres, um lourinho cheio de sardas que pergunte ao porteiro: "Onde está o escritório de Mister M.?" (M., nos livros de Ian Fleming, é o chefe da contra-espionagem inglêsa). Tornou-se necessário, assim, esvaziar o romantismo da personagem de Fleming, para que as coisas fôssem postas em seu lugar.

Mas se o serviço inglês tem dessas ligeiras preocupações, o serviço americano está atravessando um momento bem mais rico de complicações: a CIA está sendo acusada, por membros do Congresso e por muitos jornais (entre os quais o **New York Times**), de utilizar métodos nem sempre legítimos e de não trabalhar sempre de acôrdo com a política do govêrno. Desta maneira, segundo as críticas, a CIA estaria se tornando um superorganismo. A recente nomeação para Diretor da CIA de Richard Helms, um veterano do serviço secreto americano, funcionário tranqüilo e disciplinado, servirá certamente para acalmar a tempestade. Mas seu predecessor, o almirante William Raborn, nascido no Texas e que gostava de fazer-se chamar **Mr. Polaris,** como um personagem de Fleming, tinha talvez trabalhado com mão pesada demais.

Entre suas inovações, uma das mais discutidas foi a da **espionagem turística:** cada cidadão americano que ia à Russia ou a outro país de além-cortina, a negócios ou turismo, era abordado por um agente da CIA:

— Aproveite sua viagem para fazer um serviço à Pátria: tire quantas fotografias puder de coisas que o senhor achar interessantes, e nos dê os filmes. Receberá logo de volta as ampliações já prontas.

Os norte-americanos são bons patriotas e ninguém soube responder **não** ao apêlo da CIA. A ponto de muitos dêles, em Moscou, Budapeste, Praga, ou outras regiões **quentes,** se acharem no dever de fotografar até instalações militares, provocando — como não podia deixar de ser — as maiores complicações diplomáticas. O Senador William Fulbright, informado da **operação turística,** lançou de sua tribuna o maior ataque contra **Mr. Polaris,** acusando-o de "brincar com a vida de tranqüilos cidadãos".

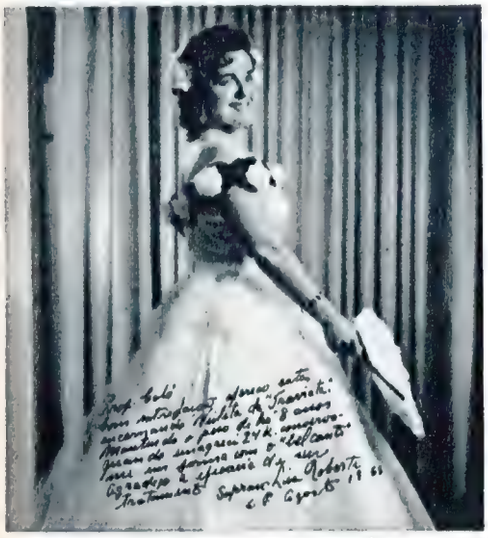
Espionagem não é só política ou militar. É também a serviço do amor ou dos negócios. No Brasil existem detetives particulares entre Rio São Paulo.

SEGUE

NÔVO SISTEMA
EMAGRECER

Rejuvenescer sem drogas, banhos, aparelhos ou sacrifício. Em qualquer idade.

Dedicatória da notável soprano, cantora internacional, Baronesa Lia Roberti.



Diretor **Vicente COLÓ**

Pessoalmente com hora marcada

Normalizado o organismo não se volta a engordar. Remeta pêso, idade e altura.
Correspondência: Cx. Postal 5.696

R. Rosa e Silva, 170 - Tel. 52-1675 - S. Paulo
(Próximo à Pça. Marechal Deodoro e Av. Angélica)

PORTAS para BOX

AMERICANBOX

Máxima perfeição em **BOX** e **PORTAS** para **BANHEIROS**

Visite Nosso Stand na 1.ª Exposição de Engenharia — Arquitetura e Decoração. Setembro. — Bienal

RUA BASILIO DA CUNHA, 1097 - 1101
"AMERICANBOX" - TEL. 63-3368 - SP
(DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL)

ESPIONAGEM CONTINUAÇÃO

A triste hora de pagar cem mil

Mas são poucos. No Rio, trabalha-se mais na área dos negócios; em São Paulo na do amor. Conta um detetive carioca: "O homem de São Paulo é ciumento e cheio de suspeitas. E tem mais dinheiro para gastar em uma investigação de caráter sentimental. O carioca, ao contrário, gosta da espionagem industrial, porque lhe evita complicações, surprêsas, e lhe dá mais tempo para cuidar de sua mulher".

O que define o nível da polícia particular no país é que enquanto um jornal de Nova Iorque, Paris ou Roma publica uma centena de anúncios de detetives por dia, no Brasil não aparecem mais de três ou quatro, nas edições de domingo. Em São Paulo, um detetive conta a história de um industrial rico e não mais muito môço que lhe pediu informações "rigorosas" sôbre a atividade da espôsa, jovem e bonita. As informações, infelizmente, foram catastróficas. Ao assinar o cheque de 100 mil cruzeiros a favor do detetive — como fôra estabelecido antes da investigação — o velho industrial murmurou com desgôsto, mas não sem uma ponta de humor: "Puxa vida, descobrir que se é marido traído e ainda ter de pagar".

Na verdade, a maior parte da atividade do detetive particular no Brasil é prestar a seus clientes facílimas informações bancárias, ou fornecer a ficha dos cartórios de protestos. Cada serviço dêsse tipo custa em média dez mil cruzeiros. As grandes lojas que vendem a prazo são as maiores clientes destas agências particulares. Não se pode falar, no Brasil, de espionagem industrial verdadeira. Existem casos de firmas farmacêuticas envolvidas em roubos de fórmulas químicas pertencentes a outras indústrias: mas é quase sempre um empregado pouco escrupuloso que forneceu — por um punhado de dinheiro — as informações ao concorrente. Parece que nunca tivemos em atividade, com câmaras para microfilme ou microfone escondidos embaixo dos tapêtes, os detetives lendários da literatura policial.

Nos Estados Unidos, três universidades concedem o diploma de **Industrial Security** (espionagem industrial). Os alunos freqüentam, entre outros, cursos mantidos por professôres surdos e mudos para aprender a ler, nos lábios e a distância, a conversa de outras pessoas. Aprendem também a fotografar na escuridão, com máquinas equipadas com raios infravermelhos; a gravar conversações telefônicas por meio de aparelhos miniaturizados; e a decifrar códigos cifrados, freqüentando aulas de grego antigo, sânscrito e filologia.

Agora, nos Estados Unidos, muitas indústrias de aparelhos eletrônicos estão fazendo fortuna com o lançamento de uma série de dispositivos de gravação dos mais perfeitos. Pequeninos e com ar de mistério, fazem a felicidade não sòmente dos êmulos de James Bond, mas também da garotada. Existem quadros com microfones e gravadores na moldura, relógios-gravadores, bonecas com um completo aparelho de gravação escondido na barriga, o **snooper**, aparelho que permite escutar a distância.

Por 500 dólares (pouco mais de um milhão de cruzeiros) é possível comprar uma azeitona com transistores, de plástico. No lugar do caroço há uma microscópica aparelhagem de transmissão e recepção radiofônica. O palito enfiado na azeitona serve de antena. E tem mais: em caso de perigo, existe um líquido especial que, colocado no copo onde está a azeitona, destrói em poucos segundos todo o minúsculo aparêlho. Trata-se de um ácido de terrível potência e é claro que, se houver necessidade, o agente pode também beber o líquido, e acabar com a mesma rapidez da azeitona. Por 500 dólares, até que é barato. FIM

Se v. fôr uma mulher diferente, vai gostar das calças Cori. Elas também são.

Modêlo em Fibrane - Rhodosá, estampado com motivos geométricos. Chapéu no mesmo tecido.

Modêlo em brim Helanca Elastique com pespontos laterais contrastantes. Cinto em juta listrada.

Mulher repara em tudo, quando vai comprar alguma coisa. Faz bem. Perguntando ela vai saber, por exemplo, que a modelagem das calças Cori é exclusiva no Brasil (se bem que às vêzes não é na Europa, porque nós trazemos muitas idéias de lá). Vai saber também que os tecidos são pré-encolhidos. E que nas calças Cori não existem lugares onde as costuras sempre se abrem quando o tecido é forçado. Porque elas são costuradas com fio de nylon, em ponto corrente... Há mais elasticidade, e nenhum risco da costura abrir. Se v. fôr uma mulher diferente... Bem, nesse caso é quase certo que v. já está usando calça Cori.

cori

Fab.: Rua Teodoro Sampaio, 2484 - S.P.
Escrit. Rio: Edifício Central - conj. 2929

Modêlo em gabardina Helanca Rhodianyl com detalhe de listras na barra, cinto e chapéu.

Êle acabou de derrubar o 25.º homem que o enfrentou. E, como das outras vêzes, quando o juiz levantou seu braço êle repetiu a frase que o define e que leva muitos a criticá-lo, outros a odiá-lo, alguns a invejá-lo: "Eu sou um lindo e cintilante campeão". Seu nome é

CASSIUS CLAY aliás Mohammed Ali

Texto de Oriana Fallaci

Êle era um palhaço simpático, alegre, inofensivo. Os italianos ainda se lembram de suas fanfarronadas e mentiras, durante as Olimpíadas de Roma, quando êle jogou quatro adversários na lona: um belga, um russo, um australiano e um polonês. Foi assim que êle ganhou a medalha de ouro da qual não se separava nem para dormir:

— Deus deu-me esta medalha e coitado daquele que se atrever a tocá-la.

Êle aparecia nos restaurantes e buates com uma capa de arminho às costas e empunhando um cetro:

— Saúdem o rei; eu sou o rei!

Nas ruas, guiava um ônibus coberto de frases que falavam de sua beleza e valentia, ou um Cadillac côr-de-rosa com assentos forrados de pele de leopardo. No ringue, lutava gritando:

— Olhem como me movimento, com que graça, com que elegância!

E se alguém o criticasse, êle ria, contando que aos quatro meses de idade tinha dado o primeiro sôco: em sua mãe — e "a coitada fôra a nocaute depois de seus dentes caírem como as contas de um colar desfiado". Dêsse humor e dessa vaidade, nasciam poesias divertidas: "A minha história é a de um homem/ juntas de ferro, pele de bronze/ que fala e se orgulha de ter/ o sôco potente, rebelde/ Sou belo, sou belo, sou belo/ o maior de todos, eu/ no duelo".

Com êle, o pugilismo ganhara um nôvo astro, um personagem quase digno de Rocky Marciano, Joe Louis, Sugar Ray Robinson. Êle era o símbolo de um Estados Unidos fanfarrão e feliz, vulgar a corajoso, sem delicadeza, mas cheio de energia. Naquele tempo, êle se chamava Cassius Marcellus Clay.

Agora, seu nome é Mohammed Ali e êle se tornou o símbolo de tudo o que se deve condenar: o ódio, a arrogância, o fanatismo que não conhece barreiras geográficas, nem diferença de línguas, nem côr de pele. Êle é o símbolo dos Muçulmanos Negros, uma das seitas mais perigosas da América, os assassinos de Malcom X; catequizaram-no, hipnotizaram-no. E o palhaço inofensivo se transformou num vaidoso irritante, um fanático sombrio e obtuso que prega a segregação racial, maltrata os brancos que estão do lado dos negros, ameaça os negros que estão do lado dos brancos e pretende que os Estados Unidos lhe entreguem um território em nome de Alá. E do qual êle seja o chefe: é o sonho que lhe puseram na cabeça, aproveitando-se de sua ignorância, pois êle sabe esmurrar e só. Todo mundo devia vê-lo num comício de cinco mil muçulmanos negros em Chicago, com o punho levantado, os olhos injetados, amaldiçoando Lincoln, Washington, Jefferson e outros grandes líderes mortos, e berrando:

— Neste ano de 1966, todos os negros da América estarão conosco. Rezem pela alma e pelo corpo dos nossos inimigos, pois quem não estiver do nosso lado será nosso inimigo.

Êle devia ser visto, também, no jantar que Sugar Robinson ofereceu em Nova Iorque, na sua despedida do boxe. Entre os convidados, estava John Lindsay, o prefeito de Nova Iorque, e um fotógrafo que teve a má idéia de fotografá-lo junto a Clay. Êste, ameaçador, disse para Lindsay:

— Espero que compreenda a honra.

— É claro — respondeu Lindsay sorrindo.

— Não estôu brincando, é uma honra para você aparecer ao meu lado — insistiu Clay.

— Mas é claro — disse novamente Lindsay.

— Então agradeça-me por esta honra.

Os muçulmanos negros instigam-no contìnuamente a brigar e ficariam muito felizes de vê-lo na cadeia, pois precisam de publicidade. Não há dúvida de que terminará prêso se continuar se negando a cumprir suas obrigações militares, dizendo que pertence a Alá e não aos Estados Unidos. Seria o fim patético de alguém que acabou sendo destruído pela ignorância e a fama fácil, enquanto procurava tornar-se homem. Um herói errado dos nossos tempos errados.

Só um branco em sua vida: o treinador

Estávamos às vésperas de sua luta com o inglês Henry Cooper, em Miami.

Quarta-feira de manhã — A academia onde treina o pugilista mais famoso do mundo fica em cima de uma loja de sapatos. O público pode entrar por meio dólar quando êle não está e um dólar quando está.

SEGUE

AGORA 3 VÔOS SEMANAIS PARA OS EE.UU.

Partindo do Rio ou de São Paulo, você pode jantar conosco a bordo — tirar um cochilo — e almoçar em qualquer cidade dos Estados Unidos, através de Miami.

A Braniff tem agora três convenientes vôos semanais para os Estados Unidos — tôdas as têrças-feiras, sextas-feiras e domingos, à noite.

De São Paulo, serviços de conexão Braniff/Sadia, entre os aeroportos de Congonhas e Viracopos, para todos os vôos, gratuitamente.

E mais: nós o convidamos a voar pela mais bonita frota aérea do mundo !

Nós fizemos nada menos que 17.543 inovações... aviões em sete tonalidades com sete interiores diferentes e acessórios combinando nos mínimos detalhes. Aeromôças atenciosas, encantadoras e elegantíssimas nos seus ZIP - CLICK - ZIP uniformes criados por Emilio Pucci, e... bem, é realmente uma festa para os olhos desfrutar do perfeito serviço, da soberba cozinha e do extraordinário confôrto. Tudo isso é seu na Braniff.

Sim, tudo é nôvo na Braniff, exceto 38 anos de experiência em vôo.

BRANIFF INTERNATIONAL
SOUTH AMERICA MEXICO UNITED STATES

Às vêzes êle arrota na cara de quem o cumprimenta

Geralmente, êle chega a uma hora da tarde, seguido por uma escolta de muçulmanos negros. Malcom X, antes de ser rejeitado por suas idéias não suficientemente extremistas, seguia-o quase sempre. Um dia, em 1963, o **manager** de Clay, Ângelo Dundee, se aproximou de Malcom X, sem reconhecê-lo, e disse-lhe ao ouvido:

— É realmente um grande campeão. Pena que seja prêsa daqueles... Ângelo Dundee é o único branco da turma. Tem a fama de ser o **manager** mais esperto dos Estados Unidos e de saber fazer parar em menos de 50 segundos o sangue de uma ferida. Os inglêses sempre dirão que Clay só não perdeu na primeira luta com Cooper, porque quando Cooper machucou Clay na cabeça — atordoando-o — Dundee ganhou minutos preciosos abrindo uma discussão sôbre as luvas do inglês, dando tempo a Clay para se recuperar.

Dundee tem mais ou menos 40 anos, é pequeno e magro, de olhar inteligente, modos educados. Ninguém compreende como pode entender-se com Clay, que êle treina desde 1960, quando lhe foi confiado pelos onze brancos de Louisville que o mantêm sob contrato.

Se perguntarem a Dundee o que pensa de Clay, a primeira coisa que vai dizer é que corre perigo aquêle que o continuar chamando de Clay. Deve-se chamá-lo de Mohammed Ali, o nome que está escrito em seu calção de boxe e em seu passaporte. Ou então, Champ, diminutivo de **champion.** Quando Dundee conheceu-o, Cassius-Mohammed era um devoto batista e tinha um irmão que se chamava Rodolfo Valentino; agora, Rodolfo Valentino converteu-se também ao islamismo e chama-se Ragmad.

Rodolfo Valentino-Ragmad também é pugilista, como Cassius-Mohammed, que tentou lançá-lo empregando-o como treinador em Las Vegas, antes do encontro com Floyd Patterson. O resultado foi que só conseguiu bater Patterson depois de 12 assaltos. Agora, êle treina com verdadeiros pugilistas como James Ellis ou Willi Johnson ou Chip Johnson. Aproximo-me de Chip Johnson, um gigante com dentes de ouro, e lhe pergunto como é Cassius-Mohammed.

— É louco. Palavra que é louco! — responde êle. Noutro dia escapou-me um sôco pesado que o derrubou. Pois zangou-se de tal modo que queria despedir-me. Não tem espírito esportivo.

De repente, Chip se cala: acaba de entrar o campeão com sua escolta. Êle é altíssimo e redondo, os braços redondos, as nádegas redondas, o rosto redondo, côr de café-com-leite claro. Nem parece ter 24 anos e não responde aos cumprimentos. Apresento-me mas êle vira as costas e é de costas que me estende uma mão imensa com as juntas rosas e esfoladas. Estende-a como se eu tivesse que beijá-la e parece até um pouco decepcionado quando me limito a apertá-la. Depois desaparece e volta com um calção de cetim. Apesar de continuar redondo, fica melhor com o calção, e é evidente que gosta de si mesmo.

Põe-se diante de um espelho e se olha, dobrando-se todo. Bota a língua de fora e murmura: "Ah! Oh!". Alguém atrás de mim comenta:

— Está se tornando cada vez mais insuportável.

Mas eu não queria começar achando que êle fôsse insuportável. Queria fazer uma entrevista amável, sem esquecer que, se eu fôsse um pugilista negro nascido em Louisville e semi-analfabeto, não saberia me comportar melhor. Mesmo assim, espero que Chip lhe dê uma surra no treino de logo mais.

Quarta-feira à tarde — Chip apanhou. Cassius-Mohammed notou que êle se esforçava demais enquanto eu o incitava, embora em voz baixa ("fôrça Chip, esmurra Chip") e faltou pouco para que o esmagasse. Saindo do ringue, massageando as costas, Chip lançou-me um olhar triste como para dizer: "Você viu? Eu não lhe disse?"

Cassius-Mohammed passou por mim como se eu fôsse transparente. Só mais tarde fiquei sabendo que à noite êle me receberia em sua casa. Então todos me diziam: "Tomara que não encontre lá o Sam Saxon". Saxon é o conselheiro espiritual que os Muçulmanos Negros deram a Cassius-Mohammed para protegê-lo e espioná-lo. Quando Saxon está presente não se consegue nada. Nem se consegue fazer Cassius-Mohammed falar de sua mulher, uma bela manequim de quem êle se divorciou depois de seis meses de casamento. Porque ela fumava, se pintava e se recusava a vestir a túnica branca das muçulmanas, de gola alta, comprida até os pés e completada por um véu que cobre metade do rosto.

Quarta-feira à noite — Fui à casa do Campeão. Êle mora no bairro negro, em uma casinha de pobre. As razões pelas quais vive assim são contraditórias. Alguns dizem que é para agradar os Muçulmanos Negros e representar o papel de vítima. Outros dizem que é por sinceras convicções ideológicas. Outros ainda garantem que o Campeão não possui um tostão além dos 50 mil dólares que o grupo de Louisville depositou em um banco, no início de sua carreira, para que não morra de fome na velhice.

Quando cheguei, o Campeão estava sentado na grama, brincando com as crianças da vizinhança. O conselheiro espiritual, Saxon, não estava lá. Embora me visse chegar, Cassius-Mohammed continuou a brincar e nem se levantou para me dar a mão. Mas arrotou e disse que se sentia muito bem porque tinha comido seis costeletas de cordeiro. Seguiu-se um silêncio de quase meia hora que eu procurava romper com sorrisos, observações, perguntas. De repente, como se tivesse recebido uma onda de inspiração, o Campeão me convidou para a cozinha e disse que me mostraria a coisa mais formidável do mundo. Na cozinha havia um projetor e uma tela. Êle projetou a luta com Liston, que acabou no primeiro minuto com um nocaute. Projetou-a duas vêzes, uma em câmara lenta, e eu não vi o nocaute. Isso daria razão àquêles que asseguraram ter sido uma marmelada.

Mas eu lhe disse que tinha visto o nocaute e êle ficou tão contente que resolveu projetar a luta com Patterson, que êle odeia por ser católico. Durante a projeção êle me explicou que não vai ao cinema, mas que aluga filmes para vê-los em sua casa. E os únicos filmes que aluga são os de suas lutas e os desenhos de Walt Disney. Perguntou se eu queria ver um do Mickey. Respondi que não, que preferia entrevistá-lo. Então, e sem que eu possa explicar como aconteceu, o quarto foi se enchendo de negros. Êles entravam silenciosamente, iam sentando ou se apoiavam à parede. Eram doze e me olhavam com desdém. Depois, liguei o gravador e eis o que está na fita — com poucas vírgulas, pois Cassius-Mohammed fala sem tomar fôlego. E gritando!

SEGUE

Após a queda do adversário, o canto da vitória: "Digam a todo mundo que sou o maior."

© VOLKSWAGEN DO BRASIL

As quatro rodas trabalham juntas em perfeita desarmonia.

V. lembra daqueles sacolejantes carros do cinema mudo?

Puxa vida, como a gente morria de rir...

Quando chegou a nossa vez de fazer um carro, achamos que êle poderia ser engraçado... mas não sacolejante.

E nos empenhamos em fazer um carro bem diferente dos saudosos carros do cinema mudo. Quando um daqueles carros entrava com uma das rodas num buraco fundo, todo o veículo recebia forte impacto.

Sabe que ainda hoje isso acontece, apesar de não mais existirem aquêles divertidos carros?

Mas não acontece no Volkswagen.

Porque em vez de um eixo rígido fizemos uma suspensão independente para cada roda. Utilizamos ainda resistentes barras de torção, em vez de molas. Assim, quando uma roda entra num buraco, as outras nem ficam sabendo.

Agora v. já sabe porque o VW roda suavemente, tanto numa rodovia asfaltada como numa estrada de terra:

O Volkswagen roda harmoniosamente graças à desarmônica colaboração de suas rodas.

"Quero o paraíso agora que sou belo e invencível"

— Você não ficou triste quando mudou de nome?

— Não. Ao contrário. Era duro ter o nome que tinha porque era o nome de um branco que dava seu nome aos escravos. Agora pelo contrário tenho o nome de Deus. Mohammed Ali que lindo nome! Mohammed quer dizer Digno de Todos os Elogios. Ali quer dizer O Mais Alto é o nome que eu mereço por outra parte todos deveriam chamar-se assim e não senhor Raposa senhor Peixe senhor Não-sei-quem. Os homens deveriam ter o nome de Alá. Por isso eu me zango quando alguém me pára e me diz "senhor Clay" eu respondo "Clay não, Mohammed Ali." Êles fazem isso para me diminuir como o outro dia aquêle fulano negro que começou a dizer-me "ei Cassius como vai Cassius olhem rapazes Cassius está aqui", mas eu respondo Mohammed Ali Mohammed Ali Mohammed Ali! Podem dizer que o mundo me conhece como Cassius Clay "e eu com isso" eu respondo. Não me interessa a publicidade. Eu mudei muito. Num tempo eu dizia: "sou o maior sou o mais belo sou belo demais para ser boxador, sou tão belo que as garôtas morrem por minha causa. Olhem não tenho nem um sinal no meu rosto liso como o rosto de uma môça, mereço três mulheres por noite." Naquele tempo eu fazia campanha como um político que tem que vencer as eleições. Agora já as venci e não necessito mais fazer minha campanha já que todos sabem que sou o mais esperto o mais belo e que mereço três mulheres por noite.

— Mas, se mudou tanto assim, Mohammed, por que continua insultando e odiando seus adversários?

— Eu não os odeio como sêres humanos. Odeio-os como indivíduos porque procuram machucar-me procuram fazer-me beijar a lona procuram roubar-me o título de campeão do mundo inteiro. Eu sou o campeão do mundo inteiro e não são êsses boxadores que vão me tirar o título de campeão a mim que sempre abri meu caminho com meus punhos, entende? Também quando era criança eu usava os punhos. Não as mãos com seus cinco dedos eu tinha cinco anos quando abri uma mão e compreendi que tinha cinco dedos mas os dedos não me servem, entende? E também os odeio porque êles têm a coragem de subir ao ringue embora sabendo quão esperto eu sou, quão grande eu sou e isto me enfurece e por isso os insulto. E também os insulto porque perdem a cabeça e quando um homem perde a cabeça torna-se mais fraco e cai mais depressa como aconteceu com Liston a quem eu dizia que era feio como um urso. E depois digo "covarde está morrendo de mêdo tem razão de ter mêdo porque você vai descer morto dêste ringue, você quis desafiar-me, agora vai ver o que é bom." Êles não agüentam isso e eu venço. Eu consigo prever sempre quando venço. Eu digo por exemplo "vão ver que êle cai no sétimo assalto" e êle cai no sétimo assalto. "Vão ver que êle sai daqui em posição horizontal" e êle sai em posição horizontal como acontecerá com Henry Cooper aquêle velho. Eu lhe escrevi uma belíssima poesia: "Cooper você disse que morre/ de vontade de ter-me/ novamente no ringue/ Porque uma vez tiveste sorte/ pegou-me no queixo/ Mas é bom que se ponha isto na cabeça/ não há dúvida nenhuma/ que desta vez eu te estendo/ Deves cair no chão e quando/ tiver acabado de te esmurrar/ você se sentirá como se tivesse/ quarenta e dois anos e não trinta e dois/ A ponte de Londres/ cairá contigo."

— Belíssima, Mohammed. Mas nunca pensou que um dia possa aparecer alguém que o vença?

— Eu não penso nessas coisas porque não tenho mêdo porque Alá está comigo e até que Alá esteja comigo eu continuo campeão do mundo inteiro. Sòmente Alá pode pôr-me a nocaute mas êle não fará isso. Eu não tenho dúvidas porque o homem que vencerá Mohammed Ali ainda não nasceu e se nasceu não tem mais de cinco anos não é nada mais que um menino. Onde está êsse menino, quero ver-lhe a cara a êsse menino que ousa esperar pôr a nocaute o campeão do mundo inteiro Mohammed Ali. Menino não se iluda porque eu não vejo nenhum ser humano com dois braços, duas pernas que possa vencer-me neste mundo. Eu durarei ainda por 15 anos, depois aos 40 me retirarei porque tenho 300 alqueires de terra perto de Chicago e comprei também dois tratores com os quais cultivo repolhos e tomates. E comprei mil galinhas que botam ovos e então vendo os ovos e ganho dinheiro porque o fulano que se ocupa de comida nunca fica pobre porque o povo sempre precisa de comida. E com essa comida eu me tornarei muito rico e comprarei um avião de 600 mil dólares e quero uma limusine em cada cidade da América para esperar-me no aeroporto e depois quero um iate de 200 mil dólares ancorado em Miami e depois quero uma daquelas casas que vi nas colinas de Los Angeles de 50 mil dólares porque o paraíso eu não o quero no céu quando fôr velho. Eu o quero na terra sendo jovem. Porque não quero esperar na mesa de autópsia enquanto me cortem em pedaços para ver o que é que me matou e depois me costurem e me coloquem dentro de um caixão e me levem num furgão fora da cidade e depois façam um buraco na terra e me desçam lá. O paraíso eu o quero agora que sou grande e belo e ninguém pode me vencer neste mundo.

"O Vietnã? Nem sei onde está o Vietnã"

— Mohammed, que acha da humildade?

— A quê?

— Humildade.

— Que quer dizer? Eu fui um pouco à escola mas nunca ouvi esta palavra. Talvez queira dizer algo assim como modéstia e então eu sou tão modesto que nem chego a dizer quanto sou grande quanto sou extraordinário. Sou mais do que você pode imaginar do que pode ler nos livros.

— Mohammed, leu um livro alguma vez?

— Que livro?

— Um livro.

— Eu não leio livros e não leio nem os jornais. Sòmente aquêles que falam de mim pois eu estudei pouquíssimo porque não gostava de estudar que cansa demais e não é absolutamente verdade que eu queira ser engenheiro doutor. Os engenheiros os doutôres devem trabalhar cada dia cada noite tôda a vida e com o boxe a gente trabalha enquanto se diverte e depois com um sôco ganha milhões de dólares por ano.

Eu nem escrevo cartas nunca escrevi uma carta e se tenho que dizer algo para alguém faço-o por telegrama ou por telefone e se tem que ser por carta tenho seis secretárias que escrevem para mim, portanto é inútil que você me faça uma pergunta dessas.

SEGUE

"Eu não gosto de misturar-me com brancos, nem gosto de negros que se casam com loiras."

"Talvez me chamem para chefiar um Estado africano"

É como quando me chamaram para o serviço militar e me fizeram o exame de cultura me perguntaram se um homem tem cinco vacas e cada vaca dá dois litros e meio e três quartos de leite se perdem quanto leite fica? E a mim que me importa, não me interessa se as vacas dão ou não dão o leite se o balde tem um buraco ou não êste é assunto do dono das vacas e não o meu que sou campeão do mundo inteiro. E êles dizem que eu sou inepto mas de repente descobrem que não sou absolutamente inepto para morrer no Vietnã. Sou habilíssimo mas êsse Vietnã nem sei onde está sei sòmente que tem os vietcongs e a mim êsses vietcongs não me fizeram nada, portanto não quero ir combater com fuzis que disparam. Eu não pertenço aos Estados Unidos, pertenço a Alá que está preparando grandes coisas para mim.

— Que coisas Alá lhe prepara, Mohammed?

— Ninguém sabe eu estou esperando e o boxe é sòmente um momento de minha espera, algo que serve para tornar-me famoso e treinar-me na grandeza como um astronauta treina naquela coisa centrífuga e êle gira, gira e gira a grandíssima velocidade para ver o que lhe acontece nos olhos no coração e quando vê o que lhe acontece nos olhos e no coração pode alçar o vôo como uma águia, eu também alçarei o vôo e quem sabe onde irei e o que farei? Talvez me torne chefe de um território independente ou chefe de algum Estado da África talvez daqueles que precisam de um líder e então pensem assim "precisamos de um líder por que não chamamos Mohammed que é corajoso e belo e religioso?" e então me chamem para ser seu chefe. Porque eu nem sei que fazer com a América e os americanos e com vocês brancos. Eu sou muçulmano...

— Mohammed, quem diz essas coisas?

— Essas coisas é o honorável Elijah Mohammed mensageiro de Alá que as diz para mim mas agora chega. Quero deitar-me cedo, deito cedo porque de manhã me levanto às quatro para caminhar.

Elijah Mohammed é o chefe dos muçulmanos negros. Tornou-se chefe depois do assassínio do Malcom X. Mora em Chicago, numa mansão de 18 quartos. Êle nasceu na Geórgia, freqüentou a escola até o quarto ano primário e estêve prêso várias vêzes por crimes e infrações. Seu filho é o verdadeiro **manager** de Clay e por isso ganha centenas de dólares por semana pagos pelo Campeão.

Quinta-feira de manhã — Êle prometera estar na academia ao meio-dia para continuar a entrevista. Mas não veio ao meio-dia. Chegou a uma da tarde e quando me viu não se desculpou, nem me cumprimentou. Sam Saxon, o conselheiro espiritual, o acompanhava. Saxon é um negro de meia idade, muito claro. Não faz nada, não diz nada; limita-se a não se afastar de Cassius-Mohammed. Quando o Campeão está no ringue, êle se agarra às cordas como se temesse vê-lo fugir. Ontem não estava presente porque tinha dor de dentes, mas hoje não é possível afastá-lo. Seu trabalho não é só executar uma lavagem cerebral diária, mas convencer o Campeão a difundir as idéias da seita. As silenciosas 12 testemunhas da nossa primeira conversa também estavam presentes. Cassius Clay não dá atenção a um grupo de brancos que pedem seu autógrafo e quando o gongo toca, pula como uma fera sôbre Chip, esmurrando-o a tal ponto que Ângelo Dundee começa a gritar:

— "Defenda-se, Chip! Devolva os socos, Chip! Não se deixe intimidar, rapaz!" Depois, enquanto Chip está gemendo, estonteado, o campeão chega às cordas e me ordena a continuar com as perguntas.

"As mulheres perderam a moral"

— Sentiu muito divorciar-se de sua mulher, Mohammed?

— Nem um pouquinho. Foi como virar a página de um livro. As mulheres não devem andar na rua mostrando as partes nuas do corpo como os selvagens as vacas os cachorros como ela faz. É um verdadeiro escândalo. Um homem deve ter uma mulher que os outros olhem com admiração e respeito como diz Elijah Mohammed. Você liga a TV e que vê? Vê mulheres nuas vendendo as coisas não é decente. As mulheres perderam a moral não é decente.

— Mohammed, por que não me olha nos olhos? Está zangado?

— Não estou zangado, na minha religião nos ensinam a não olhar as mulheres e nós nos aproximamos das mulheres de maneira educada falando antes com os pais para obter a autorização de olhar a môça como na Arábia como no Paquistão como nos países onde se acredita no Deus justo que se chama Alá que não se chama Júpiter ou Jesus. E depois eu não gosto de misturar-me com os brancos e você é uma mulher branca. Se eu vivesse no Alabama votaria para o governador Wallace que não mistura os brancos com os negros. Eu não voto para aquêles que dizem "oh eu quero bem aos negros" eu não voto para negros como Sammy Davis que se casam com uma loura, a gente deveria casar-se com a gente de sua raça. Elijah Mohammed diz também que os cachorros estão com os cachorros os peixes com os peixes os insetos com os insetos os brancos com os brancos. É a natureza a lei de Deus está escrito até na Bíblia que vocês gostam tanto e esta integração que é? Eu acreditava nela até o dia em que um fulano bonzinho me disse "vem ouvir a tua verdadeira história e saber qual é tua verdadeira língua". Eu vou lá e que é que encontro? Encontro êste santo homem Elijah Mohammed que diz porque nos chamam de negros. Nós não somos negros e negro é uma palavra espanhola que quer dizer prêto e ninguém fala branco em espanhol ninguém diz verde em espanhol ou amarelo ou azul ou roxo mas dizem negros para negar-nos um país uma origem tornar-nos neutros entende? Os chineses se chamam assim por causa da China os cubanos por Cuba os mexicanos pelo México os italianos pela Itália os russos pela Rússia e japonêses pelo Japão e então os negros por quê? Negros americanos por quê? Eu não sou americano não me sinto americano não quero ser americano eu sou asiático negro como a minha gente que vocês brancos trouxeram aqui como escravos e se chamam Rakman e Assad e Sherif e Ahbad e Mohammed e não John e George e Chip e rezavam para Alá que é um Deus muito mais antigo que o seu Júpiter ou seu Jesus e falavam árabe que é uma língua bem mais antiga que seu inglês e agora essas coisas as conheço por causa de Elijah Mohammed a quem amo mais que minha mãe.

(Elijah lhe ensina muitas coisas erradas, realmente. Prefiro, porém, não mexer com sua ignorância).

— Mais que sua mãe, Mohammed?

— Claro, mais que minha mãe porque minha mãe é cristã. Elijah Mohammed é muçulmano e eu poderia morrer por êle e também morrer por minha mãe quer vocês brancos gostem ou não gostem.

Quinta-feira à noite — Voltei à casa do Campeão. Lá estava o conselheiro espiritual sentado nos degraus da entrada. Encontrei o Campeão na cozinha, comendo uma melancia. Inteira. "Bom apetite", lhe digo. Êle dá um grande arrôto e continua a devorar a melancia. "Obrigada por ter-me convidado novamente." Êle dá outro arrôto, sem largar a melancia. Depois me ordena:

— Sòmente perguntas esportivas.

De esporte não entendo nada, mas mesmo assim faço uma tentativa:

— Vai renovar seu contrato com a corporação de Louisville?

Parecia-me uma boa pergunta, uma pergunta esportiva, mas êle arrota novamente e responde:

— E você com isso?

Fico sem jeito, experimento uma segunda pergunta, para mim profundamente esportiva:

— Depois de quantos assaltos pensa botar Cooper a nocaute?

Êle larga a melancia da qual só ficou a casca e rosna:

— Se eu lhe digo, você me paga?

— **Não** — digo eu.

— Como não?!

A partir dêsse ponto não me lembro de mais nada. Aquêles muçulmanos negros de sempre, os berros, meu microfone que voa de uma parede para a outra, uma tempestade. Só lembro que os muçulmanos negros eram muitos. Primeiro não havia nenhum, mas repentinamente eram muitos e alguns dêles maiores que o Campeão. Berravam sem parar. Alguém gritava que durante 400 anos eu tinha comerciado os asiáticos negros, outro gritava que eu tinha pôsto seu povo na cadeia, outro ainda que eu tinha vindo para roubar os prognósticos e ganhar nas apostas. E acima de tudo levantava-se a voz lamuriosa de Cassius-Mohammed:

— A mim que sou campeão do mundo inteiro.

Eu lhe respondi que a **World Box Association** não o reconhecia como campeão do mundo inteiro e caminhei (ou melhor, corri) para o meu táxi. O carro parecia estar muito longe, eu tinha a impressão de que nunca o alcançaria.

De repente, lembrei-me de Malcom X, que mataram em Nova Iorque. Quando o táxi deu a partida tive a sensação de que só existia uma frase no mundo: "Graças a Deus"

FIM

por favor, não conte os caminhões: em cada dez, seis são fenemê

...e há os outros, naturalmente.

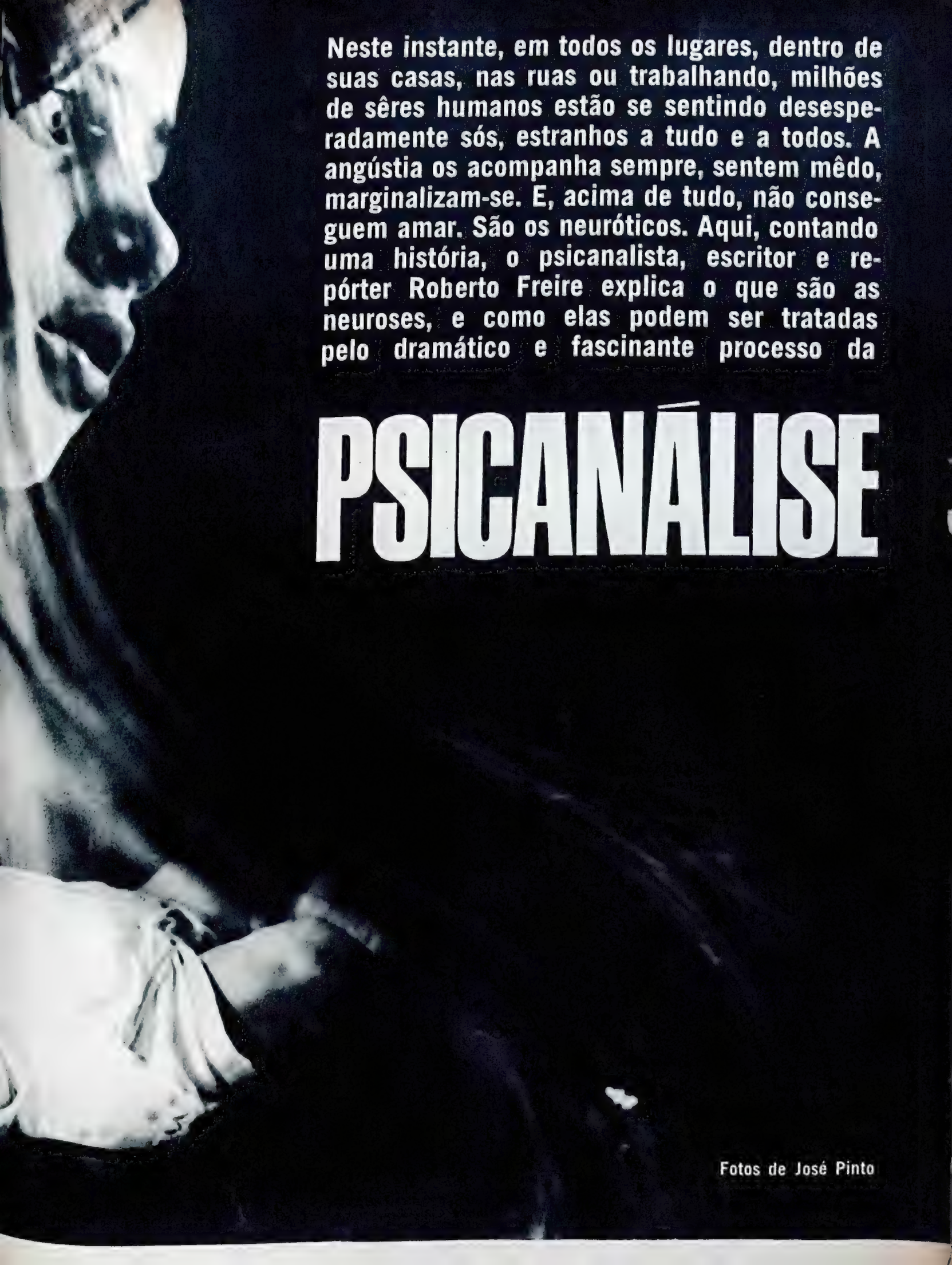
agora, quando lhe tôdas as gasolinas lembre-se que só você encontra gasolina contendo e não paga um a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)

disserem que
são iguais,
nos postos shell

I.C.A.

centavo



Neste instante, em todos os lugares, dentro de suas casas, nas ruas ou trabalhando, milhões de sêres humanos estão se sentindo desesperadamente sós, estranhos a tudo e a todos. A angústia os acompanha sempre, sentem mêdo, marginalizam-se. E, acima de tudo, não conseguem amar. São os neuróticos. Aqui, contando uma história, o psicanalista, escritor e repórter Roberto Freire explica o que são as neuroses, e como elas podem ser tratadas pelo dramático e fascinante processo da

PSICANÁLISE

Fotos de José Pinto

Neurótico vive só e cheio de mêdo

— Não vá, por favor. Eu preciso de você!

Marcus estava de costas para ela, olhando para a porta. Custou a falar.

— Não posso fazer mais nada por você, Sandra. Só lhe tenho amor. Procure um psicanalista. Adeus.

A porta se fechou. Sandra tentou mover-se, mas estava paralisada. A frase de Marcus doía como um tapa e ela sentia o rosto ardendo só de um lado. A humilhação passou a ódio, pequeno de início, mas antigo, que crescia dentro de Sandra. A porta. A porta fechada. Virou-se: havia outra porta atrás de si e mais outras, em cada parede, no chão, no teto. Estava encarcerada, incomunicável. Via os trincos, as fechaduras, as chaves. Em lugar de usá-los, esmurrava a madeira, ouvindo, em eco, o som do choque de seus punhos contra as portas. Quanto mais batia, mais tinha a impressão de que aquela caixa feita de portas diminuía. Até que ficou do tamanho do seu corpo, como a pele.

Gritou. Não ouviu nada. Agora rodopiava pelo quarto, em meio a objetos quebrados, espalhados pelo chão. De repente viu um túnel de claridade partindo de si em direção à janela. O resto, escuro e ausente. Caminhou, atendendo ao chamado da luz, porque parecia uma saída, uma libertação. Tocou a vidraça com as pontas dos dedos. Um mêdo imenso de si mesma explodiu num soluço. Então atirou-se sôbre a cama, agarrando o travesseiro.

Veio o silêncio. Audível, intenso. Podia ver, sentir, cheirar as frases de Marcus. Mas estava livre de ouvi-las. Sùbitamente começou a sentir as mãos que subiam por seu corpo, instalando-se dentro do peito num apêrto que produzia mais morte que dor. Apertavam mais e mais. Era preciso deixar que terminassem o serviço, pois no fim do estrangulamento viria a paz. Bastava, apenas, não morrer.

Os olhos, os ouvidos, as mãos abriram-se juntos trazendo o alívio. Escapara mais uma vez. Apanhou os comprimidos dentro da bôlsa. Engoliu dois e começou a caminhar pelo quarto, em círculos. Os cacos de louça e vidro no chão dificultavam seus passos. Como em criança jogando "amarelinha", evitava pisá-los. O pêso geral vinha vindo. Primeiro nos olhos, depois no resto. Deixou-se cair sôbre a cama, mais pelo pêso insuportável que por vontade. Era preciso não dormir antes que as grandes mãos pousassem em seus cabelos. Logo chegaram, antigas, lentas, numa ternura antiga e lenta em sua cabeça. Estava curvada, com os braços entre as pernas e os joelhos quase a tocar no queixo. Adormeceu, sentindo um embalo crescente, aquecido, protetor, seguro.

Estavam casados há cinco anos. Pelo menos uma vez por mês Marcus a levava aos médicos: dor no peito, falta de ar, paralisia súbita de um braço. As crises físicas sucediam a momentos difíceis na vida do casal. Só recentemente, entretanto, Marcus estabelecera essa relação. Lembrou-se então da noite do casamento. Fôra terrível. Amava-a muito e tentou, com ternura e paciência, ajudá-la a perder o mêdo. Mas não houve nunca alegria, participação verdadeira em suas relações sexuais.

Embora os pais não demonstrassem querer isso, Sandra parecia depender muito dêles. Dependência que ela própria não entendia, pois quando os procurava sentia-se ainda mais frustrada. Queixava-se da mãe que julgava egoísta e autoritária. Quanto ao pai — amava-o bem mais que à mãe — achava-o totalmente dominado pela espôsa. Tinha só um irmão, quatro anos mais môço do que ela. Era evidente sua aversão pela tranqüilidade, segurança e sucesso do rapaz.

Marcus é que teve a idéia do emprêgo para Sandra. O trabalho talvez a desviasse das preocupações consigo mesma. Ela não parecia ter consciência da própria beleza e inferiorizava-se frente a tôdas as mulheres. Perdia, assim o gôsto em arrumar-se e em vestir-se bem Depois vieram os ciúmes de Marcus. Alimentava-se dêles — como do mêdo do sexo e d frustração com os pais — para, aparentemente justificar suas crises nervosas.

Os problemas domésticos repetiram-se n escritório, onde, um dia, Sandra teve uma cris violenta caracterizada desta vez por paralisi nos dedos das mãos. O médico que a atendeu recomendou o tratamento psicanalítico. Sandra recusou-se, ofendida. Daí por diante as coisas foram piorando. Marcus já não suportava mais a vida que estavam levando. Ficava fora de casa o maior tempo possível, até que resolveu propor a separação. Pois achava, sinceramente, que naquelas condições não conseguiria ajudá-la e ao mesmo tempo não queria perder o amor por ela. Chegou mesmo a imaginar que diante disso reagisse objetivamente e começasse a ver a realidade. Aconteceu, porém, o inverso. Sandra teve uma crise ainda mais violenta: asfixia histérica — disse o médico.

— Não corre perigo agora, mas conheço casos fatais. Aconselho psicanálise.

A conversa com o médico esclareceu Marcus em muitas coisas. Sandra não tinha culpa do que estava acontecendo, não se tratava de mera simulação como pensara. Êle se convenceu de que a psicanálise era o único caminho. E resolveu tentar, por meio do choque da separação, levá-la ao tratamento.

Há milhões de criaturas que não podem viver sua vida, incapacitadas para aceitar a realidade do mundo, magoadas, solitárias em meio às multidões das grandes cidades.

São os neuróticos. Homens e mulheres que levam vida aparentemente normal em casa, no trabalho, nas ruas. Mas êles são diferentes. Alguma coisa estranha e incompreensível perturba-os e domina-os. Suas emoções e estado de espírito são confusos e injustificáveis, angustiantes, depressivos. Outras vêzes sentem impulsos e têm pensamentos absurdos, obsessivos. Ou ainda, como na histeria, são levados a movimentos involuntários e sofrem modificações no funcionamento do organismo.

Acontece que a vida de nossa mente é regida por um sistema de contrôle que organiza, dirige e inibe as reações diante dos estímulos e exigências do mundo externo, bem como os impulsos instintivos. SEGUE

Pela análise, a lenta e fantástica viagem ao passado

Na hora em que êsse sistema falha, a personalidade se desequilibra e surgem as manifestações neuróticas. São duas as causas que levam ao mau funcionamento de nosso contrôle psicológico: uma é o **traumatismo,** provocado quando o aparelho psíquico recebe num curto espaço de tempo excitações excessivas, impossíveis de serem controladas, desequilibrando-se; a outra é um **bloqueio** nas descargas normais das excitações internas, provocando acúmulos insuportáveis. Seja qual fôr o caso, as tensões internas têm de ser descarregadas para que se mantenha um equilíbrio de troca entre mundo exterior e interior. Quando essas descargas são defeituosas, a pessoa passa a não se compreender, sentir mêdo de si mesma e de tudo. E sendo que os traumatismos, os bloqueios e o próprio sistema de contrôle estão situados fora do consciente, as manifestações neuróticas assumem caráter absurdo e angustiante. Como na reação de Sandra após a separação.

Sandra não entendia bem aquela serenidade com que despertou no dia seguinte. Mas, embora de forma imprópria e alucinada, havia descarregado suas tensões interiores durante a crise da véspera. Alguma coisa a levara a aceitar a condição de doente. Pelo cansaço e franqueza de seus pensamentos, não descobriu o que era essa coisa. Preferiu imaginar-se inteiramente abandonada. A idéia de ir procurar um psicanalista não a ofendia mais e tinha, agora, um sabor nôvo: entregar-se a um desconhecido antes da entrega total e final — o suicídio.

Sandra olhava a sala. Duas poltronas apenas, a mesa com as revistas e o cinzeiro. Nenhum quadro nas paredes. A janela coberta por uma cortina. Atrás de sua mesa, onde havia um telefone, a enfermeira lia um livro. E o silêncio dominador, evidentemente artificial, procurado, parte do jôgo. Ela parecia ouvir o tique-taque de seu minúsculo relógio de pulso. Reparou na porta do consultório. Diferente das outras, como se fôsse blindada. Porta de submarino, pensou. O pensamento provocou um certo mêdo de afogar-se. O que seria um psicanalista? O que haveria por trás daquela porta blindada?

A porta se abriu. A enfermeira convidou-a a entrar no consultório. Sandra sentiu um mêdo semelhante ao do primeiro dia de aula na primeira escola, do sorteio de ponto em exame oral, do olhar óbvio do desconhecido na rua escura, do apagar da luz na noite da lua-de-mel.

O homem estava de pé, atrás da mesa. Ela encarou-o ràpidamente e desviou os olhos. Era feio, uns quarenta anos, usava óculos e vestia um terno cinza. E o avental? Na verdade não fazia falta, pois êle não tinha jeito de médico. Voltou a olhá-lo. Rosto sem simpatia, nem curiosidade, nem inspirava confiança, nada. Não falou coisa alguma e a olhava como os fotógrafos profissionais. Sandra sentou-se diante da mesa. Se êle não falasse, ela também não diria nada. A um canto havia um divã, uma poltrona e um abajur de pé alto. Silêncio. Sandra procurou um cigarro na bôlsa. Viu ser inútil esperar mais: êle não falaria mesmo antes dela. Tomou fôlego. A voz saiu trêmula:

— Posso fumar?

— Se quiser.

Notou que êle observava os movimentos inseguros de suas mãos, lutando para riscar o fósforo. A primeira tragada lhe fêz bem:

— Disseram-me que eu precisava de um psicanalista. Aqui estou.

Adivinhou um sorriso nos olhos do médico. Mas êle permanecia calado. Era terrìvelmente incômoda a situação. E meio ridícula, também. Por que não ia embora?

— O senhor poderia me explicar como é o tratamento? Não sei nada a respeito...

— Por que procurou a Sociedade de Psicanálise?

Com voz, êle parecia mais humano. A voz era neutra, pausada, baixa.

— Foi-me recomendada.

— Por quem?

— Meu marido e meu pai. Meu marido me abandonou e isso foi a última coisa que disse. Meu pai levou-me à Sociedade. Êle é que vai pagar o tratamento. E, antes de começá-lo, eu gostaria de saber como é.

— Isto.

— Como assim?

— Isto: conversar.

— Para que serve o divã?

— Se quiser, pode deitar-se nêle.

— Estou bem aqui. Mas para que serve?

— Deitadas, as pessoas pensam e falam melhor. As idéias fluem mais livremente. Se a senhora se deitar nêle eu ficarei naquela poltrona. Assim não precisará olhar para mim. Isso ajuda.

— Ajuda o quê?

— Quer deitar-se? A senhora verá.

Não queria, mas sentia-se realmente atraída. Depois, era visível ser essa a vontade dêle. Sandra resolveu ir para o divã. Mas por que sentia vontade de obedecê-lo? Deitou-se. A pouca segurança que havia nela se desfez num instante. Fechou os olhos e definiu para si o que estava sentindo: era como se estivesse deitada sôbre uma tábua estreita, boiando no meio do mar. Agarrou-se à borda do divã.

— Estou me sentindo mal.

— Tente falar. Conte-me o que está sentindo.

Abriu os olhos e afrouxou as mãos. De onde vinha essa coragem?

— Isso, assim. No comêço é mesmo difícil — disse o médico.

— Falar para quê? O que adiantam meus pensamentos?

— Só êles contam aqui. E apenas os seus. Não me cabe julgá-la ou condená-la, sejam quais forem seus pensamentos. Nem sentenças, nem conselhos. Minha função é esclarecê-la sôbre si mesma. Compreendendo-se melhor, a senhora vai deixar de sofrer por coisas inúteis, desnecessárias, absurdas. Corrigidos, seus próprios pensamentos orientarão sua vida.

Seria possível? Todo mundo pensa coisas incontáveis. Sandra observou a dubiedade dessa palavra: incontáveis — impossíveis de enumerar; impossíveis de relatar. Era isso. Vergonha de fatos passados, de pensamentos e necessidades imorais, sujas, equívocas. E são tantos, tão antigos, rapidíssimos; não haverá nem tempo nem modo de dizer tudo.

— Não quer me falar no que está pensando agora?

— Estou confusa. Há coisas que ainda preciso saber sôbre o tratamento.

Por exemplo: quanto tempo dura uma consulta?

— Uma sessão? Cinqüenta minutos.

É preciso vir todos os dias?

— Depende. Em média, quatro dias por semana.

— E quanto custa?

— Cobro vinte mil cruzeiros por sessão.

— E se eu não puder pagar?

— Deverá procurar outro analista que cobre menos e seja competente.

— Por que o senhor cobra tão caro?

— Pelo meu tempo de exercício da profissão, minha formação científica, minha clientela.

— Quanto tempo dura um tratamento?

— A previsão é impossível. Quem determina o fim do tratamento é o cliente, não o analista. Os que podem colaborar mais deixam de precisar de nós mais cedo.

— O que o senhor quer dizer com colaborar?

— Há pessoas que falam mais livremente ou enfrentam mais corajosamente as dificuldades que têm para falar. E falam como se estivessem pensando em voz alta, para si mesmas ou para alguém de absoluta confiança.

Isso a fêz parar. Tudo parou. Percebeu estar já há algum tempo agarrada ao divã. Não sentia mêdo, embora estivesse de nôvo sôbre a tábua, porém em chão firme. Numa praia, imaginou. Não havia mais o risco de se afogar. Porém, onde era essa praia?

— O que foi que aconteceu? — perguntou o médico.

— Como se tudo tivesse parado. Estou me sentindo segura, só não sei onde estou.

— Já não liga mais por estar no divã?

— Não sei... Sua voz é semelhante à de alguém. Só não sei de quem é.

Silêncio.

— Os clientes contam sua vida na primeira consulta?

— Quer contar a sua?

— Sabe, é um tanto irritante o seu silêncio. E estas perguntas em lugar de respostas...

Silêncio.

— O senhor não parece nem um pouco interessado, embora diga querer me ajudar. Quer que lhe conte minha vida ou não?

Silêncio.

— Se não responder, vou embora!

Silêncio.

— Fale, por favor!

Silêncio.

Ela sentiu que ia chorar, de raiva. Quis erguer-se, mas não conseguiu. Suas mãos doíam, agarradas violentamente à tábua, no mar agitado. As coisas balançavam. Veio o apêrto no peito, depois a falta de ar. Berrou:

— Me ajude!

— Tente falar...

— Vou cair...

SEGUE

LICOR STREGA

Um Raio de Sol Liquefeito

Segundo a lenda milenária, na cidade de Benevento, Itália, em certas noites reuniam-se as bruxas, sob a aparência de formosas donzelas,

e preparavam uma poção mágica que tinha o poder de unir para sempre duas pessoas que a bebiam. Há cêrca de **100** *anos, na mesma cidade, Giuseppe Alberti, mago da indústria de licores, dosou, com alma de artista um delicioso licor-o* **STREGA**. *Obtido pela apurada destilação de* **70** *diferentes ervas, o* **STREGA** *possui o aroma, o calor e o amarelo-ouro das manhãs cheias de sol. E o espírito da lenda ainda hoje existe: se "ela e êle" beberem* **STREGA**, *jamais se separarão...*

Tomado também com cubos de gêlo - "on the rocks" - é uma bebida digestiva que refresca agradàvelmente.

p. a. nascimento - ocor

Produzido mediante licença da **S.A. Strega Alberti Benevento, Itália** por **Martini & Rossi S.A.** São Bernardo do Campo, Est. São Paulo

No sonho surgem personagens do drama de cada um

As mãos soltaram o divã e foram para o peito. A dor era insuportável. Não sentia mais nada, a não ser a dor aumentando e a impossibilidade de respirar. Ouvia os próprios gemidos. E mais a voz distante:

—Diga o que está sentindo, Sandra.

— Meu peito... Uma dor terrível!

— O que mais?

— O ar...

— Sim, a dor, o ar...

— A tábua...

— Que tábua? Vamos, conte-me.

— Não consigo me levantar. Estou mal.

— Tente falar. Diga o que está pensando.

— Em nada!

— Por que aperta o peito?

— Porque dói!

Ela movia a cabeça para os lados sem parar.

— Se você falar, vai se sentir melhor, a dor passará. Experimente, Sandra.

— Que diferença faz para o senhor?

— Quero ajudá-la. Você veio para isso.

Silêncio. Era insuportável. Odiava tanto aquêle homem presunçoso e frio como a... Resolveu dizer. Soltou tôda a voz:

— ...como a meu pai, minha mãe, meu meu irmão, Marcus...

— O **que** é como todos êles?

— O senhor! Todo mundo!

Tentou levantar-se novamente, mas não conseguiu mover o corpo. Sentia um mêdo horrível de afogar-se, se caísse da tábua.

— Por favor, me ajude!

— Como?

— A levantar-me daqui.

— Você pode fazer isso sòzinha.

— Não posso! Estou sôbre uma tábua... No mar.

As ondas imensas, um último balanço violento. Tombou, afundou.

— Levante-se!

Uma súbita claridade. O homem, de pé, ao seu lado, visto de baixo para cima.

— Levante-se. Terminou sua hora. A enfermeira lhe dirá os dias e o horário para as sessões. Boa tarde.

No corredor, sòzinha, Sandra atirou-se contra a parede, batendo nela com os punhos e chorando. De vergonha.

Embora ainda não totalmente decifrado, Sandra já sabia o que era um psicanalista. E o tratamento seria mesmo só aquilo? Queria voltar. Apenas o divã perturbava êsse desejo. Espantava-se lembrando de como a crise foi interrompida. Então, podia ser interrompida? Isso era um dado nôvo e bom. O psicanalista tinha, pois, um certo poder sôbre sua pessoa. Poder que ela perdera ou — quem sabe — jamais tivera. Se êle controlou a crise, poderia dominar tudo nela, inclusive o sofrimento.

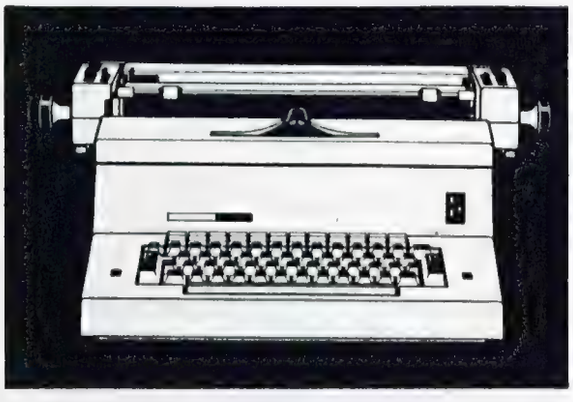
Ela percebia, assim, um fato primordial no tratamento psicanalítico: o **eu,** doente, era apoiado pelo **eu** do psicanalista, provisòriamente, durante o tempo necessário para a elucidação do diagnóstico e no decorrer do tratamento.

SEGUE

Para os gregos antigos, Technē
era arte, artesanato,
prática de um ofício.
Fruto da tecnologia moderna,
a Tekne 3 significa a atualização
dos mesmos conceitos,
que resultou na eletro-escrita.
Tekne 3 é
a racionalização dos métodos de trabalho
na era contemporânea:
velocidade, rendimento, produtividade.

T3
X7B

olivetti TEKNE 3



Olivetti industrial s.a.
sede: São Paulo
fábrica: Guarulhos (S.P.)
filiais, agentes exclusivos e revendedores,
em todo o território nacional

máquina de escrever elétrica

Sentimento de culpa proíbe o sexo, impede o amor

Em suas descobertas clínicas, Sigmund Freud — criador da Psicanálise — sistematizou a organização e o funcionamento do aparelho psíquico. Para êle, em cada pessoa existem idéias latentes que podem se tornar conscientes sem que nenhuma resistência se oponha a isso. Essas idéias ficariam num lugar que Freud chamou de **subconsciente** e distinguiu do **consciente,** onde está tudo o que se acha presente na consciência em um dado momento. Finalmente, chamou de **inconsciente** o abrigo das idéias que jamais conhecemos e de outras que lá ficaram encarceradas por diversos motivos, depois de terem sido conscientes. Foi justamente graças à descoberta do inconsciente que surgiu a Psicanálise.

Entre o inconsciente e o consciente os atos psíquicos passam por uma espécie de **censura,** uma vigilância que admite ou não sua entrada ou permanência no consciente. Havendo censura, ficam no inconsciente. Êsse mecanismo de ocultar atos psíquicos tem o nome de **repressão.**

O **eu** da pessoa — **ego** — seria o conjunto de idéias inconscientes ajustadas ao consciente, permitidas pela censura e que estabeleceram as relações da pessoa com a realidade externa. O **ego** é formado no curso do crescimento, da educação, no ajuste social da personalidade. O **id,** situado no inconsciente, seria o conjunto das fôrças primitivas nascidas de um conflito fundamental entre o instinto da vida e o da morte, do amor e do ódio, da construção e da destruição. Freud ainda descreveu uma última instância psicológica: o **superego** — preponderantemente inconsciente, tem a função de julgar e decidir até que ponto o **ego** pode permitir as satisfações procuradas pelo **id.**

Entre as exigências primitivas do **id,** inconscientes, e as necessidades civilizadas do superego, procura o **eu** de cada um adaptar-se e afirmar-se, reprimindo e liberando, numa troca constante de instintos e idéias, afetos e rancores, emoções e anestesias, o eu ideal e o eu real.

Quando falha o equilíbrio dessa troca permanente entre o homem animal e o civilizado, surge a prevalência do inconsciente com sua linguagem cifrada de atos e idéias perturbadoras: a neurose.

Não apenas nas neuroses é possível perceber a linguagem do inconsciente. Na vida normal também: nos **lapsos,** atos falhos ou gafes, dizemos o que **precisávamos** dizer e não o que nos era permitido dizer. Nos sonhos, menos submetidos à censura, o inconsciente exprime simbòlicamente nossos conflitos e desejos reprimidos. Decifrar lapsos e sonhos, favorecer a liberação de repressões, enfim, conhecer o inconsciente das pessoas, eis a função da Psicanálise, com o objetivo de reequilibrar o mecanismo normal da personalidade.

Sandra estava aceitando a Psicanálise mas, sem saber porque, defendia-se com tôdas as fôrças. Talvez pelo terror infantil de reencontrar os fantasmas que um dia traumatizaram ou bloquearam sua vida psíquica, roubando-lhe o necessário equilíbrio para conhecer, aceitar e amar a própria realidade e a dos outros.

Já na segunda sessão, porém, apoiado pelo **eu** do psicanalista, seu instinto de vida enfrentava com mais coragem o da morte. Mas para vencer suas defesas — finalidade imediata do médico — ainda faltava muito. Sandra precisaria viver, através do presente das sessões, o passado de sua infância e adolescência. E, por intermédio da pessoa do psicanalista, reviver experiências com figuras importantes de seu mundo pessoal. Desenvolver-se-ia uma **transferência,** isto é, uma relação afetiva experimental entre ela e o psicanalista, entre ela hoje e ela ontem.

Nessa segunda sessão Sandra lutou muito e conseguiu realizar associações livres de pensamentos. Deixava uma palavra, uma idéia ligar-se espontâneamente a outras, numa sucessão — para ela — sem sentido. Em determinado momento, sentiu-se incapaz de continuar. Tivera, associando coisas em tôrno do nome de Marcus, uma representação clara de seus órgãos sexuais. Permaneceu calada longo tempo.

— No que está pensando agora, Sandra?

— Em nada. Não consigo pensar em mais nada.

— Qual foi seu último pensamento?

Era inútil, não teria coragem. Mas por quê? Dividia-se, achando tôla aquela vergonha. Ao mesmo tempo, experimentava um mêdo terrível. De quê? Esforçou-se por falar e sentiu voltar a insegurança, a aflição. Agarrou-se à borda do divã: a tábua, o mar, as ondas.

— Você falava de Marcus. Era algo relativo a sexo?

Num grande esfôrço, sentou-se no divã e falou aos trancos, quase chorando. Contou-lhe a imagem que tivera.

— Isso bloqueia seus pensamentos, perturba-lhe as emoções, faz você sentir-se insegura. Quando isso acontece, você se agarra ao divã.

— Sim, a tábua...

— Na outra sessão, você já falou dela.

Ela voltou a deitar-se, aliviada. Não acontecera nada por haver contado a imagem sexual. Descreveu, em seguida, com detalhes, a sensação de estar no mar, sôbre a tábua e o mêdo de afogar-se. Finalmente, como eram os seus momentos de maior angústia: as mãos apertando-lhe o peito, a falta de ar. O alívio, agora, era intenso. Falou sem cessar até o fim da sessão. Reuniu em poucas frases sua vida sexual e afetiva com Marcus.

— Jamais senti algo de especial. Ficava contente por êle. Mas, antes, havia sempre aquêle mêdo horrível e depois a sensação de ter cometido um ato mau, sujo, proibido. Tentei disfarçar o mais que pude, sempre. Marcus acabou por obrigar-me a contar-lhe a verdade. Procurou ajudar, porém foi ainda pior.

Nas sessões seguintes, Sandra continuou contando suas experiências no campo sexual. Quando tentou falar das sensações e fantasias eróticas do tempo de solteira, voltou o bloqueio, mas ela o venceu com menos sofrimento e dificuldade. Repetia-se o mesmo fenômeno: fuga, mêdo e sentimento de culpa. Referia-se à formação puritana que tivera em relação a sexo, bem como à influência da noção de pecado vinda da religião. SEGUE

Os "BONS" estão conosco!

ZAS-TRAS

OS 3 PATETAS

REPORTER ESSO

ROMANCE NA TARDE

"CIDADE ABERTA"

SILVIO SANTOS

OS MONSTROS

POLTRONA A

RISO SINAL ABERTO

MUSIKELLY

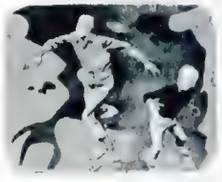
BAIRRO FELIZ

NOITE DE GALA

DERCY ESPETACULAR

A FEITICEIRA

O GLOBO
AGORA A NOITE



JONNY QUEST

NOVELA "O SHEIK"

BÓA NOITE MESMO

SESSÃO DAS 10

FRANCISCO PETRÔNIO

OS DEFENSORES

canal 5

tem assunto p'ra todo dia...

Na neurose, o mundo parece absurdo, estranho, hostil

O psicanalista já não se impressionava mais com a semelhança de todos os clientes nesse campo. O tabu sexual, a educação puritana, a religião mal ensinada e vivida, os preconceitos e a falta de preparo dos jovens para a vida adulta, eram dados constantes na superfície dos quadros neuróticos da maioria.

A investigação psicanalítica vem demonstrando que as manifestações de sexualidade não têm origem apenas na puberdade. E desfez a confusão entre influências glandulares no amadurecimento genital com a sexualidade pròpriamente dita. Os pais e educadores, geralmente, procuram dar um caráter todo assexual à vida infantil. Isso leva a criança a recalcar os impulsos naturais provocados pela **libido,** essa fôrça que nasce com o ser e vai estruturando o instinto sexual do animal homem. Ela atravessa várias fases. Mamar, além de servir à alimentação da criança, revela necessidade de satisfação de prazer oral. Assim, o seio materno é o primeiro objeto do instinto sexual. Abandonado o seio, a criança prossegue na procura do prazer oral, através da própria língua, do dedo, da chupeta, das balas. Como a realização do prazer está ligada à das grandes necessidades orgânicas, a criança se satisfaz eròticamente também com a eliminação de urina e fezes. E o desenvolvimento do libido vai se completar quando fôr descoberta nos órgãos genitais sua função reprodutora e a forma adulta da satisfação sexual. Os obstáculos impostos ao desenvolvimento normal da libido provocam anomalias psicológicas que deformam a personalidade.

Para a criança — assim como para o neurótico — o mundo é imenso, complexo, hostil e absurdo. Sua curiosidade, pois, é intensa e necessária. Descobre a diferença entre os sexos antes mesmo dos três anos de idade, mas êsse interêsse é recalcado através de ameaças e punições por parte dos pais. Nesse recalque precoce a Psicanálise encontrou a origem do que foi chamado de **complexo de castração.** Mesmo sendo normal o desenvolvimento, êle influirá no caráter; se houver neurose, o complexo de castração será o responsável por parte dos bloqueios e traumatismos. Êle é, também, o mais velho dos motivos para se resistir ao tratamento psicanalítico.

Tentando compreender o que se passava no momento mais crítico das relações das crianças com os pais, Freud lembrou-se de famoso personagem de uma tragédia de Sófocles: Édipo. Êste foi levado pelo destino a desposar a própria mãe. Mais tarde, descobrindo isso, Édipo castiga-se arrancando os olhos. A relação está em que as crianças, nos primeiros anos, têm violento ciúme de suas mães. Os pais as contrariam nesse amor exclusivista. Elas não dissimulam, nesse instante, a curiosidade em relação ao sexo de seus progenitores. Os meninos querem dormir ao lado da mãe. Inversamente, a filha com o pai. Quando nasce um irmão a disputa aumenta. Sentindo que perde nessa concorrência a criança sente-se abandonada.

Êsses conflitos marcam profundamente o caráter da criança. Acontece às vêzes transferência do amor pela mãe para uma irmã, ou do pai para um irmão. Assim, o primeiro objeto do amor é sempre incestuoso.

No tratamento psicanalítico, é fundamental conhecer como o paciente viveu essa crise. Para que êle se torne adulto, é preciso fazê-lo substituir a casa paterna pela sociedade e transformar seus sentimentos de libido pela mãe (pelo pai, nas meninas) em qualquer coisa real, amadurecida, objetiva e não mais incestuosa. Êle acaba por reconciliar-se com o pai, se conservou contra êle alguma hostilidade, ou emancipar-se de sua tirania se foi convertido em escravo. Pode, então, amar, desejar e possuir outra mulher sem nenhuma vinculação com a figura da mãe. Os neuróticos não conseguem resolver, sòzinhos, êsse conflito fundamental. Permanecem submissos à autoridade paterna e são incapazes de transformar a sua libido num objeto sexual não-incestuoso. E a conclusão de Freud é de que o núcleo de tôdas as neuroses está na não-solução do complexo de Édipo.

Nos primeiros meses, Sandra pensou várias vêzes em interromper o tratamento. Sofria muito sendo obrigada a falar, sem entender claramente a utilidade disso. Mas voltava sempre, inclusive passando várias sessões quase em absoluto silêncio. E isso a fazia sentir-se muito mal. Quase não saía de casa, agindo como criança magoada, de castigo.

Mais tarde mudou de atitude. Tentou conquistar a piedade do médico, falando apenas de seu sofrimento. Não conseguiu nada, pois êle explicou tratar-se de coisa comum à maioria das pessoas. O importante seria saber porque elas sofrem e não como isso acontece.

Por mais que tentasse, Sandra não conseguia encontrar no psicanalista o apoio que desejava. Com o passar do tempo, e tornando-se insuportável a frustração que sentia, acabou dizendo ao médico que pretendia interromper a análise. Não ouviu nenhum comentário da parte dêle. Não cumpriu a promessa, pois compreendeu que com isso pretendia apenas agredir o médico. Com base no sentimento de Sandra em relação a êle, o analista pôde fazê-la entender que a impressão de culpa vem sempre depois da necessidade de agressão. Reviram vários momentos de sua vida em que isso acontecera. Desejos perigosos, mêdo, rejeições e, finalmente, sentimento de culpa era o esquema que se repetia no passado. Regrediam lenta, mas eficazmente, para a origem do sofrimento de Sandra.

Isso já a modificava. Ao fim de alguns meses, embora nada de excepcional houvesse ocorrido em função do tratamento, Sandra sentia-se diferente. Eram mudanças imperceptíveis no início, mas, depois, evidentes. Voltou a freqüentar alguns amigos, divertia-se nos cinemas e teatros. Entretanto, sem saber porque não procurava Marcus. Surpreende-se por se aperceber melhor das coisas. Podia olhar diretamente para as pessoas. Quando falava, tinha a impressão de dizer apenas o que realmente queria. Tudo era nôvo. Porém essas

sensações alternavam-se com estados de profundo abatimento e indiferença. Seus sentimentos para com o psicanalista sofriam oscilações semelhantes.

Uma noite Sandra teve um longo e estranho sonho. Era o primeiro desde que iniciara o tratamento.

Não contou logo o sonho ao médico. Deixou passar algumas sessões, enquanto sentia crescer dentro de si uma estranha afeição pelo psicanalista.

Embora êle não houvesse modificado em nada sua conduta, tudo parecia diferente: voz, jeito, até o silêncio era mais quente e amigo. No começo teve um pouco de mêdo, mas perdeu-o por completo depois que falaram sôbre isso. Apenas certas fantasias eróticas a respeito dêle não teve coragem de contar. Agora tôda sua vida estavá centrada nas sessões; nada lhe era mais importante. Sentia-se num caminho seguro. E contou-lhe o sonho:

— Êle tem duas partes bem distintas, doutor. Na primeira, eu estava numa rua. Olhava para as pessoas e me espantava, por terem tôdas o rosto do senhor, os homens, as mulheres e até as crianças. Quando lhes falava voltavam a ter fisionomias próprias e desconhecidas. Ouvi sua voz me chamando. Voltei-me e vi o senhor de braços abertos, correndo para mim. Abraçamo-nos e... o senhor me beijou. Quando nos olhamos, não era mais o senhor, mas Marcus que me apertava em seus braços. Êle tinha uma expressão muito triste, como ficava sempre quando... quando se certificava de minha incapacidade de acompanhá-lo no amor. De repente, o rosto de Marcus começou a dissolver-se e acabou ficando com uma aparência monstruosa. Gritei assustada, quis fugir, mas estava retida pelos braços que me apertavam sempre mais.

SEGUE

Há muitas formas diferentes, hoje, para as pessoas usarem os seus anos a mais de vida.

75 ANOS DE PROGRESSO
PHILIPS
1891-1966

PHILIPS símbolo universal

A VIDA NO LAR
12 anos a mais de vida

Todo aquêle que chega à idade de 70 anos, teve, à sua disposição, 12 anos e 9 meses a mais de vida atuante, em horas de vigília, dedicadas a diversões ou trabalho, durante a noite, graças à invenção da luz artificial. A iluminação, hoje, é mais do que meramente funcional; é uma ciência para projetistas e engenheiros, uma arte para donas-de-casa. Os melhores arquitetos consultam especialistas em luminotécnica, quando projetam suas obras; as pessoas que, depois, vivem e trabalham nesses edifícios, planejam a iluminação com o fim de completar a decoração e dar mais vida ao ambiente. O uso inteligente da iluminação doméstica é um dos recursos de que se valem milhões de pessoas modernas para amenizar a opressiva monotonia dos compartimentos em que vivem.

Isto se tornou fácil, graças ao auxílio de grandes emprêsas eletrônicas internacionais como a PHILIPS, que oferece 40.000 tipos diferentes de lâmpadas, entre as quais a brilhante Argenta Superlux, simultâneamente com numerosas luminárias decorativas. Os cientistas dos laboratórios de Pesquisas da PHILIPS promovem um progresso técnico contínuo, que assegura à Companhia o alto conceito que desfruta.

ANTECIPANDO UM PRAZER
Como o Papai, êle usará Philishave.

Um exemplo da versatilidade da PHILIPS, que produz sistemas de radar, equipamentos de Raios X e aparelhagem industrial, é ilustrado pela produção do famoso Philishave de ação rotativa que, desde sua introdução no mercado em 1939, se tornou o Barbeador elétrico mais vendido no mundo. Êle se apresenta em vários modelos, do "standard" ao de luxo, todos com a mesma característica exclusiva: ação rotativa, para se fazer uma barba rápida, bem feita e suave. Além dos barbeadores para ligar na rêde elétrica, há também grande procura pelo modêlo que funciona a pilhas. Dentro da linha de produção PHILIPS se encontram: Lâmpadas incandescentes, de descarga a gás e fluorescentes; televisores (também em côres), rádios-receptores, radiofones, eletrofones, gravadores portáteis, discos; sistemas de sonorização; projetores cinematográficos; gravadores profissionais; aparelhos médicos e hospitalares; especialidades químicas e farmacêuticas; aparelhos para o confôrto doméstico e de uso pessoal; equipamentos de telecomunicação; aparelhos industriais e científicos; válvulas e componentes eletrônicos.

de confiança

75 ANOS DE PROGRESSO PHILIPS 1891-1966

Tôda fantasia representa um desejo

E, então, dêsse momento, de pânico e horror, passei para outro bem diferente. Era um imenso e belo salão real, com o assoalho de quadrados branco-e-prêto como os tabuleiros de xadrez. Diante de mim, o rei. Um rei muito bonito que me sorria bondosamente. Usava barba e tinha um bastão dourado numa das mãos. Não me lembro direito do que aconteceu, porém aquêle momento bom foi rompido pela entrada da rainha. Ela trazia um cachorro furioso prêso a uma corrente. Avançaram para mim, ameaçadoramente. Comecei a fugir, pedindo socorro ao rei. Êle tentou me esconder, mas a um gesto da rainha transformou-se na peça do jôgo de xadrez, imóvel e sem o bastão dourado. Eu corria desesperada, agora numa praia, em direção ao mar. Atirei-me n'água. O cão mergulhou também. Eu nadava e êle se aproximava cada vez mais. Aí afundei. Voltando à tona, vi o rei com o cão nos braços, embalando-o como se êle fôsse um bebê, carinhosamente. Então, deixei-me afundar. Sentia que asfixiava, acho que estava querendo morrer. Acordei muito assustada.

— Lembra-se do que lhe aconteceu na véspera que possa estar relacionado com êsse sonho?

— Pensei em telefonar para Marcus. Ando muito curiosa em saber como será nosso reencontro. Imaginei a aparência dêle e isso fazia com que tivesse algumas lembranças de nossa vida íntima. Sim, de um tempo para cá venho sentindo desejo por Marcus. Mas desisti de procurá-lo.

— Isso explica a primeira parte de seu sonho, não acha? Tente estabelecer as relações. Todo sonho representa um desejo.

— Acha que o fato de ver o seu rosto em lugar do de outras pessoas quer dizer que só o senhor me interessa atualmente?

— Talvez você gostasse que todos a ajudassem como eu.

— Mas são indiferentes, eu sei.

— Por isso voltavam a ter rostos próprios quando você se dirigia a êles, ou melhor, quando lhes pedia ajuda.

— Sim, é possível. Mas era bem a sua voz e o seu rosto naquela pessoa que eu abracei. O beijo... não era um beijo sensual. Entretanto, acabei descobrindo que era Marcus quem me beijava.

— Você pode ter tido algumas fantasias eróticas a meu respeito. Seria natural...

Não havia outro jeito senão confessar. Na véspera mesmo, pensando em Marcus, tivera certa curiosidade em relação ao corpo do psicanalista. Então, estava certo. O sonho reproduzira a fantasia e, ao mesmo tempo, a censura, pois desviava logo essas imagens à medida em que as criava. Só com Marcus tinha direito àquelas coisas. Daí seu rosto substituir, no sonho, o do psicanalista.

— Mas, se há todo êsse conteúdo erótico, por que era um beijo paternal?

— Provàvelmente encobria seus desejos do contrário.

— Mas o rosto de Marcus se desfazia, ficando horrível.

— Dessa forma, você evitava que êle se transformasse em alguém ainda menos aceitável que eu para aquêle beijo.

— Quem?

— Vamos continuar revendo o sonho. Fale-me um pouco mais do rei.

— Tinha uma barba esquisita.

— Depois virou pedra de jogo de xadrez. Você joga xadrez?

— Meu pai. É exímio jogador. Quando menina, ficava vendo-o jogar com os amigos. Ganhava sempre e eu ficava muito feliz com isso.

O psicanalista estabeleceu a relação que ela temia. Era no rosto do pai que se transformaria o de Marcus. Sandra desejou que a sessão terminasse logo. Suava e sentia-se mal.

— Você tem um irmão mais môço. Era o predileto de sua mãe, não?

— Era, e abusava disso. Judiava de mim e, quando me queixava dêle à minha mãe, eu acabava apanhando. Não adiantava papai interferir...

— Apesar de ter o bastão de rei...

Ela compreendeu, mas o mal-estar aumentava assustadoramente. Veio a tontura. Agarrou-se à borda do divã. Alguma coisa muito perigosa estava por acontecer. Mas somava-se ao mêdo uma intensa curiosidade.

— O que você está sentindo, Sandra?

— Aquela sensação de estar boiando agarrada a uma tábua...

— No mar? Como no sonho, nadando?

— Sim.

— Sandra, procure lembrar... Quando você era pequena, deve ter acontecido algo muito desagradável numa praia.

— Não me lembro!

— Você teria quase se afogado. Seu irmão devia estar por perto, como aquêle cão do sonho, a ameaçá-la.

As mãos dentro do peito começaram a apertar.

— Talvez você estivesse num barco — sugeriu o psicanalista.

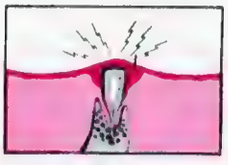
Como se olhasse para uma tela, Sandra viu no teto tôda a cena. Não podia controlar as palavras. Foi contando primeiro baixo, mas no final quase berrava.

— Era um barquinho verde. Só cabia uma pessoa. Eu estava nêle. Mas meu irmão queria-o para si. Êle queria tudo. Tudo! Nós estávamos pouco adiante da arrebentação das ondas. Eu não queria sair, mas êle insistia, me ameaçava. Então, êle começou a balançar o barco, com tôda a fôrça, para que eu caísse. Deitei-me dentro do barco, segurando os bordos. SEGUE

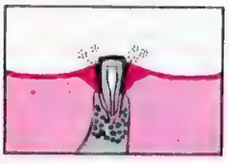
Todos os dentinhos que vão nascer precisam muito de NENÊ-DENT

Quando o nenê chora, fica irritado... e não pára de chorar, em 80% dos casos são os dentinhos que estão querendo nascer.

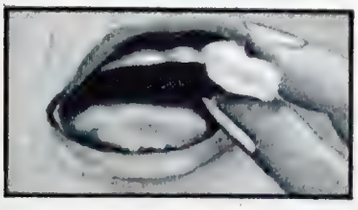
Ao nascer, o dentinho força o tecido, provocando tensão na gengiva.



Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.



Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.



Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

Com Nenê-Dent - o nenê fica tranqüilo, não perde o apetite, não tem febre e dorme satisfeito. Pais descansados, Nenê contente... com Nenê-Dent.

colábor

NENÊ-DENT

Fim da análise: começa o futuro

— Como você está fazendo aí no divã...

— Eu pedia socorro, chamava por meu pai. Veio, então, uma onda forte que nos cobriu e eu afundei. Lutava para voltar à tona, mas o barquinho, que tinha virado, estava sôbre o meu corpo e não me deixava escapar. Estava asfixiando...

— A falta de ar... a dor no peito...

— Mas acabei vindo à tona. Senti que dava pé, ergui-me e vi...

— Seu pai.

— Êle tinha meu irmão nos braços e o consolava. Depois quis vir para junto de mim, mas eu fugi. Corri feito louca pela praia, chorando e fiquei muito tempo sòzinha, longe dêles.

— Seu pai socorreu seu irmão antes de você. Isso a fêz sentir-se definitivamente abandonada.

Sandra estava exausta. Ofegava. Era espantoso como tudo aquilo ficara completamente esquecido, mas, de fato, devia ter sido naquele dia, por aquêles fatos, que perdera também o amor pelo pai.

Nas sessões seguintes, continuaram a análise do sonho. Lembrou-se de muitas outras coisas, como se através do sonho houvesse desobstruído sua memória. Vivia em permanente excitação, assaltada por pensamentos e lembranças do passado. No fim de algum tempo, tudo se esclareceu. Passou a encarar naturalmente as coisas relativas ao sexo. Aceitou, assim, com simplicidade, as interpretações do psicanalista nesse campo. Um dia, alguns meses depois, ela mesma fêz um resumo geral de seu passado.

— Tinha amor por meu pai, amor mesmo, e curiosidade por seu sexo. Não consegui jamais amar minha mãe. Ela sempre me deu uma sensação de derrota. Depois que nasceu meu irmão, surgiu nova competição em que eu novamente perdi. Eu o invejava, mas tinha ainda alguma esperança de conservar meu pai só para mim, separando-o dêles. O episódio da praia acabou com essa esperança. Odiei então todos e tudo.

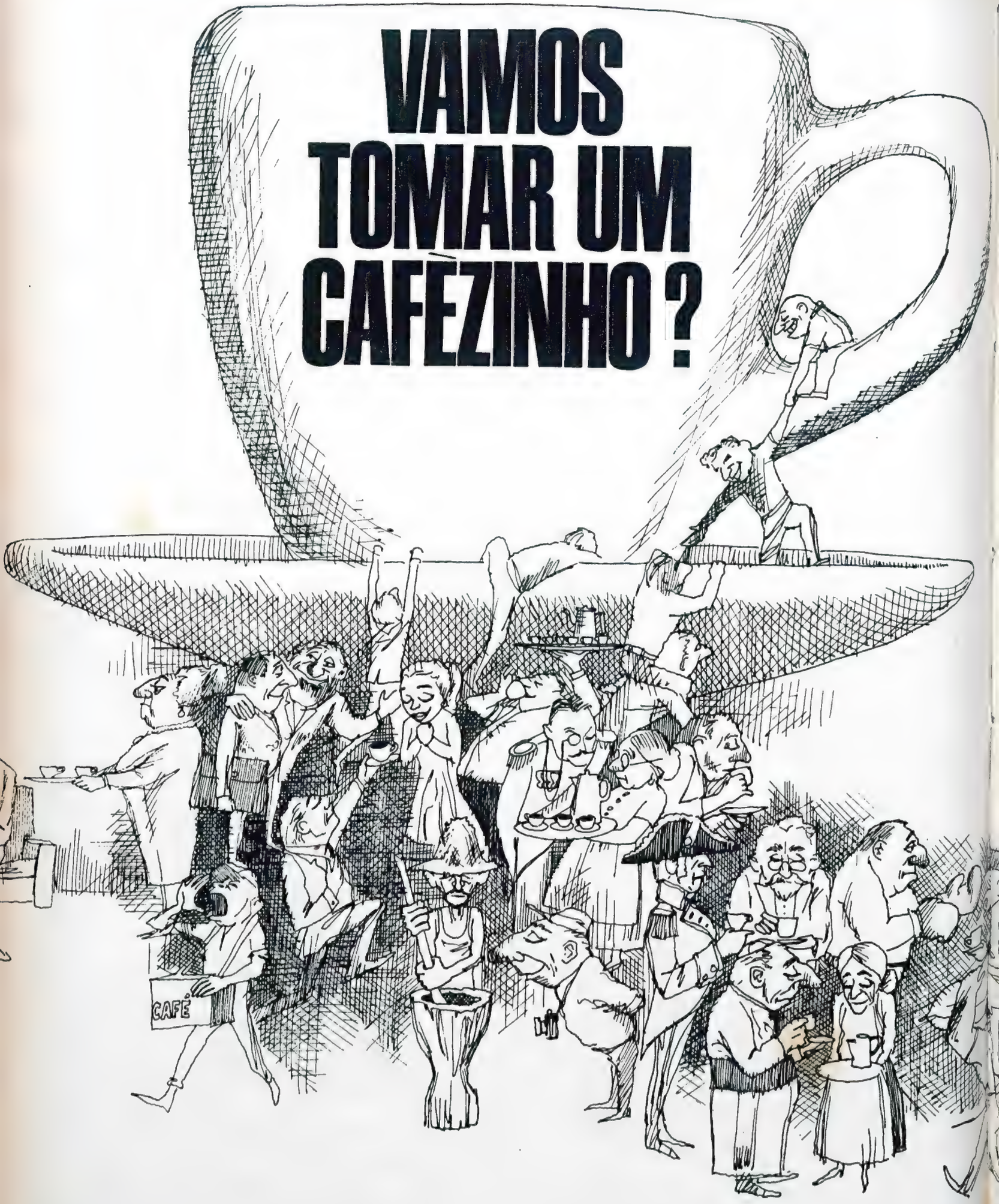
— Depois você transferiu para Marcus os mesmos problemas de sua infância. Êle representou seu pai, de certa maneira. Era, pois, incestuoso, também, o seu amor por êle e — por essa razão — impossível de se realizar plenamente. Daí o bloqueio de sua sexualidade, o sentimento de culpa, sua neurose, enfim.

Analisados todos os sintomas, Sandra sentia-se completamente diferente, outra pessoa. Apenas não compreendia o que se passava entre ela e o psicanalista agora, pois não sentia mais por êle aquela estranha afeição. Respeitava-o muito. Era-lhe grata, só isso.

— Você me viu primeiro como Marcus, depois como seu pai. Atualmente, desfeitos os equívocos, esclarecido seu passado, pode me ver como realmente sou. Você está livre, Sandra. Volte aqui ainda quantas vêzes quiser.

Apertaram-se as mãos. A porta se abriu. Pela primeira vez em sua vida, via uma porta verdadeiramente aberta. Dentro de si, enquanto andava e depois corria pelas ruas, tinha a impressão de estar atravessando em direção ao futuro, por infinitas portas abertas. FIM

Saraqossy
RIO
o homem elegante veste
Saraqossy
RIO


VAMOS TOMAR UM CAFÈZINHO?
CAFÉ

Para o brasileiro, o convite é irresistível em qualquer ocasião. E, por isso, nós bebemos num ano 2,5 bilhões de litros de café.

— Garçom, dê-me 35 centímetros cúbicos da infusão de uma planta dicotiledônia, da família das rubiáceas, da espécie arábica, na variedade Maragogipe ou Caturra. De preferência a 50 graus, no padrão de bebida estritamente mole.

O pedido está corretíssimo, mas o garçom pode não entender. Então deve-se esclarecer um bocadinho mais:

— Um cafèzinho! Bem quente, por favor.

Aí êle vai entender. E estará servindo, neste mês de setembro, a trigésima bilionésima xícara de café tomada êste ano no Brasil. Até dezembro o número vai a 38,5 bilhões, o equivalente às 8 milhões de sacas de café que se consomem anualmente no País.

O brasileiro se levanta com o café, passa o dia com êle, e muitas vêzes não o dispensa nem na hora de se deitar. Em tôda reunião social o cafèzinho está presente. Numa cidade do interior, onde o clube de jôgo estava em reforma, a roda de carteado tinha de passar a ser feita numa casa de família. Chico Duca, coronel da política, ofereceu a sua. Todos foram uma vez, mas nunca mais voltaram. Motivo, segundo um dos jogadores: "Barai véio, não tem importância; cobertor rasgado, eu não ligo; cobrar barato, vá lá; mas não dar café, essa eu não agüento..."

Na hospitalidade cabocla, o bule de café não sai da beira do fogão. E no caso de visita — nenhuma pode sair sem tomá-lo — o café tem de ser nôvo, feitinho na hora. Um padre recém-chegado da Espanha foi assumir sua paróquia em Minas e quis, como missão de boa-vontade, visitar os fiéis, casa por casa, no primeiro dia. Mas na vigésima segunda visita voltou correndo: nunca tinha tomado tanto café em sua vida.

Se a nenhuma visita se deixa sair sem a bebida, é também certo que, muitas vêzes, o cafèzinho é sinal de que o papo já foi longe de mais. Um Governador de São Paulo, famoso por sua irreverência, recebeu certa vez em palácio a visita de um importante político suíço. Conhecendo a língua alemã, o Governador tentou estabelecer uma conversa com o visitante. Mas o alemão de um não correspondeu ao alemão do outro e o diálogo, após tentativas de ambos os lados, não saía. O Governador, cuja paciência não era muito grande, chamou o mordomo e ordenou:

— Manda servir logo o café pra ver se êsse bicho vai embora...

A maior função do cafèzinho, no Brasil, é fazer *bôca de pito*. Tomá-lo e puxar o cigarrinho é ato mecânico, automático. Café e cigarro há muito que andam juntos, entre nós. Proclamada a independência, passaram a figurar lado a lado — um ramo de café e uma fôlha de fumo — no escudo de armas do Brasil. Os dois tomaram o lugar das famosas cinco quinas da bandeira de Portugal, para decepção e raiva dos portuguêses daqui. Logo após o Grito do Ipiranga, ficou muito popular na colônia lusitana uma versão maldosa do Hino da Independência ("Brava gente brasileira, longe vá temor servil, etc") que começava assim: "Cabra gente brasileira, / descendente da guiné / trocaram as cinco quinas / pelo fumo e o café."

Mas desde a independência, talvez antes, êles estão lado a lado, embora nunca se unam. O café se une mesmo é com o açúcar, e numa proporção que assusta os estrangeiros. A piada diz que um alemão, vendo um brasileiro encher a xícara até mais da metade com açúcar, perguntou-lhe, com ironia: "Por que você já não enche a xícara de uma vez?" Ao que o outro respondeu: "É que eu gosto do café um pouco amarguinho mesmo..."

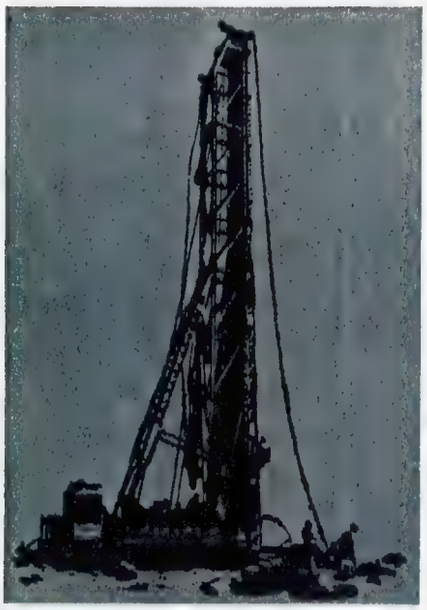
SEGUE

Texto de Hamilton Ribeiro

Desenhos de Eduardo Barreto Filho

Sua nova fábrica custará uma fortuna. Abrigará outra fortuna em equipamentos. V. admitiria uma "pequena economia" nas fundaçōes?

Pois saiba que às vêzes essa aparente economia é tentada. Justamente nas fundações, cujo custo é uma das menores parcelas do custo total da obra. E muitas vêzes provocando a necessidade posterior de consertos e recuperações em obras civis. Para sua garantia (e também para sua economia) aconselhamos: antes de fechar o contrato de construção, certifique-se de que as fundações e infra-estruturas serão confiadas a uma firma especializada e tècnicamente credenciada.



fundações ■ infra-estruturas

FRANKI

Avenida R. Branco, 311 - 10.º and. - telefones 22-7630 e 52-6659 - Rio de Janeiro • Rua Marquês de Itú, 266 5.º andar - telefone 36-3790 - São Paulo • Pôrto Alegre, Curitiba, B. Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.

É um dos meios para curar qualquer tipo de pileque

Põe-se açúcar à vontade, e ninguém se importa com o excesso que cai no pires. Um economista meticuloso disse que seu grande sonho seria poder dispor do açúcar que se joga fora em todo cafèzinho que se toma no Brasil. Garante que morreria bilionário.

O equilíbrio na correria

Além do café da manhã, e da xicrinha depois da refeição — muitos dizem que comer sem beber café é o mesmo que não ter comido — o brasileiro toma café sob grande número de pretextos. Estudar; ficar acordado à noite; dirigir na estrada; como pausa no trabalho; como meio de puxar conversa; como trunfo de aproximação.

Tirando algumas casas de café italiano, em que há alguma variedade, na rua o brasileiro só pode tomar dois cafés: o **da casa** e o **carioca.** Com êste lhe darão, junto com a xícara, um pouco de água quente, para a bebida ficar mais rala. Pode também pedir **pingado** — é um copo de leite quente com um pouquinho de café. Ou **média,** que é café com leite em xícara de chá. Mas é comum ouvir-se alguém pedir:

"Me dê aí uma média só de café, por favor."

E de café requentado ninguém gosta. Numa casa se agüenta, por educação. O povo goiano diz assim: "Café requentado / é coisa à-toa; / Torra, soca / Morena, e côa."

Houve um tempo em que se servia cafèzinho em mesa; uma xícara só dava para papos de tarde inteira. Hoje nós tomamos o cafèzinho mais rápido do mundo, de pé mesmo. Até o pessoal que adoça o cafèzinho com gôtas dietéticas (em regime para não engordar) está bem prático. No balcão mesmo êles tiram o seu frasquinho e com boa pontaria no conta-gôtas acertam a xícara com a dosagem exata.

E êle vira até remédio

Em 1650 um tal de Pasquá Rosée abriu o primeiro café em Londres. Num folheto de propaganda exaltou as virtudes da misteriosa bebida: "Ela aviventa o espírito e torna o coração alegre. É boa contra a moléstia dos olhos. Melhor ainda se mantiverdes a cabeça sôbre a bebida e receberdes o seu vapor. É insuperável para suprimir os humores. É, destarte, boa contra as enxaquecas. Também detém o fluxo dos humores crassos que da cabeça dilatam para o estômago e assim atalha a tísica e a tosse dos pulmões. É excelente para prevenir e curar a hidropsia, a gôta e o escorbuto. É muito boa para prevenir abortos. É excelente remédio contra o tédio e acessos de hipocondria. Combate a sonolência e torna os indivíduos espertos para o comércio se tiverem de fazer vigília. Observou-se na Turquia, onde é habitualmente tomada, que ninguém sofre de cálculos, gôta, hidropsia e escorbuto, e que ali as peles são inigualàvelmente limpas e brancas."

No Brasil, ainda hoje, êle tem várias aplicações como remédio. Numa delas a opinião é quase unânime: para curar porre, café amargo. Uns dizem que é para vomitar; outros, que a cafeína constitui o antídoto natural do álcool. O fato é que na hora do pileque o pedido aparece: arranjem café.

Contra a gripe, o café também entra. É só juntar-lhe conhaque ou limão, que fica um tiro como suador. O povo estabeleceu que café com sal, em vez de açúcar, é bom para a tosse. E com cachaça neutraliza qualquer mordida de cobra. Conta-se que na Guerra do Paraguai, foi usado café com aguardente no combate à epidemia da **colera morbus.**

E o café não podia ficar fora da mandinga. Quem quiser infernizar a vida de uma pessoa é só preparar-lhe um café com suor de cavalo em vez de água. O homem sai numa correria louca e nunca mais tem sossêgo.

Também se faz mandinga de amor. Se Santo Antônio não atender, em prazo razoável, pedido para arranjar marido, a solução é colocá-lo de cabeça para baixo no coador, garantindo que só será retirado dali no dia do casamento. Outra mandinga é um filtro de amor, que a mulher deve ministrar ao seu príncipe encantado. Trata-se de um cafèzinho, bem feito, coado na barra da camisola que a apaixonada usou para dormir duas noites seguidas. Se o rapaz toma dêsse café está pescado. Mas a mandinga sempre tem ataque e defesa. Contra o filtro de amor e a bebida preparada com suor de cavalo, há uma saída infalível. É só tomar o café usando a mão esquerda, mesmo não sendo canhoto. Um versinho nordestino registra o recurso: "Pegá a xícara de café com a mão esquerda, é bão / se tivé com feitiço, ela avua da mão."

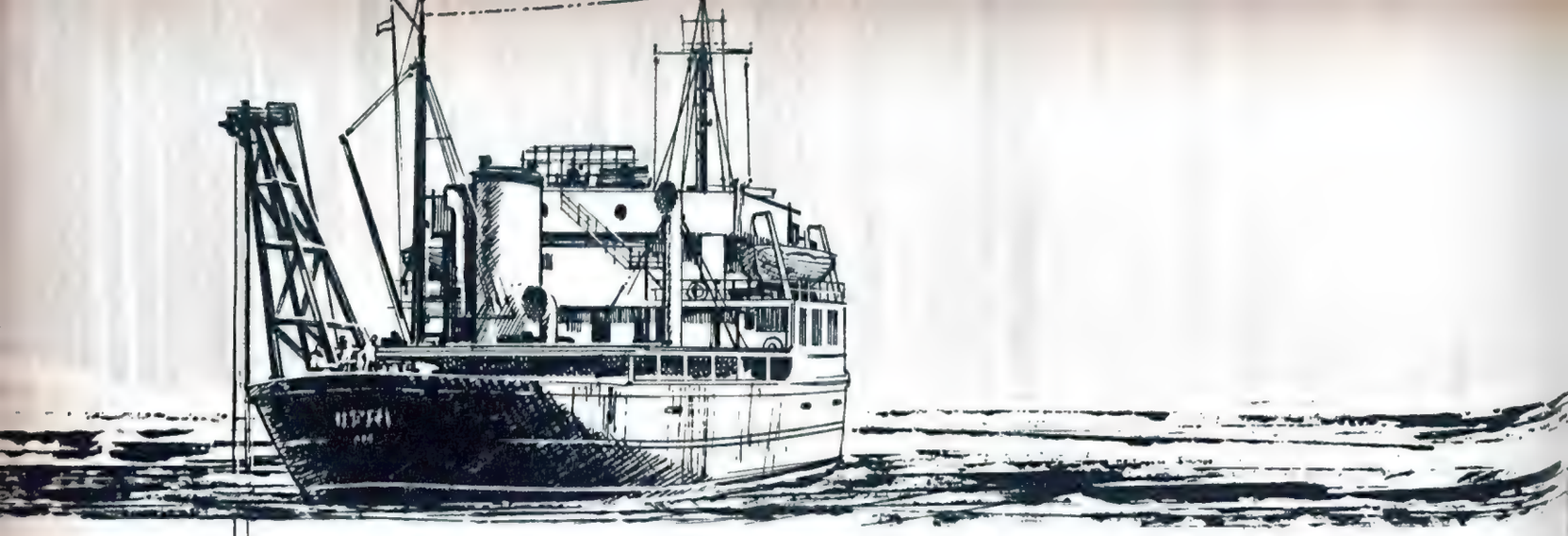
O café, como alimento, não tem muitos defensores. Êle engana a fome, combate a fadiga e predispõe para mais esfôrço, mas não nutre. O que há é que, no cafèzinho, se toma sempre um mínimo de açúcar — 15 gramas em média — e isso representa, em calorias, combustível para manter o corpo humano durante um dia e meio. E café engorda? Philippe Dufour, no seu **Tratado Nôvo & Curioso do Café, do Chá e do Chocolate,** diz assim: "Para me desembaraçar daqueles que inconsideradamente me perguntam se o café engorda ou emagrece, costumo responder que emagrece os que são gordos, & engorda os que são magros: o que é mui verdadeiro, principalmente conforme a maneira de o tomar. Em jejum emagrece mais que após a refeição. É bom notar que na Turquia, onde os Maometanos & os Gregos vivem nas mesmas cidades mas com bebidas diferentes: os Turcos bebem café, sorvete & boza — que é uma beberagem feita com o milho miúdo — & nenhum vinho, são pessoas gordas, frescas, ágeis, vigorosas, de boa côr, ar calmo, muita saúde, & só raramente têm ventres grandes. Os gregos pelo contrário, que pouca importância dão ao café, que bebem do melhor vinho completamente puro & aguardante em abundância, são magros, secos, de côr amarela, biliosos & irritáveis."

Duas vêzes já, na sua história, o cafèzinho teve de lutar duramente para escapar de uma acusação que lhe poderia ter sido fatal: a de que desviriliza o homem. Uma vez foi na Pérsia, onde a rainha sem filhos atribuía a falta de crianças no palácio ao fato de o xá andar frio por tomar muito café. Outra vez na Inglaterra, onde as mulheres, enciumadas porque seus maridos passavam horas se divertindo nos cafés, fizeram petição ao Rei Carlos II dizendo que "o café gasta a fôrça viril dos homens e torna-os tão áridos como as areias da Arábia, de onde veio êsse grão maldito".

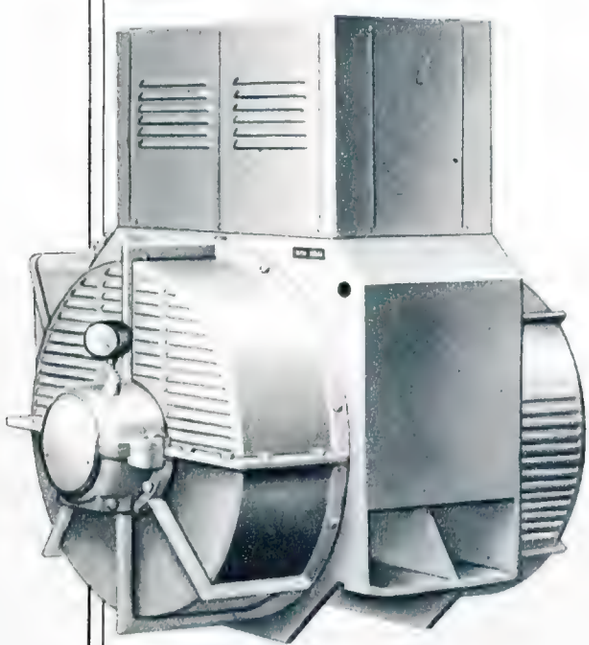
Hoje, em Minas, êstes versinhos de Catira dão resposta à rainha da Pérsia e às mulheres inglêsas: "Eu quero me casar já / com uma dúzia de muié / três Chiquinha, três Aninha / três Teresa, três Zabé / três pra cosê a roupa / três pra lavar meus pé / três pra anelar meus cabelo / e três pra me dar café."

Há muita chaleira no Brasil que nunca viu chá na vida. Em compensação deu muito café. Chaleira, coador e bule — eis a santíssima trindade do cafèzinho no Brasil. A chaleira tem seus truques; quando há muita expectativa em tôrno do café que ela dará, então ela demora: "chaleira vigiada não ferve", diz o povo. O coador é de flanela, e tem de ser renovado periòdicamente. E o bule deve ser de latão ou de louça. Para mexer o pó, o certo é colher de pau. E servir em xícara fina, nunca de vidro.

SEGUE



O MAR É ILUMINADO - E NÓS O ILUMINAMOS.



Também faz parte do nosso trabalho gerar energia elétrica para iluminar o mar, ou para movimentar guinchos para as mais variadas operações de bordo.

Os geradores de bordo e os motores de guinchos Brown Boveri, são resultado de longas pesquisas e testes rigorosos sob condições de funcionamento que ultrapassam em muito as exigidas em uso normal.

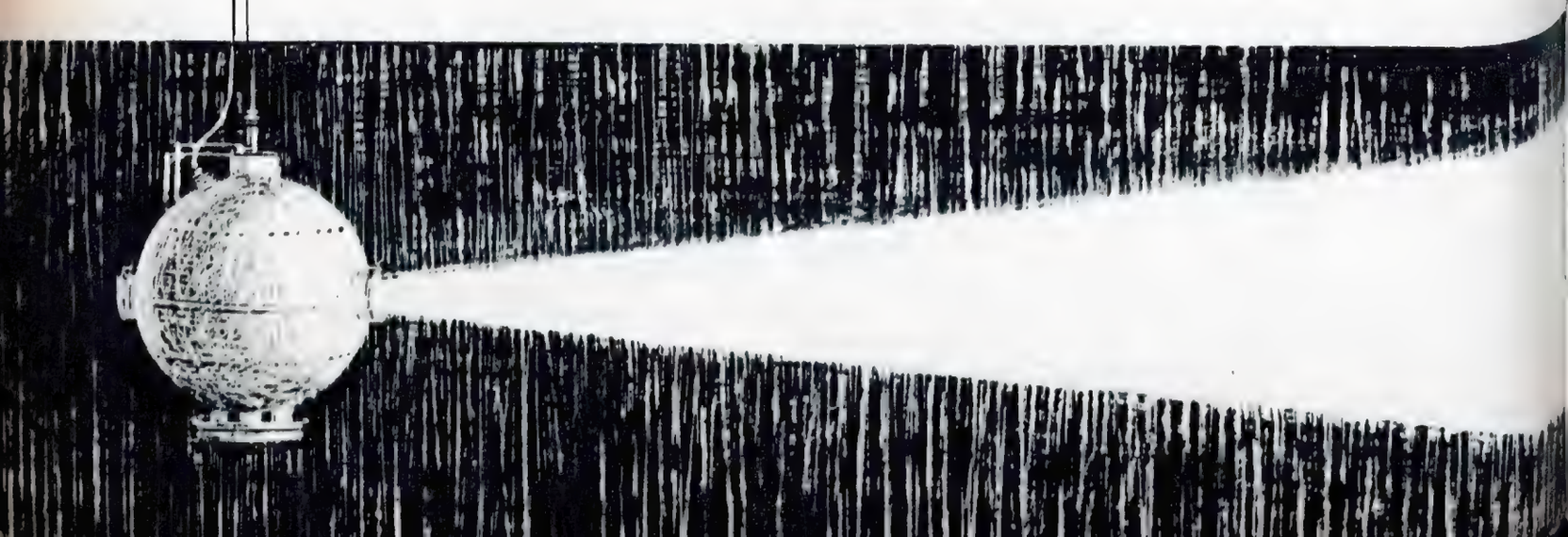
Já singram os sete mares os geradores de bordo e motores de guinchos fabricados pela Brown Boveri brasileira, instalados nos navios de quase todos estaleiros nacionais.

Lembre-se: a mundialmente famosa "Técnica Brown Boveri" está presente, também nêsses produtos que levam o nosso nome a tôdas as direções para as quais aponta a bússola.

Por isso, se pensa em geradores de bordo e motores para guinchos - converse conosco.

BROWN BOVERI

INDÚSTRIA ELÉTRICA
BROWN BOVERI
SOCIEDADE ANÔNIMA



Com os macacos na colheita, a bebida seria "mole"

De três maneiras se faz o café: por infusão, por decocção e por pressão. A primeira é a mais recomendada pelos técnicos, por duas razões: a) só são decantados, na infusão, os elementos realmente solúveis do café — isto é, produz o fino do extrato; b) há uma perda de 30% de elementos aproveitáveis, e isso é bom para o País que precisa incrementar o consumo interno.

A infusão é isso: coloca-se o pó no coador e joga-se nêle a água assim que começa a ferver. Mexe-se de leve com a colher. O que passar no coador é o **infuso** do café, o fino do extrato.

A decocção é quase a mesma coisa, com a diferença de que se coloca o pó na água, antes de ferver ou já fervendo, para depois levar o mingau ao coador. Nesse processo o café é um pouco cozido, com o que perde algumas de suas propriedades de aroma e sabor.

O processo de pressão, ou mecânico, é o das máquinas. Nêsse processo há um **aproveitamento** total do café, isto é, extraem-se do pó não só os elementos naturalmente solúveis, como outros, artificialmente solúveis. O poeta Guilherme de Almeida, que gosta muito de café e faz pessoalmente o seu pelo **sistema caipira** (infusão), diz que "o café de máquina é uma blasfêmia; o primeiro gole vai mas os outros só enjoam".

O mundo todo, porém, toma café obtido por pressão e está muito contente com êle.

Torrar em casa não é negócio

O tempo em que cada casa tinha o seu torrador e o seu moinho já passou. Torrar o café no ponto certo, e moê-lo na rôsca apropriada, era às vezes segrêdo de família. Hoje, o mais que se consegue é ver, no moinho do empório, o café em grão, côr de chocolate, na hora de ser moído. E a família que quiser, por capricho, torrar e moer o seu café, tem de pagar o luxo. Isso porque o café verde não é subsidiado para venda no varejo. Tem de ser pago no seu valor real — cêrca de 40 mil cruzeiros a saca. (O café para as torrefações é distribuído pelo IBC a 5 mil cruzeiros a saca). Além de pagar mais pelo café verde, a família teria de enfrentar o trabalho de torrar e moê-lo, num complexo de operações que a vida de hoje não permite mais. Todos conformam-se mesmo com o pó já pronto. Menos, talvez, alguns elementos da colônia síria, cujo sistema de fazer café — sem coador — exige o pó num grau de moagem mais fino para permitir maior superfície de exposição à água e uma bebida mais forte.

Tôdas as marcas de café vendidas numa mesma cidade brasileira são iguais em tipo, qualidade de bebida, e **liga,** pois o IBC distribui a cada Estado o tipo de bebida que êste produz. O gôsto diferente que se notar de uma cidade para outra vai na conta do diferente grau de torração a que foi submetido. O pouco torrado perde em aroma e em côr; o muito torrado amarga um pouco mais.

Café colhido por macaco

Assim como no vinho, em que há várias qualidades de bebida, no café também há variação de paladar. Os técnicos reconhecem três padrões de bebida: a **mole** — de sabor agradável, suave, que é boa até sem açúcar; a **dura** — de gôsto acre, adstringente; e a **bebida-Rio** — que se conhece até pelo cheiro, com gôsto de remédio, lembrando iodofórmio.

O padrão de bebida do café não é determinado pela qualidade da planta nem pelo fato de a terra ser boa ou má. Depende da colheita. O ideal seria colhêr o fruto um por um, sem contato com a terra nem com nenhum tipo de impureza. Aí a bebida seria sempre **mole,** mas isso, numa produção tão grande quanto a do Brasil, é econômicamente impraticável. Já se propôs, algum tempo atrás, que os cafeicultores tivessem, ao lado do cafezal, uma plantação de bananas. Junto dela se faria uma grande criação de macacos amestrados para catar café. Então os cafés, colhidos um a um seriam sempre de ótima bebida, e a família dos macacos, chimpanzés, gorilas e outros símios, poderia orgulhar-se de prestar um grande serviço ao País.

Mas como ninguém levou a sério tão sábia proposta, os cafés brasileiros são 80% de bebida **dura** e **Rio.** Os 20% de cafés finos são imediatamente exportados; para os cafés **duros** há compradores regulares mas pouca gente quer o café **Rio.** Resultado: êle fica para o consumo interno, isto é, nós acabamos tomando o pior café do Brasil. São Paulo está, nesse ponto, melhor que o resto do País: recebe um café entre **duro** e **riado,** enquanto a Guanabara e outros Estados não escapam do **Rio-macaco,** aquêle que tem gôsto de remédio.

Mas isso não tem nenhuma importância, dizem os entendidos. Gôsto de café é uma questão de hábito, e tanto o paulista reclama do café da Guanabara, quanto o carioca resmunga contra o de São Paulo. Tanto é hábito que certos países, podendo importar o tipo de bebida que quiserem, preferem muitas vêzes os **cafés baixos.** É o caso da França, da Itália e do Sul dos Estados Unidos. Mas há também os refinados, que só bebem café **estritamente mole,** como a Alemanha, a Suíça, a Escandinávia e, nos EUA, Nova Iorque e Califórnia.

Estrangeiro não pode recusar

Há alguns anos chegou ao Brasil um imigrante húngaro. Impressionou-se com o país e, logo que pôde, escreveu um livro em que procurava explicar o Brasil aos **principiantes.** Na parte do cafèzinho, escreveu: "Se o convidam para tomar um cafèzinho, nunca diga **obrigado, já tomei.** Vá sempre. Se o convidam para o almôço, nunca aceite. Diga: **Já almocei, obrigado.** E não vá. Pode ser que quem convida não tenha dinheiro nem para o seu".

A maneira incontrolada e boêmia com que os brasileiros tomam café levou muita gente a estudar a repercussão disso na saúde e no modo de vida do nosso povo. Uma longa pesquisa, não encontrou um só caso de intoxicação por abuso de café. A sacarina e os açúcares dietéticos permitiram aos diabéticos e aos gordos continuar o seu ritual de cafèzinho, sem o **perigo** do açúcar comum.

Um médico, Silva Mello, levantou uma curiosa propriedade do cafèzinho. Diz êle: "Nas doses habituais, o café tem uma ação regularizadora sôbre o intestino. O seu uso tem sido proposto em lugar do chá, que tem efeito constipante, a ponto de já ter sido declarado que a população rica de Londres sofre de prisão de ventre por causa do chá das cinco."

Com base nessa propriedade do cafèzinho, um sociólogo amador do interior paulista — João Ludovice — montou uma tese sôbre a psicologia do brasileiro: "A generosidade do nosso povo — diz êle —, o seu bom humor mesmo com a corda no pescoço, a euforia do carnaval, a sua capacidade de cantar na rua, tudo isso vem do cafèzinho". O fundamento êle vai buscar em Voltaire que garante, através do seu "grande anatomista Sidrac", que as ações humanas são determinadas pelo bom ou mau funcionamento dos seus intestinos: "As pessoas que têm boa disposição, as entranhas macias, são verdadeiras favoritas da natureza, doces no trato, afáveis, graciosas, amantes do perdão e do jeitinho. Um **não** da parte delas é mais agradável do que um **sim** dito por um sujeito que sofre de prisão de ventre." SEGUE

Seria ótimo que outros fabricantes de móveis para copa e sala estivessem anunciando nesta revista.
(Assim V. poderia ver melhor porque a Singer contratou um arquiteto para fazer móveis de linhas tão puras.)

Até hoje os móveis para copa, cozinha e sala obedeciam a uma linha cheia de curvas e rebuscamentos.
Essa linha tôda enfeitada fica logo fora de moda, além de não combinar com certos tipos de decoração.
Pensando nisso a Singer contratou um dos melhores arquitetos do Brasil e pediu que êle projetasse uma linha de móveis para satisfazer às pessoas mais exigentes.
É uma linha sóbria que pode até ser chamada de simples. Mas foi estudada para dar maior categoria aos ambientes.
As cadeiras são revestidas com plástico de alta qualidade em diversas combinações de côres e foram feitas seguindo a anatomia do seu corpo.
Elas são quase tão confortáveis quanto uma boa poltrona.
Os buffets são conjugáveis, revestidos de Formiplac em padrão madeira de lei e em côres lisas. A mesa é elástica, também revestida de Formiplac nas mesmas côres e padrões dos buffets. O buffet, a mesa e as cadeiras também podem ser vendidas separadamente e são inteiramente desmontáveis, facilitando enormemente o trabalho de transporte. Como V. vê, a Singer pensou em tudo.
Afinal, a Singer tem um nome a zelar.

móveis SINGER linha RETA

- à venda nas melhores lojas

FORMI PLAC

Quem mais produz, Brasil; quem mais bebe, os suecos

João Ludovice assegura que o cafèzinho — de preferência requentado, meio frio e com muito açúcar, que é como se encontra nos bares do Rio e de São Paulo — é um passaporte seguro para a euforia voltairiana; não há prisão de ventre que o resista, muito pelo contrário...

A história das cabrinhas assanhadas

O café é conhecido no mundo há pouco mais de 500 anos. Era, no comêço, bebida religiosa, tomada entre cantos e rezas. Depois ganhou a rua, ainda como coisa estranha, sobrenatural. Só a partir do século 15 é que seu uso se popularizou.

A origem do café é duvidosa. Mas duas lendas a seu respeito são sempre lembradas. Uma é a das cabrinhas assanhadas. Foi na Etiópia, no ano de 1440. Um velho pastor estava intrigado com o fato de suas cabras passarem a noite inquietas, correndo e pulando sem parar. Até o velho bode, de ordinário pacato e sério, andava ùltimamente muito agitado. O velho contou o fenômeno aos frades de um convento próximo e êstes se dispuseram a estudar o caso. Observando o rebanho, os frades notaram que os animais andavam comendo fôlhas e frutos de um arbusto de meio porte. Colheram algumas das frutas e, no convento, após várias experiências, fizeram uma bebida que, experimentada pelos frades, dava-lhes grande bem-estar. Principalmente quando havia ofícios noturnos, a bebida ajudava muito, afugentando o sono. Os frades passaram a usar regularmente o café e, com o tempo, sua fama se alastrou.

A outra história é mais romântica e se passa na Arábia. O venerável Ghadheli, patrono e fundador da cidade de Moka, ia em peregrinação a Meca, com seu discípulo Omar. No caminho o santo sentiu-se morrer e ordenou a Omar que voltasse a Moka, onde grande missão o esperava. Uma peste tenebrosa sacrificava a cidade, e Omar, com ajuda de seu protetor, passou a fazer muitas curas. Entre as pessoas que salvou, estava a jovem filha do rei, pela qual Omar se apaixonou. Sabendo disso, o soberano condenou o rapaz à morte pela fome, encerrando-o na montanha de Ousab. Ali, sòzinho e desesperado, Omar novamente apelou a seu protetor e logo lhe chamou a atenção o canto de um pássaro, num arbusto. Voltando-se para localizá-lo, viu-o transformar-se em pequenos frutos vermelhos. Sentiu que ali estaria a sua salvação. Tentou comer os frutinhos mas êles eram duros demais. Resolveu então amolecê-los em água quente, a solução deu certo e êle se alimentou. Passado algum tempo o próprio rei, impressionado com o poder de Omar, chamou-o de volta à cidade, onde foi recebido com festas e regozijo, e a sua bebida logo glorificada como um presente do céu.

No Brasil, com diplomacia

No ano que vem o café estará completando 240 anos de Brasil. Foi em 1727 que o sargento-mor Francisco de Mello Palheta recebeu uma missão muito diplomática para cumprir na Guiana Francesa. O pretexto era discutir questões de fronteira, mas um dos objetivos era êste: "E se acauzo entrar em quintal, jardim ou roça ahonde houver cafée, com pretexto de provar alguma fructa, verá se pode esconder algum par de graons com todo o disfarce e com tôda a cautella."

Pois o sargento deu sorte, trouxe o par de grãos e tornou-se êle próprio um grande cafeicultor no Pará. Daí o café foi para o Rio, depois espalhou-se pelo Brasil, e hoje — como há muito tempo — é o nosso principal produto de exportação. E responsável pelo fato de, em alguns lugares da Europa, os brasileiros terem fama de ser muito bons na gorjeta: todos são riquíssimos fazendeiros de café.

Plantamos mas não tomamos

O cafèzinho é hoje uma bebida universal. Nos **cafés** de todo o mundo êle é tomado nas mesas, invariàvelmente acompanhado de um copo d'agua. Nos países socialistas, na Alemanha e na Itália, o seu consumo é considerado luxo e controlado pelo Estado. Há grande incidência de impostos e o preço, então, é altíssimo. O Brasil é o maior produtor mundial mas não o maior consumidor. Cada brasileiro toma 6 quilos de café por ano, a metade do que toma um sueco, que é o povo mais entusiasmado por café. Depois vêm os EUA (7,13 quilos), a Dinamarca (7,11 kg), a Finlândia (6,97 kg), a Noruega (6,79) e depois o Brasil (6,2).

Quanto ao preço, estamos bem. Um quilo de pó custa aqui 400 cruzeiros; em nenhum lugar da Europa custa menos de 5 mil; na Alemanha vai a 10 mil cruzeiros. E na Polônia há fila para comprá-lo.

Política na sala do café

Um dos melhores lugares para se medir a importância do cafèzinho na vida brasileira é a "sala do café", nos Parlamentos. Tanto em Brasília como nas assembléias estaduais, a sala do café é a dependência mais importante da casa. É ali que se fazem os acordos, que se firmam as lideranças, que se medem as fôrças em jôgo, que começam as grandes batalhas de plenário. E geralmente é ali que se delibera; quando o assunto vai para a votação já vem resolvido da sala do café. E às vêzes é também o local onde se decidem as grandes brigas entre os deputados. Em 1947, na Assembléia de São Paulo, o então deputado Auro Moura Andrade entrou em choque com o deputado Martinho Di Ciero na defesa de um projeto. Xingaram-se mùtuamente, até ao ponto de um chamar o outro para ir brigar lá fora. O **lá fora** era a sala do café. Saíram, seguidos de deputados e jornalistas loucos para ver uma briguinha. Quando estavam no meio da sala, prontos para os primeiros bofetões, um virou para o outro e disse:

— Acho que estamos fazendo papel de bôbo. O sr. não prefere um cafèzinho?

— Prefiro.

— Então vamos tomá-lo juntos.

O dia em que descobriram o leão

Não há escritório, gabinete, consultório, repartição, fábrica ou oficina, no Brasil, que não tenha a sua hora do café. É sagrada. E o cafèzinho das repartições públicas (que têm verba própria para isso) é coisa das mais importantes. Conta-se que um leão furioso fugiu do circo e se escondeu numa repartidão pública. Faminto, no primeiro dia comeu o datilógrafo. No segundo dia, a telefonista. No terceiro dia, o subchefe da seção. No quarto dia, o chefe. A cada dia devorava um funcionário. Até que no 47.º dia cometeu um êrro fatal: comeu o funcionário que servia o cafèzinho.

Então foi descoberto.

FIM

Se V. conseguir responder a 5 dessas perguntas, V. deve ser uma pessoa muito interessante.

- ☐ *Você sabe como funciona um relógio?*
- ☐ *O Sol tem alguma influência nas marés?*
- ☐ *Como pode ser prevenido o raquitismo?*
- ☐ *Onde fica a cidade de Da Nang?*
- ☐ *Você sabe ler um eletrocardiograma?*
- ☐ *Por que ocorrem os terremotos?*
- ☐ *Qual é a função do fígado?*
- ☐ *Você entende a Lei da Relatividade?*
- ☐ *Qual é o comprimento total do sistema circulatório do homem?*
- ☐ *Você sabe por que a Rainha da Inglaterra financiava piratas?*

Diàriamente V. conversa com pessoas as mais diferentes, aborda assuntos diversos. Qual é a impressão que V. deixa? De uma pessoa com a qual se pode falar?

Para se tornar interessante, você deve ler sempre. Mas ler com critério. A maioria das pessoas não lê porque não sabe o que ler, para aproveitar ao máximo o tempo empregado na leitura.

Êsse problema, agora, terminou.

Brevemente, em tôdas as bancas de jornais, estarão à sua disposição os fascículos de Conhecer — Enciclopédia Semanal Ilustrada.

A cada semana, uma gama enorme de assuntos — abordados de forma ampla e agradável. Em Conhecer você lerá sôbre foguetes ou sôbre ervas aromáticas, sôbre a organização de uma emprêsa ou sôbre a Guerra dos 30 anos, sôbre os sintomas e a prevenção de doenças ou sôbre a eletricidade, construções, personagens, fatos, sôbre países do mundo — sôbre tudo!

E logo você terá vários volumes... que colecionou sem sentir! Você, seus filhos, sua família todos se beneficiarão com Conhecer! Aguarde

CONHECER

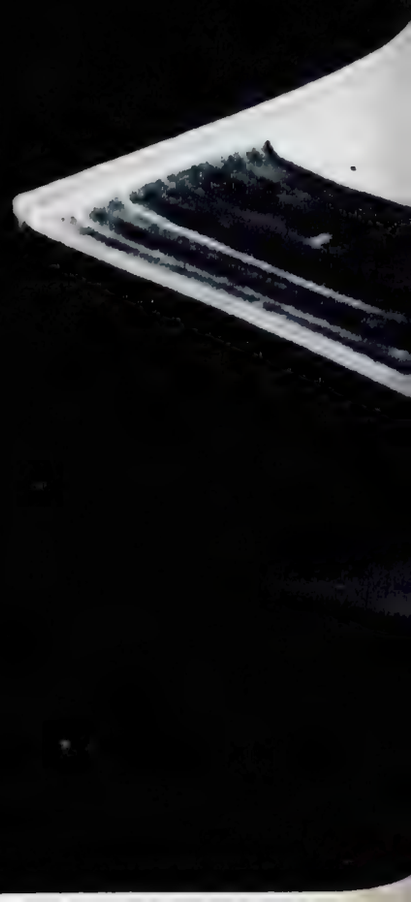
Enciclopédia Semanal Ilustrada
Cr$ 650 o fascículo. Mais um lançamento Abril.

Abril Cultural

Standard Propaganda

SOU PADRE E QUERO CASAR

Stephen Nash é o pseudônimo de um padre norte-americano, católico, de 39 anos de idade. Seu dramático depoimento sôbre o celibato religioso — publicado recentemente nos Estados Unidos — provocou críticas violentas e aplausos entusiasmados. REALIDADE julgou-o tão importante e atual que resolveu ouvir vários padres brasileiros a êsse respeito. Mas todos foram unânimes em achar que, para iniciar o debate, nada melhor que publicar o próprio artigo do sacerdote americano. SEGUE



"Já poderia ter me entregado ao amor uma dúzia de vêzes"

Sou um padre católico. Isto, para mim, é uma grande alegria. Estou proibido de casar. Isto, para mim, é um grande êrro.

Não falo em função de um envolvimento emocional com uma mulher. Não falo a partir de um fracasso em suportar as imposições de minha vida sacerdotal. Sou um **bom** padre. Nem falo porque sinta uma urgência imediata de trocar minhas responsabilidades clericais por uma vida de matrimônio no mundo, ainda que tal pensamento me ocorra com intensidade cada vez maior.

Meu trabalho como padre tem sido absorvente. Em 14 anos de sacerdócio, aconselhei os jovens antes de casar e os casais depois do matrimônio; trabalhei horas sem fim com alcoólatras; encoragei mães solteiras a encarar a vida de nôvo; visitei um sem-número de doentes; interrompi meu sono muitas vêzes para assistir os moribundos; e animei padres irmãos quando os problemas os enchiam de mêdo e mudo desespêro. Falei de Cristo às Suas criancinhas que se preparavam para a primeira comunhão. Ouvi muitas histórias e tagarelices de adolescentes enquanto músicas e danças ruidosas sacudiam o fundo da sala. Instruí centenas de convertidos, trabalhei com grupos cívicos e ecumênicos. Levantei recursos para tôda espécie de causa e fui capaz de não economizar quase nenhum dinheiro do meu próprio.

Treinei equipes de futebol e de basquetebol, participei de caçadas, pescarias, partidas de gôlfe e cruzeiros de iate. Acompanho a política e os esportes, as artes e a TV. Servi sob tiranos e santos, tenho um bando de padres amigos e acho-os uma turma incomparável. Rio bastante, raramente estou deprimido, desanimado nunca. Bebo moderadamente, fumo um maço de cigarros por dia. Gosto das freiras, adoro as crianças e acredito nos ensinamentos de Jesus Cristo e de Sua Igreja com uma simplicidade de fé que me embaraça. Rezo minha Missa devotadamente, não tenho dúvidas sôbre a existência de Deus, nem sôbre a presença de Cristo na Eucaristia ou uma absolvição na Confissão. Não simpatizo muito com a posição da Igreja no que diz respeito a contrôle da natalidade, divórcio e obediência religiosa, e desprezo a pompa das cerimônias litúrgicas, com suas sêdas e rendas de outros tempos, mas tenho mantido minhas opiniões em razoável sigilo. Nunca liderei cruzadas, nem pretendo liderar nenhuma.

Sou sentimental com os que erram, deixo-me envolver muito pelos problemas dos que me procuram, e sou incapaz de dizer **não** a alguém que peça ajuda. Sou o primeiro a chegar a uma festa e o último a sair. Falo demais e ouço muito pouco. Não ligo para minha aparência, mas me preocupo com minha idade. Minha mãe amava meu pai, e eu amava a ambos. Sou de uma família numerosa e guardo como tesouro o amor de todos os seus membros. Gosto de olhar para uma mulher bonita, e acho tôda mãe com seu filho uma espontânea obra de arte.

Poderia ter cedido ao amor uma dúzia de vêzes e até já tive — mas uma vez só, e ràpidamente — oportunidade de confessá-lo. No entanto, amo meu sarcerdócio com todo o coração e dificilmente poderia renunciar a êle. Ao mesmo tempo, quero casar, e êste dilema é que me levou a escrever. Não estou excitado com sexo, embora reconheça que gostaria de experimentar seus mistérios. Nem me sinto anormalmente faminto de apoio emotivo, nem privado de atenção pessoal, nem dilacerado por tensões. Mas é grande minha ambição de amar e ser amado, numa doação mútua e criadora, pois desejo desesperadamente partilhar os segredos do meu amor a Deus e Sua misericórdia na intimidade do amor conjugal.

Em anos de prece e reflexão, fiz todos os esforços para me passar de uma religião de coisas estabelecidas e decretos legais para uma união pessoal com Cristo. Devorava-me, na hora de fervor da Santa Comunhão, a suplicar um fim para minha fome de amor. Encontrei algum apoio da união, mas Cristo, na maioria das vêzes, continuava como um Ideal histórico, um Redentor distante, e não o amigo pessoal que eu buscava. Lutei para encontrar a resposta no meu trabalho, e a êle me entreguei quase frenèticamente (perigosamente, diziam alguns amigos). Tentei novos métodos de oração. Às vêzes meus esforços para tornar Cristo real pareciam quase um tipo de auto-hipnose.

Porém, quanto mais eu trabalhava e me entregava, mais eu sentia a necessidade de dividir os segredos de meu empenho e de meus sonhos com alguém que em troca dividisse os seus comigo. Na Liturgia eu me sentia fazendo o papel de um gigante indiferente e espiritual, que sacrificava seus sentimentos e ambições pessoais a uma grandiosa e nobre missão. Mas isso não era suficiente para me levar a alguma terra nevoenta e misteriosa, onde pudesse encontrar fôrça e consôlo. Eu queria uma espôsa. Sim, eu precisava de uma espôsa. O conhecimento dos amores secretos e das tempestades de alma dos que procuravam minha ajuda servia sòmente para exagerar minha solidão. Por quanto tempo pode um homem tão limitado e inquieto continuar a desafiar-se?

De forma alguma eu construí uma imagem de adolescente do matrimônio. E mais, não ignoro o preço do amor conjugal. Tenho sido bem iniciado em suas lágrimas por ninharias. Vi, chocado, os extremos da petulância feminina. Testemunhei diretamente a opressiva intimidade do estado conjugal. Procurei muitas vêzes contornar ou afastar suas horas de desentendimento e confusão. Mas, ainda assim, não consigo acalmar meu desejo de amor. Eu anseio pelo casamento. Para mim êle não é o Nirvana; a vida não oferece tal coisa. Mas é o que eu quero, o que verdadeiramente acredito ser meu direito.

Imaginem um padre; se vocês quiserem, eu mesmo. Crianças correm para mim em lágrimas e, enquanto enxugo suas tristezas, desejo falar a meus próprios filhos sôbre a bondade de Deus. Falem-me das hostilidades de Édipo das crianças, de suas doenças, de suas bruscas invasões nas horas de calma, de suas exigências econômicas, sua ingratidão; e eu apenas responderei que quero amar como só um pai na carne pode amar, e que só assim conseguirei dar sentido e dimensão à minha paternidade no espírito.

Talvez vocês pensem que só estou querendo filhos para a vida eterna. Mas não. Eu estou simplesmente pensando na dádiva desta vida presente. Quero ser um homem, não um ideal; um amante e não sòmente um pregador; um pai, não imagem de pai. E, para conseguir isso, estou disposto a pagar qualquer preço.

Mas não posso jogar fora meu sacerdócio. E não quero, pois sou padre para sempre. Talvez vocês não compreendam, provàvelmente vocês nunca foram padres. Eu escolhi o sacerdócio. Não escolhi o celibato. Êste eu não entendo. Não estou dizendo que todo padre deva ser casado. O celibato está ligado a uma das mais sagradas tradições da Igreja. Muitos padres preferem vivê-lo, crescem sob sua purificação e libertação. Mas eu não sou monge, e nunca pretendi ser celibatário. Escolhi o sacerdócio e terminei compreendendo que as cadeias do meu celibato não ligam a Deus, mas são um elo amargo e doloroso que liga à solidão, à autocompaixão e a uma vida humana diminuída. Acho-o particularmente duro de suportar quando chega a noite.

Leio até que meus olhos fiquem exaustos e protestem. Então pego meu carro e saio guiando sòzinho com meus pensamentos. Paro para uma cerveja na luz fraca e protetora de algum bar de beira de estrada, e lá fico, bebendo sòzinho, pensando sòzinho, com mêdo de trair a promessa que fiz no dia de minha ordenação. E como encher o vazio de minha alma? Eu desejo amar uma mulher, uma que tente me amar em troca. Procuro uma mulher que queira partilhar sua visão da vida comigo. Procuro minha outra metade enquanto ando por aí como metade de um homem. Quero conhecer Deus da forma como só o amor humano pessoal permite conhecê-lo. E depois quero voltar a meu povo como um padre, mas já com a revelação do mistério da vida — a contribuição de minha espôsa a meu próprio ensinamento da mensagem de Deus. Quero ser um homem inteiro para ser um padre inteiro, a fim de que Deus seja para mim um Deus inteiro, e não uma luz distante.

Alguns de meus irmãos padres não sentem nada disso. Mas milhares de nós descobrimos que nosso celibato é tão amargo quanto doce é nosso sacerdócio — e que não existe nenhuma necessidade teológica, nem razão doutrinária, nem exigência espiritual para o celibato. Só a disciplina da Igreja é que fêz do

celibato a marca do sacerdócio no Ocidente. Não há dúvida de que o celibato ajudou a purificar o Clero na época da religião política e da corrupção monástica. Foi o celibato que colocou os sacerdotes católicos à parte (e coloca ainda hoje). Mas foi também o celibato que ajudou a construir um muro entre os padres e os leigos, e levou muitas vêzes ao autoritarismo clerical e à desumanidade moral. Foi o celibato, alimentado por uma perspectiva errada e puritana do sexo, que isolou o padre da realidade. Foi o celibato que criou uma Igreja capaz de muitas vêzes abandonar o povo. Poderia tornar a traçar para vocês os argumentos a favor do celibato. Já os li em francês, alemão, italiano, inglês e latim também, e ouvi meu celibato ser considerado "uma luz especial que revela as maravilhas de Deus" e "um matrimônio com Cristo". Mas a tal luz não se acendeu para mim, e a união com Cristo, esta eu achei estéril e insatisfatória. Poderia reconstruir para vocês a história do celibato, mas vocês apenas seriam colocados diante de um aglomerado de fatos e contradições, e ao fim de tudo só entenderiam do celibato em têrmos de uma exigência eclesiástica.

Os padres de cabelo branco dirão que sou fraco e indigno de minha vocação. Poderão até dizer que êles venceram as tempestades. Curvo-me diante dêles, sinceramente, em admiração. Mas sou um padre de hoje, e estou servindo a Cristo numa idade intranqüila, crítica e realista, em que as respostas às perguntas só levam a novas perguntas. E estou cansado de examinar, aumentando meus sofrimentos, os motivos que teria para viver de um modo que não acredito que Cristo desejasse. Tenho o direito de me preocupar com a salvação de minha própria alma, e uma luta sem sentido parece pôr esta salvação em constante risco.

Talvez os casados digam que exagero as possibilidades de realização na vida matrimonial. E talvez estejam certos. Não vejo como poderia agir de outra maneira um homem que vive com a esperança de seus ideais. Mas suas advertências, cínicas ou sensatas, não darão resposta às minhas necessidades, nem destruirão minhas aspirações. Acredito que, mesmo depois de casado, continuarei ansiando pelo repouso que só pode ser encontrado finalmente em Deus. E não digo que Deus não possa suprir o que falta ao homem por natureza. Digo apenas que no meu caso Êle não supriu e que não tenho nenhuma razão para esperar que o faça.

Se eu fôsse um encanador e trabalhasse com canos furados, ou um contador em luta com números teimosos, talvez a batalha pudesse ser suportável. Mas eu sou arrancado de minha solidão de celibatário para estudar as almas de homens e mulheres. Pedem-me que participe da angústia de uma mulher casada com uma bêsta inconsciente, e depois me retire, imperturbado. Esperam que eu fale às môças de colégios sem nunca conhecer pessoalmente o amor que meu ofício me obriga a descrever. Sou obrigado a assistir as pessoas nos seus momentos mais íntimos e pessoais, mas jamais tenho direito de dividir os segredos de minha alma com uma companheira destinada a mim pelo próprio Deus.

Não estou vivendo na época de Crisóstomo e Gregório, quando a promiscuidade transbordava por tôda parte. Não estou vivendo na época de Agostinho ou Inocente, quando se encarava o corpo como a fonte do mal e o sexo era visto como sórdida submissão ao pecado. Nem estou vivendo na época de Leão X ou Alexandre, quando os homens da Igreja andavam manchados pela ambição e pelos freqüentes escândalos sexuais. Não estou vivendo sequer nos dias de Pio IX e da Rainha Vitória, quando sexo era uma palavra cochichada, e se esperava que as mulheres apenas suportassem as lascivas exigências dos homens. Estou vivendo numa época que grita sexo do alto dos telhados. Não vejo com a simplicidade de Jerônimo para quem "o homem é palha, a mulher é fôgo, e o demônio um vento poderoso". Vejo com os olhos de um padre católico do século 20, que fala a seus fiéis da beleza do matrimônio, do caráter sagrado do sexo, e descreve a amizade divina servindo-se da imagem do amor conjugal. Assim falo, e depois corro a defender-me do que desejo mas minha vocação proíbe: o amor de uma mulher.

Já ouvi dizer, por leigos, que as obrigações do padre não deixam tempo para o casamento, mas descobri que deixam tempo para o gôlfe, o pôquer e os piqueniques. Informaram-me que os padres guardam segredos que ninguém deve saber, mas percebi que com os médicos acontece o mesmo. Disseram-me também que o celibato conserva os insinceros longe de uma vida de serviço religioso, mas conheci ministros protestantes que são autênticos homens de fé. Fui instruído sôbre a fôrça magnética do celibato em despertar a confiança dos homens. Mas descobri que isto é mais do que contrabalançado pelos padres que se afastam do povo com sua indiferença, sua posição à parte e sua absorção em atividades financeiras.

Os tradicionalistas ferrenhos insistem em dizer que o povo rejeitaria a idéia de padres casados. Mas o povo só rejeita o que não lhe explicam. Por que o povo não compreenderia que o celibato é uma medida eclesiástica disciplinar que precisa de reforma? Por que não iria o povo compreender, se um padre abrisse o coração e lhe dissesse que o casamento o tornaria um padre melhor?

Parem e pensem no que acontece a um homem obrigado a largar o sacerdócio — como milhares já tiveram de fazer porque acharam suas cargas pesadas demais. O mais comum é êle ter amado a vida que tinha escolhido e, quando a abandona, corta o coração de seus pais, vê os amigos lhe darem as costas e os que podiam oferecer-lhe um emprêgo torcerem o nariz. Êle tem de viver com mêdo de ser reconhecido e abertamente insultado. Negam-lhe os sacramentos, é expulso da Igreja a que serviu por muitos anos, é forçado a renunciar a quase tôda amizade cultivada, exceto uma — o amor de uma mulher que é considerada impura. A Igreja jamais compreendeu de fato êste problema, nunca foi realmente sincera sôbre êle. Sabemos que um dia tudo isto mudará, mas o que impede a Igreja de aceitar um clero casado? E que direito tem o povo de rejeitar um clero casado, quando as imposições do celibato estão despedaçando as vidas de milhares de nós? Não existe nenhum argumento que justifique êste ultraje cada vez maior.

Se fôsse simplesmente sexo o que o padre quer, como seus críticos muitas vêzes insinuam, êle poderia conhecê-lo sem tão amargo preço. Dificilmente haveria um padre que não pudesse encontrar alguma companheira pronta e compreensiva. Mas se o que êle quer é o amor de uma espôsa, tem de estar disposto a pagar o exaustivo preço de sua honra. Êle pode muito bem ser honesto demais para levar uma vida dupla, e assim é lançado aos horrores de um inferno privado. Não lhe dão permissão para amar, mas é jogado num vale de amantes, e pedem-lhe que se retire sòzinho para seus genuflexórios. Êle é obrigado a falar horas a fio sôbre o amor, mas não lhe é permitido beijar.

Alguns de meus amigos não podem deixar a Igreja por causa da tristeza e desilusão que dariam a seus pais e conhecidos. Mas os meus pais estão mortos, e meus conhecidos que não são padres são pouco importantes para mim. Outros padres não se sentem com coragem para enfrentar a responsabilidade de começar a vida de nôvo. Mas eu estou prêso porque não quero deixar de ser padre. Êste talvez seja o caminho mais solitário de todos.

Talvez tudo o que eu tenha dito e alegado surpreenda e desagrade a vocês como apelos dramáticos e sentimentais numa época de cínico realismo. Mas o que escrevi eu sinto com tôdas as fibras de minha existência. Por isso não consigo ser lógico e calculista; posso apenas dizer-lhes o que meu coração já gritou para mim mesmo milhares de vêzes. E porque vocês não acharam a realização pessoal no casamento, não julguem que eu não possa achá-la.

Pensava que os padres do Concílio Vaticano II iriam enfrentar êstes problemas que — êles sabem — afligem milhares de nós. Pensava que, pelo menos, êles abrissem a porta para os meus irmãos padres que já caíram em desgraça. Mas os padres do Concílio simplesmente repetiram os sons enferrujados do passado. De qualquer modo, não reconheceram a honestidade e sinceridade do padre moderno. Muitos de nós abandonaríamos sem remorsos a vida que levamos, mas não podemos suportar tranqüilamente a pilhagem e destruição de nosso sacerdócio.

Não venha me responder, crítico sacerdotal, que sou um desanimado e indiferente. Trabalhei como poucos já trabalharam. Não me responda, juiz episcopal, em têrmos de solene disciplina. Tentei obedecer e rezar como poucos já tentaram. Não me repitam, padres do Concílio, palavras que não estão sentindo em seus corações. Falo com sinceridade que queima minha alma. Lutei até os limites de minhas fôrças. Talvez venha a deixar o sacerdócio, talvez não. Mas, se eu deixar, será, até onde posso honestamente perceber, porque o celibato não faz sentido para mim. Suspiro por conhecer o amor de Deus na única relação humana que pode dar a êste amor a dimensão e a realidade de que eu necessito. Para mim, o Paraíso é uma esperança distante; o Inferno, uma possibilidade irreal. O amor de Deus é o único centro que pode dar sentido à minha vida. Mas não entendo como posso ser um padre autêntico se não fôr um homem inteiro. Sem casamento, tenho de continuar a viver como um homem pela metade.

Não escrevi para iniciar uma cruzada. Ela virá sòzinha. Simplesmente contei a vocês a história de minha alma, e termino perguntando humildemente:

— Quanto tempo pode um homem pela metade continuar como padre? FIM

o espetáculo começa aqui...

Poderá ser um desenho animado para a garotada.
Ou, mais um capítulo daquela "emocionante novela".
Ou, então, um bom jôgo de futebol...
O importante é que a televisão abriu um mundo nôvo de entretenimento para a família.
E, onde quer que você more, quem garante o espetáculo é o TV Colorado RQ — através da máxima fidelidade de som e imagem cinematográfica.
É um televisor incomparável, mesmo nos locais de recepção mais difícil.

COLORADO RQ

O único televisor que tem Reserva de Qualidade

Colorado Rádio e Televisão S. A. — Rua Bueno de Andrade, 732 — Fone: 31-3141 — São Paulo

A grande pesquisa que REALIDADE iniciou no mês de julho, procurando saber a opinião dos leitores sôbre desquite e divórcio, já resultou em mais de dez mil respostas. O resumo do levantamento — primeiro no gênero que se faz no Brasil — será publicado num dos próximos números. Enquanto isso, damos dois depoimentos importantes sôbre o problema. Contra o divórcio pronuncia-se o Padre Charbonneau que, com seus "Encontros de Casais", no Rio e em São Paulo, vem lutando para salvar casamentos sob ameaça de rompimento. A favor do divórcio, e contra o desquite, escreve o Deputado Federal Nélson Carneiro, que desde 1947 se empenha em mudar a legislação brasileira no capítulo que trata dos casais que se separam. Está aberto o grande debate.

O QUE VOCÊ PENSA SÔBRE O DIVÓRCIO?

Porque sou contra o Divórcio

Padre Paul-Eugène Charbonneau

O Padre Paul-Eugène Charbonneau nasceu em 1925, *na região das montanhas nevadas do Canadá. Fêz seus estudos em Montreal, tornando-se bacharel em* 1947 *e formando-se em Teologia* 10 *anos depois. A seguir, foi professor na Universidade de Montreal. Em* 1950, *com* 25 *anos de idade, ordenou-se padre e começou a preparar jovens para o casamento. Foi enviado para São Paulo em* 1959, *indo trabalhar no Colégio Santa Cruz, onde é diretor do curso colegial e professor de Filosofia. Graças à sua experiência canadense, pôs-se imediatamente em contato com as famílias brasileiras e seus "Encontros de Casais" tornaram-se conhecidos em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras. Apesar da grande atividade diária, leva uma vida intelectual intensa, como provam os seus livros*: Cristianismo, Sociedade e Revolução; O Sentido Cristão do Casamento; O Noivado; Educação Brasileira e Colégio de Padres; Limitação dos Nascimentos.

A controvérsia sôbre o problema do divórcio não é de hoje. Pode-se dizer que ela se desenrola com maior ou menor intensidade conforme as épocas, mas que aparece pràticamente em todos os momentos da história. Isto decorre de dois fatos: não ser fácil a constituição do casal: e pensar o casal, nos momentos críticos, que melhor teria sido não se unir. Dêste pensamento à proposição do divórcio, isto é, à desunião definitiva, o caminho é rápido. Seria possível afirmar que, onde existe o homem, existe forçosamente uma situação dialética, contraditória. Pois o homem é liberdade que se prende em um **sim** ou em um **não.** Ora, não há jamais um **sim** que não seja oposto a um **não** ou um **não** que não seja oposto a um **sim.** Isto explica que, no plano conjugal, falar de **união** é tomar posição contra a **desunião;** afirmar a **estabilidade** é enfrentar a **instabilidade;** desejar o **definitivo** é encarar o **transitório.** Em uma palavra, propor o **casamento** é se opor ao **divórcio.** E, recìprocamente, preconizar o divórcio é negar o casamento. No fundo, seria necessário isolar a questão em seus aspectos superficiais e elaborar verdadeiramente uma reflexão profunda sôbre o assunto. A questão a abordar seria então a crucial relação entre amor e liberdade. Até onde a liberdade humana se compromete no amor, até onde o amor cerceia a liberdade? Tal é, na minha opinião, o centro do problema. É de ordem filosófica e infelizmente ignorado por grande número dos que se pronunciam sôbre êste capítulo da aventura humana. Para que o debate seja mais que uma troca verbal em nível de opiniões pessoais — e, na maioria dos casos, superficiais — seria preciso situá-los nesta altura. Raros são aquêles que aceitam refletir sôbre êste aspecto do problema. Prefere-se o campo fácil dos lugares-comuns pseudo-sociológicos, pseudopsicológicos ou mesmo o das conveniências políticas. Esta é a desgraça. Todo debate em tôrno do divórcio que ignora o compromisso fundamental que fazem liberdade e amor, que omite ser o amor essencialmente **engajamento,** é falso.

Por que se esquece o essencial da questão para se discutir no plano dos aspectos acidentais, correndo-se o risco de passar longe do verdadeiro problema? Porque a realidade humana é dolorosa. Todos nós temos amigos ou parentes cujo casamento foi um fracasso, que se separaram, e cuja situação jurídica, psicológica e social beira o desastre. Na grande maioria dos casos, vivem marginalizados pela Igreja ou pela sociedade, e sofrem o isolamento. Diante do sofrimento, não há ninguém que, possuin-

do um pouco de caridade (no sentido mais nobre da palavra), não se sinta solidário. Ora, a solidariedade neste caso se exprime numa revolta contra uma lei implacável e que recusa ao homem (cujo destino é errar, como diz o provérbio) o direito de cometer um êrro em relação ao amor.

O clamor dos que defendem sêres infelizes é digno e válido. E, qualquer que seja a saída para o debate, parece-me que ninguém deve invocar o direito de condenar. O amor é um mistério profundo; há, ainda, o desconhecido abismo da liberdade com tudo que êle oculta; há, finalmente, o próprio coração do homem, que ninguém — a não ser Deus — pode penetrar. Tôda condenação ou acusação, no nível da pessoa, parece-me por demais reprovável. Ninguém pode condenar o que não compreende. Ninguém pode se fazer juiz de outro, pois o mistério do outro é tão grande que só pode ser penetrado por Deus.

Julgo ser indispensável neste debate, desde o início, separar o problema das suas incidências puramente individuais, dos seus aspectos acidentais, para se situar verdadeiramente no centro da questão, que não é êste ou aquêle casamento, mas a própria **instituição** do casamento.

Falar da instituição do casamento é abordar todo o problema da família. Pois a essência do casamento — e de certo modo o próprio sentido do amor — não é o de uma simples aventura a dois, mas sim o da procriação. Tôda abordagem que pretende, por conseguinte, se limitar a tratar o problema a partir sòmente do "direito à felicidade" dos cônjuges está viciada de início. Não se trata nunca da felicidade de um homem e de uma mulher isolados, num amor oscilante, mas sim da felicidade dos filhos que nasceram dêste compromisso, desta promessa, dêste engajamento que é o amor. Não acredito que haja no mundo responsabilidade mais angustiante que esta de criar a **existência,** isto é, de fazer existir alguém que tem um direito intocável às condições de vida que permitirão sua felicidade. Uma criança que nasce é alguém que chega ao mundo gritando por seu direito à felicidade. E êste grito é tão estrondoso que ninguém pode deixar de ouvi-lo.

Haveria muito o que refletir sôbre êste fato: dar a vida. O pai e a mãe são aquêles que **dão** a vida. Ora, perde-se sempre o que se dá. Se eu der 100 mil cruzeiros de presente a um amigo, eu perco o direito a esta soma. Dar a vida é chegar até a entrega da própria vida. O pai e a mãe, se não são desnaturados, dão literalmente suas vidas ao filho. Colocando-o no mundo, assumiram o compromisso definido de ceder seus direitos ao filho. O resto de suas existências será portanto consagrado a esta realização: dar a vida (no sentido mais amplo da expressão), isto é: educar os filhos.

E o que é viver? Viver é tentar ser feliz. A vida é uma corrida para a felicidade. Assim, aquêle que dá vida a um nôvo ser humano cede o seu direito à felicidade. Esta conclusão, por mais brutal que possa parecer à primeira vista, nem por isso é menos rigorosa. Ela se impõe sob pena de esvaziar a paternidade humana de seu sentido, para reduzi-la meramente a uma comunicação biológica, sem nenhum teor espiritual.

A criança ao nascer recebe pois, com a vida que lhe é transmitida, o direito de viver, quer dizer, o direito de ser feliz. Nunca mais o pai e a mãe terão o direito de reivindicar o que doaram. Quem dirá que êles teriam o direito de retomar a vida de um filho?

Assim, também, quem poderia negar que os pais devam respeitar o direito à felicidade que seu filho recebeu dêles no momento mesmo em que o procriaram, com amor e liberdade? Se o filho tem direito à felicidade, dêste direito nasce o dever do pai e da mãe de respeitá-lo, aconteça o que acontecer. Êles, efetivamente, transferiram ao filho o seu direito à felicidade pessoal.

E direi mesmo, o que aliás é muito mais exato: a felicidade que era para êles um direito, antes do nascimento do filho, torna-se agora um dever. Pois todo homem que nasce não só tem direito a uma casa, mas também o direito, antes de tudo, a um lar onde possa ser amado.

Digamos, para resumir, que falar de casamento é falar de família. Certamente nem sempre se casa porque se quer filhos. Na maioria dos casos, casa-se porque se ama. Neste sentido a causa do casamento é o amor. Mas o casamento não é um ato isolado, um contrato meramente pessoal. Êle é institucional pois cria uma estrutura da qual uma das características essenciais é a estabilidade necessária para o bem e o direito do filho que, se não é a causa, é normalmente o fim objetivo do casamento.

E se um casal, depois de uma evolução infeliz, não pode oferecer aos filhos um lar feliz? Não será preciso neste caso que a lei lhe permita desfazer um lar infeliz, para reconstruir um outro, onde a felicidade seja possível?

A esta objeção, que é corrente, é preciso responder não. Com efeito, o número de lares onde as condições para a felicidade não existem é muito reduzido. É pensando nas exceções (as estatísticas sociológicas oscilam por volta dos 10%) que se quer o divórcio.

Ora, a lei nunca teve e jamais terá por função resolver os problemas daqueles que são exceção. Por natureza ela é ordenada à promoção e à salvaguarda do bem comum. Não se faz uma lei para proteger o bem particular de uma percentagem mínima da comunidade mas, ao contrário, para fortificar as condições que são indispensáveis ou convenientes ao bem comum. Não é, pois, partindo de uma visão individualista que se deve legislar sôbre a questão, mas a partir da única preocupação legítima para quem legisla, isto é, a preocupação do bem comum.

A lei sôbre o casamento não deve pois ser elaborada para resolver os desastres pessoais (por mais dolorosos que sejam), mas para favorecer o equilíbrio sociológico e psicológico da Nação. Neste sentido, falar de uma lei que teria por objeto o divórcio parece-me simplesmente contraditório: é usar de um instrumento de bem comum contra o bem comum, em nome do bem particular de um número mínimo de indivíduos que sofrem um fracasso que devemos nos esforçar por comprrender, mas que não deve nunca tornar-se o padrão de lei.

Parece-me que êste é o núcleo da questão. Haveria inúmeras outras considerações de vários tipos a fazer. Pode-se invocar argumentos ligados à Sociologia, Psicologia, Filosofia e Teologia. Alguns dêstes argumentos são difíceis de se manipular e muitas vêzes pouco convincentes. Outros são impressionantes, como por exemplo, o que desenvolve O. Philippon, no seu terrível livro **A Juventude Delinqüente vos Acusa** (Paris, 1950), onde êle mostra que uma pesquisa feita em 25 países leva à conclusão estarrecedora (e lógica) de que 82% dos jovens de menos de 18 anos que são delinqüentes pertencem a lares destruídos.

Mas, além de todos êstes argumentos, o bom senso deve triunfar dando primazia ao bem comum sôbre o bem particular. Principalmente porque não se pode mais, no limiar do século 21, raciocinar como no fim do século 19. Naquela época, podiam-se invocar certos argumentos que a inexistência de dados sociológicos tornava plausíveis. Mas um século de experiência divorcista acumulou resultados que ninguém pode ignorar e que não deixam nenhuma dúvida sôbre o prejuízo que o divórcio traz a uma nação. Já seria tempo de os campeões do divórcio descobrirem que não estão mais na vanguarda, mas sim na retaguarda, pois desconhecem as realidades sociológicas que se podiam outrora ignorar, mas que nos nossos dias são evidentes. Se se pensasse um pouco mais em **preparar** os jovens para o casamento e um pouco menos em favorecer o divórcio, tenho a impressão de que o País seria melhor servido — e os jovens casais de amanhã também. Eis porque me pronuncio firmemente contra o divórcio.

Finalizando, é preciso que nos preocupemos com a sorte dos casais infelizes e que procuremos a maneira de auxiliá-los. Não é suficiente opor-se ao divórcio para ter a consciência tranqüila. Urge interrogar-se sôbre como preveni-lo.

SEGUE

Porque sou a favor do Divórcio

Deputado Federal Nélson Carneiro

Nélson Carneiro nasceu em Salvador, em 1910. Fêz os estudos primários e secundários na Bahia. Em 1932, formou-se em advocacia e, por apoiar a Revolução Constitucionalista de São Paulo, foi deportado para o Rio, pelo interventor Juraci Magalhães. No Rio, começou trabalhando no Diário de Notícias, *passando depois para o* Jornal do Brasil, *onde até hoje se encontra. Em 1947 voltou à Bahia que o fêz deputado (PSD) até 1954. Nesse período foi nomeado, por concurso, livre-docente de Direito Processual Civil na Faculdade de Direito. Desde 1958 é deputado pela Guanabara. Seus principais projetos, transformados em leis, foram: o do reconhecimento de filhos adulterinos, o que garante à mulher não-casada os direitos assistenciais por parte do companheiro e o que equiparou os direitos da espôsa ao do marido na legislação civil. Nélson Carneiro católico, diz-se casado pela segunda vez e vive com sua segunda mulher, sem ter se desquitado anteriormente.*

A explicação me parece muito fácil. Sou a favor do divórcio porque entre o desquite e o divórcio não há melhor opção, quando se pensa na sociedade, na mulher, nos filhos.

Deve-se dizer, de início, que os mais ferrenhos antidivorcistas agem de má fé, quando jogam o divórcio contra a felicidade conjugal, como se fôsse justo equiparar coisas inteiramente diferentes. Os divorcistas do Brasil e de todo o mundo, e de todos os tempos, não lutam pelo divórcio como um bem, como um fim. Apenas, na competição com o desquite, proclamam a sua superioridade, como fórmula social, legal e humana. Êsse ponto precisa ser esclarecido em todos os debates, para que os antidivorcistas não continuem posando de advogados da felicidade familiar.

Houve um tempo em que o povo brasileiro não conhecia a gravidade do problema provocado por tantos anos de império do desquite. Os líderes divorcistas do passado deixaram as marcas de sua luta apenas em coleções de jornais. Uma onda de silêncio se estendia sôbre o problema. Foi um projeto meu, de 1947, contra o texto constitucional que determina a indissolubilidade do casamento, que colocou a questão do divórcio em posição de destaque, provocando um estado de alerta na opinião pública. A imprensa espalhou a notícia pelo País inteiro, forçando debates e indagações. Mas é à Igreja Católica que o divórcio deve a sua imensa difusão, como assunto controvertido. Levando sua palavra de indignado protesto a todos os lugarejos, até aos mais humildes, iam os sacerdotes despertando curiosidades e dúvidas. O resultado aí está. Vinte anos depois, tôda a Nação está informada, e tem opinião — favorável ou contrária — sôbre um problema que antes preocupava apenas a alguns.

Êsse debate ainda mais se aprofunda agora, pela ação da Igreja Católica contra o nôvo projeto de Código Civil, obra trabalhada por três eméritos jùristas, os professôres Orlando Gomes, Orozimbo Nonato e Caio Mário da Silva Pereira.

O importante, nesta hora, é verificar em que setor o desquite é mais favorável à família e à sociedade do que o divórcio. E a resposta é: em nenhum.

O que é o desquite, tal como o estabelece a legislação brasileira? Diz o Código Civil que "a sentença de desquite autoriza a separação dos cônjuges, e põe têrmo ao regime matrimonial de bens, como se o casamento fôsse dissolvido". Isso importa

em dizer que, com o desquite, seja litigioso ou amigável, estão ambos os cônjuges livres da fidelidade recíproca e do dever de mútua assistência. Não há mais vida em comum, e está destruído o domicílio conjugal. Os filhos já não serão criados pelo casal, mas confiados à guarda do pai ou da mãe ou, ainda, de terceiros. A sociedade conjugal desapareceu. A antiga espôsa deixa de usar o nome do marido, voluntàriamente ou por ter sido a isso condenada. E ambos, mulher e marido, estão livres para construir, se quiserem, outra união. Mas essa união, por mais duradoura, por mais digna, será sempre ilegítima. E os filhos que dela nascerem, igualmente ilegítimos. Porém nem todos os cônjuges que se desquitam constituem novas famílias. O mesmo, aliás, acontece no divórcio.

Alguns dos raros países antidivorcistas, como a Itália, punem, mas não conseguem impedir, as novas uniões. São ao menos mais coerentes do que os legisladores brasileiros, que se proclamam favoráveis à indissolubilidade do casamento mas admitem que não seja punido o cônjuge que pratica o adultério, quando o casal já está separado de fato. E isso apesar do Código Penal classificar o adultério como crime. Ao desquitado ou desquitada que não quer, ou não pode, se render ao castigo da continência, sòmente se abrem tristes caminhos. Para a desquitada, principalmente, ainda que jovem, ainda que cheia de vida, ainda que inocente, mais sombrias são as perspectivas que se apresentam, se não puder converter em renúncia e recalque os apelos da idade, do sexo despertado, da necessidade de amar e ser amada. Ou se deixará envolver pelas seduções fáceis e temporárias, de mão em mão, hoje de um, amanhã de outro, contrariando a natureza feminina e a formação moral, ou construirá nôvo lar, com ânimo de torná-lo definitivo, onde tenha o nome e o trato de espôsa. Mas, nesse segundo caso, anotou o antidivorcista Monsenhor Arruda Câmara, Deputado Federal, que "um dos males morais e sociais do concubinato ou do companheirismo é a esterilidade voluntária e generalizada dessas uniões, que frustra o fim principal da união entre o homem e a mulher: a criação e a educação da prole". Ainda que isso resulte, em parte, verdadeiro, a culpa não é da nova família, que simplesmente protege dos males da ilegitimidade os filhos que desejaria ter, mas da estupidez da lei que impede a legalização dêsses lares.

Isso não acontece no divórcio. Os divorciados são livres de organizar outros lares legítimos, onde nasçam e cresçam filhos legítimos, isentos das desumanas penas que, onde não existe divórcio, impedem a educação correta de inocentes crianças. Projeto de minha autoria, pondo têrmo a essa cruel discriminação, encontrou veemente oposição da aguerrida liderança antidivorcista, na Câmara Federal.

Argumenta-se com os filhos anteriores ao divórcio. Porém suas aflições são, em regra, iguais às que marcam os filhos nascidos antes do desquite. Para uns e outros, melhor seria se pudessem ser criados pelos pais, juntos, ajustados, em harmonia. Mas, ainda aí, o divórcio resguarda a criança, pela legalidade do segundo matrimônio paterno ou materno, enquanto o desquite a expõe, com a ilegalidade da nova união.

Quando existe divórcio, a mulher que torna a casar recupera a condição de espôsa, com tôdas as conseqüências, sociais, morais, jurídicas e patrimoniais. A mulher desquitada que, na melhor hipótese, se junta a um homem livre (solteiro, desquitado ou viúvo), e a êle se dedica anos a fio, vive a incerteza do presente e do futuro, o que se reflete em tôda a vida familiar.

Os antidivorcistas procuram sensibilizar a mulher, apontando-a como vítima do divórcio. Restaria perguntar em que a beneficia o desquite. Às vésperas da instituição do divórcio em Portugal, escrevia Alberto Brandão: "Defender o divórcio é trabalhar para a reinvindicação da equivalência da mulher perante a lei e a sociedade. Os que atacam o divórcio — é curioso e elucidativo êste fato! — sejam católicos fanatizados ou ateus materialistas, todos atribuem à mulher uma condição de inferioridade em relação ao homem; ao passo que os defensores do divórcio pretendem colocar a mulher numa situação de equilíbrio com o homem, contrabalançando-se recìprocamente as suas aptidões e virtudes". Mais de meio século transcorrido, foram antidivorcistas os adversários mais exaltados da lei brasileira de 1942, que regulou a condição jurídica da mulher casada. Ninguém é partidário dos divórcios publicitários, que mantêm em foco astros e estrêlas do cinema norte-americano. Pede-se lei cautelosa, prudente, sensata. Porém não se pode deixar de votar a norma com mêdo de provável ou possível deturpação. Nesse particular, a razão está com Monsenhor Arruda Câmara, ao examinar o casamento religioso: "Realmente, algumas vêzes, o casamento religioso tem sido explorado pela fraude, como o têm sido tôdas as instituições e tôdas as leis. Se se deixar de fazer leis a pretexto do perigo de fraude, não se legislará mais". Nesse passo, é importante examinar o que ocorreu com a nulidade do matrimônio da Igreja, também vítima de grosseiras fraudes. Terceiras pessoas identificavam-se como espôsas não-desvirginadas, para provar a não-consumação do matrimônio. As autoridades canônicas baixaram instruções para evitar abusos. Mas nem por isso eliminaram a possibilidade de declarar nulos os matrimônios amplamente consumados.

Os antidivorcistas apresentam duvidosas estatísticas, para demonstrar que o divórcio tem sido um mal em outros países. Aproveitam-se da ausência de números exatos nos raríssimos países onde vigora a imoralidade do desquite. Esquecem-se, entretanto, que na Itália o número de filhos ilegítimos transpõe a casa dos dois milhões. E que, no Brasil, para cada desquite legal deve haver, no mínimo, uma dezena de separações de fato. Por outro lado, não se conhece qualquer iniciativa, nos países divorcistas, para a implantação do desquite. O contrário é o que ocorre, inclusive na Itália. Na Colômbia, ainda êste ano se agitou no Congresso o problema da instituição do divórcio. No Chile, a amplitude de um dispositivo da lei civil torna desnecessária a instituição. E no Brasil nenhuma fôrça deterá, mais dia, menos dia, a introdução do divórcio. Convém assinalar ainda que, além dos numerosos motivos para anular um casamento, válidos a qualquer tempo, a legislação da Igreja permite o divórcio, ou seja a dissolução do vínculo matrimonial. Monsenhor Arruda Câmara confessou que isso ocorria com o **privilégio Paulino,** por ser "uma exceção, de direito divino, quando se trata de casamento (não sacramento) entre não cristãos e em favor da fé do que se converte. Mas exceção circunscrita que não afeta a regra geral".

Não se pode esquecer, também, que no Brasil vale o divórcio de estrangeiros, mesmo casados com brasileiros. O assunto comporta longa análise. Valho-me, porém, apenas de um julgamento do Supremo Tribunal Federal. Um suíço, casado com uma brasileira, voltou à sua terra, por motivo de saúde. A espôsa não o pôde acompanhar, por falta de recursos. No sanatório, o marido apaixonou-se por uma enfermeira. Pediu e obteve o divórcio. O mais alto Tribunal do Brasil confirmou a sentença da Côrte suíça. O marido ficou divorciado, casou legalmente com outra, e poderia registrar o segundo matrimônio no Brasil, se o quisesse, para todos os efeitos. A espôsa, inocente, acabou desquitada. Não pode casar. Sofreu o pecado de ser brasileira...

Ao comentar a nossa Constituição de 1946, dizia Carlos Maximiliano que a indissolubilidade do matrimônio, que aparece no artigo 163, deve resultar do fato de os brasileiros terem superado o divórcio legalizado, regulado, sujeito a normas e julgamento, e chegado à fase do divórcio "à vontade", cada um fazendo o seu e à sua moda.

É sòmente abrir os olhos para verificar que — na sociedade brasileira — a acolhida cordial e automática das segundas uniões, criadas à margem da lei, vai incutindo na juventude a convicção de que tanto faz casar como não casar.

E que ninguém duvide, nem os mais ferrenhos adversários do divórcio: os divorcistas querem apenas legalizar o que aceitam como moral. Só isso. FIM

O cronista automobilístico Mauro Salles faz previsões surpreendentes sôbre os carros que vamos ter

NOSSO AUTOMÓVEL TEM FUTURO

O brasileiro atravessou a rua e entrou na fila do ônibus. À sua frente um mar de automóveis. Na esquina uma loja de carros novos. Em suas mãos a revista, cheia de autos coloridos. Carros brasileiros, os da revista, os da loja, os que passavam. Brasileiro também o ônibus que parou diante da fila para levar o bancário, o funcionário, o comerciário, a secretária, todos pedestres sonhadores. As maravilhas da indústria, os progressos da indústria, os milagres da indústria, as vitórias da indústria, os impostos pagos pela indústria, tôda a ladainha em louvor à indústria automobilística brasileira de repente perdiam o sentido para o brasileiro que, na fila do ônibus, tinha apenas uma pergunta: "Por que não tenho o **meu** carro?"

Fotos de Roger Bester

SEGUE

Porque automóvel brasileiro custa caro

Em 1969, a Willys estará produzindo no Brasil 200 carros por dia, derivados do Renault 16.

Esta e outras perguntas do mesmo sentido são o símbolo de uma grande frustração internacional. No Brasil, como na Argentina, no México ou mesmo na Rússia o automóvel, instrumento de trabalho e de prazer, é o mais importante dos símbolos, uma espécie de divisor de camadas sociais. Da mesma forma que um cronista do princípio do século dividiu as famílias em possuidoras de geladeira e bebedoras de água morna, hoje se poderia usar o automóvel como termômetro social. No Brasil, são milhões de pedestres a desejar o carro próprio. A esperar que a indústria automobilística brasileira traga a resposta para tôdas — ou quase tôdas — as frustrações dos que esperam na fila do ônibus.

Em todo o mundo a indústria automobilística é uma indústria-barômetro: se o automóvel vai bem, a indústria vai bem, o país vai bem. As crises e flutuações inflacionárias ou revolucionárias dos últimos três ou quatro anos no Brasil mostraram claramente que essa verdade internacional já nos alcançou.

As perguntas que ninguém responde

Por que custa caro o automóvel brasileiro? Por que são tão difíceis e onerosos os financiamentos? Por que não existe um carro realmente popular? Por que faltam peças, se é tudo nacional? Por que não exportamos, se podemos produzir? Por que não importamos, se queremos comprar? Por que não temos veículos mais modernos? Por que os impostos são tão altos?

As perguntas surgem todos os dias. As respostas, aparecem às vêzes. Até mesmo alguns dos fabricantes internacionais que lá fora, na Europa e nos Estados Unidos, se notabilizaram pelo esfôrço de divulgação e de informação que constantemente mantêm, aqui no Brasil se esqueceram disso e preferiram transferir para um inoperante sindicato de fábricas a missão de dialogar, de debater, de esclarecer. O resultado é uma indústria sem imagem, com duas ou três fábricas se esforçando para varar o bloqueio e dizer ao público a que vieram. O que nem sempre é fácil, pois a opinião pública está cheia de reservas.

E é porque as fábricas pensam que a informação não é necessária que o preço do automóvel brasileiro se converteu em tema proibido. O carro brasileiro é muito caro, eis a verdade. Por quê? A indústria prefere o silêncio. Ou o quase silêncio, pois de outra coisa não pode ser classificada a campanha do sindicato das fábricas, que faz gráficos e estatísticas que manda aos jornais pelo correio, mas que não tem ninguém qualificado para comparecer a um debate, para dar uma entrevista de maior profundidade, para analisar as causas e não apenas os efeitos.

Inflação, infância e impostos

O alto preço do automóvel brasileiro é decorrente de três fatôres básicos: a inflação, a idade da indústria e os impostos. Planejada, instalada e desenvolvida em uma economia inflacionária, a indústria automobilística está, agora, ajudando no sentido de se atingir a estabilidade financeira e econômica que servirá de base ao chamado "desenvolvimento sadio". A estabilidade ainda não veio e o fato de os preços dos autoveículos terem subido menos que a curva geral do custo de vida não tem sido grande consôlo. A verdade é que os contrôles oficiais, os tabelamentos, as sunabs, coneps e outras invenções não resolveram o problema. Pois, se é fácil controlar dez ou doze fábricas de veículos, é impossível policiar mil e tantas fábricas de fornecedores de peças e os fornecedores dêsses fornecedores. E, como inflação não se liquida com decreto ou portaria, o resultado é que os contrôles de preços não tornaram o carro brasileiro menos dispendioso e acabaram por reduzir o lucro das emprêsas, comprometendo seus planos de expansão, ameaçando a estabilidade de sua mão de obra e, em alguns casos, ferindo mortalmente algumas das fábricas nacionais.

Além da inflação, o problema do preço pode ser ligado ao da infância da indústria automobilística. No seu décimo aniversário a indústria ainda não se sedimentou e, principalmente na área de autopeças, tem setores em que ainda usa fraldas e engatinha. Para algumas peças e componentes há apenas um ou dois fornecedores em todo o Brasil. Nem sempre equipados de material e técnica modernos. Nem sempre dispostos a ter preços realistas. Muitas vêzes, ao contrário, tirando partido dêsse monopólio, ou quase monopólio, para colocar as fábricas contra a parede. Um caso apenas, para exemplo: uma fábrica de amortecedores comunicou um aumento de preços. A indústria de automóveis reagiu e não quis pagar. Abriu discussão. Na semana seguinte a indústria de veículos precisou aumentar sua produção diária, para atender à maior procura. A fábrica de amortecedores negou-se a atender o pedido, pois era a única capaz de fazer **aquêle** amortecedor. E comunicou: "Da próxima vez vocês nos consultem antes de aumentar a produção..."

E o impôsto? Segundo os dados oficiais, mais de 40% do preço final de um veículo brasileiro é devido a impostos, diretos ou indiretos, pagos pelos fabricantes, fornecedores e revendedores. Só a indústria de veículos pagou, em 1965, mais de 320 bilhões de cruzeiros em impostos diretos. Em 1966 vão ser mais de 400 bilhões. Em nenhum país produtor de veículos a incidência é tão alta. Em nenhum existe a tributação sucessiva que faz com que o mesmo impôsto recaia várias vêzes em determinadas peças e componentes, do primeiro fornecedor até a entrega do carro ao comprador. Os governos, estaduais, municipais e federal, precisam dêsses impostos para fazer escolas, custear obras, pagar a administração pública. E julgam que os 200 mil compradores anuais de veículos estão em condições de absorver essa carga em benefício da coletividade. É uma solução simplista, mas

Esta é a perua Variant, da Volkswagen alemã. Daqui a três anos estará em plena produção em São Paulo, com o nôvo motor 1.500.

internacional. Em outros países o veículo não paga tanto impôsto mas a gasolina é taxada violentamente. Ou se paga pedágio nas principais estradas. Ou se cobra uma fortuna para cada licença anual de veículo.

E liberar a importação, obrigando nossas fábricas a concorrer com os preços internacionais, seria a solução? É claro que não. O Brasil, com uma indústria automobilística de dez anos, não está em um estágio de desenvolvimento que permita essa concorrência, que no caso, seria destruidora e não estimulante.

250 *mil empregos,* 600 *milhões de dólares*

Nas 21 fábricas (11 de caminhões, automóveis e utilitários e 10 de tratores e carrocerias) a indústria brasileira de veículos emprega hoje perto de 50 mil homens. A Volkswagen e a Willys, as duas maiores, têm mais de dez mil empregados cada uma. O parque de autopeças absorve mais 140 mil empregos e perto de 60 mil pessoas vivem hoje do trabalho nos revendedores, distribuidores, oficinas autorizadas. São 250 mil empregos diretos que geram alguns milhares de outros empregos indiretos. E que representam um dos maiores créditos de um parque industrial que produz anualmente mais de 600 milhões de dólares em veículos. Que em quatro anos tirou de suas linhas de montagem mais de 2 bilhões de dólares em veículos, poupando divisas que não teríamos onde buscar. Essa poupança de divisas é tanto mais expressiva quando sabemos que em 1960, para cada carro produzido no Brasil, se importavam cêrca de 270 dólares em peças e partes complementares, e que essa cifra baixou para 146 dólares em 1961, ficando em menos de 20 dólares em 1965.

Em dezembro de 1965, o Brasil tinha 2.120.000 veículos, dos quais 58% nacionais. O crescimento anual de 11% vem sendo assinalado nas estatísticas oficiais, e acredita-se que deverá manter-se assim nos próximos três a cinco anos. Com êste dado e outros de que dispõe, o Grupo Executivo da Indústria Mecânica prevê que em 1970 teremos 3.350.000 veículos. Descontados os calhambeques que vão ser jogados fora e alguns carros que ainda vão ser importados, isso significa que a indústria brasileira terá que produzir quase 1.400.000 carros nos próximos cinco anos. Em 1966, 215 mil, em 1967, 235 mil, em 1968, 260 mil, 300 mil em 1969 e 350 mil em 1970. Parece muito. Mas é preciso lembrar que o Brasil de 1966, com 85 milhões de habitantes, será uma lembrança distante para o Brasil de 1970, com seus 95 milhões de habitantes. Que de 41,5 habitantes por veículo teremos chegado a 28,5 habitantes por veículo e mesmo assim ainda estaremos longe da Argentina, que em 1965 já tinha um veículo para cada 16 habitantes.

Faturamento de 1,6 *trilhão*

A Volkswagen e a Willys são as duas fábricas que dominam atualmente o mercado brasileiro de automóveis. Uma e outra já produziram mais de 400 mil veículos. A Volks mantém uma média mensal de mais de sete mil unidades produzidas. A Willys supera as seis mil. Em têrmos de crúzeiros, em função da diferença de preços de seus produtos, acabam faturando quase a mesma coisa. Juntas, são responsáveis por mais de 70% da produção nacional. A Vemag e a Simca, que produzem em escala bem menor, não têm grande repercussão estatística. A FNM, que é do Govêrno, muito pouco produz. E o mais é a lista de fabricantes de caminhões, com a General Motors, a Ford e a Mercedes em posição de destaque. São muitas fábricas. Sua capacidade instalada, em 1966, é de 218 mil unidades, em um turno. Seu faturamento, em 1965, foi de 1,3 trilhão nas fábricas e de 1,6 trilhão nos revendedores, incluídas as comissões, impostos e despesas de venda. Quando se sabe que o orçamento da República foi, no mesmo ano, de 3,7 trilhões, têm-se logo uma idéia do tamanho da indústria automobilística. Da soma de riquezas que ela movimenta. Das dimensões dos negócios que ela aciona.

Algumas fábricas vão ficar pelo caminho

As fábricas, mesmo as grandes, são pequenas ainda em têrmos internacionais. Excetuadas a Willys e a Volkswagen, que podem ser apresentadas em qualquer parte do mundo como fábricas de porte médio, tôdas as outras têm dimensões que só são grandes no Brasil. Não poderão ser pequenas por muito tempo. Nem poderão ser tantas fábricas. A indústria sabe disso. O Govêrno sabe disso. Algumas ficarão pelo caminho. Outras serão mais fortes. E as autoridades, conscientes de que só grandes fábricas e produções elevadas poderão apontar o caminho para uma política de preços realmente sadia, decidiram-se a estimular em discursos e entrevistas as fusões das fábricas, a concentração industrial. Mas ficaram nos discursos. E nem se decidiram a dar o exemplo, livrando-se da Fábrica Nacional de Motores, que só dá prejuízos.

Uma já fechou e outra luta bastante

Recentemente a fábrica de caminhões International parou e fechou as portas sem se fundir com ninguém. A Vemag, que estava com problemas financeiros, fêz um "acôrdo" com a Volkswagen alemã mas continuou operando independentemente sem se associar de vez com a Volks brasileira. A Simca, que tem uma produção antieconômica, luta desesperadamente à espera que a Simca francesa e a Chrysler americana (que controla parte da Simca francesa) se decidam a investir no Brasil ou a deixar a nossa Simca à míngua. SEGUE

a exclusiva

Nas vitrines de Mobilinea V. conhecerá pessoalmente móveis de vanguarda.

perfeição

Personalidade, atualização.
Agora com as capas soltas ficou muito mais fácil trocar constantemente os tecidos das poltronas e sofás de maneira a variar o ambiente de sua sala de visita.

mobilinea

Côres sofisticadas e originais é a linha de vanguarda Mobilinea.

MOBILINEA S.A.
São Paulo
r. Augusta, 875
r. São Luiz, 258 - Lojas 34 e 36
Rio
r. Montenegro, 74
Revendedores
Salvador
Moveis Ralf Ltda.
av. 7 de Setembro, 249 - tel. [illegible]-0205
Belo Horizonte
Morada Arq. Int. Ltda.
r. Tamoios, 200 - 7º and. - tel. [illegible]-7321
Goiania
Taba Moveis e Decor. Ltda.
r. 23, esq. r. 4

MOBILINEA
MOBILINEA

O que vai acontecer com as fábricas

O Galaxie, da Ford, já está quase nas ruas. Será o maior dos carros fabricados no Brasil.

A Ford vai afinal produzir automóveis no País, a General Motors também tem seus planos e a Mercedes vai continuar esperando que se torne mais estreita a colaboração Mercedes-Volkswagen na Alemanha, para fazer a mesma coisa. Quanto ao resto, há o estranho fenômeno da Scânia Vabis, que já foi parte da Vemag e que dela se separou quando todos pensavam em concentração industrial. E, para completar o quadro, sobra apenas a interrogação da Toyota.

Quantos sobreviverão? Tendo-se em vista a realidade internacional, pode-se prever que em poucos anos o grupo Volkswagen-Vemag-Mercedes será no Brasil uma repetição do esquema Volkswagen-Auto Union-Mercedes da Alemanha. Será a união alemã contra o poderio da indústria americana, lá como aqui. A General Motors e a Ford deverão crescer e, mesmo que não cresçam muito, continuarão defendendo o prestígio de suas matrizes no Brasil. A Willys, já ligada à Renault na área européia, buscará apoio na American Motors ou até mesmo na Chrysler ou acabará engolida. A FNM vai acabar. A Toyota ou resolve ser grande, e os japonêses já são grandes na sua ilha, ou acaba também. E as fábricas estarão reduzidas a cinco ou seis grupos, mais fortes, mais capazes, mais resistentes. Dispostos a partir para a grande conquista dos mercados externos. Na América Latina, principalmente.

A conquista de novos mercados

A Alalc — Aliança Latino-Americana de Livre Comércio — deveria ajudar nessa conquista, apressando-a. Por enquanto, não ajuda muito. Em 1965 a procura latino-americana de veículos, sem contar o Brasil, era de 950 mil veículos novos por ano. Mais de um têrço disso deixou de ser atendido por falta de divisas, de condições, de produção. À exceção da Argentina e do México, todos os outros países que tentem instalar indústria de veículos na América Latina dificilmente passarão do estágio de simples montadores. Não se sabe, porém, qual o papel que a indústria brasileira se reservará no desenvolvimento dêste mercado. As linhas básicas da Alalc ainda estão sendo estabelecidas e em têrmos de indústria de veículos tudo está em suspenso. Vai depender de muita gente. Governos e empresários. Daqui e de outras terras. Da América Latina e de fora da América Latina. Porque a indústria de veículos se liga a esquemas mundiais, embora a nacionalização dos veículos, no que toca à produção, peças e componentes, seja uma lei que o Brasil ajudou a estabelecer.

Enquanto isso, a Rússia está agora ajudando a confirmar que em matéria de tecnologia, organização, estrutura e pesquisa, a indústria de veículos é cada vez mais internacional. Assim é que os soviéticos, cansados de produzir automóveis desajeitados e ineficientes, resolveram deixar de parte o chamado "orgulho socialista" e, encabulados demais para bater às portas dos fabricantes americanos, andaram fazendo uma verdadeira convenção de fabricantes europeus para lhes entregar a indústria soviética de veículos.

Inglêses, franceses e italianos estiveram na história, e a Fiat foi a primeira a assinar contrato, pelo qual instalará na Rússia uma fábrica de carros médios, com capacidade para 750 mil unidades anuais, ou seja, quase quatro vêzes a produção total do Brasil. A fábrica Fiat soviética terá produção plena em 1971 e na mesma época deverá funcionar a fábrica Renault soviética, que produzirá 200 mil carros por ano. A Polônia também fêz acôrdo com a Fiat. A Checoslováquia está se aproximando da Morris inglêsa. A Hungria quer a Alfa Romeo.

Tôdas exigirão uso de peças e componentes locais, o que é a tese brasileira. Tôdas obrigarão a produção de matrizes no local, como se faz no Brasil. Tôdas exigirão que os projetos originais sejam adaptados ou aprimorados para as condições locais, o que também se defende no Brasil, onde algumas fábricas já caminham nesta direção.

O carro brasileiro do futuro

Como será o carro brasileiro do futuro? Teremos que suportar por muito tempo os vícios e defeitos de uma série de carros que tiveram o seu lugar mas que hoje estão condenados a um rápido ostracismo, superados por novos conceitos, novas técnicas, novos desenhos? A resposta é não. Antes porém de saber como será o carro brasileiro do futuro é bom ver como será o carro americano, o europeu, o japonês. Teremos, no ano 2.000, o carro a turbina? Não, não teremos. Os últimos esforços nesse sentido produziram alguns veículos para decorar salão de automóvel e exposições comemorativas mas demonstraram, ao mesmo tempo, os grandes inconvenientes do uso do jato em veículos de passageiros. A turbina continuará sendo desenvolvida e é possível que seja adotada em grandes caminhões. Mas não passará disso.

E o motor Wankel, rotativo, de que se falaram maravilhas? Também não virá tão cedo. Na Europa já se vende um carrinho, o NSU Printz, com o motor rotativo. Mas as experiências mostram que muitos problemas ainda não foram resolvidos, principalmente na área da desaceleração e da refrigeração. No NSU, que é do tamanho de um Gordini, o radiador do motor Wankel é maior que o radiador de um Cadillac. Estará sendo usada por todos a transmissão automática? Também é impossível, a não ser que se descubra algo de muito nôvo. Nos carros de menor tamanho, que não têm tantos cavalos de fôrça disponíveis, é difícil acreditar que se dispensem alguns cavalos só para descansar a embreagem. E os freios a disco? Êstes, sim, devem ser adotados por todo mundo. E a refrigeração a ar? SEGUE

Um lançamento inédito de Seleções

Você escolhe os discos!

Êste é o seu álbum! Uma equipe de críticos altamente categorizados escolheu os maiores sucessos populares, notáveis interpretações de música clássica e os mais encantadores discos infantis, para que você, de acôrdo com o seu gôsto (ou o de seus filhos) possa encomendar uma coleção de *seis, sete* ou *oito* discos feitos sob medida para a sua sensibilidade.

Êstes discos lhe serão entregues acondicionados em um luxuoso estôjo.

Se você fôsse comprar êstes discos nas lojas teria de pagar até 50% acima do nosso preço de venda!

Esta é a sua oportunidade de comprar os maiores sucessos da atualidade a um preço camarada.

São os melhores números do catálogo RCA

1. GIOVENTÙ
Michele... Rita Pavone... Fidenco...
Se mi Vuoi Lasciare — *(Michele)* — Non é Facile Avere 18 Anni *(Rita Pavone)* — Hud *(Nico Fidenco)* — Era d'Estate *(Sergio Endrigo)* — Domani *(Gino Paoli)* — I Watussi *(Edoardo Vianello)* — Outras.

2. VIA TIBURTINA
Scrivi! *(Rita Pavone)* — Corte Sulla Spiaggia *(Nico Fidenco)* — Ora che Sai *(Sergio Endrigo)* — In Ginocchio da Te *(Gianni Morandi)* — Lei Sta con Te *(Gino Paoli)* — Vieni al Mare *(La Cricca)* — Il Surf Delle Mattonelle *(La Cricca)* — Non mi Chiedi Mai *(Nico Fidenco)* — Outras.

3. NOVA GERAÇÃO
Delírio de Amor *(José Ricardo)* — Leva Tudo Contigo *(Rosemary)* — Te Agradeço Porque *(Sérgio Murilo)* — Meu Karmann-Ghia *(Adilson Ramos)* — Amor Perdoa-me *(Ronnie Cord)* — Escreve-me *(Cidinha Santos)* — Maria Bonita *(Cyro Aguiar)* — Como Pode Acontecer *(Rosemary)* — Outras.

4. SAMBA A QUATRO MÃOS
João Roberto Kelly e Luiz Reis
Cara de Pau — Faço um Lê-Lelê — Gamação — Samba de Balanço — Pirata da Calçada — Leilão — Brotinho Bossa Nova — Lá Vou Eu... — Samba de Teleco-Teco — Desfolhando a Margarida — Só Vou de Balanço — Boato — Lamento — Outras.

5. MOVIMENTO 65 — BOSSA NOVA
Reza *(Flora)* — Consolação (3-D) — Você *(Luiza)* — 1.º de Abril *(Os Poligonais)* — Nós e o Mar *(Leny Andrade)* — Céu e Mar *(Johnny Alf)* — Estamos aí *(Raulzinho)* — Nanã *(Os Cobras)* — Vai de Vez *(Luiza)* — Samba de Verão *(Marcos Moran)* — Samba do Carioca *(Flora)* — Outras.

6. O GATO DE BOTAS — O PEQUENO POLEGAR
Elenco R. Teatral.

7. O TROVADOR DO MÉXICO
Miguel Aceves Mejía
Eso Merece un Trago — La Cama de Piedra — La Malagueña — El Aguacero — Mi Derrota — Mal de Amores — Que Seas Feliz — Ayes de Amor en el Rio — Por Tu Orgulho — La Espiga — Que Bonito, que Bonito — La Noche y Tu.

8. CARIBE À NOITE
Orquestra Namorados do Caribe
Tender is the Night — Mi España — Vereda Tropical — Jungle Drums — Dame de Tus Rosas — Aquellos Ojos Verdes — Marta — Ali-Baba — Angustia — Lamento Barincano — Stella by Starlight — Andalucia.

9. NAMORADOS DO CARIBE NO PARAGUAI
India — Che Picazu Mi — Curuzú Verá — Anahí — Regalo de Amor — Noches del Paraguay — Recuerdos de Ypacaraí — Mi Dicha Lejana — Lejania — Oroité — Mis Noches sin Ti — Que Será de Ti.

10. BANDA DA MARINHA DOS E. U. A.
Anchors Aweigh — El Capitan — U. S. Navy March — The Thunderer — Washington Post March — National Emblem — Marines' Hymn — Semper Fidelis — March of the Women Marines — Stars and Stripes Forever — American Patrol — King Cotton March.

11. SINFONIA N.º 7
Beethoven — A. Toscanini e Orquestra Sinfônica NBC
1.º Movimento: Poco Sostenuto, Vivace — 2.º Movimento. Allegretto — 3.º Movimento: Presto: Assai Meno Presto 4.º Movimento: Allegro con Brio

12. TUDO DE MIM
Nelson Gonçalves
Risque — Da côr do Pecado — Tudo de Mim — Nossa Comédia — Cadeira Vazia — Dora — Fôlha Morta — Cabelos Brancos — Ave-Maria — Sinto-me Bem — Noite Cheia de Estrêlas — A Mesma Rosa Amarela.

13. MOZART:SINFONIA N.º 41 — K. 551 *(Júpiter)*
Orquestra Sinfônica de Bóston
Allegro Vivace — Andante Cantabile — Menuetto: Allegretto — Allegro Molto — Eine Kleine Nachtmusik, K. 525 — *(Serenata em sol maior)* — I — Allegro — II — Romanze: Andante — III — Menuetto: Allegretto — IV — Rondo — Allegro.

14. LATIN-ESQUE
Esquivel e Orquestra
La Raspa — Adios, Mariquita linda — Jesusita en Chihuahua — Cachito — Latin-Esque — La Paloma — Estrellita — Cachita — Jungle — Drums — Mucha Muchacha — You belong to My Heart — Carioca.

15. MARIA BETHANIA
De manhã — Só eu Sei — Pombo-Correio — No Carnaval — Nunca Mais — Sol Negro — Missa Agrária — Andaluzia — Feitio de Oração — Feiticeira — O X do Problema — Mora na Filosofia.

16. SUCESSOS DA BOSSA NOVA
Insensatez — Tristeza de Nós Dois — Para Não Sofrer — Batida Diferente — Meditação — Samba de Uma Nota só — Nós e o Mar — O Barquinho — Tema sem Palavras — Murmúrio — Chora Tua Tristeza — Menina-Môça.

17. NICO FIDENCO
Legata a un Granello di Sabbia — Sul nel Cielo — Una Voce d'Angelo — Come Nasce un Amore — Ridi, Ridi — Lasciami il Tuo Sorriso *(Per una Volta)* — Tornerai Suzie — Mondo Meraviglioso — La Scala di Seta — Fra le Piume di una Rondina — C'e' Una Leggenda — Outras.

18. SERGIO ENDRIGO
Io che Amo Solo Te — Vecchia Balera — La Brava Gente — La Periferia — Il Soldato di Napoleone — Basta Cosi — Aria di Neve — Via Broletto 34 — Viva Maddalena — La Dolce Estate — I Tuoi Vent'anni.

19. A GALINHA DOS OVOS DE OURO — JOÃO E MARIA
Elenco R. Teatral.

20. BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
A GATA BORRALHEIRA
Elenco R. Teatral.

21. BENISSIMO
Uma Antologia de Sucessos
L'Amore Mio *(Rita Pavone)* — A Casa d'Irene *(Nico Fidenco)* — Eravamo Amici *(Dino)* — Se Ti Senti Sola *(Giancarlo Guardabassi)* — Tremarella *(Edoardo Vianello)* — Il Mio Mondo *(Umberto Bindi)* — Ti Ringrazio Perchè *(Michele)* — San Francesco *(Rita Pavone)* — Outras.

22. RITORNA RITA PAVONE
Viva la Papa col Pomodoro — San Francesco — Lipstick on Your Collar — L'Amore Mio — Wait for Me — La Forza di Lasciarti — Splish Splash — Baby — Pel di Carota — Sei la Mia Mamma — Scrivi!

23. ALAIN BARRIÈRE
Elle Était si Jolie — S'il Fallait que sur Terre — Un Été — Plus je t'Entends — Adio Karamou — Ma Vie — Juste au Passant — La Ballade des Amours — J'ai Perdu — Mon Cerisier — Une Fille Pleurait — On m'a Battu.

24. THE SOUND OF HENRY MANCINI
Never on Sunday — High Noon — Over the Rainbow — Buttons and Bows — Love is a Many Splendored Thing — Three Coins in the Fountain — Moon River — A Tribute to Victor Young: Golden Earrings — When I Fall in Love — Sweet Sue — Just You — Outras.

25. COTTON CANDY AL HIRT
Cotton Candy — Hello, Dolly! — Django's Castle — Moo Moo — Last Date — Big Man — Too Late — Rumpus — Melissa — Walkin' With Mr. Lee — 12th Street Rag.

26. MANCINI NOVAMENTE EM FOCO!
Charade (Instrumental de *Charada)* — Bye Bye Birdie (De... — Blue Hawaii — Adeus, Amor) — More (De Mondo Cane) — Blue Hawaii *(De Feitiço Havaiano)* — Tema de Lawrence da Arábia — I'll Remember April *(Ride'm Cowboy)* — Fascination (De Amor *na Tarde)* — Tema de Êxodo — Outras.

27. A NOVIÇA REBELDE
Julie Andrews
Prelude and the Sound of Music — Overture and Prelude *(Dixit Confidence in Me)* — Sixteen Going on Seventeen — *(My Favorite Dominus)* — Morning Hymn and Alleluia — The Maria — I Have Things — Climb Ev'ry Mountain — The Lonely Goatherd — Outras.

28. DEZ TENORES — DEZ ÁRIAS
O Elixir do Amor *(Donizetti)* — Una Furtiva Lagrima *(Ferruccio Tagliavini)* — Puccini: Tosca — E Lucevan le Stelle *(Mario Lanza)* — Bizet: Carmen — La Fleur que tu m'Avais Jetée *(James Melton)* Verdi: Rigoletto — La Donna è Mobile *(Jan Peerce)* — Outras.

29. CONCÊRTO N.º 1 — (TCHAIKOVSKY)
1.º Movimento: Allegro non Troppo e Molto Maestoso — Allegro con Spirito — 2.º Movimento: Andante Simplice — Prestissimo — Tempo I — 3.º Movimento: Allegro con Fuoco — Orquestra Sinfônica, reg. Kiril Kondrashin.

30. BALLETS FAVORITOS
Jóias de O QUEBRA-NOZES, CARNAVAL, COPPÉLIA, GISELLE — Ernest Ansermet — Orquestra da Ópera Real, Covent Garden — O Quebra-Nozes — Outras.

Milhões no Natal de Seleções

10 SIMCA EMI-SUL V8 130 e 140 HP
CLASSE INTERNACIONAL

e mais

10 ST-100 - Conjuntos estereofônicos - Radio - FM em móvel de extrema elegância. Reúne o maximo de eficiência acústica à beleza inconfundivel de suas linhas. Sua fabricação, cuidada com riqueza de detalhes foi planejada para os mais seletos ambientes e as mais exigentes audiências. Classe e Qualidade - sua melhor definição.

20 TV-90 - Televisores de qualidade excepcional e alta distinção. Um toque de bom gôsto na decoração de qualquer ambiente. Contrôles frontais. Gabinete em madeira com painel em plástico. Perfeição em nitidez, volume, som e fidelidade de imagem.

10 TELEVISORES JÓIA - 100% de fabricação nacional. Portatil, levíssimo, fácil de ser transportado para qualquer lugar, sera sempre o bom companheiro. Semitransistorizado para reduzir o calor, o tamanho e o pêso. Linhas modernas, suaves e atraentes.

10 ST-45 - Toca-discos estereofônico portátil: três peças desmontáveis conjugadas. Leve, Luxuoso. Para usar dentro de casa ou em passeios na cidade ou no campo. Aparência moderna. Fino acabamento. E som da mais alta qualidade.

E você recebe grátis: Para cada concorrente não contemplado com alguns dêsses prêmios tentadores, Seleções oferece um pequeno prêmio — livrete brinde — que por certo sera de seu inteiro agrado.

Como funciona o concurso: Você devolve-nos o formulário de pedido que, chegando às nossas mãos até a data nêle estabelecida, nos possibilitará o envio - junto com a sua encomenda — de um cupom oficial do concurso (numerado ao portador, com a chancela do Fiscal do Govêrno) o qual lhe habilitará ao sorteio dos grandes prêmios. Sim, porque um dos prêmios menores você já ganhou de qualquer maneira. Basta responder. Não precisa mais nada. A data do sorteio da sua série está especificada no formulário de pedido. Caso seu formulário de pedido chegue após a data limite para devolução, mas antes da data do sorteio, você ainda assim estará concorrendo. O cupom estará à sua disposição em nossos escritórios do Rio de Janeiro.

Devolva-nos êste cartão devidamente preenchido até 15-10-66 no mais tardar. Nós lhe enviaremos a coleção solicitada e um cupom numerado com o qual você concorrerá a todos os prêmios nêle mencionados, pela LOTERIA FEDERAL do dia 24-12-1966.

Concurso aprovado pelo D.R.I. do Ministério da Fazenda (processo n.º 105 024/66).

Seleções do Reader's Digest Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro, GB

CERTIFICADO DE RESERVA

Queiram enviar-me um álbum contendo os discos por mim escolhidos, pelo qual pagarei, CONTRA ENTREGA, apenas

Escreva nos quadrados abaixo os números correspondentes aos discos que você deseja comprar. Lembre-se que esta oferta excepcional é válida apenas para 6, 7 ou 8 discos.

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

6 DISCOS Cr$ 29 990 7 DISCOS Cr$ 34 990 8 DISCOS Cr$ 39 990

NOME ______________________

ENDERÊÇO ______________________

CIDADE ______________ ESTADO ______________

TÔDAS AS GRAVAÇÕES SÃO MONOFÔNICAS

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

A Willys quer fazer carro igual ao Cortina

Além do Galaxie, a Ford brasileira pretende fabricar também carro médio. Talvez o Cortina.

Será, talvez, superada pelos sistemas de refrigeração a água com circuito de radiador lacrado, e que só precisa ser reabastecido a cada cinqüenta mil quilômetros.

E o carro atômico, virá? Também não. Para 1970 é impossível. E nas faixas previsíveis de 1980, 1990 e até 2.000 tudo leva a crer que seja difícil conciliar o motor atômico, excessivamente pesado em função dos isolamentos, com as necessidades de um automóvel. Mas é possível que o carro do ano 2.000 seja um carro elétrico, funcionando a pilhas de grande eficiência, recarregáveis em qualquer tomada. Os estudos recentes e, principalmente, o grande desenvolvimento obtido pela tecnologia dos acumuladores de eletricidade, resultado da corrida dos satélites, permitem acreditar que o futuro do carro estará em uma pilha elétrica. Mas êsse futuro não será em 1970.

Uma estrada secreta na África

Os carros de 1970 já estão prontos ou quase prontos. E, por mais que as fábricas façam esforços para guardar seus segredos, os cronistas automobilísticos acabam descobrindo e contando para todo mundo. Dizem, por exemplo, que há uma determinada estrada na África do Norte que é utilizada pelos pilotos de teste da Volkswagen, da Renault, da Volvo, da Peugeot, de uma porção de outras fábricas. Os motoristas, aborrecidos com a grande solidão, acabam se reunindo no mesmo pôsto de gasolina, onde trocam idéias e informações, antes de prosseguirem **secretamente** nos seus testes. No Brasil, a estrada velha São Paulo-Santos também está ficando assim, para desespêro dos departamentos de engenharia experimental das fábricas nacionais.

E é porque não há segredos que se sabe como serão êsses carros de 1970, lá fora. Todos os veículos americanos darão uma grande ênfase aos problemas de segurança. A repercussão causada por uma campanha de opinião pública, nos Estados Unidos, fêz com que a indústria acordasse para o problema da segurança. Afinal de contas não é possível culpar apenas os motoristas pelo milhão e meio de americanos mortos em desastres automobilísticos, nos últimos 50 anos. Mais mortes do que as ocorridas nas duas grandes guerras juntas. E como continua morrendo um homem por minuto nas ruas e estradas americanas, chegou a hora de consertar os carros. Os freios serão melhores e mais eficientes, embora o freio a disco ainda não esteja sendo adotado por todos os fabricantes. Os pneus serão mais seguros. Os interiores serão redesenhados para que o pilôto e o passageiro que escaparem da trombada não morram batendo com a cabeça no painel ou esmagando o tórax na direção. O cinto de segurança será obrigatório. As estruturas serão mais resistentes a um impacto, e talvez o conjunto monobloco assista a uma parcial ressurreição do chassis e das longarinas. Os carros continuarão, nos Estados Unidos, a ter motores enormes, carcassas enormes, consumo de combustível e despesas de manutenção desproporcionadas. Serão, como sempre, carros de país rico, sem complexos de economia.

Na Europa vai ser diferente: a grande tendência hoje é para o carro-de-família de quatro a cinco passageiros, com alto desempenho, grande confôrto e excepcional segurança. Em 1970 êsses carros serão a evolução natural de veículos como o Taunus, o Cortina (da Ford), o R-10 e o R-16 (da Renault), o Fiat 1500, o Morris 1500, o nôvo Peugeot. O Gordini, que foi a grande novidade de 1960, terá desaparecido. O Volkswagen atual estará nos seus estertores e é possível que em 1970 a fábrica alemã já tenha descoberto a fórmula que lhe permitirá substituir o modêlo de maior sucesso da história.

No Brasil, em 1970, os carros vão ser diferentes e não teremos mais o abismo tecnológico de hoje em dia, em que produzimos carros que estão 10 a 20 anos atrasados em têrmos de indústria internacional. O carro brasileiro de 1970 será tão moderno quanto o carro europeu ou americano de 1970.

A Willys Overland já anunciou para fins de 1968 seu carro **M,** projetado conjuntamente pela Renault da França e pelos brasileiros em São Bernardo. Será um carro de 1.300 centímetros cúbicos, motor dianteiro, dimensões semelhantes às do Ford Cortina, grande desempenho, freios a disco, radiador de circuito selado. Tão moderno quanto os mais modernos carros europeus da época, êsse carro marcará uma nova fase da indústria brasileira de veículos, com nossos engenheiros pela primeira vez participando da elaboração de um projeto, lado a lado com os técnicos europeus. A Willys pretende fazer 200 dêsses carros por dia, em 1969. E tudo leva a crer que a partir daí o Gordini começará a desaparecer no Brasil. No setor de carros maiores, Itamaraty e Aero, a Willys ainda não disse nada. Mas sabe-se que há projetos e esquemas semelhantes, e que em 1970 o modêlo maior da linha Willys será um carro de mecânica americana e estilo brasileiro. Restam os utilitários: o jipe já tem mais de vinte anos, mas ainda pode resistir outros dez; a Rural e o Pick-up têm seu desenvolvimento condicionado ao que ocorrer com o Aero e o Itamaraty.

Na Volkswagen teremos a camioneta Variant em plena produção, com o nôvo motor 1.500. Mas o sedã 1.500, que não conseguiu na Europa bater o Opel e o Taunus, não virá ao Brasil na sua versão atual. É possível que a Vemag fabrique um automóvel derivado de um projeto denominado **VW-168,** que foi engavetado antes do lançamento pelos homens da Volks alemã, mas que está sendo ressuscitado para o Brasil. Êste carro tem dimensões semelhantes ao projeto **M** da Willys e se fôr levado avante estará pronto em 1969. E o **besouro** da Volkswagen? Deverá continuar, mas sua linha de futuro já estará em descenso em 1970. Mesmo com melhoramentos (freios a disco, motor mais forte) o Volkswagen deverá dar lugar a carros de novos modelos. SEGUE

"Play dress"

Como uma segunda pele, essa finíssima "Creation" em renda preta de HELANCA extensível, cobre numa só peça o corpo inteiro.

Modela deliciosamente, é leve e agasalha com a suavidade duma pluma.

Sexy, diferente, sedutor e elegante, "Play-Dress" em casa, nas tardes de praia, nas reuniões íntimas, conquistará toda a admiração masculina

Compre pelo Reembolso Postal por

(só paga no ato da entrega) 29.500

Peça por carta ou cartão, mencionando seu nome, endereço postal e manequim à:

ESPECIAL

Cx.Postal 1933 - CURITIBA - Pr.

Mod: Pat. 181416 - 181417 - 181418

BRINDES POMBO

distinção e qualidade

ERNESTO ROTHSCHILD S/A

Av. Jamaris, 64 (Moema)
S. Paulo - Fone 61-1186

Av. Presidente Vargas, 417-A
Rio - Fone 23-6165

A General Motors tem planos de lançar o Kadett, grande adversário do Volks na Alemanha.

AUTOMÓVEL CONTINUAÇÃO

Só bilhões trazem o Opel

A Ford vem aí com o Galaxie. Mesmo adaptado a partir do motor do caminhão F-600, o Galaxie terá um lugar no mercado brasileiro. Esse lugar só não será maior graças ao preço, que terá que ser elevado, pois a produção prevista é pequena. Os homens da Ford sabem que, fora dos Estados Unidos, em nenhum lugar do mundo vingou uma fábrica de carros grandes. Agora mesmo fechou no Canadá a última fábrica do falecido Studebaker. E êles têm no bôlso do colête projetos para fazer no Brasil o Taunus ou o Cortina; tudo depende do comportamento do nosso mercado.

A General Motors, ao contrário da Ford, não se aventurou a fazer carro grande. Seu plano para o lançamento do Opel Kadett (o grande inimigo do Volkswagen na Alemanha) já está pronto, tudo dependendo apenas de Detroit liberar os 70 milhões de dólares necessários à produção do carrinho. Que é, aliás, um dos veículos de maior sucesso na Europa.

A Simca depende da Chrysler americana e Simca francesa para decidir o seu futuro. Que tanto pode ser um Simca 1.000 quanto um pequeno Plymouth. Ou pode ser que não seja nenhum dos dois, caso os estudos demorem muito tempo e a fábrica entre em agonia antes da solução.

E a Mercedes? Não se pode pensar em carro Mercedes, tão cedo. O acôrdo Mercedes-Volkswagen na Alemanha acabará dando seus frutos por aqui e não deve vir um carro no meio disso. No Brasil o acôrdo talvez funcione na área dos revendedores, com lojas vendendo caminhões ao lado de kombis.

Faltam os japonêses. A Toyota está no Brasil mas é como se não estivesse. A japonêsa foi a indústria automobilística que mais se desenvolveu nos últimos anos. Sua produção, hoje, é enorme e seus veículos não deixam nada a desejar frente aos melhores produzidos na Europa e nos Estados Unidos. Tanto é assim, que os exportadores japonêses começam a conquistar mercados além-fronteiras para seus Toyotas, seus Nissans, seus Mitsubishis. No Brasil, portanto, a Toyota não vai ficar indefinidamente fazendo um jipão diesel. No futuro ou ela acreditará mesmo no mercado brasileiro e construirá um automóvel para entrar na guerra ou acabará fazendo as malas.

O Brasil vai crescer. E ninguém duvida que a indústria automobilística vai crescer e se desenvolver também. As transformações dos próximos dois anos não serão nada diante do que virá depois. O mercado, em expansão, depende de muita coisa, no entanto. Em primeiro lugar depende de tranqüilidade nacional; de que não se desorganize por motivos políticos a nossa economia; depende de que os nossos dirigentes apóiem e acreditem nos investimentos internacionais; depende de que o Govêrno faça a sua parte nos investimentos urbanos e rodoviários, para que os carros tenham por onde passar; depende de que a economia se estabilize e possa, afinal, encontrar uma solução para o problema do financiamento para o automóvel. É preciso ainda que uma legislação obsoleta seja substituída e o nôvo código de trânsito entre em vigor.

É preciso, ainda, que se estabeleça no Brasil uma mentalidade automobilística. O pequeno investidor deverá ser convocado a participar dos complexos financeiros que apóiam a fabricação e a comercialização dos carros. O homem comum deverá saber que a indústria de veículos não existe apenas para produzir automóveis, mas que movimenta todo um complexo industrial e econômico a produzir benefícios e a criar riquezas diretas e indiretas. Não deverá mais haver o brasileiro-perplexo, que contempla o automóvel como um ser distante, sem saber como, quando e onde abrir a sua porta. Será preciso, também, mudar a mentalidade do pedestre-quase-automobilista, que no Brasil sofre de complexo de virgindade e só admite ter como primeiro carro de sua vida um automóvel zero quilômetro. A grande penetração da indústria e a expansão de um formidável mercado de carros usados deverá ser salientada para que o comprador saiba que pode começar pagando menos, começando no carro usado, como aliás sucede em todos os grandes mercados.

Não vai ser fácil o caminho da indústria. Mas não será mais duro do que o iniciado há dez anos atrás, quando São Bernardo do Campo era apenas um lugar cheio de obras de terraplenagem para as futuras e duvidosas fábricas.

FIM

1º festival nacional da criança

(DE 12 À 30 DE OUTUBRO
RIO - GUANABARA)

criança... A MAIOR RAZÃO PARA V. PARTICIPAR DESTE NOTÁVEL ACONTECIMENTO!

- EVENTO OFICIAL DA SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA GUANABARA
- APOIADO PELA FUNDAÇÃO PARQUE DO FLAMENGO

EMPREENDIMENTO E PROMOÇÃO

M. S. A LVES

VISA - PROPAGANDA E PROMOÇÕES LTDA.

GUANABARA: AV. FRANKLIN ROOSEVELT, 23 - GRUPO 608 - TEL.: 22-7360 - 42-2220 - 42-5347 - AV. RIO BRANCO, 128 - 6.º - S/ 611 - TEL.: 42-4742 E 22-7211 — S. PAULO: R. D. VERIDIANA, 288 TEL: 51-4262 - AV. IPIRANGA, 1208 - S/ 23 - TEL.: 35-2344 E 34-4611

DEVEMOS LIMITAR A NATALIDADE?

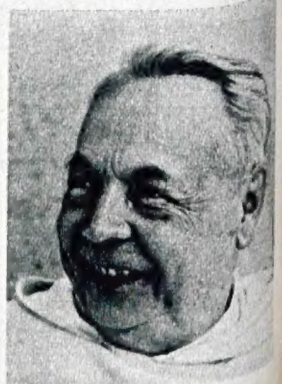
SIM

Acho, e urgentemente. E, o que é muito mais importante, o povo também acha. Está profundamente preocupado com o excedente populacional sôbre a economia que nos tem sido possível exercer. **Disso é prova a fantástica cifra de abortos provocados prevalecente no Brasil: 1.488.000 abortos por ano.** A média dêsse contínuo massacre de inocentes — 4.100 execuções em cada 24 horas, 170 por hora, 3 por minuto — foi levantada por um grupo de trabalho orientado pelo Prof. Rodrigues Lima, da Universidade do Rio. Sôbre êsse alarmante resultado, amplamente divulgado, desceu o silêncio canalha dos coitadistas, aquêles que freqüentemente se mostram, com "cólera patriótica" e pudicícia calculada, contra o que chamam "intromissão sacrílega" na intimidade da ação dos criadores de miséria humana. Mas êsses mesmos pudicos profissionais não dizem uma palavra sôbre o assassínio coletivo que se desenvolve contìnuamente no Brasil, pela inexistência de política populacional. Porque a economia brasileira jamais conseguirá digerir, para nela integrar, a massa excedente de 25 milhões de pessoas, marginais da atividade econômica, frutos de procriação não desejada, não oportunamente evitada. É indispensável diminuir o afluxo desnecessário de gente para uma economia que não carece de mais gente; que, pelo contrário, já a tem em excesso gravoso; gente que obstaculiza o desenvolvimento do País pela pobreza de poder aquisitivo para consumir e pela desqualificação para produzir, dada a generalizada falta de qualidades profissionais. O atual produto nacional brasileiro — 25 bilhões de dólares por ano — oriundo de 83 milhões de indivíduos, poderia ser fàcilmente produzido por 10 milhões de canadenses; por 25 milhões de franceses; ou por 35 milhões de italianos. Há, no Brasil, 18 milhões de mulheres férteis. Dentre estas, mais de uma, em quatro mulheres, está grávida; 4,5 milhões de concepções, portanto, das quais 1,5 milhão destruídas pelo abôrto provocado. Dos três milhões nascidos vivos (8.300 em 24 horas) apenas 3.000 seriam necessários para compensar a mortalidade diária. Quase todo o restante (5.300 nascimentos) é econômicamente desnecessário. Avolumam o quisto de gente já intratável pela economia e serão, enquanto viverem, um enorme incômodo nacional. O núcleo de desenvolvimento econômico sustentado é a política populacional, que fêz a fortuna da Scandinávia, do Japão, e está ràpidamente transformando a vida de várias nações da Ásia e de todos os países do Mundo Socialista. **Tôdas essas Nações não pensaram em preencher espaços vazios com estômagos vazios.** Êsse o motivo por que somos a favor de uma política de população planejada no Brasil: evitar que continuemos a ser o que somos — a mais eficiente fábrica de miseráveis do Mundo Ocidental.

Glycon de Paiva
Economista

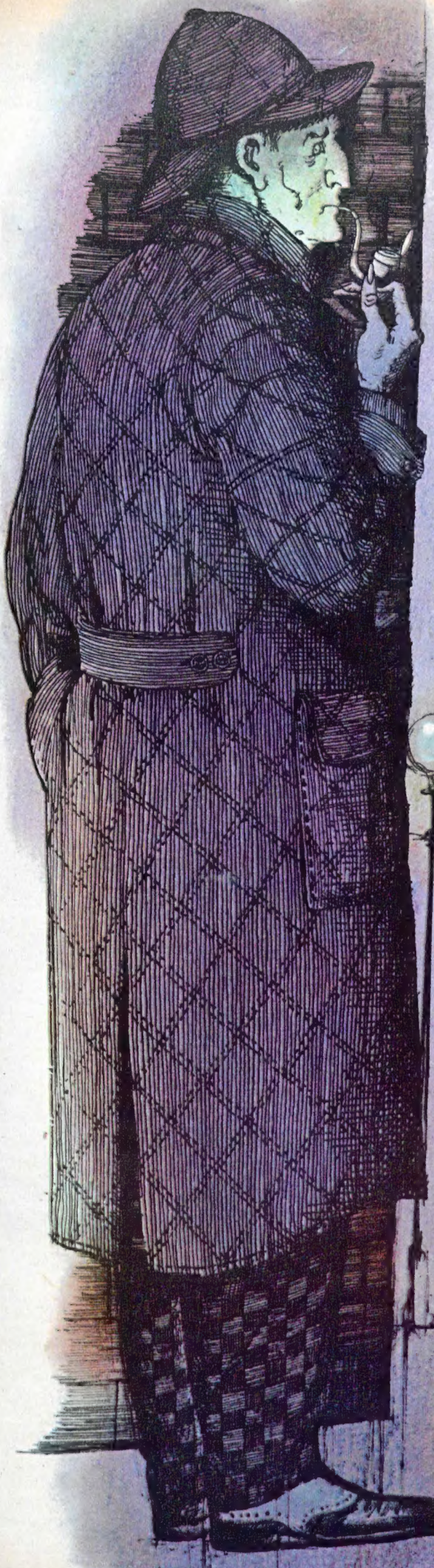
NÃO

Estou respondendo a uma pergunta concreta e precisa. Se fôsse interrogado sôbre o tema abstrato da planificação da família, a resposta não seria tão categórica. Pois não penso que seja um abuso usar da inteligência para planejar e organizar o essencial da vida por parte de pessoas que por serem casadas não renunciam a sua liberdade no discernimento de valores tão profundamente humanos. Aliás, é por se tratar precisamente do que é mais íntimo na vida pessoal, que as decisões neste domínio dependem antes de tudo da consciência das pessoas particulares e não de decretos de ordem temporal. Os sociólogos que falam em **explosão demográfica** como se fôsse não sei que bomba catastrófica semeando o pânico, ou uma calamidade pública que é preciso afastar a todo custo, bem mereceriam a resposta que o representante de um país do sudoeste asiático dirigiu a um perito norte-americano: "Nós vos pedimos esperança, compreensão e amor e nos destes dinheiro e tecnologia. Por acaso foram essas as coisas que fizeram a grandeza de vosso país?" Deve o Brasil planificar a renúncia à sua grandeza? Já que uma propaganda bem planificada nos inunda com argumentos de ordem temporal e econômica, será que êstes argumentos valem para o Brasil? A sua densidade demográfica ameaça explodir? Mas então será como os foguetes no dia da padroeira? No ano 2.000, teremos matemàticamente uns 200 milhões de habitantes? Mas não é essa a população atual dos Estados Unidos, cujo território contínuo é menor que o do Brasil, que tem oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados? A Europa tem um pouco mais de dez milhões de quilômetros quadrados com a Rússia européia e seiscentos milhões de habitantes; sem a Rússia, é menor que o Brasil e tem quatrocentos milhões. Por que o Brasil deve limitar o seu crescimento demográfico? O Govêrno, previdente e paternal, confessa sua angústia em assegurar alimentação e elevado padrão de vida a uma população **explosiva.** Por que então não fazer explodir a fonte das imensas riquezas desta terra abençoada? A hierarquia dos valores exige no Brasil um contrôle mais eficiente dos recursos econômicos antes de se pensar no contrôle burocrático e artificial da natalidade. Chesterton já o havia dito de outra maneira, com o bom senso humorístico que lhe é peculiar, na parábola das dez crianças para as quais havia só oito chapéus. Comprar ou fabricar os dois chapéus necessários era simples demais para os planejadores. Uma comissão de estudo foi constituída. E nomeou diversas subcomissões. Após meses de acabrunhante trabalho, reuniu-se a Assembléia Geral para ouvir a solução promulgada pelo presidente: "Felizmente, não vivemos mais na época em que a religião obscurecia os espíritos, mas numa era de progresso, de livre pensamento. Graças aos meios de pesquisa de que dispunha nossa comissão, foi encontrada a solução adequada. Já que há dez cabeças e só oito chapéus, é necessário cortar duas cabeças" (aplausos prolongados). Nós continuamos a pensar que valem mais as cabeças que os chapéus.



Frei
Pedro Secondi

Resposta à carta do leitor Guilherme Santiago Campos — Bauru — SP



O estranho caso dos agentes B-300/500

Os famosos Agentes B-300/500, do SPMFM (Serviço de Processamento das Maiores Firmas do Mundo), foram contratados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, para fins policiais e administrativos.

— É estranho — disse Watson lendo a notícia — uma grande indústria automobilística, a Ford (você a conhece, não?), também os contratou. A Viação Cometa, a Faculdade de Santo André, a Arno, o Banco Mercantil de São Paulo, e inclusive as Listas Telefônicas! Todos mandaram buscá-los.

E na mesma época! Francamente... huuum, isto é muito intrigante. Seria alguma psicose de exatidão?

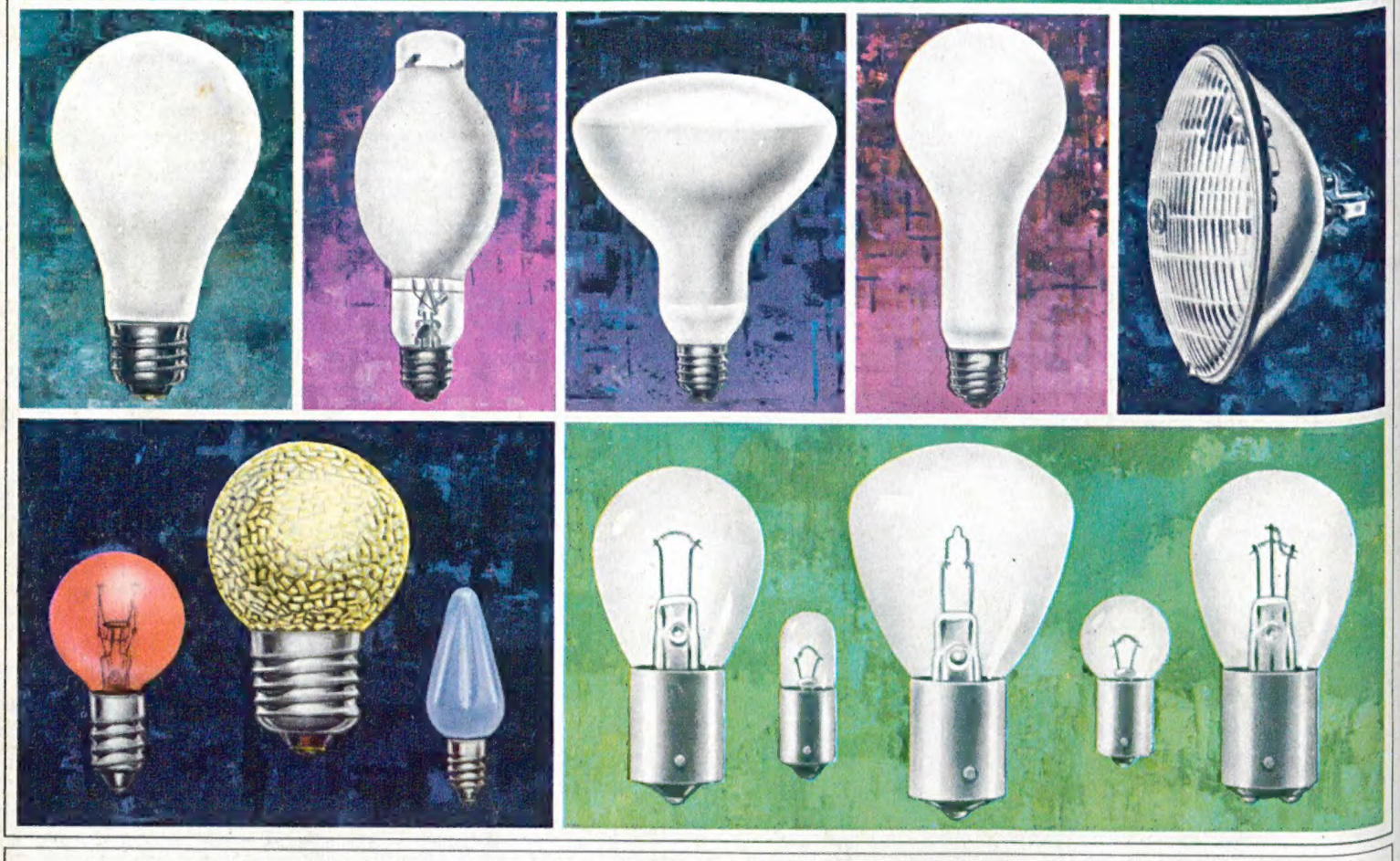
Holmes soprou uma longa baforada de seu cachimbo e respondeu complacente:

— Elementar, meu caro Watson. São computadores Burroughs, e êles sabem disso. Aliás, muitos outros já fizeram a mesma escolha e a relação é bem maior. Quem quer expandir-se, prefere o melhor, prefere Burroughs. Ah... suspirou — Afinal vou tirar minhas férias.

Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

44.029



Herdeira da primeira lâmpada incandescente, a General Electric se orgulha de sua liderança em iluminação. Liderança alcançada pela criação e fabricação de todos os tipos de lâmpadas: incandescentes, fluorescentes, vapor de mercúrio, Dualux (luz mista), decorativas, Sealed-Beam, para automóveis e outros tipos especiais. Liderança que mantém com seus cientistas e técnicos a serviço da luz.

LUZ É VIDA, LUZ É G-E

46.938